COLETÂNEA UMBANDA

A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE



AS ORIGENS DA UMBANDA I

Padrinho Juruá

Edição 2019

Padrinho Juruá – 1956

COLETÂNEA UMBANDA

"A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE"

AS ORIGENS DA UMBANDA – I

São Caetano do Sul, 2013
2500 p.

Fundação Biblioteca Nacional

Escritório de Direitos Autorais Certificado de Registro ou Averbação

Nº Registro: 533.475 – livro: 1024 – folha: 149

Todo o material (textos, fotografias e imagens) disponibilizados neste livro estão sob a proteção da "LEI DO DIREITO AUTORAL Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998".

É proibida toda e qualquer comercialização dos mesmos, em quaisquer meios de comunicação, sem prévia consulta e autorização pessoal do autor.

Para reprodução sem fins comerciais, é obrigatória a divulgação da autoria do material aqui disponibilizado.



Concepção artística do Caboclo das Sete Encruzilhadas – o idealizador da Religião de Umbanda

SUMÁRIO

PREFÁCIO....4
OS VENERABILÍSSIMOS DA UMBANDA....11
"CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS" - O ANUNCIADOR DA UMBANDA....14
O PASTOR DA UMBANDA....15
UM POUCO MAIS SOBRE O PASTOR DA UMBANDA....17
A IMPLANTAÇÃO DA UMBANDA NO BRASIL....19
A UMBANDA É ANUNCIADA....20
14 DE NOVEMBRO DE 1908....22
15 DE NOVEMBRO DE 1908....22
16 DE NOVEMBRO DE 1908 – A PRIMEIRA SESSÃO....23
UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE....25
O PRETO-VELHO PAI ANTÔNIO....26
ESTES EU POSSO CURAR, AQUELES SÓ A MEDICINA....27
A DOUTRINA E A CONDUTA DO MÉDIUM....27
A SEDE INICIAL DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE....28
A CRIAÇÃO DAS SETE TENDAS DE UMBANDA....37
AS TENDAS DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS....37
A TENDA NOSSA SENHORA DA PIEDADE....38
A TENDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO....39
A TENDA NOSSA SENHORA DA GUIA....40
SOBRE A DESCENDÊNCIA DA TENDA ESPÍRITA MIRIM E O SEU FUNDADOR BENJAMIM GONÇALVES FIGUEIREDO (DESCENDE DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE)....45
ORIXÁ MALLET – O CAPITÃO DE DEMANDA....52
MOVIMENTO ESPIRITUALISTA BRASILEIRO....55
SALVE UMBANDA....57
TRABALHO ININTERRUPTO....59
A PEQUENA DESBRAVADORA....61
TRANSCRIÇÃO DAS GRAVAÇÕES HISTÓRICAS....63
TRANSCRIÇÃO DA FITA CASSETE Nº 31, GRAVADA POR LILIA RIBEIRO....64
EM 1971, A SENHORA LILIA RIBEIRO, DIRETORA DA TENDA DE UMBANDA LUZ, ESPERANÇA, FRATERNIDADE – RJ, GRAVOU UMA MENSAGEM DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS NA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE....69
TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DA FITA CASSETE Nº 50, GRAVADA POR LILIA RIBEIRO....72
TRANSCRIÇÃO DA FITA CASSETE Nº 52, GRAVADA POR LILIA RIBEIRO....74
APRESENTAREMOS A PARTIR DAQUI ALGUMAS REPORTAGENS, ALGUNS DOCUMENTOS, OPINIÕES, COMISSÕES, FOTOS etc., HISTÓRICOS SOBRE A UMBANDA.....83
PRIMEIRO RELATO ESCRITO SOBRE A TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE....83
REPORTAGEM DE LILIA RIBEIRO SOBRE A FUNDAÇÃO DA UMBANDA – 1971....89
LILIA RIBEIRO – UMBANDA – INÍCIO DE UMA LONGA JORNADA....94
LILIA RIBEIRO – TESTEMUNHOS PARA A POSTERIDADE....107
LILIA RIBEIRO – MENSAGEM DE ZÉLIO....112

"EU FUNDEI A UMBANDA" – MATÉRIA ENVIADA POR LILIA RIBEIRO PARA A REVISTA "GIRA DE UMBANDA" .113
LILIA RIBEIRO SOBRE OS 70 ANOS DA INCORPORAÇÃO DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.....119
E ASSIM NASCEU O PRIMEIRO TERREIRO DE UMBANDA – LILIA RIBEIRO 123
A CABANA DE PAI ANTONIO 130
AUTÓGRAFO DE ZÉLIO DE MORAES 131
COMO CONHECI ZÉLIO DE MORAES.....132
Zélio de Moraes e as primeiras manifestações espirituais na Umbanda:.....135
EIS QUE O CABOCLO VEIO A TERRA "ANUNCIAR" A UMBANDA.....138
O VERDADEIRO LOCAL DA PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS 144
HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM NITERÓI 145
FREI GABRIEL MALAGRIDA – O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.....147
ACORDÃO DOS INQUISIDORES DO PADRE GABRIEL MALAGRIDA.....149
A MÉDIUM VIDENTE REVELA UM PADRE JESUÍTA.....150
QUEM SÃO OS JESUITAS? 151
PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.....152
O ESPÍRITO FABIANO DE CRISTO TRABALHANDO PELA ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA 153
PADRE MANOEL DA NÓBREGA 153
HISTÓRIA DA ENCARNAÇÃO NO BRASIL DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.....155
FOTOS GERAIS DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE, EM BOCA DO MATO – CACHOEIRA DE MACACÚ 157
ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES 169
MENSAGEM DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS – SER ESPÍRITA.....172
MENSAGEM DE ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES.....173
ALGUNS ASPECTOS DA VIDA DE ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES 176
ZÉLIO DE MORAES – VEREADOR.....176
UMBANDA NÃO FAZ O SANTO NEM FEITURA DE CABEÇA 179
A INDÚSTRIA DE "FAZER SANTO" É UMA VIGARICE 181
INCORPORAR ORIXÁ? 181
A ÚLTIMA MENSAGEM DE ZÉLIO.....181
MENSAGEM DE SETE ENCRUZILHADAS 182
CARIDADE NÃO É MERCADORIA PARA SER VENDIDA – UMBANDA PURA E DECENTE ESTÁ SENDO TRAÍDA POR VIGARISTA 183
REGIMENTO INTERNO DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE 187
SESSÕES E RITUAIS DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE.....198
O QUE É A LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA 204
AS SUBDIVISÕES DO ESPIRITISMO.....205
A LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA 205
OS ATRIBUTOS E PECULIARIDADES DA LINHA BRANCA.....207
AS SETE LINHAS BRANCAS 208
A LINHA DE SANTO 209
OS PROTETORES DA LINHA BRANCA DE UMBANDA 210
OS ORIXÁS.....211

OS GUIAS SUPERIORES DA LINHA BRANCA 212
A CURA DA OBSESSÃO 213
AS FESTAS DA LINHA BRANCA 213
O KARDECISMO E A LINHA BRANCA DE UMBANDA 214
A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA E A LINHA BRANCA DE UMBANDA 216
O PERÍODO REPUBLICANO 218
CABOCLOS E NEGROS 219
A LINHA BRANCA, O CATOLICISMO E AS OUTRAS RELIGIÕES 222
A DOUTRINAÇÃO DO PRETO-VELHO 223
A INSTITUIÇÃO DE UMBANDA 224
O FUTURO DA LINHA BRANCA DE UMBANDA 225
DOIS RELATOS DE TRABALHOS ESPIRITUAIS DA LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS 226
ENTREVISTA COM DONA LYGIA CUNHA, NETA DE ZÉLIO DE MORAES E RESPONSÁVEL PELA CONDUÇÃO DAS SESSÕES NA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE 228
REPORTAGEM DA REVISTA ESOTERA, DE FEVEREIRO DE 2006, COM IMPORTANTES INFORMAÇÕES DE ZILMÉIA DE MORAESSOBRE OS TRABALHOS NA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE 236

PREFÁCIO

Queremos registrar, explicitamente, que é nosso, e só nosso, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas neste livro, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos umbandistas.

Todo o material utilizado na feitura desta obra é divido em:

1) Profundas e exaustivas pesquisas;

2) Orientações espirituais; e,

3) Deduções calcadas na lógica, na razão e no bom senso.

Não podemos nos esquecer do que escreveu Kardec, em "A Gênese" – capítulo I, item 50: "(...) *os Espíritos não revelam aos homens aquilo que lhes cabe descobrir, usando de pesquisas, esforço contínuo, estudos aprofundados e comparações com outros estudiosos".* Foi exatamente isso que fizemos.

Realizamos longas e exaustivas pesquisas a fim de sermos fiéis ao que realmente aconteceu, bem como coletamos informações da espiritualidade para posteriormente colocar algumas poucas observações, tudo dentro dos ensinamentos crísticos, da razão e do bom senso.

A Espiritualidade Superior nos faz atingir o conhecimento da verdade por nós mesmos, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter um Espírito iluminado ao sacrifício de descer ao plano físico para nos elucidar.

Não devemos apenas nos esconder atrás de um Espírito em psicografias ou mensagens psicofônicas para escrevermos doutrina religiosa; devemos somente pedir a intervenção espiritual quando o assunto fugir totalmente à nossa compreensão; aliás, todo o conhecimento já está no mundo; basta ter paciência e perseverança para encontrá-los.

As bases primordiais do conhecimento e das normas divinas já foram fartamente explicadas pelos Espíritos crísticos das diversas filosofias e religiões; o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

"Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos". (Isaac Newton)

Muito já se tem escrito sobre o que é Umbanda, e este é mais um apontamento sobre suas características e finalidades. Não pretendemos "impor" nada a ninguém, mas sim, levar todos a pensarem melhor, a fim de enxergarem outras realidades e plasmarem em suas mentes, a religiosidade maravilhosa da Umbanda.

"Tem muita gente falando que se copiam assuntos e verdades (...) mas a verdade não se copia, a verdade existe, não é filhos? E se ela existe, não é copiada; ela é divulgada por muitos seres, de muitas formas, por vários estilos de esclarecimento sobre ela mesma. Vejam bem: as linguagens dos grupos espiritualistas são diferentes e, as que são corretas, pretendem levar os discípulos da Terra a um mesmo ponto: o ponto do esclarecimento e da chegada do amor e da consciência na Terra. Os filhos têm que saber que a realidade da vida na Terra e a vida no Cosmos é contemplada de inúmeras formas e tem explicações baseadas na verdade imutável (...). Mas tem outros pontos de vista sobre elas também (...)." (Cacique Pena Branca – Mensagem canalizada por Rosane Amantéa)

Essa explicação é perfeitamente compatível com a posição colocada em "o Evangelho Segundo o Espiritismo", cap. XXIV, onde diz que: *"Cada coisa deve vir ao seu tempo, pois a sementeira lançada a terra, fora do tempo não produz (...)".* Os Espíritos procedem, nas suas instruções, com admirável prudência.

"(...) As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, a ideia, ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la". (Trecho da introdução de "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Allan Kardec – IV)

É sucessiva e gradualmente que eles têm abordado as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as demais partes serão reveladas no futuro, à medida que chegue o momento de fazê-las sair da obscuridade.
Nossa esperança é que você, leitor, se sensibilize com o que está escrito aqui, e verá uma Umbanda calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, movida pela noção do conhecimento do que representa

essa grande religião perante a humanidade. De acordo com seus próprios recursos e reconhecendo as limitações das circunstâncias muitas vezes impostas, temos a certeza de que você fará de tudo para compreendê-la e divulgá-la.

Os conhecimentos impressos neste livro, com certeza são breves pinceladas da realidade cultural umbandística.

Como disse o venerável Espírito de Ramatís: *"A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero".*

E como cantava Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes (Conforme gravação na fita 52 a – 23 minutos e 10 segundos, disponibilizada juntamente com esse livro):

Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda

Temos certeza de que existem muitas maravilhas a serem descobertas sobre a Umbanda. Todos têm uma natural curiosidade do que é e o que representa toda essa religiosidade genuinamente brasileira e muitos até agora estavam em dúvidas, pois lhes faltavam recursos literários para compreendê-la.

Pode ser que muitas das noções aqui apresentadas poderão não ser aceitas e que podemos inclusive contrariar muitas pessoas.

Em nossas observações particulares não pretendemos aviltar a doutrina praticada em seu Terreiro ou aceita por você, mas somente estamos colocando mais um ponto de vista e esperamos que todos leiam e reflitam, usando a razão e o bom senso, para depois verificar a veracidade dos ensinamentos por nós esposados.

"Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa" (pelo Espírito de Erasto). Máxima repetida em "O Livro dos Médiuns", 20º capítulo, item 230, página 292.

Para emitirmos uma crítica, temos que estar escudados em conhecimentos culturais profundos e militando diariamente dentro da Religião de Umbanda, pois somente assim poderemos nos arvorar em advogados de nossas causas. Não podemos simplesmente emitir opiniões e conceitos calcados em "achismos" (o achar e a mãe de todos os erros), ou mesmo escudados tão somente pelo que outros disseram ser a verdade absoluta.

Lembre-se que tudo está sendo feito para o bem e a grandiosidade da Umbanda. Da nossa parte, estaremos à disposição, pessoalmente, para dirimir dúvidas e fornecer os esclarecimentos necessários a tudo o que neste livro foi escrito.

A UMBANDA É DE TODOS, NEM TODOS SÃO DA UMBANDA

Um dia, hão de chegar, altivos e de peito impune, pessoas a dizer-lhes: sou umbandista, tenho fé em Oxalá, tenho mediunidade… com altivez e força tal que chegarão a lhe impressionar.

Mas quando olhar bem seu semblante, você o verá opaco, translúcido e sem o calor de um verdadeiro entusiasta e batalhador em prol da mediunidade umbandista.

A Umbanda é uma corrente para todos, mas nem todos se dedicam a ela como deveriam. O verdadeiro umbandista sente, vive, respira, se alimenta espiritualmente nela. Não com fanatismo, mas sim com dedicação aflorada no fundo d'alma.

Ser umbandista é difícil por ser muito fácil; é só ser simples, honesto e verdadeiro.

Não batam no peito e digam serem umbandistas de verdade, mas procurem demonstrar com trabalho, luta, dedicação e, principalmente, emoção de estar trabalhando nessa corrente.

Eu lhe garanto que a recompensa será só sua.

Falange Protetora

(Trecho do livro "Umbanda é Luz" de Wilson T. Rivas)
Somente pode testemunhar quem realmente milita com fé, amor, desprendimento e mangas arregaçadas, para a grandeza desta tão magnífica Religião Nacional.

No primeiro livro (“COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS ORIGENS DA UMBANDA”), estaremos disponibilizando todo um material histórico sobre a formação da Umbanda.

Podemos afirmar que nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve. Somos sabedores que no surgimento de qualquer evento importante que permeia a vida de muitos, com o passar dos tempos, quando tudo se inicia somente com observações calcadas na oralidade, pela falta documental comprobatória, muita coisa acaba transformando-se em mito e/ou estórias.

Por isso, na realização do livro sobre as “Origens da Umbanda” – procuramos ser fiéis nos relatos, sem mudar uma vírgula sequer. Em alguns assuntos, tomamos a liberdade de tecer observações, calcadas da razão e no bom senso, a fim de esclarecer ou mesmo dirimir certas dúvidas.

Muitos umbandistas falam sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, infelizmente, raros são os que seguem suas orientações. Muitos dão muitas desculpas, todas calcadas na idiossincrasia. Propagam o Caboclo como anunciador da Umbanda, mas, deixam suas evidentes e claras “Linhas Mestras” (assim nominadas por nós) relegadas a uma Umbanda lírica, histórica e ultrapassada, alegando que a Umbanda evoluiu desde a sua criação, e por isso, muita coisa que o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou que não usasse ou fizesse, hoje, já pode ser usado e feito com justificativas particulares, sem bom senso e sem a anuência da espiritualidade maior, aduzindo que a Umbanda progrediu e hoje tudo pode ser feito a bel prazer.

Cremos que o Caboclo das Sete Encruzilhadas institui a Umbanda, normatizando-a com orientações doutrinárias simples, mas, que teriam de serem seguidas a risca. A partir da fundação da Umbanda, muitos umbandistas derivaram das práticas originais, criando o que chamamos de: “Modalidades de Umbanda”. Se essas modalidades de Umbanda, mesmo não seguindo todas as “Linhas Mestras” do anunciador, estiverem praticando a caridade desmedida, a compaixão, fé, amor, humildade, desprendimento, desapego, perdão e perseverança, estão no caminho certo, mas, estariam mais seguros, seguindo todas as “Linhas Mestras” do anunciador. Só teríamos que nos posicionar, e classificarmos que modalidade de Umbanda se pratica, para que o leigo possa se posicionar.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que “baixa” em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *“Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, uma das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: *“(...) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele (...). – “O que deseja, sobretudo, é que este ritual (*nota do autor: ritual da Umbanda) *seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo” (...).*

Tem irmãos umbandistas que creem que o Caboclo das Sete Encruzilhadas foi o fundador da Umbanda. Outros não creem que Caboclo das Sete Encruzilhadas anunciou a Umbanda, tachando tudo como “mito da fundação”. Outros, dizem que Zélio de Moraes era kardecista e, portanto, montou uma Umbanda kardequizada. Outros, que o Caboclo das Sete Encruzilhadas criou a primeira modalidade de Umbanda, nominada de “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, conhecida pelo povo de “Umbanda Branca”. Enquanto não houver comprovação documentária, fonográfica, discográfica ou mesmo filmográfica, tudo é pura conjectura, opiniões calcadas na idiossincrasia, ou mesmo em achismos.

Por isso, primamos pela farta documentação histórica no primeiro livro, juntando em anexo, documentos escritos, jornalísticos e fonográficos, mostrando existir a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade em início do século 20. Contra documentos não há argumentos. Mas é só. Não nos apresentaram até agora nenhum documento específico atestando a fundação da Umbanda. Nós cremos que tal aconteceu, e procuramos comprovar com a Espiritualidade que nos assiste, a qual nos afirmou ser verdade, inclusive. complementando alguns fatos. Mas, a “fundação da Umbanda” ainda continuando sendo anunciada oralmente, somente.

Cremos que muita coisa ainda há de aparecer e ser esclarecida quanto à história da Umbanda, do Caboclo das Sete Encruzilhadas, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e de Zélio Fernandino de Moraes. Verificar esses dados históricos já foi como procurar agulha num palheiro; hoje está sendo como procurar agulha num agulheiro. Mas, se todos que tiverem um pequeno dado histórico e comprovado contribuírem, com certeza poderíamos juntar todas as peças do tabuleiro e assim descortinar o movimento umbandista brasileiro em sua real beleza e funcionalidade.

Temos poucos, mas, fiéis trabalhadores engajados no resgate histórico da nossa amada Umbanda. Uns estudiosos concordam e outros discordam dos entendimentos sobre os relatos históricos. Uns merecem e outros desmerecem a descoberta que alguns fizerem em fatos documentais. A verdade é uma só: Quem participou

juntamente do Caboclo das Sete Encruzilhadas em sua missão na Terra já desencarnou e não deixou nada, a não ser, alguns comentários espaçados. Por isso, achamos bonito entender certos aspectos de como tudo era, mas damos verdadeiro valor e insistimos obsessivamente, que nós umbandistas devemos sim, atentar para o que o Caboclo deixou como "Linhas Mestras" a serem seguidas; o resto são somente fatos históricos para satisfazer a curiosidade, ou mesmo liturgias, rituais, preceitos e procedimentos utilizados na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, que entendemos serem práticas da Tenda, e, se durante mais de cem anos o que foi praticado sem o conhecimento da Umbanda em geral, é porque assim o quis a Cúpula Astral de Umbanda, cremos que por entender que seriam tão somente práticas internas, para o que acontecia em época, assim como cada Terreiro tem as suas.

Não atentar para o estudo e entendimento das "Linhas Mestras" preconizadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, seria o mesmo que deixarmos de lado os ensinamentos de Jesus, para somente atentar, discutir, brigar, para provar se ele era moreno, se tinha 1.80 de altura, se era casado, se mantinha relações sexuais, se teve filhos, se bebia vinho, etc., o que não iria de maneira nenhuma acrescentar em nada a nossa evolução espiritual. E na Umbanda, relegar os ensinamentos doutrinários (que nominamos de "Linhas Mestras"), para enfatizar que a Umbanda fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas seria realizar as mesmas práticas litúrgicas, ritualísticas, sem tirar e nem por, é engessar tudo, é tirar a oportunidade do estudo e aplicação de novos procedimentos calcados no Evangelho, nos ensinamentos crísticos, na Codificação Kardeciana, na razão e no bom senso. O Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou aos médiuns umbandistas para que estudassem os ensinamentos dos Espíritos Superiores em Kardec; portanto, seguindo esses ensinamentos, vamos entender que devemos cultivar diariamente as práticas das virtudes (moral), reforma íntima, nos tornarmos melhores, cultivarmos a caridade, o perdão, a fé, o amor etc. Isso é primordial. Rituais, liturgias, preceitos se constituem tão somente em práticas exteriores, importantes no contexto energético / psicossomático, no entendimento que Deus nos legou tudo na Natureza para utilizarmos com consciência, mas não são primordiais; vem em aporte para quem necessita, como uma alavanca para se levantar, para depois procedermos a devida reforma íntima. Em toda a nossa obra, estaremos explicando melhor esse pensamento e esses procedimentos.

Pela extensão, da "COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE" dividimo-lo em vários livros, cada um estudando vários aspectos da doutrina Umbandista, para que todos possam, passo a passo, vislumbrar esta maravilhosa religião. No livro: "As Origens da Umbanda" está, somente, o estudo histórico da Umbanda, inalterado; e somente em poucas partes fizemos algumas considerações; quanto ao restante dos livros, estarão impressas noções sobre a doutrina umbandística, suas características, atributos e atribuições, bem como seus aspectos esotéricos e exotéricos, com total visão da Umbanda Crística.

Por serem progressivos, facilitará o estudo da Umbanda tanto nas Sessões de Educação Mediúnica e Doutrinária, bem como em cursos preparatórios de médiuns; assim, quando os médiuns terminarem cada livro, com certeza estarão escudados nos conhecimentos gerais umbandísticos necessários ao seu desenvolvimento como médium umbandista. Esta obra também servirá grandemente para todos aqueles, simpatizantes, estudantes, sociólogos, antropólogos religiosos e curiosos, que querem saber o que é Umbanda.

Obs.: Se alguém reconhecer suas ideias impressas neste livro e não ver o devido crédito comunique-se conosco, onde iremos sanar tal entrave, verificando a veracidade dos fatos. Afinal, quando uma verdade espiritual vem à tona, com certeza, vários médiuns sérios a recebem simultaneamente.

Vejam o que diz Kardec: *"Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros"*. ("O Evangelho Segundo o Espiritismo", capítulo 21, item 10, 6º §. (5)).

Em nossas pesquisas, deparamos com um fórum aberto no site de Umbanda: *"*www.redeumbanda.ning.com*"*, que nos chamou atenção. Dizia assim:

Uma regra para reger a todos. É possível? *(Publicado por M.R.C. em 13 de setembro de 2008 às 11h20min)*

Cada pessoa tem sua leitura da vida de acordo com uma série de fatores, educação familiar, estudo didático, meio que vive.

Observa-se uma variedade gigantesca de diferentes formas de levar seu viver.

Esse aspecto nos acompanha em diversas áreas de nosso dia a dia, e não poderia ser diferente na Umbanda.
"(...) *Muitas portas levam a morada do Pai* (...)*"*

É realmente possível conseguir uma linguagem única para a Umbanda?

Decretar regras gerais nesta situação não alimentaria o preconceito e a intolerância, tendo em vista esses muitos níveis de entendimento?

Bom pensar. Cigano.

Responder até Marcos Alberto Corado

Oi, amigo

A Casa ter regras – normas pré-estabelecidas para o seu funcionamento se fazem necessário, no que diz as necessidades básicas como:

- *Manter organização própria, segundo as normas legais vigentes, estruturada de modo a atender a finalidades por ela proposta.*
- *Estabelecer metas para a casa, em suas diversas áreas de atividades, planejando periodicamente suas tarefas, e avaliando seus resultados.*
- *Facilitar a participação dos frequentadores nas atividades da casa.*
- *Estimular o processo do trabalho em equipes.*
- *Dotar a casa de locais e ambientes adequados, de modo a atender em primeiro lugar as atividades prioritárias.*
- *Não envolver a casa em quaisquer atividades incompatíveis ao fundamento da prática do bem e da caridade.*
- *Zelar para que as atividades exercidas nos preceitos fundamentados pela casa sejam gratuitas, vedando qualquer espécie de remuneração.*
- *Aceitar somente os auxílios, doações, contribuições e subvenções, bem como firmar convênios de qualquer natureza ou procedências, desvinculados de quaisquer compromissos que desfigurem o caráter da instituição, ou que impeçam o normal desenvolvimento de suas atividades, em prejuízos das finalidades nos trabalhos espirituais, preservando, assim, a independência administrativa da entidade.*
- *Manter a disciplina quanto a horários, vestuários, comportamento, ética etc., boa conduta para que nos trabalhos práticos os objetivos sejam alcançados.*
- *A casa ter um grupo de estudo, com a participação de todos os trabalhadores.*

Falei de alguns tópicos, quanto à parte de organização estrutural, para o bom funcionamento da espiritual. Quanto a este, cada casa tem uma tarefa a ser desempenhada.

Estas tarefas são planejadas no mundo espiritual, com mentores já designados, trabalhos a serem realizados, médiuns que vão participar do processo daquela casa etc.; por isso que toda atividade espiritual de uma casa deve ser gerida pelo mentor da mesma, mas infelizmente em nossa vaidade e orgulho interferimos neste processo, muito das vezes colocando nosso objetivo pessoal, nossos interesses, interesses de outros que pode nos beneficiar etc., aí vem as diversidades, não diversidades naturais pela interação de encarnados e Espíritos pela diferença do próprio grau evolutivo de um e de outro no modo de levarem seus trabalhos, mas querendo alcançar objetivos dentro dos parâmetros do bem e da caridade, mas sim diversidades que são contrários à ética, a moral e os bons costumes. Aí se instala a diversidade, calcada no aproveitar, levar vantagem, denegrindo a imagem da Umbanda.

**********//**********

Por essa pequena conversa entre irmãos num fórum de Umbanda, observamos no feliz comentário do Sr. Marcos Alberto Corado, a questão da dificuldade de se formalizar um estudo coeso na Umbanda, devido à diversidade de cultura, conhecimento etc.

Pela diversidade cultural, fica difícil “escrever” sobre a Umbanda, sem ser tachado de nariz empinado ou mesmo de querer ser “expert”, somente por não coadunar com conceitos pré-estabelecidos por outrem.
Por isso, antes de prosseguirmos, vamos alertar aos leitores que não estamos aqui falando em nome da Umbanda em si, coisa que, atualmente ninguém pode fazer, a não ser o seu anunciador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas; o máximo que pode acontecer, que também é o nosso caso, é vivenciar, estudar e divulgar a “modalidade umbandista” a qual está ligado; afinal, o que existe são aos subgrupos dentro da Umbanda.

Divulgamos uma doutrina calcada na razão e no bom senso, preconizada pela modalidade “Umbanda Crística”. Portanto, se alguém não coadunar com os nossos ensinamentos, é fácil: feche o livro, não leia mais e siga os seus próprios passos, com a sua própria compreensão. *“Tempus est mensura motus rerum mobilium”* (O tempo é o melhor juiz de todas as coisas).

“Nada aceiteis sem o timbre da razão, pois ela é Deus, no céu da consciência. Se tendes carência de raciocínio, não sois um religioso, sois um fanático”. “Não devem vocês impor as suas ideias de maneira tão radical. Cada Espírito é um mundo que deve e pode escolher por si os caminhos que mais lhe convém”. (pelo Espírito de Miramez).

Irmãos umbandistas, nunca se esqueçam: O exemplo é a maior divulgação de uma doutrina superior.

“Não obrigamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e dedicação as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e estas são bastante para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam às costas por motivos fúteis, de amor próprio ou de inveja”.

“Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras.

Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito”.

(Allann Kardec)

Se quiserem, muito poderão aprender com os mais velhos e experimentados dentro da Umbanda. Lembre-se que tudo o que fizerem de bom com os mais velhos, estarão plantando nesses corações sementes de luz, que no amanhã poderão clarear os seus próprios caminhos.

“Amamos as catedrais antigas, os móveis antigos, as moedas antigas, as pinturas antigas e os velhos livros, mas nos esquecemos por completo do enorme valor moral e espiritual dos anciãos”. (Lin Yutang)

Importante:

Não leia de um livro, somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele capítulo. Leia-o do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

Isenção de preconceitos;

Mente livre, não subordinada a dogmas;

Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;

Raciocínio perquiridor e sagaz;

Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,

Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

É imprescritível o direito de exame e de crítica e em nossos escritos não alimentamos a pretensão de subtrairmo-nos ao exame e à crítica, como não temos a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa, vivência e cultura, e não somente com interpretações pessoais, ou mesmo impondo a sua “verdade”.

“Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus” (Divaldo Franco).
E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está calcado na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o ponto de vista calcado no personalismo é pura idiossincrasia.

CRÍTICA E SERVIÇO

"Se muitos companheiros estão vigiando os teus gestos, procurando o ponto fraco para criticarem, outros muitos estão fixando ansiosamente o caminho em que surgirás, conduzindo até eles a migalha do socorro de que necessitam para sobreviver.

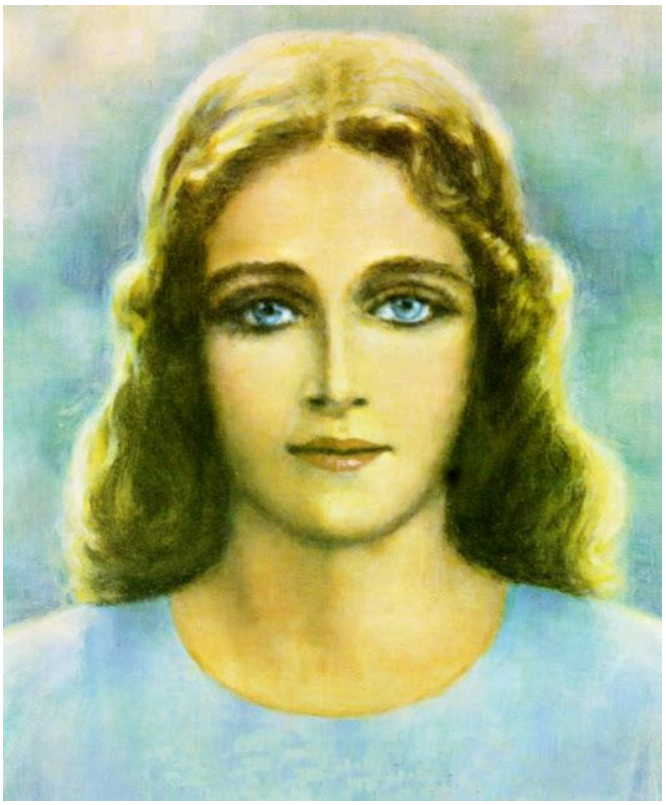
É impossível não saibas quais deles formam o grupo de trabalho em que Jesus te espera".

(Pelo Espírito de Emmanuel)

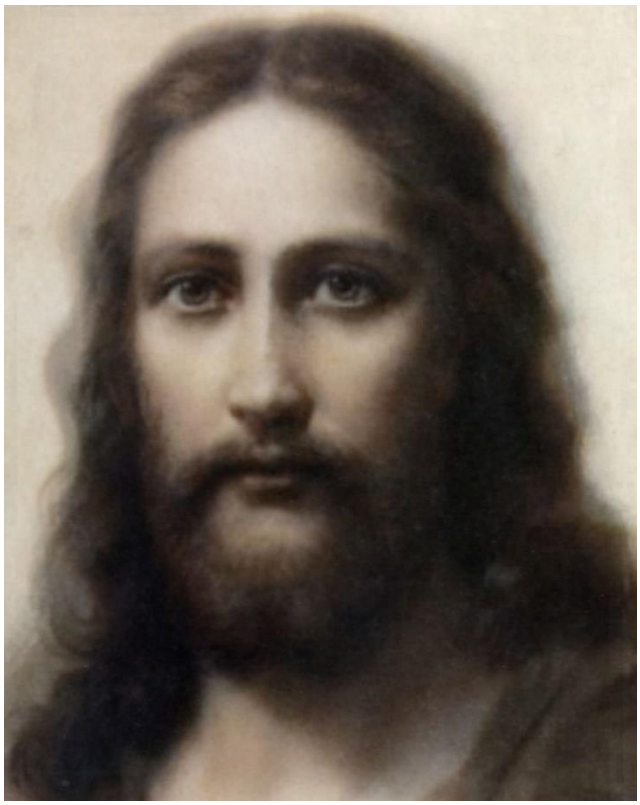
Ainda estamos na primeira fase da Umbanda (100 anos), a da implantação, já ingressando na segunda fase, a da doutrinação. Muita coisa ainda há de mudar. Hoje, fazemos, cremos e pregamos uma Umbanda. Amanhã, faremos, creremos e pregaremos outra Umbanda, calcada na Espiritualidade Maior. Mas, temos que preparar o terreno para as mudanças que virão futuramente.

Ainda nos encontramos presos na egolatria, no egocentrismo e na idiossincrasia, sem ouvirmos atentamente o que nos passa a espiritualidade, pois ainda nos encontramos preocupados tão somente com fatores externos, esquecendo as mudanças interiores, esquecendo de nos educar nos ensinamentos evangélicos, legados pelo meigo Rabino da Galileia. Vamos envidar todos os nossos esforços para as mudanças atuais que se fazem necessárias, a fim de que possamos unidos, nos preparar condignamente, para sermos fiéis medianeiros e depositários da confiança da Cúpula Astral de Umbanda, em Aruanda.

OS VENERABILÍSSIMOS DA UMBANDA



Mãe Maria Santíssima



Nosso Senhor Jesus Cristo

Os praticantes da Caridade da denominada “Linha de Umbanda”, chamaram a si a iniciativa dessa luta, de combate sem tréguas ante a extensão da maldade exercida pelos encarnados e desencarnados malvados, conhecendo bem a gravidade, a responsabilidade, as asperezas e os espinhos dessa luta, certos de que não lhes será recusada a assistência e o valioso auxílio capital dos bons amigos do espaço, aceitando agradecidos os de todos, seja qual for a sua personalidade, por mais humilde que seja ou pareça ser, desde que se identifiquem os desejos e as intenções, numa ação conjunta, conduzidos e iluminados por uma ofuscante Estrela, a Mãe Maria Santíssima, e como guia, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sob as bênçãos da Venerabilíssima Mãe Maria Santíssima, e amparados pelo Venerabilíssimo Nosso Senhor Jesus Cristo e Seu Evangelho Redentor, trabalhamos na Umbanda.

Na Umbanda, amamos com extremado carinho e profunda gratidão, a Venerabilíssima Mãe Maria Santíssima, devotando-lhe honra e gratidão. Reconhecemos em Mãe Maria Santíssima, um Espírito evoluidíssimo, que já havia conquistado, há milhares de anos, eminentes virtudes, tornando-a apta a desempenhar na crosta terrestre tão elevada missão, recebendo em seu seio o Emissário do Cristo Planetário, Nosso Senhor Jesus Cristo, que se fez homem para se transformar “no modelo da perfeição moral que a humanidade pode pretender sobre a Terra”.

Fazemos de nossas palavras, a de nosso confrade, Pai Valdo:

“A Mãe Maria Santíssima é a Estrela brilhante, encharcada da luz do amor e da misericórdia de Deus. Ela nos abraça, nos acolhe, nos cura e nos aponta o único caminho viável de ascender ao Reino de Deus, Reino de paz, e alegria permanentes, que é Jesus e o Seu Evangelho, quando vivenciado e amado.

A Umbanda nasceu dos braços de Mãe Maria Santíssima, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois o mesmo sempre teve a maior consideração devocional por esta Mãe de Amor, bem como foi o seu sinal que marcou a primeira Tenda mandada erigir por ele, sob o título de “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade”. Segundo as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: “Assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria aos que a ela recorressem nas horas de aflição”.

Mãe Maria Santíssima é a Estrela da Umbanda. A sua vibração materna, a invocação de seu poder divinal está nos lábios, no coração e no trabalho de todos os Guias Espirituais; nos trabalhos dos Caboclos, na oração e trabalhos dos Pretos-Velhos. Está enfim, em todas as atividades umbandísticas sérias, pois ela é o braço materno da misericórdia Divina a acolher os filhos que chegam com suas dores e problemas, e os encaminham amorosamente ao médico Divino que é Jesus, o Divino Pai Oxalá, seu amado filho.

A Umbanda venera, ama e concentra suas irradiações debaixo da bênção materna dessa Mãe Santíssima. Maria é a Mãe que nos ajuda na subida ao monte da perfeição, pela reforma íntima e trabalho assíduo em viver o Evangelho de Jesus.

Todo umbandista, nesta festa (religiosidade) de fé e alegria com a presença querida desta Mãe Santíssima, ouve e bebe suas palavras dirigidas aos nossos corações, vindas dos textos evangélicos, nas Bodas de Canaã: "Fazei tudo que Ele (Jesus) lhes mandar".

Os Guias Espirituais da Umbanda nos dizem:

- *Estás acabrunhado, busque Maria; ela é a Senhora da consolação.*
- *Estás desesperado, busque Maria; ela é a Mãe da esperança.*
- *Estás preocupado, busque Maria; ela é a conselheira materna e fiel.*
- *Estás doente, busque Maria; ela é a saúde dos enfermos.*
- *Estás triste, busque Maria; ela é a causa da nossa alegria.*
- *Estão lhe perseguindo e fazendo sofrer, busque Maria; ela é a defesa maternal.*

Em tudo, busque Maria; ela é a Estrela Matutina, refúgio e força dos fracos e imperfeitos, a Mãe do Divino Amor. A Umbanda sem a Mãe Maria Santíssima é uma Umbanda sem Jesus; e a Umbanda sem Jesus não é Umbanda, pois Ele é o Pastor Divino das Almas, que, por meio do Seu Evangelho Redentor nos ensina, e se torna o caminho para a felicidade, que consiste na implantação do Reino de Deus em nós.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas foi claro e tácito ao instituir o Movimento Religioso Umbandista no plano físico. Ele disse claramente: (...) *"Vim para criar uma nova religião, baseada no Evangelho de Jesus e que terá como seu maior mentor o Cristo"* (...).

Tendo a Umbanda como missão maior orientar e acolher os que sofrem, ajudando-os em sua caminhada encarnatória, e apontando-lhes o caminho da verdadeira libertação contida nos ensinamentos evangélicos, perderia seu status de religião, religação com Deus, se não tivesse no alto de sua fé, doutrina e ritual a imagem e presença de Jesus Cristo, nosso senhor e redentor. Não podemos, contudo, nos esquecer que Aquela que trouxe ao mundo encarnado a presença do Filho de Deus, foi esse Espírito iluminado, Mãe Maria Santíssima, que se tornou, assim, a Mãe de toda a humanidade e a intercessora maior, diante do seu Filho, em favor de todos nós, Espíritos caminhantes, endividados e carentes de fé, amor, paz e alegria".

**********//**********

Alguns religiosos confundem a honra que os Umbandistas tributam a Mãe Maria Santíssima, com a adoração que se deve a Deus. A Bíblia usa o termo "*adorar*" em várias acepções, tanto no sentido de *"douleuo"* como de *"latreuo"*, como diz a "*Vulgata*", Bíblia original e escrita em latim por São Jerônimo. "*Tu adorarás o teu Deus*" (Mt 4, 10). "*Abraão, levantando os olhos, viu três varões em pé, junto a ele. Tanto que ele os viu, correu da porta da tenda a recebê-los e prostrando em terra os adorou*" (Gn. 18,2). Eis os dois sentidos bem indicados pela própria Bíblia:

- **Culto de latria** (grego: "*latreuo*") quer dizer adorar. Aparece nas escrituras gregas cristãs como adoração no sentido de culto, ritos, cerimônias – É o culto de adoração suprema que se deve somente a Deus e consiste em reconhecer nele a Divindade única, prestando uma homenagem absoluta, como criador absoluto, ou seja, reconhecer que Ele é o Senhor de todas as coisas e Criador de tudo. Por ser adoração suprema, é um ato interno da alma que pode se manisfestar de formas variadas, conforme as circustâncias e as disposições da alma de cada um. "*Amarás ao Senhor teu Deus de todas as formas, de todo o seu coração, de todo o seu entendimento e com todas as suas forças" (Marcos 12:30)*.
- **Culto de dulia** (grego: "*douleuo*") quer dizer honrar. É derivado do verbo grego *"douléuo"* que trás como equivalente, servir, ser subserviente, com honra. Honra tributada em razão de qualquer excelência – É especial aos Guias Espirituais e aos Santos, por serem Espiritos justos e virtuosos.
- **Culto de hiperdulia** (grego: "*hyper"*: acima de; "*douleuo"*, honra), ou seja, honra acima de – honrar com reverência; que está acima da dulia, acima do culto de honra sem atingir o culto de adoração; por isso o prefixo "Hiper", mas abaixo de Latrêutico = Latria) é prestado a quem está acima da dignidade dos Santos e dos Guias Espirituais (=dulia)**,** mas abaixo de Deus (= Latria) – É o culto efetuado a Nosso Senhor Jesus Cristo, a Mãe Maria Santíssima, aos Sagrados Orixás, aos Anjos, etc.

Portanto, para a Mãe Maria Santíssima, Nosso Senhor Jesus Cristo e os Sagrados Orixás, rendemos o culto de hiperdulia, ou seja, honramo-los com reverência. Adoramos supremamente, somente a Deus Pai.

Umbandista que não estuda e não se dedica ao labor mediúnico caritativo, não é umbandista; é simplesmente um simpatizante.

Pai Juruá

“CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS” - O ANUNCIADOR DA UMBANDA



Abrindo esse livro, queríamos encontrar uma maneira de homenagear o iniciador da Religião de Umbanda, mas, faltavam-nos palavras, quando encontramos um texto maravilhoso. Não poderíamos nos expressar tão majestosamente como o fez o Capitão Pessoa, um dos baluartes da Umbanda, em 1942, ao homenagear o nosso pastor, o Venerando Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. Portanto, emocionadamente, fazemos das suas as nossas palavras:



José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa)

O PASTOR DA UMBANDA

"Bem-aventurados os que têm fé, porque, esses, verão a Deus Nosso Senhor". A fé é uma das virtudes fundamentais de todas as religiões. Sublime por excelência, sem ela nada se poderá realizar no terreno espiritual e é por seu intermédio, dependendo da sua maior ou menor intensidade, que as almas se habilitam a levar avante a missão de que se incumbiram. A fé remove montanhas, cura as enfermidades do corpo e da alma, transforma os criminosos em cordeiros, faz o milagre – maravilhoso entre todos – do ladrão subir aos Céus com Jesus Cristo.

Foi a fé que levou uma grande alma a realizar em nossa terra uma formidável obra de reforma religiosa, com a implantação, em nosso meio, da Lei de Umbanda. E esta realização é tanto maior quando todos nós sabemos que, no Brasil essencialmente católico, de há 40 anos passados, era quase um crime pensar-se em fazer modificações de ordem espiritual, que pudessem afetar, de leve sequer, o prestígio dos padres de Roma.

A realização da tarefa, por isso mesmo espinhosíssima, que sobre os seus ombros tomou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, de organizar a Lei de Umbanda no Brasil, é um verdadeiro milagre de fé, que nos leva a um sentimento de grande amor e de profundo respeito por essa entidade, que se faz pequenina e que procura velar-se sob a capa de uma humildade perfeita.

É a ele – ao Pastor de Umbanda – que se deve a purificação dos trabalhos de magia nos Terreiros; é a ele que espiritualmente está entregue a direção de todas as Tendas de Umbanda no Brasil.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o verdadeiro Guia da Umbanda, o pastor das ovelhas de Yemanjá, aquele com quem todos os outros Guias lá no alto combinam, quando querem colaborar nos seus Terreiros. Foi ele quem assumiu perante Oxalá o compromisso de expurgar a Umbanda do rito essencialmente africanista que se vinha praticando desde as primeiras levas de escravos trazidos pelos portugueses.

Foi ele quem provocando uma guerra com os Espíritos das trevas, diretamente interessados com a implantação dos trabalhos de magia negra, não vacilou um só momento em seguir o programa traçado e arrebanhando as suas ovelhas – verdadeiro Pastor de Umbanda – vai continuando a sua obra de propagação com as constantes inaugurações de Tendas que, filiadas ou não à Tenda de Nossa Senhora da Piedade, são realmente suas, estão, queiram ou não queiram os seus organizadores, debaixo de sua orientação espiritual.

Que os que nos leem não se esqueçam desta verdade: o Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele.

Sei que muitos não concordarão com o nosso pensamento, pelo que peço perdão e licença para elucidá-lo. O meu intuito não é diminuir qualquer das entidades que baixam nos Terreiros de Umbanda e muito menos ferir qualquer suscetibilidade; eu sei, e todos sabem, que podem descer nos Terreiros entidades maiores que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, embora não se declarem como tal, mas essas entidades que vem prestar socorro a filhos que sofrem, vem e voltam sem a responsabilidade que cabe ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, que recebeu a missão de purificar os trabalhos da magia. Como prova, aí estão as suas Tendas, formando um todo homogêneo, organização que não tem similar e que vem resistindo a todas as campanhas que tem sofrido.

As minhas declarações não têm outro sentido a não ser que o Caboclo das Sete Encruzilhadas foi realmente o comissionado para esse fim; ele não vai inovar, veio apenas purificar o que já se fazia no país há algumas centenas de anos; ele não destruiu os rituais praticados, antes deu-lhe força e método e o propagou com sua organização maravilhosa. Verdadeiro Mestre da Magia Branca, responsável pela pureza do seu ritual, ele não poderia abandoná-la, porque o considera sagrado; ao contrário, ele nos ensinou a amá-lo e a respeitá-lo, porque ninguém melhor do que ele sabe que não há religião sem ritual.

O que ele deseja, entretanto, é que este ritual de Umbanda, humilde, mas cheio de luz, seja nivelado ao ritual elevado das grandes religiões e isento de toda inferioridade e da prática de coisas inúteis e perniciosas. O que deseja, sobretudo, é que este ritual seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo.

Essas minhas declarações são tanto mais insuspeitas quanto todos sabem o grande amor que eu e todos os que fazem parte da Casa de São Jerônimo temos ao Caboclo da Lua, que é por nós considerado uma entidade de grandes poderes e elevada espiritualidade. Todavia, e para isso chamo a atenção de todos, por muito grande que seja, ele não hesitou em trabalhar sob a Chefia do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e foi ele quem organizou e lhe ofereceu a Tenda de São Jerônimo, que espero será um dos esteios de sua obra formidável.

Há alguns anos, previmos que Umbanda seria a futura religião do Brasil, numa visão feliz que posteriormente foi plasmada num estudo humilde e modestamente ofertado pelos filhos de São Jerônimo aos filhos de Santo Agostinho, que a nós são unidos pelo coração e pelos mesmos ideais. Então, a Umbanda era perseguida não só pelos outros credos religiosos, mas ainda, pelas autoridades constituídas que a rebaixavam ao nível da magia negra. Hoje, começamos a ver raiar a alvorada de Umbanda, porque são as próprias autoridades que nos convocam para uma confissão pública de Umbanda como credo religioso, permitindo que, com essa designação, as Tendas de Umbanda funcionem.

É a nossa vitória, ou antes, a grande vitória do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

O que nós todos lhe devemos é de valor inestimável; jamais poderemos pagar os benefícios espalhados a mancheias por ele e pelos Espíritos que acorreram ao seu chamado para ajudá-lo no cumprimento de sua missão.

É uma felicidade para nós prestar ao Caboclo das Sete Encruzilhadas essa homenagem, rendendo-lhe um elevado preito de gratidão com o nosso reconhecimento público de que ele é o legitimo Pastor de Umbanda, o único diretamente responsável perante Oxalá por todas as Tendas já organizadas entre nós e por todas as que vierem a se organizar.

Este Espírito de eleição, cuja fé é um incentivo para os nossos Espíritos entibiados, cheios de irresoluções, fracos no cumprimento do dever, rebeldes quando não vemos que as coisas marcham sempre ao sabor dos nossos desejos; este Espírito de luz, cujo amor a Oxalá o levou a não ver os espinhos que o feriram ao longo da penosa jornada que teria de percorrer durante tão duros anos, bem merece ser enaltecido por todos os filhos de fé que se sentem felizes no ambiente humilde de Umbanda e que nem de leve suspeitam de seu verdadeiro valor, da sua singular grandiosidade.

Habituados a ouvir dizer: “O Caboclo das Sete Encruzilhadas baixa tal ou qual Terreiro”, os adeptos de Umbanda imaginam que ele é “mais um” entre os inúmeros que vem para a sua missão de caridade.

Já é tempo de corrigir-se o erro; ele não é “um entre muitos”, em Umbanda ele é o “primeiro entre todos”, porque foi comissionado para purificar os seus trabalhos; não há entidade que lhe não preste a sua homenagem, e todos, sem vaidade, sentem-se felizes em auxiliá-lo na sua obra de comissionado, pela qual ele vem lutando há mais de 40 anos. As injustiças, as ingratidões, os escárnios, a zombaria, que lhe tem sido feitas durante todo este tempo, jamais contribuíram para um desfalecimento, por minutos que fosse de sua parte, em levá-la avante.

Assim como a tremenda campanha feita contra Nosso Senhor Jesus Cristo, por aqueles que, sem luz, desejavam o aniquilamento de sua obra e o desaparecimento de sua doutrina, só contribuiu para que ela com mais rapidez e segurança se propagasse pelo mundo inteiro, assim também toda a campanha de desmoralização e todo o sistema de intrigas urdido até hoje contra a obra formidável do Caboclo das Sete Encruzilhadas só tem contribuído, e cada vez mais contribuirá, para o seu engrandecimento e para que por todos os séculos se mantenha de pé.

Foi a fé que o ajudou a realizar esta obra, que um dia será gigantesca e se espalhará também pelos confins do mundo; é pela fé que ele pretende nos levar aos pés do doce Oxalá, de quem é um humilde devoto.

Verdadeiro Pastor de Umbanda, ele vela constantemente pelas suas ovelhas, a fim de que não se contaminem com o hábito pestilencial da magia negra, e sereno, como só os grandes podem ser, ele sorri, confiante na vitória de sua obra, porque sabe que a fé é o seu alicerce, a sustentará pelos séculos afora”.

(Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – “Semanário”, número 91 – ano III – página 15 – 1958)

Os trechos em negrito são apontamentos nossos, pois achamos importante grifá-los pelas suas importâncias. “Quem tem olhos para ver, que veja”. Existirão os que ignorarão, pelas suas equivocadas interpretações pessoais.

UM POUCO MAIS SOBRE O PASTOR DA UMBANDA

A obra de espiritualização dos adeptos da Lei de Umbanda pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas nesses quase cinquenta aos de trabalho ininterrupto das suas Tendas, é alguma coisa de que devemos nos orgulhar,

Apraz-me rememorar, constantemente, a fim de que fique bem fixado na mente e no coração de todos os umbandistas e com o objetivo de dar um grande impulso para maior engrandecimento da obra, o desprendimento de todos os que, durante esse tão largo lapso de tempo, vem colaborando, com rara tenacidade, para a conservação do patrimônio espiritual e moral constituído, como uma herança preciosíssima para nós, pelo humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas;

Todo aquele que, sem parti-pris, se der ao trabalho de fazer um estudo honesto sobre a história da Umbanda no Brasil, terá que chegar à conclusão – para nós muito honrosa e sobremodo grata – de que foram as Tendas do Caboclo das Sete Encruzilhadas que sem receio dos trabalhos afanosos, das lutas incessantes com os que tinham interesse em combater-nos, num trabalho consciente de obediência à orientação do maravilhoso Guia, expurgaram os adeptos de Umbanda das tendências para a magia-negra, impondo aos que as frequentavam um ritual simples, honesto, digno, de caridade real, porque aos mesmo tempo que cura os males físicos dos que as buscam, doutrina os Espíritos mal acostumados, que comumente confundem Espiritismo de Umbanda com feitiçaria.

Não há nada melhor, nem mais admirável a se constatar até hoje. Se lançarmos um olhar em torno de nós, havemos de ver desde tempos que não vão muito longe, porque estão nítidos a memória de todos a Tenda Nossa Senhora da Piedade, tendo à sua frente o Espírito luminoso que é o nosso Guia, atraindo sempre milhares de adeptos que, em busca de lenitivo para os seus males de toda a espécie, a procuram como a verdadeira Meca de Umbanda!

Do seu seio saíram todas as organizações no gênero feitas à sua imagem e semelhança; é uma comunidade em que todos os elementos, todos os líderes e os melhores médiuns conhecidos de Umbanda, foram feitos sob as suas vistas nas suas Casas, conviveram com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, dele recebendo suas luzes; aprenderam e transmitem as suas magníficas lições.

A semente da verdadeira Umbanda saiu dos jardins de sua organização. Ainda hoje é ele o Maomé dessa nova religião, que toma vulto e já se propaga pelo País inteiro, do Norte ao Sul, do Leste ao Oeste.

Com a humildade que o caracteriza, limitou-se ele a preparar o edifício da fé, da espiritualidade simples e pura; ligou Umbanda ao Evangelho de Jesus, adotando o lema Espírita – “Fora da caridade não há salvação”; jamais

pleiteou para a sua organização bens materiais, palácios ou ritual luxuoso; as suas Casas continuam a ser o que sempre foram; portas abertas para todos os que sofrem, sem distinção de classe, credo ou cor; dinheiro é expressão que não se usa, porque a prática da caridade é feita nos moldes pregados no Evangelho de Jesus, sem se olhar as condições das pessoas que batem à sua porta. “Daí de graça o que de graça recebeis”.

Somos realmente os legítimos herdeiros de uma fortuna preciosa! A herança que nos foi legada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas constitui patrimônio riquíssimo, não em bens da terra, que depressa se acabam, mas precioso pelo que encerra do ponto de vista espiritual e, portanto, eterno.

Temos direito de nos sentir orgulhosos e felizes, mas, também nos cabe uma pesada tarefa m qual a de multiplicar a riqueza que nos dói confiada, fazendo-a render juros altíssimos que, aplicados com a honestidade com que até hoje trabalhamos, possam vir a ser distribuídos pela imensa família constituída pelos filhos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que aumenta em proporção animadora dia a dia.

O nosso dever é, pois, muito maior do que os nossos direitos.

Não é com a mera formalidade das promessas que podemos dar conta da nossa tarefa. O trabalho que temos diante de nós é talvez ainda mais árduo do que o que coube aos pioneiros que organizaram a obra há cerca de cinquenta anos. Os nossos inimigos combatam-nos a descoberto em todos os setores. Não temos mãos a medir, talvez não tenhamos mesmo tempo para um pequeno repouso; temos que estar unidos mais do que nunca e sempre vigilantes.

Ao tempo da ditadura passamos por momentos de verdadeira apreensão. Várias circunstâncias nos levaram a crer que iríamos ser privados de nossa situação; exigências da lei e das autoridades e causas materiais de diversas espécies pareciam ir privar-nos de tudo; chegamos a recear que fossemos obrigados a fechar as nossas casas. Tudo isso nada mais foi, do que um simples interregno para a segunda fase dos nossos trabalhos, que se mostram tão promissores e que abençoados pelo nosso grande Guia, levaremos mais adiante e mais fortes do que nunca.

Por isso, torna-se necessário em torno do nosso querido Chefe, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, e que, confiantes na proteção que nunca nos faltou, não esmoreçamos no cumprimento do dever, como tutelados de Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo Evangelho é a nossa norma de conduta e o nosso código de honra, e como legítimos herdeiros do Caboclo das Sete Encruzilhadas, a quem humildemente pedimos força e serenidade para a luta, fé e amor para continuar a realização da sua obra, espalhando com o desinteresse que tem sido o lema de nossa vida, a caridade de que os pobres necessitam.

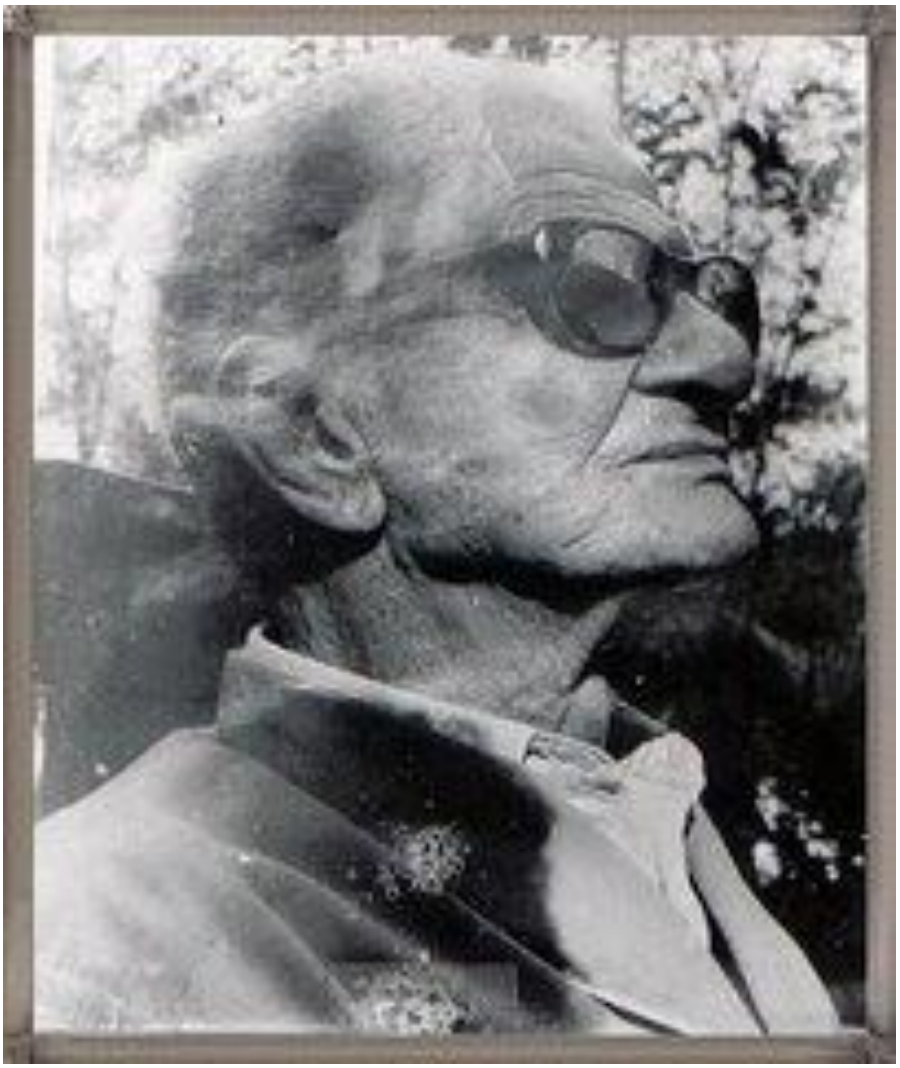
(Por José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa), dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo – uma das 7 Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – em reportagem no Jornal – “Semanário”, número 110 – ano III – página 15 – 1958)

Consideramos o Sr. José Álvares Pessoa, uma pessoa brilhante, vanguardeiro e intelectual, sempre colocando a Umbanda em seu verdadeiro patamar.

O Capitão Pessoa juntamente com Leal de Souza nos legou alguns pensamentos doutrinários do Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas, onde nos vislumbramos com a seriedade e simplicidade de tudo.

Pena hoje, só vermos a simples doutrina e “Linhas Mestras” do anunciador da Umbanda sendo praticada por raríssimos Terreiros de Umbanda.

A IMPLANTAÇÃO DA UMBANDA NO BRASIL



Relataremos agora, após exaustivos estudos e pesquisas, o relato do início da Umbanda, bem como da vinda do seu iniciador, o Caboclo das Sete Encruzilhadas:

Antes, queremos deixar claro, que os relatos de como a Umbanda foi instituída é calcada na oralidade, sem comprovação documentária.

De uma tradicional família católica das Neves, São Gonçalo, Rio de Janeiro, nasce no dia 10 de abril de 1891, Zélio Fernandino de Moraes, filho de Joaquim Fernandino Costa e Leonor de Moraes Silva, filha do poeta José de Moraes Silva e Anna de Moraes e Silva, pais do Dr. Epaminondas de Moraes, diretor da "Colônia de Alienados" em Vargem Alegre, que atendeu Zélio em seus "ataques".

"Com a seguinte afirmativa: "Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade", demarcando o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no dia 15 de novembro de 1908, iniciará a trajetória de Zélio Fernandino de Moraes, diretamente ligada ao processo de legitimação e institucionalização do culto umbandista, bastante significativa na construção de uma identidade contemporânea de referência nacional, que irá considerar a Umbanda como uma religião brasileira, legitimada através dos elementos socioculturais rememorados, que constituem a reelaboração da sua própria história". (Sérgio Estrellita da Cunha)

Falar sobre Umbanda não é fácil, embora pareça, visto esta, ser frequentemente considerada como um subproduto dos cultos afro e por isso, colocada sob sua influência direta no tocante e fatores como ritualística, doutrina e conceitos sobre as Hierarquias Espirituais (Orixás). Por isso, muitos escritores e estudiosos, que não são umbandistas – dignos de respeito – se veem capacitados a escrever sobre Umbanda, simplesmente por considerá-la um mero item, um subproduto, dentro da religião ou cátedra que se especializaram.

A UMBANDA É ANUNCIADA

A verdade é bem diferente, pois a Umbanda tem uma sistemática própria, toda uma ciência independente e complexa em sua essência, bastante adversa dos cultos afros, das práticas dos centros kardecistas, do catolicismo e outros, que muitas vezes até mesmo desdenham da eficácia e da seriedade do movimento umbandista, apontando-o como um mero apêndice, apenas por ser simples em sua aparência externa.
Na Umbanda, quanto mais simples, melhor. Para os ensinamentos umbandistas, não existem segredos e nem mistérios.

Esta é uma das regras ditadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando de sua manifestação inicial como religião. E como religião temos o seguinte: "*Religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, que unem em uma mesma comunidade moral, todos os que a ele servem"*. Sendo assim, podemos afirmar que a Umbanda é uma religião. A sua doutrina se caracteriza pelas infiltrações positivas de outros costumes, pela falta de coesão e de origem única, por isso a consideramos universalista, e até por isso, crística. Em sua essência é uma religião crística e brasileira, porque apesar de ter aculturação doutrinária mesclada em algumas verdades eternas desenvolvidas nas filosofias afro/ameríndia/espírita/católica/ocultista/orientalista, com fenomenologia mediúnica, desenvolveu-se e consolidou-se num credo apropriado à evolução, temperamento, cultura e anseio do povo brasileiro.

Ressente-se ainda de uma coesão cultural. Tende, porém com o tempo, à uniformização, tornando-se homogênea, com uma base única e universalista, assim que forem corrigidas as poucas discrepâncias que permaneceram em consequência de idiossincrasias, das superstições, fetichismos, totemismos, magias e doutrinas herdadas, que não coadunam com o pensamento crístico e nem com a simplicidade umbandística.

Pelo imenso número de adeptos que a Umbanda possui não é difícil surgir em seu meio, alguém portador das qualidades necessárias para reestruturá-la e fazer com que todas as casas de culto se unam sob uma cultura coesa.

Entendemos que a Umbanda, enquanto religião é nova e é brasileira. Está fundamentada em Deus, nas mensagens crísticas dos Mestres Cósmicos, na crença na existência dos Poderes Reinantes do Divino Criador, conhecida por todos como Orixás, cujo conhecimento inicial nos legaram os cultos afros, assim como no conhecimento, respeito e uso dos elementos da Natureza legados pelos Pajés, calcada na fenomenologia mediúnica ensinada na Codificação Espírita, nas orientações de alguns Espíritos militantes no movimento Kardecista, nas práticas esotéricas Orientais e Ocultistas e na crença em Nosso Senhor Jesus Cristo e Seus ensinamentos, na Mãe Maria Santíssima, nos Anjos, e alguns Espíritos canonizados pela Igreja Católica.

Tentar dar a Umbanda, como ela é praticada atualmente, uma origem diferente, de uma religião nova, é faltar com o bom senso. Tudo surgiu timidamente nas práticas da pajelança indígena, e nos vários cultos afros vindos com os escravos. No início do século XX já era popular e se espalhava por muitos rincões do Brasil, mas, sem a nomenclatura de Umbanda. Estava sendo efetuado um ensaio de sua manifestação, bem com uma arregimentação de Espíritos disposto a prática da caridade. O que realmente aconteceu é que já havia as manifestações mediúnicas de Espíritos regionalizados, mas não havia ainda surgido o nome Umbanda e seus postulados.

Os rituais ainda eram praticados de maneira confusa e deturpados. Foi quando, por misericórdia Divina, foi enviado através da mediunidade de um "jovem", um índio brasileiro, que veio sanear o já existente (Macumba), formando a partir daí as bases do novo culto, estruturando-o e divulgando-o como religião, não só à população carente, pois como a mediunidade popular era praticada, espantava àqueles mais cultos e estudiosos, pois viam naquelas manifestações, mediunismo voltados ao atraso espiritual (baixo espiritismo), pois eram calcados em práticas sem base nenhuma de concordância, espiritualidade e bom senso, sedimentadas praticamente em feitiçarias com fins pecuniários e manifestações medianímicas rústicas e primitivas.

O catolicismo, religião de predominância, repudiava a comunicação com os mortos. A doutrina Kardecista estava preocupada apenas em reverenciar e aceitar, como nobres, as comunicações de Espíritos que se pautavam numa linguagem catedrática e rebuscada. O Candomblé como religião estruturada somente surgiria no Rio de Janeiro na década de 1930 (segundo o antropólogo Reginaldo Prandi), não aceitava a incorporação de Eguns (O termo Egun ou Egum é uma palavra da língua Yoruba usada no Candomblé que significa Alma ou Espírito de qualquer pessoa falecida iniciada ou não. O termo Egum é muito abrangente, pode ser desde um Espírito considerado de luz, de um parente, como um Espírito desorientado obsessor que precisa ser afastado). O Culto da Macumba ja grassava abundamente no Rio de Janeiro, efetuado pelos descendentes Bantus, onde já manifestavam Espíritos de ex-escravos, índios, Exus, entre outros.

Deus, por misericórdia, atento ao cenário existente, ordenou que se estruturasse aquela que seria uma Religião Mediúnica, aberta a todos os Espíritos de boa vontade que quisessem praticar a caridade, independentemente das origens terrenas em outras encarnações, suas religiosidades, e que pudessem dar um freio ao radicalismo

mediúnico magístico negativo existente, e os que surgiriam futuramente no Brasil. Começou a se plasmar, a Religião de Umbanda, com suas hierarquias, bases, atributos, atribuições, funções e finalidades.
Enquanto isso, no plano terreno surge no ano de 1904, o livro Religiões do Rio, elaborado por "João do Rio", pseudônimo de Paulo Barreto, membro emérito da Academia Brasileira de Letras.

No livro, o autor faz um estudo sério e inequívoco das religiões e seitas existentes no Rio de Janeiro, naquela época, capital federal e centro sócio/político/cultural do Brasil. O escritor, no intuito de levar ao conhecimento da sociedade os vários segmentos de religiosidades que se desenvolviam no então Distrito Federal, percorreu Igrejas, Templos, locais de feitiçarias, Macumbas, sessões baseadas na tradição africana, Sinagogas e outros, entrevistando pessoas e testemunhando fatos. Não obstante tal obra ter sido pautada em profundas pesquisas, em nenhuma página desta respeitosa edição cita-se o vocábulo Umbanda, pois tal terminologia era desconhecida.

Pesquisamos em todos os periódicos jornalísticos disponibilizados na Hemeroteca Nacional, desde 1880 até os dias atuais, e a primeira vez que surgiu o termo Umbanda, foi em 1916 (explanaremos em reportagem nessa obra).

O relato da fundação da Umbanda se dá de forma oral, sem documentação, sem registro. Segundo o bisneto de Zélio de Moraes, Leonardo Cunha dos Santos, Zélio era um adolescente com apenas 17 anos, assumindo a presidência da criada Tenda Nossa Senhora da Piedade, seu pai, Joaquim Fernandino Costa. Em época, se preocuparem tão somente com a parte espiritual, pois o registro de um Templo religioso com práticas mediúnicas alicerçado em índios e negros seria algo praticamente impossível, pois existia a problemática de ligarem qualquer prática mediúnica e espírita às feitiçarias e curandeirismo.

Existia o Decreto 847 de 11 de outubro de 1890, que associava qualquer prática espírita ou mediúnica, a rituais de magia e curandeirismo, conforme expresso em seu Artigo 157, que rezava: *"É crime praticar Espiritismo. A magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancia, para despertar sentimento de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credibilidade pública. Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100$000 a 500$000".*

Por isso, um registro oficial documentado somente surgiria alguns anos após a criação da Umbanda.

No final de 1908, uma família tradicional de Neves, um bairro de São Gonçalo, fronteiriço com a cidade de Niterói, foi apanhada de surpresa por fatos considerados sobrenaturais; o jovem Zélio Fernandino de Moraes, na época um jovem com 17 anos se preparava para ingressar na Marinha como aluno oficial quando começou a sofrer estranhos "ataques". Esse mal-estar físico e psíquico era caracterizado por posturas de um velho, falando coisas desconexas, como se fosse outra pessoa que havia vivido em outra época, ou ainda, assumindo uma forma física que lembrava um felino lépido e desembaraçado que parecia conhecer todos os segredos da Natureza.

Como esse estado de coisas foi se agravando, a família recorreu ao Dr. Epaminondas de Moraes, médico da família e tio de Zélio, que era diretor da "Colônia de Alienados" em Vargem Alegre. Após examiná-lo e observá-lo durante vários dias, reencaminhou-o à família, dizendo que a loucura não se enquadrava em nada do que ele havia conhecido, ponderando ainda, que melhor seria encaminhá-lo a um padre, pois o garoto mais parecia estar endemoniado. Como acontecia com quase todas as famílias importantes da época, também havia na família Moraes um sacerdote católico. Através desse padre, tio de Zélio, foi realizado um exorcismo, sem o sucesso esperado, pois os chamados ataques prosseguiam, apesar de tudo.

Depois de algum tempo, Zélio passou alguns dias com uma espécie de paralisia, prendendo-o a cama, sendo levado por sua mãe a uma benzedeira, que, segundo relatos, era médium de um Espírito chamado tio Antônio.

Alguém sugeriu que "isso era coisa de espiritismo" e que era melhor levá-lo à Federação Espírita de Niterói (segundo relatos, essa Federação era dirigida por José de Souza), município vizinho àquele em que residia a família Moraes (Neves), pois era presumido que àqueles fenômenos estariam ligados a manifestações de entidades sobrenaturais.

Alguns alegam que a Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas era uma Umbanda kardequizada (Umbanda Branca), pelo fato de que o pai de Zélio era kardecista (Seu pai, Sr. Joaquim Fernandino Costa, gostava muito de ler e estudar as obras de Allan Kardec). Isso é totalmente desqualificado, pois pelos próprios relatos históricos nos esclarecem que Zélio apresentava vários problemas comportamentais, e que fora encaminhado a um médico, a um padre, a uma benzedeira e por último, por sugestão de uma conhecida, a um Centro Espírita. Se seu pai fosse kardecista, por que então já não diagnosticou o problema e levou seu filho ao Centro que frequentava??? Zélio mesmo, numa entrevista diz: *"Surpreendi-me haver dialogado com aqueles austeros senhores de cabeça branca, em volta de uma mesa onde se praticava um trabalho, para mim desconhecido"*; se o culto kardecista era desconhecido do próprio Zélio, como poderia seu pai ser kardecista?

O pai de Zélio assim como toda a sua família eram católicos fervorosos; o Sr. Joaquim não era kardecista na acepção da palavra; em época, com a novidade dos livros de Kardec, muitos, por curiosidade, liam os livros, coadunando com os ensinamentos racionais de Kardec. O máximo que podia ter acontecido em época, seria o Sr. Joaquim, juntamente com outros, realizavam estudos da Codificação Kardequiana em seu lar.

Neste momento irá se iniciar um relato de referência à construção da identidade umbandista, quando através de Zélio Fernandino de Moraes, irá se manifestar o "Caboclo das Sete Encruzilhadas", trazendo a mensagem da manifestação do Espírito para a caridade, o foco de trabalho do ritual, devoção, religiosidade, liturgia, daquela que foi denominada Religião de Umbanda, com uma contundente proposta institucionalizadora:

"*...Vim para criar uma nova religião, baseada no Evangelho de Jesus e que terá como seu maior mentor o Cristo..."* (Caboclo das Sete Encruzilhadas)

Vamos aos dados calcados na oralidade, do nascedouro da Umbanda:

14 DE NOVEMBRO DE 1908

Segundo a Sr. Zélia de Moraes Lacerda (filha de Zélio), em gravação efetuada em 1992, por Solano, Mãe Mariazinha e Dr. Júlio, na fita de nº. 45 (disponibilizada juntamente com este livro em nosso site), aos 07 minutos e 30 segundos da gravação, assim relata:

... **(Solano pergunta)** dia 14 de novembro de 1908, Zélio de Moraes estaria em cama, e que de repente ele se levanta, se alceia quase na cama, porque não conseguia se levantar porque estava doente, e teria dito com uma voz que já não era dele, que no dia seguinte o aparelho estaria curado. Este fato ocorreu mesmo? **(Zélia responde)**; *bom; ocorreu, mas o seguinte; ele foi antes; foi na casa desta preta* (nota do autor: esta negra, era uma rezadeira, que a mãe de Zélio o levou para ser benzido); *eu faço questão de dizer; a Umbanda nasceu na humilde casa de uma preta, lá na Rua São José*. Eva (nota do autor: Segundo alguns relatos escritos, o nome da rezadeira que benzeu Zélio, seria Cândida. Mas, segundo o relato fonográfico da própria Zélia, tendo ao fundo também a voz de Zílméia de Moraes, o nome da benzedeira seria Eva); *ela recebia uma entidade chamada Tio Antônio e disse a ele* (nota do autor: Zélio) *que o irmão dele (nota do autor: irmão de Tio Antônio, que seria conhecido como Pai Antônio. Em época de escravidão, quando negros aportavam no Brasil, todos eram batizados pelo clero, e recebiam, todos, o nome do Santo do dia, o padroeiro ou de devoção; portanto, possivelmente, em vida, a entidade espiritual Tio Antônio, tinha um irmão, também chamado Antônio) iria trabalhar com meu pai*.

(Solano pergunta) E qual o endereço dessa preta; **(Zélia responde)** *Rua São José, em Fonseca, um bairro de Niterói.* ... **(Solano pergunta)** Essa primeira manifestação, quando ele disse, que o aparelho no dia seguinte, estaria curado, foi no dia 14; não foi isso? **(Zélia responde)** *Foi na casa de Eva*... (nota do autor: pelo relato da Srª. Zélia, dia 14 de novembro de 1908, na casa da rezadeira Eva, houve uma manifestação mediúnica em Zélio *(não sabemos qual Espírito era; possivelmente, poderia ser o próprio Pai Antônio)*, dizendo que no outro dia Zélio estaria curado. Portanto, pelo relato acima descrito, a primeira manifestação mediúnica de um Guia Espiritual em Zélio de Mores com comunicação, deu-se na casa da rezadeira Eva e não na Federação Espírita de Niterói *(que foi a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas)*. Com certeza mais alguma revelação deve ter sido dita pelo tal Espírito, mas, somente a mãe de Zélio, que estava presente poderia nos dizer. Por isso, o dia 14/11/1908 é considerado pelas filhas de Zélio de Moraes como a data formal do nascimento da Umbanda; se elas assim achavam, com certeza o próprio Zélio teria dito isso. A anunciação formal da Umbanda deu-se na primeira sessão, em casa de Zélio no dia 16/11/1908, e não no dia 15/11/1908.

15 DE NOVEMBRO DE 1908

Zélio foi convidado a participar da sessão e José de Souza determinou que ele tomasse lugar à mesa. Tomado por uma força estranha e alheia a sua vontade, Zélio levantou-se e disse: *"Aqui está faltando uma flor"*. Saiu da sala indo ao jardim e voltando logo após com uma flor, que colocou no centro da mesa. Esta atitude causou um enorme tumulto entre os presentes, principalmente porque, ao mesmo tempo em que isso acontecia, ocorreram surpreendentes manifestações de Índios e Pretos-Velhos em todos os médiuns da Mesa de Trabalho Kardecista.

O diretor da Sessão Kardecista achou aquilo tudo um absurdo e advertiu-os, com aspereza, citando o "seu atraso espiritual" e convidando-os a se retirarem. Estava caracterizado o racismo espirítico desde aquele instante, e infelizmente perdura até hoje.

Novamente, essa força estranha tomou o jovem Zélio e através dele um Espírito falou: *"Por que repeliam a presença dos citados Espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens. Seria por causa de suas origens sociais e da cor?"*. A essa admoestação da entidade, que estava com o médium Zélio, deu-se uma grande confusão, todos querendo se explicar, debaixo de acalorados debates doutrinários, porém a entidade "resoluta" mantinha-se firme em seus pontos de vista.

Nisso, um vidente pediu que a Entidade se identificasse, já que fora notado que ela irradiava uma luz positiva. Ainda mediunizado, através do médium Zélio o Espírito respondeu: *"Se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque, para mim, não haverá caminhos fechados".*

O vidente interpelou a entidade dizendo que ele se identificava como um índio, mas que via nele restos de trajes sacerdotais. A entidade respondeu então: "*O que você vê em mim, são restos de uma existência anterior. Fui padre jesuíta e o meu nome era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição, em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como Caboclo brasileiro".*

E ainda, usando o médium, anunciou o tipo de missão que trazia do astral: fixar as bases de um culto, no qual todos os Espíritos de Caboclos e Pretos-Velhos poderiam executar as determinações do Plano Espiritual, e que no dia seguinte (16 de novembro de 1908) manifestaria na residência do médium, às 20h00min, e fundaria uma Tenda Espírita que falaria aos pobres, humildes, doentes, necessitados do corpo da alma, onde haveria igualdade para todos, encarnados e desencarnados. E ainda foi guardada a seguinte frase, que a entidade pronunciou no final: *"Levarei daqui uma semente e vou plantá-la nas Neves* (bairro onde o médium morava) *onde ela se transformará em árvore frondosa"*.

Durante o desenrolar da entrevista, entre muitas outras perguntas, o vidente teria perguntado se já não bastariam às religiões já existentes e fez menção ao Espiritismo. O Caboclo respondeu da seguinte forma: *"Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na morte, o grande nivelador universal, rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornariam iguais na morte, mas vocês, homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se apesar de não haverem sido pessoas socialmente importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além?".*

Ao final, o vidente fez a seguinte pergunta: pensa o irmão que alguém irá assistir o seu culto? Ao que o Caboclo respondeu: *"Cada colina de Niterói atuará como porta-voz anunciando o culto que amanhã iniciarei".*

16 DE NOVEMBRO DE 1908 – A PRIMEIRA SESSÃO

Zélio de Moraes, em 1975, com 83 anos de idade, na tranquilidade do sítio em que reside em Cachoeiras de Macacú (Boca do Mato), relatou o que ocorreu no dia seguinte, 16 de novembro de 1908 à repórter e dirigente de Umbanda, Srª Lilia Ribeiro:

Minha família estava apavorada. Eu mesmo não sabia explicar o que se passava comigo. Surpreendia-me haver dialogado com aqueles austeros senhores de cabeça branca, em volta de uma mesa onde se praticava um trabalho, para mim desconhecido. Como poderia, aos 17 anos, organizar um culto? No entanto, eu mesmo falara, sem saber o que dizia e porque dizia. Era uma sensação estranha: uma força superior que me impelia a fazer e a dizer o que nem sequer se passava pelo meu pensamento.

E no dia seguinte, em casa de minha família, na Rua Floriano Peixoto, 30, em Neves, ao se aproximar à hora marcada – 20h00min – já se reuniam os membros da Federação Espírita, seguramente para comprovar a veracidade do que fora declarado na véspera; os parentes mais chegados, amigos, vizinhos e, do lado de fora, grande número de desconhecidos. Às 20h00min, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Declarou que se iniciava, naquele momento, um novo culto em que os Espíritos dos velhos africanos, que haviam servido como escravos e que, desencarnados, não encontravam campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas quase exclusivamente para trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos da nossa terra, poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal deste culto, que teria por base o Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo o Cristo.

Em seguida, o Caboclo fez uma série de revelações sobre o que estava à espera da humanidade: *"Este mundo de iniquidades mais uma vez será varrido pela dor, pela ambição do homem e pelo desrespeito às leis de Deus. As mulheres perderão a honra e a vergonha, a vil moeda comprará caracteres e o próprio homem se tornará efeminado. Uma onda de sangue varrerá a Europa* (nota do autor: 1ª Guerra Mundial), *e quando todos acharem que o pior já foi atingido, uma outra onda de sangue* (nota do autor: 2ª Guerra Mundial), *muito pior do que a primeira voltará a envolver a humanidade"*.

No final dessa reunião, o Caboclo ditou certas normas para a sequência dos trabalhos, inclusive atendimento absolutamente gratuito, roupagem branca, simples, sem atabaques, nem palmas ritmadas e os cânticos seriam baixos, harmoniosos. A esse novo tipo de culto que se formava nessa noite, a entidade deu o nome de "UMBANDA", que seria "a Manifestação do Espírito para a Caridade". Posteriormente, reafirmou à Leal de Souza

que “Umbanda era uma Linha Branca de Demanda para a Caridade”. Deve-se ressaltar que, inicialmente o Caboclo chamou o novo culto de “Alabanda” (esmiuçaremos melhor esse assunto no capítulo: “O Significado da Palavra Umbanda”, no Módulo II).
Também nesse dia 16, foi fundada uma Tenda com o nome “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade”, porque, segundo as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: “Assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria aos que a ela recorressem nas horas de aflição”.

Observem que as informações que nos foram dadas seria que os primeiros umbandistas utilizavam o termo “Espírita” no registro social de seus Terreiros pelo fato de estarem se protegendo das perseguições policiais da época. Na realidade, o uso do termo “Tenda Espírita”, teve como causa o fato de em época não se poder registrar o nome Umbanda que não era reconhecida como religião. O termo “Espírita” já tinha certa respeitabilidade por pequena parte da sociedade elitista carioca, embora, igualmente, sofriam perseguições e preconceitos pela população católica em geral. Portanto, não se utilizava “Tenda Espírita” tão somente para se ocultar atrás do nome “Espírita” para não sofrer perseguições. Se fosse para se esconderem ou mesmo se protegerem das perseguições por trás do nome “Espírita”, porque então utilizaram o sobrenome “Tenda”; não teria lógica; só o termo “Tenda” já os denunciaria.

Aliás, na República já existia a proibição um decreto condenando a prática de espiritismo: O Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, promulgou o Código Penal da República. Este diploma, de inspiração positivista, associava a prática do Espiritismo a rituais de magia e curandeirismo, conforme expresso em seu Artigo 157, que rezava: “*É crime praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100$000 a 500$000”.*

Crsmos que o uso do nome “Espírita” era somente pelo fato de que os dirigentes espirituais da Linha Branca de Umbanda e Demanda consideravam-na ser uma associação e/ou sociedade com o Espiritismo, ou seja, uma modalidade de Espiritismo, pois seguiam os ensinamentos da codificação kardeciana, que, aliás, não depõe em nada do praticado pela Linha Branca de Umbanda. O Kardecismo era e é tido por nós como outra modalidade do dito Espiritismo; cremos assim, pois Espiritismo não é religião; *“O Espiritismo era apenas uma simples doutrina filosófica; foi a Igreja quem lhe deu maiores proporções, apresentando-o como inimigo formidável; foi ela, enfim, quem o proclamou nova religião. Foi um passo errado, mas a paixão não raciocina melhor”* (O que é Espiritismo – Allan Kardec). *“O espiritismo não é, pois, uma religião. Do contrário teria seu culto, seus templos, seus ministros”* (Revista Espírita de 1859). *“Desta feita, opta por um procedimento diferente. Já dissera nove anos antes (1859) de forma peremptória, que o espiritismo não era religião, enquanto essa palavra significasse culto formal, igreja ou seita, crença mística e piedosa ou coisa assim”.* (É o espiritismo uma religião? Revista Espírita, pg.351 a 360, ref. dezembro de 1868).

Kardec afirma: *“... Uma vez que, por toda parte que haja homens, há almas ou Espíritos, que as manifestações são de todos os tempos, e que o relato se encontra em todas as religiões, sem exceções. Pode-se, pois, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e por consequência, ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas”* (O que é Espiritismo, p. 189 – Allan Kardec). Por essa afirmativa sem contestação, no entendimento dos Espíritos que militam nas lides umbandistas, a Umbanda também é uma modalidade espírita; por isso colocavam como designativo de seus Terreiros, “Tenda Espírita”, e nunca “Centro Espírita” que é o termo utilizado pelos kardecistas; mas, os seguidores do kardecismo não aceitaram e não aceitam tal dissertativa, mas, os fatos estão ai; o resto é pura conjectura.

Segundo uma entrevista gravada em vídeo de nossa propriedade, com a Sr.ª. Lygia Cunha (Neta de Zélio) e seu filho Leonardo Cunha dos Santos (bisneto de Zélio), quando às perseguições policiais em época de Zélio de Moraes por causa de atabaques, Leonardo diz: *“...o uso dos atabaques; nunca usamos; que o contrário do que eu já ouvi, que eles (Tenda da Piedade) não usavam que era para não atrair a atenção da polícia; não. A polícia foi um problema nos primórdios da Umbanda, mas não se usava atabaques por conta da polícia; o Chefe (Caboclo das Sete Encruzilhadas) nunca permitiu. para nossa casa, só pontos cantados; nem palmas; porque o Chefe não queria. Mas se vocês forem investigar vocês vão envolver polícia e a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, mas numa outra base, nunca numa base de medo, até porque muitas das pessoas que frequentavam essa Casa foram delegados, foram oficiais de polícia, oficiais do exército como meu outro avô, que chegou a ser general do exército”.*

Só por essa afirmação fidedigna, chegamos a conclusão que não havia perseguições policiais na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade no que tange a nominação da Tenda e muito menos que não se usava atabaques para fugir de acossamentos. Essa coisa de perseguições a esse nível foi puro achismo de quem não se preocupa em pesquisar fatos históricos, e somente emite opiniões calcadas em suas idiossincrasias.

Disse ainda o seguinte: *“Todas as entidades serão ouvidas, e nós aprenderemos com aqueles Espíritos que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é à vontade do Pai”*.

Ditadas as bases do culto, após responder, em latim e em alemão, às perguntas dos ali presentes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas passou à parte prática dos trabalhos, curando enfermos, fazendo andar aleijados. Antes do término da sessão, manifestou-se um Preto-Velho, Pai Antônio, que vinha completar as curas. Nos dias seguintes, verdadeira romaria formou-se na Rua Floriano Peixoto. Enfermos, cegos, paralíticos vinham em busca de cura e ali a encontravam, em nome de Jesus. Médiuns, cuja manifestação mediúnica fora considerada loucura deixaram os sanatórios e deram provas de suas qualidades excepcionais.

Quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas incorporava, cantava o seguinte ponto: *"Chegou, chegou, chegou com Deus. Chegou, chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas".*

"A primeira vez em que os videntes o vislumbraram, no início de sua missão, o Caboclo das Sete Encruzilhadas se apresentou como um homem de meia idade, a pele bronzeada vestindo uma túnica branca, atravessada por uma faixa branca onde brilhava, em letras de luz, a palavra "Cáritas". Depois de muito tempo, só se mostrava como um Caboclo com tanga de plumas e mais atributos dos pajés silvícolas.

Passou, mais tarde, a ser visível na alvura de sua túnica primitiva, mas há anos acreditamos que só em algumas circunstâncias se reveste da forma corpórea, pois os videntes não o veem, e quando a nossa sensibilidade e os outros Guias assinalam a sua presença, fulge no ar uma vibração azul e uma claridade dessa cor paira no ambiente". (Leal de Souza)

UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE

A partir de uma contundente declaração do "Caboclo" através de Zélio de Moraes, iniciava um novo culto em que os Espíritos dos ancestrais africanos, ex-escravos, como também os indígenas brasileiros e mestiços, abarcando a todas as almas afins que estivessem aptas a trabalharem em prol dos irmãos encarnados, de pluralidades diversas, sejam de caráter étnicos, religiosos e socioculturais, onde a *"Manifestação do Espírito para a Caridade"*, através de um direcionamento de amor fraterno, seria a principal característica deste culto, embasada no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e considerando como Mestre Supremo, o Cristo Planetário.

É mister salientar, que de acordo com este novo culto, ir-se-ia trazer uma nova proposta regeneradora com relação aos chamados remanescentes das "seitas negras", que estavam sendo considerados uma deturpação, pois estariam ligadas aos chamados rituais de feitiçaria, encomendas de trabalhos de magia negra, (macumbarias), no senso comum, onde na maior parte dos casos, usavam determinados mecanismos magísticos negativos, no intuito de prejudicarem algum incauto.

O "Caboclo das Sete Encruzilhadas" através de Zélio estabelece as normas doutrinárias desse novo culto *(a que nominamos de "Linhas Mestras")*, e os procedimentos litúrgicos e ritualísticos a serem utilizados em sua Tenda. Seriam denominadas "Sessões" os períodos dos trabalhos com as entidades espirituais, diariamente, das 20h00min ás 22h00min; estando os médiuns de maneira uniforme com vestuários de cor branca, atendendo a "clientela" gratuitamente.

Quando foi relatado o ritual e liturgias preconizados pelo "Caboclo das Sete Encruzilhadas", por intermédio de Zélio de Moraes, são percebidas algumas ressignificações e reelaborações das tradições religiosas ritualísticas e litúrgicas afro-brasileiras, consideradas exageros e/ou supérfluos como nos remete a sua própria fala: *"O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca determinou o sacrifício de aves e animais, quer para homenagear entidades, quer para fortificar a minha mediunidade"*.

Nas orientações estabelecidas pelo "Caboclo", não deveriam ser utilizados atabaques, palmas ritmadas, apenas os cânticos entoados com firmeza, no intuito de incorporar as entidades espirituais e para manutenção da corrente vibratória de pensamentos. Demais adornos, espadas, capacetes, escudos, vestimentas multicores, rendas, lamês, que eram considerados adereços fomentadores da vaidade dos chamados "aparelhos", determinados indivíduos que iriam incorporar os Guias do astral, não estavam de acordo com as orientações que iriam ser aceitas nos Terreiros que seguiriam as orientações que a entidade iniciou.

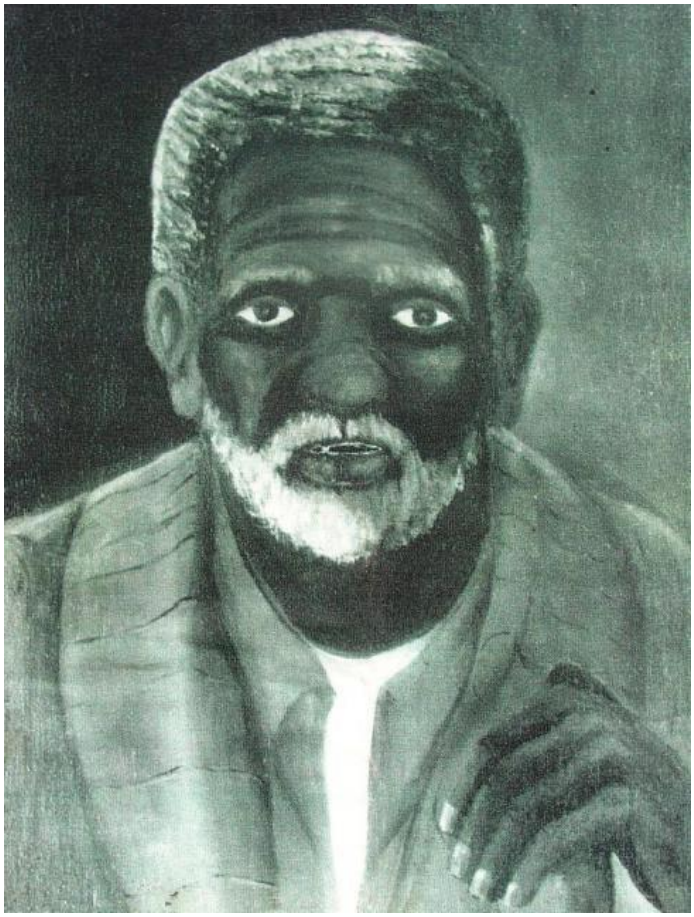
O vestuário seria branco, confeccionado a partir de um tecido modesto. O uso de colares ritualísticos, chamados de guias, seriam determinadas pelas entidades que iriam se manifestar. É deixado claramente que não é a quantidade das guias que daria força ao médium, indivíduo que tinha a possibilidade de receber as entidades espirituais, como bem relatou em uma entrevista à jornalista Lilia Ribeiro da Revista "Gira de Umbanda" no ano de 1972: *"A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho, para o Caboclo a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço"*.

Os principais elementos de preparação mediúnica seriam os banhos de ervas, os Amacis, as concentrações nos ambientes da Natureza: praias, florestas, cachoeiras, pedreiras, montanhas, campos, lagoas, jardins, etc., para refazimento energético e harmonizações. O aspecto doutrinário seria embasado no Evangelho de Jesus, sendo bastante severos os testes que iriam considerar aptos os indivíduos que deveriam cumprir a missão de manifestar o Espírito para a caridade, a mediunidade na Umbanda.

(Sérgio Estrellita da Cunha, com complementações do autor)

O Caboclo das Sete Encruzilhadas, já nos mostrava que a Umbanda é caridade. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal do culto umbandista, que teria por base o Evangelho Redentor do Mestre Jesus, e que teríamos como Mestre Supremo, o Cristo Planetário.

O PRETO-VELHO PAI ANTÔNIO



Segundo os relatos, ainda nessa noite (16 de novembro de 1908), manifestou-se um Preto-Velho, de nome Pai Antônio, um portento de sabedoria e de força espiritual. Quando essa entidade se manifestou, parecia estar pouco à vontade frente a tanta gente e que, se recusando permanecer na mesa onde se dera à incorporação, procurava passar despercebido, humilde, aparentando alta idade e apresentando o corpo curvado, o que dava ao jovem Zélio um aspecto estranho, quase irreal. Essa entidade logo despertou profundo sentimento de carinho e bem-estar entre os presentes. Perguntado, então, por que não se sentava à mesa, com os demais irmãos, respondeu: *"Nego num senta não meu sinhô, nego fica aqui mesmo. Isso é coisa de sinhô branco i nego deve arrespeitá".*

Era a primeira manifestação desse Espírito iluminado e que, diante da insistência dos irmãos encarnados, disse: *"Num carece preocupá não, nego fica no toco que é lugá di nego".*

A atitude dessa sábia e portentosa entidade tinha a finalidade principal de incutir, desde o início, a humildade nos presentes. Procurava assim, demonstrar que se contentava em ocupar um lugar mais singelo, mostrando que poderia se adaptar a qualquer situação, e que os futuros Terreiros de Umbanda não precisavam ser palácios e fortalezas de mármore e ouro. A tentativa de transmitir a humildade continuou através de respostas bem simples e que não mostravam a real condição espiritual e sabedoria desse valoroso enviado do Astral Superior.

Perguntado como havia sido sua morte física, disse que havia ido à mata apanhar lenha, sentiu alguma coisa estranha, sentou-se e nada mais se lembrava. Sensibilizado com tanta humildade, alguém lhe perguntou respeitosamente se ele sentia saudade de alguma coisa que havia deixado na Terra. Pai Antônio respondeu então: *"Minha cachimba; nego qué o pito que deixou no toco... Manda mureque buscá".*

Era a primeira vez que algum Espírito pedia alguma coisa material, o que causou grande espanto nos presentes. Era uma forma de introduzir o ato de fumar cachimbo, pelos Pretos-Velhos incorporados, o que nós sabemos hoje ser usado para benefício dos médiuns e consulentes. Do mesmo modo, os Caboclos também passaram a usar cachimbos e charutos, com a mesma finalidade. Desse modo surgiu um ponto cantado que ainda hoje é utilizado em vários Terreiros:

"Meu cachimbo está no toco manda moleque busca;
No alto da derrubada meu cachimbo ficou lá;
Que arruda tão bonita que Vovó mandou arrancar;
Mas não chore meu netinho que Vovó manda plantar".

O ponto que mostraremos a seguir mostra que Pai Antônio conhecia medicina (chegou a "debater" várias vezes com alguns médicos) e que uma das suas principais ordens e direitos era a cura espiritual dos consulentes merecedores:

"Dá licença, Pai Antônio que eu não vim lhe visitar;
Eu estou muito doente, vim prá você me curar.
Se a doença for feitiço pulará em seu Congá.
Se a doença for de Deus ai: Pai Antônio vai curar.
Coitado de Pai Antônio; Preto Velho curador;
Foi parar na detenção ai; por não ter um defensor;
Pai Antônio é kimbanda, é curador;
Pai Antônio é kimbanda, é curador;
É pai de mesa, é curador;
É pai de mesa, é curador".

ESTES EU POSSO CURAR, AQUELES SÓ A MEDICINA

Alguns relatos dizem que alguns médicos dos sanatórios de doenças consideradas mentais, como o de Jurujuba, em Niterói, enviavam uma relação de doentes e a entidade, possivelmente o "Orixá Mallet", incorporado em Zélio, indicava os que efetivamente eram portadores de perturbações psíquicas e aqueles que eram qualificados como obsedados pelos malefícios da baixa magia, tendo a possibilidade de cura imediata, através dos procedimentos ritualísticos preconizados pelo "Caboclo das Sete Encruzilhadas": *"Estes, eu posso curar, podem se direcionar á residência do meu aparelho. Os outros são realmente enfermos mentais, então a cura compete à medicina vigente"*.

A DOUTRINA E A CONDUTA DO MÉDIUM

A parte prática dos trabalhos maravilhava a todos e as curas de obsedados se repetiam diariamente. A doutrina umbandista, ministrada pelo "Caboclo das Sete Encruzilhadas", chamado de "O Chefe", era refletida semanalmente, todas às quintas-feiras, na própria residência de Zélio de Moraes. Nestas aulas eram explicitados os mais variados conceitos de fraternidade, humildade, relembrando as principais passagens do Evangelho de Jesus, tendo aconselhamentos acerca dos procedimentos nas relações do cotidiano, prevenções ligadas á uma vida saudável, e das regras de atendimento pertinentes.

Dizia ele: *"Daí de graça o que de graça recebeste! São três os perigos que ameaçam o médium: 1º) A vaidade; 2º) A consulente mulher para o médium homem e vice-versa; e, 3º) E o dinheiro. A vil moeda que leva o homem a perder o caráter, e o médium que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o mundo superior".*

Embora, não seguindo a carreira militar a que se destinava, pois sua missão mediúnica não o permitiu, Zélio nunca fez profissão da mediunidade. Trabalhava para o sustento de sua família e diversas vezes contribuiu financeiramente para manter as Tendas que o Caboclo das Sete Encruzilhadas fundou. Ministros, industriais e militares, que recorriam ao poder mediúnico de Zélio para a cura de parentes enfermos e os viam recuperados, procuravam retribuir o benefício através de presentes, ou preenchendo cheques vultosos. *"Não os aceite; devolve-os"* – ordenava sempre o Caboclo.

E Zélio, hoje, diz de cabeça erguida: *"Nunca recebi um centavo pelas curas praticadas pelos Guias. O Caboclo abominava a retribuição monetária ao trabalho mediúnico. Não há ninguém que possa dizer, no decorrer destes 66 anos, que retribuiu uma cura – e foram aos milhares – com dinheiro. Retribuíram isto sim, com a sua fé, ajudando o trabalho do Caboclo e de Pai Antônio, como Cambonos, ou assumindo a direção material das Tendas fundadas, ou participando da corrente mediúnica, quando tinham condições para isto".*

E Zélio lembra o nome de muitos dos seus colaboradores mais antigos: *"Júlio Viana, médium excepcional, de transporte e de incorporação; o deputado José Meirelles, que se tornou presidente da Tenda São Pedro; o advogado Belarmino Tati, o seu Cambono; major, na época, hoje general, Alfredo Marinho Ravasco; o general Aristóteles Santos; João Bustamante de Sá; José Albino Coelho; Alfredo Rego; Olívio Novaes; Leal de Souza, jornalista que publicou uma série de reportagens sobre a Tenda Nossa Senhora da Conceição; João Salgado, da Tenda Santa Bárbara; José Mendes, da Tenda São Pedro; Paulo Lavois, da Tenda de Oxalá; José Álvares Pessoa, da Tenda São Jerônimo; Floriano Manoel da Fonseca, figura que se tornou verdadeiro patrimônio moral*

da Umbanda, pela atividade que desenvolveu durante décadas, graças a uma conduta exemplar e à firmeza de suas convicções".

Conta a Sra. Zilméia de Moraes, em várias entrevistas, que ela e sua irmã Zélia, cediam os seus dormitórios para o devido acolhimento daquelas pessoas consideradas obsedadas, isto é, doentes espirituais. Existia uma enorme empatia com referência a prática dos trabalhos, das curas e desobsessões, sendo estudada a parte teórica e doutrinária através de reuniões semanais.

A SEDE INICIAL DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE



Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – São Gonçalo – Niterói – onde a Umbanda começou

Neste imóvel, localizado na Rua Floriano Peixoto, n.º 30, em Neves, São Gonçalo – Niterói/RJ iniciou-se a Religião de Umbanda, onde, no dia 16 de novembro de 1908, o Caboclo das Sete Encruzilhadas anunciou o advento da única e genuína religião brasileira.

Então, como mencionado anteriormente, a partir de 16 de novembro de 1908, inicia-se os trabalhos ritualísticos da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, sob a direção espiritual do "Caboclo das Sete Encruzilhadas", através do jovem médium Zélio de Moraes, com a autorização da família, na supervisão direta do Sr. Joaquim Fernandino da Costa, seu pai.

A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, primeiramente situada no bairro das Neves, São Gonçalo, próximo a cidade de "Niterói", foi transferida e reorganizada posteriormente á então capital federal, na cidade do Rio de Janeiro, se sediando na Rua Theóphilo Ottoni, nº 90, sobrado.

De acordo com o seu estatuto, no capítulo I, referente a organização e seus fins, registrado no Cartório Teffé,em 07 de junho de 1940, situado na Rua do Rosário, 84, onde funcionava o *"Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal – 1º Ofício"*, a Tenda se constituía numa instituição de caridade, onde deveria se professar a doutrina espírita, composta de pessoas de ambos os sexos, sendo ilimitado o número de associados, com tempo indeterminado de duração e capital a constituir.



Altar da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

É importante salientar, que não consta neste primeiro momento, a proposição de uma ritualística umbandista propriamente dita, pelo menos formalmente registrada, porque não era aceito na época a especificação de termos que remetessem a uma determinada cultura marginalizada, passível de especulação, perseguição policial e drasticamente discriminada pela sociedade vigente, principalmente se tivesse referência a uma religiosidade advinda da escravidão negra ou de rituais de pajelança e curandeirismo indígena. A prática da caridade deveria ser material e espiritual, divulgando a doutrina preconizada pelo Evangelho de Jesus, prestando sem distinção de cor, credo, ideologia, a assistência aos necessitados do corpo, da mente e do Espírito.

Como também, sem nenhuma retribuição pecuniária, referente aos trabalhos e atividades caritativas praticadas, enfatizando a fala do próprio Zélio de Moraes. Como orientação destas práticas terapêuticas, o estatuto previa o estabelecimento de um Regimento Interno, que seria organizado pela diretoria da Tenda, sob a orientação do Guia Chefe, através do Sr. Zélio de Moraes. Eram proibidas as discussões políticas, religiosas e de demais assuntos que não fossem considerados condizentes com as propostas de trabalho preconizadas pela Tenda Espírita de Nossa Senhora da Piedade.

A Tenda referida deveria ser administrada por uma diretoria e um conselho deliberativo. A diretoria deveria compor-se de cinco membros: Presidente, Secretário, Tesoureiro, Procurador e Diretor Geral. O conselho iria compor-se de vinte membros, que seriam eleitos pela assembleia geral, composta de dois terços dos sócios quites com as suas mensalidades, na primeira convocação, e na segunda com o maior número de associados. Competia ao conselho deliberar acerca da diversidade dos assuntos ligados à manutenção salutar das atividades da Tenda, como: eleição da sua diretoria, aprovação do regimento interno, análise dos procedimentos ritualísticos e avaliação das diretrizes administrativas em termos gerais.

A diretoria pertinente deveria usar das suas atribuições estatutárias na organização do regimento interno da Tenda, estabelecendo um ordenamento interno capaz de atender as necessidades dos seus associados, trabalhadores e frequentadores, harmonicamente ligados ao efetivo compromisso dos trabalhos espirituais desenvolvidos.

O regimento interno estabelecido preconizava as diretrizes ritualísticas, organizacionais, normatizando as relações entre os diversos membros que articulados fomentavam o pleno funcionamento da instituição. A Tenda teria como “Chefe Espiritual”, o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, considerado o criador da Umbanda no Brasil no ano de 1908.

A entidade denominada de “Orixá Mallet” da vibratória de “Ogum”, seria o responsável pelos trabalhos de desobsessões (descarregos) e desmanche de magias negras. O Preto-Velho chamado de “Pai Antônio” seria a entidade responsável pelos processos de curas das doenças.

Ainda seriam designadas outras entidades que iriam se responsabilizar pela parte espiritual das Sessões umbandistas, representadas pelos médiuns da Tenda e respaldadas pelo Sr. Zélio de Moraes. Haveria Sessões de Caridade, de Educação Mediúnica e de consultas exclusivas, como também, Sessões Especiais de desobsessão. Seriam divididas entre Sessões de “Caboclos” e “Pretos-Velhos”, a partir das ritualísticas pertinentes a cada uma delas, além de uma orientação doutrinária fundamentando os trabalhos espirituais realizados.

Um calendário litúrgico foi instituído, a ser seguido pelo período de um ano, compreendendo as denominadas “Sessões Festivas”, de caráter ritualístico, comemorativo, considerando-se datas importantes e solenes da Tenda, homenageando as diversas “Linhas Espirituais” que auxiliavam os trabalhos caritativos desenvolvidos, através da crença da existência de seres desencarnados que atuavam juntos aos médiuns devidamente preparados a este intento.

Assim temos:

- O dia 20 de janeiro ligado a Oxóssi, a São Sebastião e aos Caboclos;
- O dia 23 de abril ligado a Ogum e a São Jorge);
- O dia 13 de maio ligado aos Pretos-Velhos (Almas dos Pretos Cativos);
- O dia 13 de junho ligado a Santo Antônio e ao Pai Antônio;
- O dia 15 de setembro em homenagem a Nossa Senhora da Piedade;
- O dia 27 de setembro ligado aos Ibejis a São Cosme e São Damião e a Linha das Crianças;
- O dia 30 de setembro ligado a Xangô e a São Jerônimo;
- O dia 16 de novembro na lembrança do aniversário do Caboclo das Sete Encruzilhadas;
- O dia 4 de dezembro ligado a Yansã e a Santa Bárbara;
- O dia 8 de dezembro ligado a Yemanjá e Oxum e a Nossa Senhora da Conceição;
- Supostamente o dia 25 de dezembro estaria ligado a Oxalá (Nascimento de Jesus Cristo).

Auxiliando e dando suporte à realização das sessões umbandistas, atendendo, orientando, operacionalizando, zelando pelo bom funcionamento dos trabalhos espirituais da Tenda, existiam os Cambonos, que eram considerados os secretários e assessores diretos das entidades incorporadas, a quem eram distribuídas diversas funções de acordo com as necessidades requeridas.

Eles controlavam, interagiam e faziam cumprir as normas e procedimentos preconizados pelo regimento interno estabelecido pela diretoria, aprovado pelo conselho deliberativo e autorizado pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

Algumas obras doutrinárias básicas eram recomendadas como o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, todos de Allan Kardec, como o livro “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, do jornalista Leal de Souza. Estas leituras davam embasamento teórico aos trabalhos realizados na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Na prática os procedimentos ritualísticos articulados dinamizavam as Sessões umbandistas, dentro de um determinado espaço propício, onde eram realizados os trabalhos espirituais. Todos os membros participantes, incluindo o dirigente principal, os subchefes, médiuns desenvolvidos, médiuns em desenvolvimento, Cambonos e assistência, se colocavam em posição de concentração, respeito e atenção, na formação de uma corrente harmônica de pensamentos, com o objetivo de se iniciar as atividades mediúnicas previstas para aquela determinada data em questão.

O “Congá” estaria paramentado com vistosas toalhas brancas, flores ornamentais, principalmente de rosas brancas, a flor símbolo da Mãe Maria Santíssima, velas acesas, diversos copos com água dispostos, dando embasamento e assentamento magístico ao ritual que iria se iniciar.

Imagens dos Santos católicos representantes dos chefes das Linhas dos Orixás, Entidades e Guias, que deveriam incorporar nos seus aparelhos a fim de dar desenvolvimento a toda à terapêutica exigida nas atividades espirituais propriamente ditas.

Com o intuito de purificar o ambiente do ritual umbandista, eram queimadas algumas ervas e resinas odoríficas em um fogareiro de barro, geralmente contendo carvão vegetal, incenso, benjoim, alecrim, alfazema, cânfora, mirra, comumente chamado de defumador, direcionando-o a todos os presentes na Tenda. A partir daí, seria realizada uma conversação doutrinária, riscados e firmados os pontos cabalísticos e entoados os pontos cantados pertinentes, sendo estabelecida uma egrégora magística de vibrações consideradas salutares a um efetivo resultado, atingindo os objetivos pré-estabelecidos. Com a prece de abertura proferida, geralmente era a "Prece de Cáritas" ou a "Prece de Ismael", sendo feitas as saudações e assentamentos aos Orixás (era riscados os pontos cabalísticos referentes às seis Linhas (Orixás), firmados com flores, velas, bebidas e ponteiros, dando segurança aos trabalhos espirituais), chefes de falanges e as devidas exortações litúrgicas, seria iniciada a Sessão umbandista, com a chamada do Guia Chefe do dirigente, o "Caboclo das Sete Encruzilhadas", cuja insígnia era representada por uma flecha transpassando um coração.

Acreditando na presença das entidades do astral, se processaria os trabalhos de caridade, com o direcionamento dos médiuns desenvolvidos a participarem de uma "Mesa de Trabalho", efetivando as devidas desobsessões e posteriormente atendendo a assistência nos seus inúmeros problemas de ordem emocional, material e espiritual. Após a realização desta etapa de contato entre "encarnados e desencarnados", através dos intermediários, chamados médiuns, dadas as orientações pertinentes através do "Chefe", seria encerrada a sessão umbandista com uma prece de agradecimento, revigoração e engendramento dos trabalhos praticados durante o período estabelecido á realização do culto de Umbanda.

No tocante ao desenrolar das sessões umbandistas, existem algumas crônicas escritas pelo jornalista Leal de Souza, através das suas visitações á Tenda Nossa Senhora da Piedade, que descrevem os fatos pitorescos, percepções das nuances doutrinárias, ritualísticas e das interações entre os mais diversos participantes, incluindo as dos capítulos 23 e 25 do livro "O Espiritismo, A Magia e As Sete Linhas de Umbanda", escrito em 1933, na Cidade do Rio de Janeiro.

Inicialmente, a Tenda Nossa Senhora da Piedade, funcionou em Neves, nos arredores de Niterói. Segundo informações do Sr. Renato Guimarães, disporemos das sedes históricas que a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade já esteve instalada:

1º) Rua Floriano Peixoto nº. 30, Neves, São Gonçalo/RJ (residência de Zélio Fernandino de Moraes): 16/11/1908 – antes de 07/06/1940

2º) Rua São Pedro, nº. 133, sobrado, Centro, Rio de Janeiro/RJ: 1936 – ?

3º) Rua Dom Gerardo nº. 51, Centro, Rio de Janeiro/RJ: ? – ?

4º) Rua Senador Nabuco nº. 122, Vila Isabel, Rio de Janeiro/RJ (sede da Tenda Espírita São Jorge): ? – 1998

5º) Rua Teodoro da Silva nº. 997, Grajaú, Rio de Janeiro/RJ: 1998 – 1999

6º) Rua Sá Viana nº. 69, Grajaú, Rio de Janeiro/RJ (sede da Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade): –?

7º) Rua José Ribamar P. Ramos nº. 271, Boca do Mato, Cachoeiras de Macacú/RJ (sede da Cabana de Pai Antônio): – atualmente

Abaixo uma reportagem efetuada em 1936, onde descreve-se o "espanto" de uma Tenda de Umbanda, taxada pela população de "Macumba", ter se instalada em pleno centro urbano do Rio de Janeiro. Era a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas tirando a Umbanda da periferia, levando-a para a classe "média\alta".

Repare nessa reportagem a tendência preconceituosa do repórter e como ele se refere ao culto de Umbanda de maneira jocosa. Pelas nossas pesquisas, em época, tachavam de "Terreiro" todo culto efetuado ao nível do chão, na periferia, sendo a maioria de cultuadores negros, as famosas Macumbas, e, "Tenda" todo culto efetuado em sobrados, no centro da cidade, sendo a maioria de cultuadores brancos. É o primeiro relato do trabalho da "Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade", através do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

ANNO XXV — Rio de Janeiro — Sexta-feira, 22 de Maio de 1936 — N. 8.750

Redactor-chefe: Carvalho Netto
Director-Gerente: Octavio Lima

A NOITE

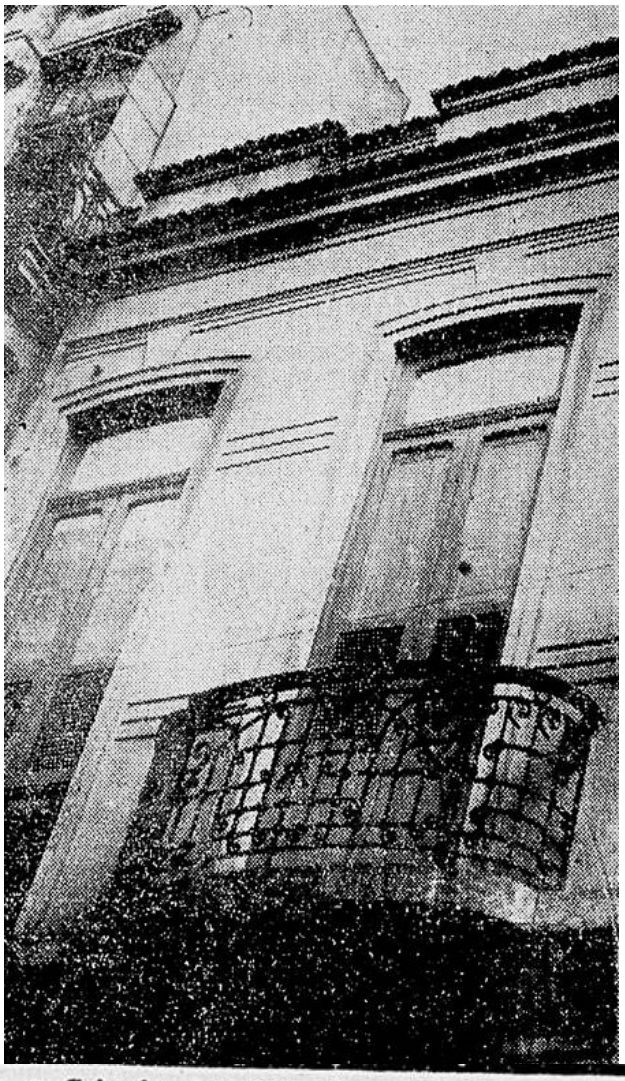
ASSIGNATURAS:
Por 12 mezes . . . 36$000
Por 6 mezes . . . 18$000
NUMERO AVULSO 100 REIS

REDACÇÃO: PRAÇA MAUÁ, 7. TELEPHONES: Mesa de ligações internas 23-1910. Secção de informações 23-1556. Carioca-reporter 23-4090

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 22 de Maio de 1936

Macumba em pleno centro!

O Caboclo das Sete Encruzilhadas invocado a cem passos da avenida Rio Branco -- Cerca de quatrocentas pessoas adorando Roxossi, Ogum e Xangô -- Turistas estrangeiros convidados a se submetterem aos «passes» -- Assovios, trejeitos, batuques



A casa onde o Caboclo das Sete Encruzilhadas é invocado pelos "crentes"

Que a macumba se tenha alastrado pelos morros e rincões afastados da cidade, onde habita gente inculta, é facilmente comprehensivel. Mas o que parece extraordinario é que em pleno centro urbano, a cem passos da avenida Rio Branco, perante assistencias enormes entre as quaes se contam creanças, senhoras e turistas estrangeiros, se celebrem sessões de macumba e baixo espiritismo.

O "CENTRO"

E' na rua de São Pedro, 133, sobrado, cuja fachada se vê na photographia. Num vasto salão, de paredes ornamentadas com ramos sylvestres presos por fitas vermelhas, alinham-se cerca de quarenta bancos de madeira, toscamente acabados. No fundo da sala ha uma especie de nicho, onde se ergue uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Na parede semi-cylindrica do nicho destaca-se uma cruz, num céo escandalosamente roxo. Em baixo, sobre um circulo preto, uma estrella de prata. No centro da estrella uma cruz pequenina. Aqui e acolá arabescos indecifraveis, symbolos mysteriosos... Sobre a bandeira de uma das janellas, num fundo azul, um coração branco, atravessado por uma flecha. Luzes electricas, symetricamente dispostas, dão ao conjunto um vago aspecto de altar catholico.

Macumba em pleno centro!

PREPARATIVOS...

Eram vinte horas. O reporter, que logo deparou ali alguns estrangeiros, toma logar num dos bancos destinados aos homens. Começam a chegar os frequentadores. Na maioria, mulheres. Pretas retintas, mulatas, brancas, algumas bem vestidas. Um negro velho, de bigodes immensos e retorcidos, olhos injectados de sangue, mas de apparencia tranquilla, parece concentrado numa fervorosa prece, tal a sua immobilidade.

Typos de rua marcados pelo soffrimento, algumas faces verdadeiramente angustiadas. Havia tambem individuos de aspecto distincto, que eram tratados com deferencias e palmadinhas nos hombros, pelos directores da reunião. A sala em pouco regorgita. Todos se comprimem nos bancos estreitos. O calor augmenta. No minimo quatrocentas pessoas estão encerradas entre aquellas quatro paredes. Chega o "medium", um cidadão magrinho, de temperamento nervoso, amanceirado, que distribue mesuras e sorrisos a todos, especialmente ás mulheres. Não ha mais logar e elle, geitosamente, vae arranjando "uma pontinha de banco" para as retardatarias.

— Vocês ahi apertem um pouquinho. Olhem que no céo as almas estão em canceiras...

E, assim, acommoda, mais ou menos, toda a freguezia.

Em seguida, dirige-se á extremidade da sala e toma logar na mesa ahi existente. São hermeticamente fechadas todas as portas e janellas. Até a entrada da escada é meticulosamente coberta com um panno vermelho.

Após uma oração esdruxula, em que são invocados, ao mesmo tempo, os nomes de Jesus, de Nossa Senhora, de Ogum e do Caboclo das Sete Encruzilhadas, "protector" da reunião, o "medium" convida as pessoas presentes que possuam propriedades mediumnicas e que enham boa vontade, a coadjuvarem-no nos trabalhos. Approximam-se algumas pretas, outras mulheres, que, logo á primeira impressão, demonstram o hysterismo que as domina, e alguns homens de apparencia algo equivoca:

A SESSÃO

Vae começar a sessão. O "medium" pede silencio, e, a um gesto seu, ha uma brusca mudança de luzes. Começa o cantico lugubre, invocando o "Caboclo das Sete Encruzilhadas":

Chegou — ó ó ó
O Caboclo das S-e-t-e E-n-c-r-u-z-i-l-(l-a-d-a-s...

Os mediuns começam a entrar em "transe". Approximam-se os que desejam receber "passes". O ambiente é dominado por uma intensa emoção. Os estrangeiros estão super-excitados. O canto monotono e envolvente que fluctua no ar parado da sala, enerva e deprime.

A voz do medium, cavernosa e lugubre, parecendo filtrar-se através de um bambual agitado pelo vento, domina o côro:

Salve o Caboclo das mattas
Salve o Caboclo costeiro
Que ronda á beira das praias
E' filho lá do coqueiro.

Ás mulheres vão sendo "descarregadas" pelos mediuns. Algumas estorcem-se em crises de hysterismo, arrepellam-se, gritam, choram, desmaiam mesmo. Todo o mundo súa, é grande a tensão de nervos, os estrangeiros parecem cada vez mais inquietos. Um delles arrisca um commentario ao ouvido do companheiro. Mas a voz grosseira de uma especie de vigia collocado no meio da sala logo investe:

— Não se póde falar. Calem, façam o favor...

A ladainha, cada vez mais arrastada e enervante, prosegue:

Ô que penacho é aquelle?
E' o penacho de Irajá
Vou buscar minha phalange
Para me descarregar...

Elle é caboclo
Na terra de Jurema
Apanha pemba, risca ponto
Filho de Umbanda
Vem trabalhá...

.....

Caboclo saracutinga
Bebe agua no coité
Tira côco na Jurema
Atira a flexa sem pena

Eu vim da matta
Sou da tribu do Cajá
Vou buscar minha phalange
Para me descarregar...

Eu só tinha sete mezes
A minha mãe me deixou
Salve o nome de Roxóssi
Que Tupi ereou.

Em meio da assistencia algumas meninas são accommettidas de crises nervosas. Logo se approxima um medium que, com caricias e pancadinhas na testa, condul-as ao centro da sala, onde são submettidas ao tratamento pelos "passes". A confusão attinge ao auge. Algumas pretas, attingidas por "espiritos máos", fungam, arquejam, num espectaculo verdadeiramente animalesco.

Percorrida toda a parte da sala reservada ás mulheres pelos "passes" dos "inspirados", chega a vez dos homens. São quasi todos os que se submettem aos trejeitos do rito. Alguns conservam a calma deante dos mediuns que tremem da cabeça aos pés. Muitos, porém, dão mostras de completo descontrole nervoso. Houve um então, com typo nitidamente portuguez, que excedeu-se em contorsões e esbravejamentos. Assoviou, traçou no ar circulos mysteriosos, sorriu eternamente, beatificamente, bateu com os pés no assoalho e só a muito custo, depois de pronunciadas em lingua estranha, que tanto podia ser guarany como qualquer dialecto africano, é que retornou á calma, suado, afogueado, exhausto.

Dois estrangeiros presentes que tinham tentado erguer-se do banco no intuito de ver melhor, foram rudemente advertidos de que "aquillo não era cinema". Finalmente, depois de attendidos todos os que desejavam receber "fluidos bneficos", o medium-chefe, após um momento de grande exaltação, durante o qual perpassavam-lhe pela testa algumas melenas de compridos cabellos, numa dansa por egual comica e macabra, fez as invocações finaes a Ogum, "que contempla a todos nós do lado da sua rocha"; a Xangó, "cujo corpo está todo coberto de flexas", e ao "Caboclo das Sete Encruzilhadas, nosso guia e protector".

Ahi está, em rapidos traços, uma impressão global, momentanea, de uma "humilde reunião de caridade", como espirituosamente denominou aquelle pandemonio, o "pae de santo", chefe da Mesa e porta-voz do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

E' innegavel a forte dóse de suggestão que emana do espectaculo.

Considere-se ainda que a maioria da assistencia é composta de mulheres do povo, de baixo nivel intellectual, e de homens doentes ou fracassados na vida, temperamentos facilmente impressionaveis. Ter-se-á assim explicação para a religiosidade com que muitos ingenuos veneram aquelle rito que, segundo nos explicou um velho assistente, é a famosa "Linha de Umbanda".

Mas, para quem assiste o espectaculo com a serenidade bastante para conservar lucidos o sentido da observação e o senso da critica, não podem passar despercebidos certos detalhes que, concatenados, permittem fazer cair o véo brilhante e talvez poetico (vá lá) das scenas, pondo a nú uma das mais torpes explorações que possam ser levadas a effeito contra a boa fé da gente simples.

Dona Zélia de Moraes Lacerda (filha de Zélio de Moraes) declarou em 1990 que, além do trabalho nas Sessões de Caridade, Zélio de Moraes dava muitas consultas através da psicografia.

A partir do momento que a direção da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade é transferida para as filhas do médium (Zélia e Zilméia de Moraes) Zélio parte para um "exílio" voluntário na região serrana do Rio de Janeiro, no Município de Cachoeiras de Macacú, numa pequena localidade privilegiada pela Natureza, chamada Boca do Mato, continuando os trabalhos espirituais na Cabana do Pai Antônio, vindo há falecer alguns anos depois.

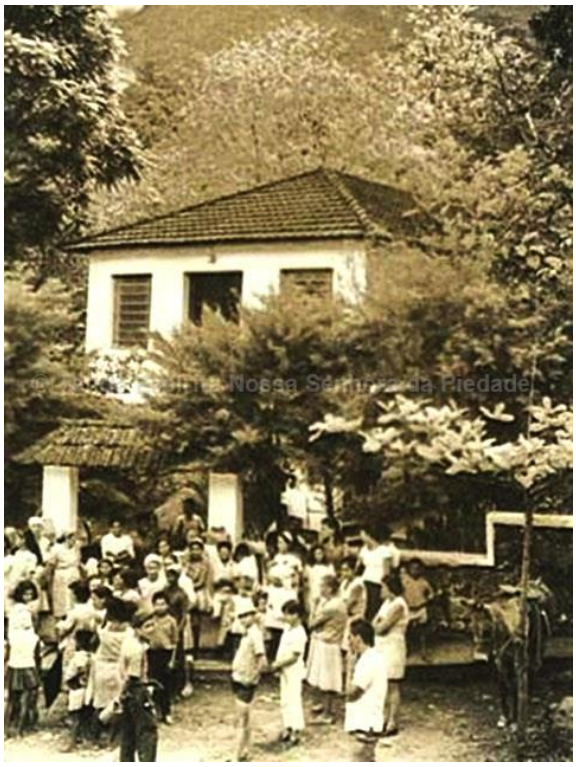


Zélia de Moraes Lacerda (1912 – 2000)



Zilméia de Moraes Cunha (1914 – 2010)

A Tenda Nossa Senhora da Piedade funcionava normalmente com sessões as segundas, quartas e sextas-feiras, dirigidas por Dona Zélia e Dona Zilméia, filhas de Zélio de Moraes. Atualmente, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade funciona na Cabana de Pai Antônio, em Cachoeira de Macacú, com trabalho realizado 01 vez por mês, dirigido pela filha da Srª Zilméia, Srª. Lygia Cunha. Nesse recanto maravilhoso da Natureza, Zélio de Moraes viveu os últimos dias de sua existência física.





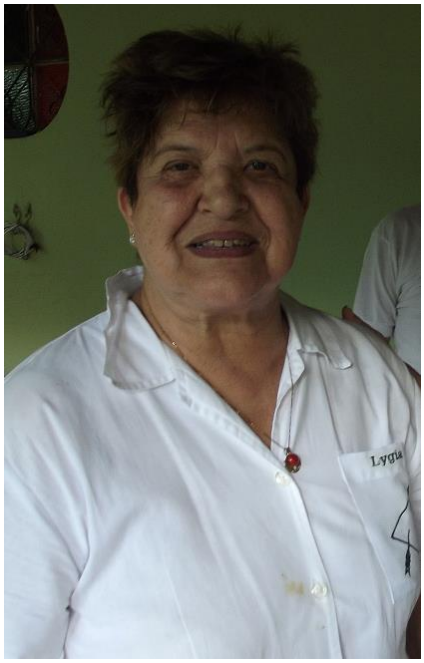
Fotos da Cabana de Pai Antônio em época de Zélio de Moraes.



Cabana de Pai Antônio atualmente

Neste espaço Umbandista, Zélio Fernandino de Moraes dava segmento aos trabalhos caritativos, através do Preto Velho Pai Antônio. Localiza-se em Boca do Mato, Distrito de Cachoeiras de Macacú – RJ.





A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e dona Lygia Cunha (1936), neta de Zélio de Moraes, atual dirigente

A CRIAÇÃO DAS SETE TENDAS DE UMBANDA

Na continuidade deste memorável relato, com o passar dos dez anos da fundação da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em 1918, o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, claro, através do seu médium Zélio de Moraes, declara que iria se iniciar a segunda parte da sua missão, que seria a criação das sete Tendas consideradas os núcleos onde se propagaria a Religião de Umbanda. A partir de alguns componentes da própria Tenda matriz dirigida pelo Caboclo, foram designados os indivíduos que iriam fundar as demais Tendas umbandistas. Estes recebiam orientações, esclarecimentos e exortações, nas reuniões de quintas-feiras, de como deveriam formar as novas Tendas, em termos doutrinários, de preparação dos corpos mediúnicos, da organização dos estatutos, da administração e dos procedimentos ritualísticos e litúrgicos.

Vamos a alguns relatos do Sr. Antônio Eliezer Leal de Souza, em época:

AS TENDAS DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

O Caboclo das Sete Encruzilhadas fundou e dirige quatro Tendas: - de Nossa Senhora da Piedade, a matriz, em Neves, subúrbio de Niterói encravado no município de São Gonçalo e as de Nossa Senhora da Conceição, São Pedro e de Nossa Senhora da Guia, na Capital Federal, além de outras no interior do Estado do Rio.

O processo de fundação dessas Tendas foi o seguinte: - O Caboclo das Sete Encruzilhadas, que é vulgarmente denominado o “Chefe”, quer pelos seus auxiliares da Terra, quer pelos do espaço, escolheu, para seu médium, o filho de um espírita e, por intermédio dos dois, agremiou os elementos necessário à constituição da Tenda de Nossa Senhora da Piedade.

Dez ou doze anos depois, com contingentes dessa Tenda, incumbiu a Sra. Gabriela Dionysio Soares de fundar, com o Caboclo Sapoéba, a de Nossa Senhora da Conceição e quando a nova instituição começou a funcionar normalmente, encarregou o Dr. José Meirelles, antigo agente da municipalidade carioca e deputado do Distrito Federal, e os Espíritos de Pai Francisco e Pai Jobá, com o auxílio das duas existentes, da criação da Tenda de São Pedro. Mais tarde, ainda com o Dr. José Meirelles e o Caboclo Jaguaribe receberam a incumbência de organizar, com os egressos da Tenda do pescador, a de Nossa Senhora da Guia.

Cada uma dessas Tendas constitui uma sociedade civil, cabendo a sua responsabilidade legal e a espiritual, ao respectivo presidente que é nomeado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, independente de indicação ou sanção humana, e por ele transferido, suspenso, ou demitido livremente, bem como os médiuns que o “Chefe” designa e pode, se o entender, afastar de suas Tendas.

A organização espiritual é a seguinte: cada Tenda tem um Chefe de Terreiro, – presidente espiritual – um substituto imediato e vários eventuais, chamados estes, pela ordem de antiguidade na Tenda, e todos designados pelo Guia geral.

A Hierarquia, na ordem material, como na espiritual, é mantida com severidade. Cercam o Caboclo das Sete Encruzilhadas muitos Espíritos elevados que ele distribui, conforme a circunstância, pelas diversas Tendas, mas esses Espíritos e mesmo os Orixás não diminuem nem assumem autoridade dos presidentes espiritual e material, e trabalham de acordo com eles. Os próprios enviados especiais mandados, de longe em longe, com mensagens dos chefes e padroeiros das Linhas, só as proferem depois do consentimento dos dois dirigentes. Até o “Chefe”, quando baixa e incorpora em qualquer das Tendas, não se investe na direção dos trabalhos, mantendo o prestigio de seus delegados.

Na primeira quinta-feira de cada mês celebra-se na Tenda Matriz, uma sessão privativa dos presidentes, e seus auxiliares, e médiuns dos chefes de Terreiro, e nessa assembleia o Caboclo das Sete Encruzilhadas faz as observações necessárias, louvando ou admoestando, sobre os serviços do mês anterior, e dá instruções para os trabalhos do mês corrente.

As Tendas realizam, isoladamente, sessões públicas de caridade, sessões de experiência, e as de descarga. As segundas se dividem em duas categorias: as que têm por objetivo a escolha e o desenvolvimento dos médiuns das diversas Linhas e a outra, facultativa, visando estudos de caráter científico. As sessões de descargas são consagradas à defesa dos médiuns.

Na segunda sexta-feira de cada mês, os presidentes, médiuns, e auxiliares de cada Tenda trabalham conjuntamente na matriz; no terceiro sábado, na de Nossa Senhora da Conceição e no quarto na de Nossa Senhora da Guia.

Anualmente, as três Tendas fazem um retiro de vinte e um dias, fora da cidade, com cerimônias diárias em suas sedes e nas residências de seus componentes. Há, mensalmente, uma vigília de vinte e quatro horas, em que se revezam os filhos das Tendas de Maria (nota do autor: Aqui, Leal de Souza de refere à Mãe Maria Santíssima). Efetuam-se em certas circunstâncias, atos idênticos, as mesmas horas, nessas três Tendas. Celebram-se, ainda, outras reuniões, internas ou externas, inclusive as festivas.

Em nenhuma Tenda é lícito realizar qualquer trabalho sem a autorização expressa do "Chefe", e nenhum presidente pode submeter ao seu julgamento pedido que não se inspire na defesa e no beneficio do próximo.

Para o serviço de suas Tendas, o Caboclo das Sete Encruzilhadas tem as suas ordens Orixás e Falanges de todas as Linhas, incluída na de Ogum, a falange marítima do Oriente.

E bastam essas anotações para que se compreenda o que é uma organização da Linha Branca de Umbanda e Demanda, concebida no espaço e executada na Terra.

(Trecho extraído do livro: "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – de Leal de Souza – 1933)

A TENDA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Sobe a presidência do Sr. Zélio Moraes, médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas, erigida em sítio tranquilo, entre árvores, a Tenda Nossa Senhora da Piedade é a casa humilde dos milagres.

Atacada de moléstia fatal, a filha de um comerciante de Niterói, agonizava sofrendo, e como a ciência humana se declarasse impotente para socorrê-la, seu pai, em desespero delirante, numa tentativa extrema, suplicou auxílio à modesta Tenda das Neves.

Responderam-lhe que só à noite, na sessão, o Guia poderia tomar conhecimento do caso. Regressando ao lar, o desconsolado pai encontrou a filha morta e, depois de fazer constatar o óbito pelo médico, mando tratar o enterro.

No entanto, à noite, na Tenda de Nossa Senhora da Piedade, aberta a sessão, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestando-se, disse aos seus auxiliares da Terra, ainda desconhecedores o desenlace da doença, que se concentrassem, sem quebra da corrente, e o esperassem, pois ia para o espaço, com suas Falanges, socorrer a enferma que lhes pedira socorro.

Duas horas depois voltou, achando aqueles companheiros exaustos, do longo esforço mental. Explicou-lhes, então, na pureza da sua realidade, a situação, e mandou-os que fossem em nome de Jesus, retirar a morta da mesa mortuária, e comunicar-lhe que a misericórdia de Deus, para atestar os benefícios do espiritismo, permitia-lhe viver, enquanto não negasse o favor de sua ressurreição.

Confiante em seu chefe, os humildes trabalhadores da Tenda da Piedade cumpriram as ordens recebidas, e a moça não só ficou viva, como curada. O médico, que lhe tratou da moléstia, e que lhe constatou o óbito observou-a, por algum tempo, até desistir de penetrar o misterioso de seu caso, classificando-o na ordem sobrenatural dos milagres.

Meses depois, a mesa do almoço, conversando, a ressurreta contestou com firmeza, negando-a, a ação espiritual que lhe restituir a vida material, porém nessa ocasião adoeceu de uma indigestão, falecendo em menos de vinte e quatro horas.

Uma associação de grande autoridade no espiritismo, ao ter conhecimentos desses fatos, resolveu apurá-los com severidade, para desmenti-los ou confirmá-los sem sombra de dúvida e, num inquérito rigoroso, com auxílio das autoridades do Estado do Rio de Janeiro, estabeleceu a plena veracidade deles, publicando, no órgão de Federação Espírita a sua documentação.

A média mensal das curas de obsedados que iriam para os hospícios como loucos, é de vinte e cinco doentes, na Tenda da Piedade.

Os Espíritos que baixam nesse recinto não procuram deslumbrar os seus consulentes com o assombro de manifestações portentosas, mas as produzem muitas vezes, que lhes exigem as circunstâncias.

Os auxiliares humanos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, na Tenda que é, por excelência, a sua Tenda, mesmo os que têm posição de revelo na sociedade, não se orgulham dos favores que lhes são conferidos e procuram, com doçura e humildade, merecer a graça de contribuir, como intermediários materiais, para a execução na Terra, dos desígnios do espaço.

(Trecho extraído do livro: "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – de Leal de Souza – 1933)

A TENDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Perguntaram ao presidente da Tenda de Nossa Senhora da Conceição: - *Acreditas em Nossa Senhora da Conceição?*

Para responder, ele interrogou: - *O amigo acredita na Virgem Maria, Mãe de Jesus?* - Acredito, afirmou o ironista. - Pois Nossa Senhora da Conceição é a Virgem, mães de Jesus. Se a Tenda corresponde a sua finalidade que importa o seu nome? Virgem Maria, ou Nossa Senhora da Conceição.

As prevenções contra a Igreja determinam investidas bravias contra o passado e a mutilação de grandes nomes históricos, reduzindo teólogos da estatura de Santo Agostinho e mártires do porte de São Sebastião, a vulgaridade anônima de Agostinho e Sebastião.

Ofuscam-se, desse modo, na evocação dessas gloriosas figuras, os seus máximos predicados, – os predicados que o catolicismo exaltou e os Centros Espíritas reconhecem, transformando esses iluminados em seus padroeiros e dirigentes espirituais.

A essa ríspida intolerância, prefiro o sábio exemplo de Allan Kardec, chamando São Luiz ao Espírito que mais o auxiliou na codificação do Espiritismo.

Se os magnos luzeiros do Espiritismo científico e os kardecistas podem invocar Jesus como o Redentor, o médium de Deus, o Salvador, e Nosso Senhor Jesus Cristo, por que não poderemos nós, os humildes, invocar a Virgem Maria, com a Rainha do Céu, ou Nossa Senhora da Conceição?

Quer a chamemos, como o Caboclo das Sete Encruzilhadas, Mãe das mães, ou, como na Federação Espírita, Nossa Mãe amantíssima. Virgem sem pecado, Maria Puríssima, ou como os católicos, Nossa Senhora, ou, como os filhos de Umbanda, Mãe Axum (Oxum) e Amanjár (Yemanjá), – Maria Imaculada é sempre a imaculada Maria, e pela diversidade dessas invocações não deixa de ouvir o clamor e a prece dos crentes.

Nossa Senhora da Conceição é uma variante invocativa do nome de Maria, mas na Linha Branca de Umbanda, conserva o sentido místico, ligando à Terra ao espaço.

Acredito, ainda, que Nossa Senhora da Conceição tenha representação visível no espaço, pois afirmam Espíritos que conosco trabalham, e se qualquer entidade, mesmo para espalhar o mal, pode-se revestir do aspecto que lhe convenha, é claro que Maria poderá assumir a aparência que deseje, ou produzir formações fluídicas necessárias ao consolo e a fé daqueles que a procuram no espaço, como o esplendor da maternidade realçada pela pulcritude (nota do autor: qualidade do que é pulcro; beleza, formosura) virginal.

As Falanges de Nossa Senhora da Conceição, ensinam os Espíritos, são as mais numerosas da Linha Branca de Umbanda e Demanda, pois sob essa invocação, que o resume na Linha, o culto de Maria possui o maior número de adeptos, e para atendê-los em suas súplicas, qualquer que seja o seu credo, essas legiões incontáveis descem e sobem, incessantemente, do espaço à Terra, e da Terra ao espaço.

Compreendem essas Falanges as entidades que viveram, na última encarnação, nas matas cortados pelos arroios ou rios, pelos Espíritos das regiões litorâneas, pelo povo do mar, pelos que foram, no mundo material devotados a Virgem Maria, e pelos que a esses se agregaram por afinidades.

A exigência da atenção devida aos invocadores de Maria é tão premente, e constante, que raras vezes os elementos de suas Falanges podem passar pela Tenda humílima de seu nome.

O Chefe do Terreiro dessa Tenda – presidente espiritual, – é o Caboclo Corta Vento, da linha de Oxalá; seu substituto imediato, e o Caboclo Acahyba, da Linha de Euxoce (Oxóssi), e eventuais Yara, da Linha de Ogum, Timbiry da Falange do Oriente, e o Caboclo da Lua da Linha de Xangô.

E pelo dever de assumir a responsabilidade social de minha investidura, acrescento que sou o presidente da Tenda de Nossa Senhora da Conceição, ou, mais modestamente, o delegado humano incumbido, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, de coordenar a ordem material necessária à execução dos trabalhos espirituais.

(Trecho extraído do livro: "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – de Leal de Souza – 1933)

A TENDA NOSSA SENHORA DA GUIA

A Tenda de Nossa Senhora da Guia, presidida pelo Sr. Durval Vaz, e esplendidamente instalada nesta capital, é uma instituição primorosa, preenchendo, de modo completo, os fins que, pelo prisma humano, inspiraram a sua fundação.
Possui, já desenvolvidos, revezando-se na intensidade brilhante de seus trabalhos, sessenta médiuns de todas as Linhas e prepara, nas experiências de desenvolvimento, sob a direção de Guias vigilantes, mais duzentos e trinta, oficialmente matriculados nos seus programas.

Com esses elementos, a Tenda Estrela do Oriente pode atender, como realmente atende, distribuindo socorros de todas as naturezas, aos necessitados de várias espécies, que solicitam amparo e auxílio aos Centros Espíritas de Caridade.

Só as suas sessões públicas das terças-feiras concorrem consulentes cuja média oscila entre trezentos e trezentos e cinquenta. Reduzindo-os ao mínimo de trezentos, e fazendo cálculo por meses de quatro semanas, ou terças-feiras, conclui-se que a Tenda de Nossa Senhora da Guia socorre, mensalmente, mil e duzentos necessitados, ou quatorze mil e quatrocentos por ano.

Além da sessão pública, realiza, também semanalmente, as duas sessões de experiências, para a escolha e desenvolvimento de médiuns, e outros estudos, as extraordinárias, ou especiais, impostas pelas circunstâncias, quando se tornam precisas, e as de descarga, em defesa de seus componentes.

Trabalham em seu Terreiro, como chefe presidente espiritual, o Caboclo Jaguaribe, como se imediato, o Caboclo Acahyba, e como substitutos eventuais, pela ordem de antiguidade na Tenta, Garnazan, o Caboclo Sete Cores, e mais Gira Mato e Bagi, todos pertencentes às grandes Falanges da Linha de Euxóce (Oxóssi). Possuem, ainda, esses trabalhadores tantos auxiliares quantos são os médiuns desenvolvidos.

O labor, nessa Tenda, é dos mais profícuos, e o número crescente das pessoas que procuram, cheias de confiança, o seu terreiro atesta, de modo eloquente, a eficiência espiritual de seus protetores e o generoso caráter dos seus dirigentes humanos.

Essa é a mais nova das Tendas do Caboclo das Sete Encruzilhadas, a sua última criação, e o seu advento ainda se liga ao nome do Dr. José Meirelles, já desencarnado, que foi, na Terra, o obreiro infatigável ao serviço daquele grande missionário.

(Trecho extraído do livro: "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda" – de Leal de Souza – 1933)

A data da fundação de cada Tenda não é precisa, e por isso optamos por não conjecturarmos quanto à data precisa da criação de cada uma. O início das fundações deu-se de 1918 a 1935. As Tendas foram assim distribuídas:

Tenda Espírita São Pedro (segundo Zélio de Moraes, a primeira Tenda fundada), primeiramente designada a Sra. Gabriela Dionysio Soares, médium do Caboclo Sapoéba, e, posteriormente, com José Meirelles Alves Moreira (falecido em 31 de Maio de 1928), agente da Prefeitura e Deputado Federal, médium de Pai Francisco" e "Pai Jobá. Em 1952 passou às mãos de Corina da Silva, médium do Pai Vicente, que veio primeiramente a se fixar na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, RJ: (? – 1952 – ?) e posteriormente num sobrado da Praça 15 de Novembro, Rio de Janeiro. Atualmente encontra-se na rua Visconde de Santa Isabel, nº. 39, Vila Isabel – Rio de Janeiro/RJ.



DEPUTADO JOSÉ MEIRELLES

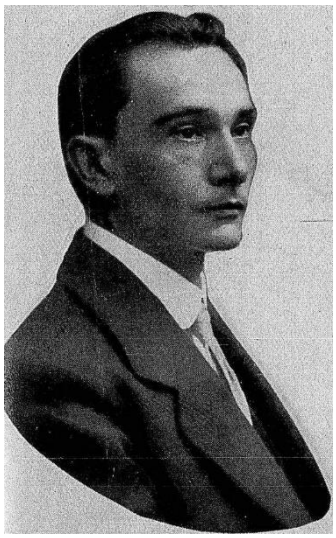
A NOITE — Sexta-feira, 31 de Maio de 192

Dr. José Meirelles — Sepultou-se hoje, no cemiterio de São João Baptista, com acompanhamento extraordinario, o Dr. José Meirelles Alves Moreira, que hontem falleceu, repentinamente, em sua residencia, á rua Maria Romana n. 20.

O Dr. José Meirelles foi deputado federal e era agente da Prefeitura, ha pouco aposentado, mas o que realmente dava realce a sua personalidade, tornando-o uma figura notavel, era o sentimento piedoso da bondade, que o transmudava em irmão dos humildes e dos desgraçados. Era um dos homens mais queridos desta capital e poucos, como elle, terão derramado tantos beneficios pelo mundo, em silencio, obscuramente.

Dedicando-se aos principios espiritas, o Dr. José Meirelles, que pertencia á famosa tenda de N. S. da Piedade, fundou, nesta capital, as de S. Pedro e de N. S. da Guia, consagradas á pratica da caridade. O extincto deixa viuva, 10 filhos e numerosos netos.

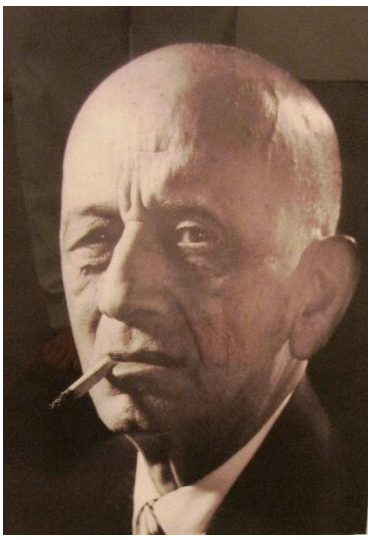
Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, a Leal de Souza, médium do Caboclo Corta Vento, que veio se fixar na Rua da Quitanda, nº 201, Rio de Janeiro?RJ.



Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, com Durval Vaz de Souza, médium do Caboclo Jaguaribe, que veio a se fixar na Rua Camerino, nº. 59, Rio de Janeiro/RJ.



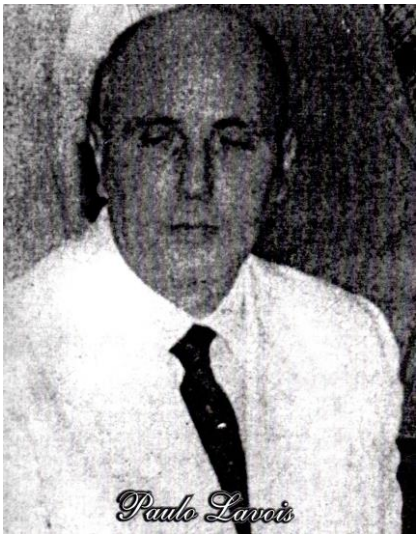
Tenda Espírita São Jerônimo, com José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa) médium do Caboclo da Lua, que veio a se fixar na Rua Visconde de Itaboraí, nº. 08, Rio de Janeiro/RJ.



Tenda Espírita São Jorge, com João Severino Ramos (Suboficial Enfermeiro), médium de Ogum Timbiri, do Caboclo Teimoso de Aruanda, de Seu Baiano e Pai Felipe, que veio a se fixar na Rua Dom Gerardo, nº. 45, Rio de Janeiro. Atualmente encontra-se na Rua Senador Nabuco, nº. 122, Vila Isabel, Rio de Janeiro/RJ.



Tenda Espírita Oxalá, com Dr. Paulo Lavois (médico), médium de Pai Serafim, que veio a se fixar na atual Avenida Presidente Vargas, 2567, Rio de Janeiro/RJ.



Tenda Espírita Santa Bárbara, com João Aguiar Salgado, que veio se fixar num sobrado, a Rua São Pedro, nº 133, Rio de Janeiro/RJ, onde, antes, funcionava a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.



(As fotos de Durval Vaz de Souza, Capitão Pessoa e Paulo Lavois, são do arquivo pessoal de Diamantino Trindade Fernandes. A foto de João Aguiar Salgado nos foi dada por um freqüentador da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em época de Zélio; atrás da foto estava escrito – Seu João, da Tenda Santa Bárbara; achamos ser o seu dirigente)

Apresentaremos uma reportagem de 1936, onde consta a calúnia e a perseguição efetuada sobre a Tenda Espírita Santa Bárbara:



Diario de Noticias

SEGUNDA SECÇÃO Quinta-feira, 28 de Maio de 1936

O presidente da Tenda Espi-
rita Santa Barbara compa-
receu á 1.ª delegacia auxiliar

Naquelle centro não se pratica a falsa medicina, nem se realizam sessões de "macumba"

Demostrando a falta de fundamento de uma reportagem vespertina focalizando a Tenda Espirita Santa Barbara, com séde á rua São Pedro n.º 133, o seu presidente, expontaneamente, procurou o dr. Democrito de Almeida, 1.º delegado auxiliar, a quem provou estar aquelle centro de caridade, devidamente licenciado e funccionando dentro das normas que justificam a sua existencia.

Na Tenda Espirita Santa Barbara, affirmou o seu presidente, não se pratica a falsa medicina nem se realizam sessões de "macumba", sendo a sua frequencia de gente educada e culta, que não acceitaria aquellas praticas

Ali, como ainda frizou o declarante, só são realizadas sessões de alto espiritismo, exercendo-se a caridade pelos meios que ella deve ser exercida e dando-se o necessario conforto espiritual aos que delle carecerem.

Para tratar dos associados enfermos, a Tenda mantém um medico de reputação e competencia firmadas, sendo portanto infundada a allegação da falsa medicina.

Essas declarações foram prestadas ao 1º delegado, estando presente o commissario Lyrio Junior, chefe da secção de Toxicos e Mystificações daquella delegacia.

Essas autoridades resolveram apurar o caso, permittindo que o centro continue com a sua vida normalizada.

A partir de 1918, quando do início da fundação das sete Tendas do Caboclo das Sete Encruzilhadas, surge mais um Terreiro, a Tenda Espírita Mirim em 1924.
Em 1920 no Rio de Janeiro, o médium kardecista Benjamin Gonçalves Figueiredo (26/12/1902 - 03/12/1986), teve a primeira manifestação de uma Entidade que identificou-se como Caboclo Mirim, que vinha com a finalidade de criar um novo núcleo de crescimento para a Umbanda. Assim, toda a família do médium foi chamada a participar.



Eram ao todo 12 pessoas que deram início em 1924 ao que foi chamada a Seara de Mirim. Após 18 anos, em 1942, foi fundada a Tenda Espírita Mirim, à rua Sotero dos Reis, 101, Praça da Bandeira; mudou-se, posteriormente, para a rua São Pedro e depois para a sua magestosa sede propria, na antiga Rua Ceará, hoje Avenida Marechal Rondon, 597, bairro de São Francisco Xavier, nas proximidades do Maracanã. Em sua nova sede e durante alguns anos, a Tenda Espírita Mirim chegou a registrar diariamente, uma frequencia de 3.000 assistentes. E o que é mais notável é que tal número de frequentadores eram atendidos em apenas 2 horas de trabalho, tal quantidade de médiuns passistas e de descarga, para atender a tão grande multidão.

Mas, onde o médium Benjamim Gonçalves Figueiredo havia se iniciado como umbandista? Encontramos uma importante informação postada no – *http://registrosdeumbanda.wordpress,* num arquivo de áudio/cassete contendo a entrevista de Jota Alves de Oliveira com Zélio Fernandino de Moraes, na década de 1970, contendo diversos assuntos muito pertinentes à história da Umbanda, dando-nos a visão e o depoimento do médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas sobre a história da religião. Vamos a um trecho do interesse deste artigo:

SOBRE A DESCENDÊNCIA DA TENDA ESPÍRITA MIRIM E O SEU FUNDADOR BENJAMIM GONÇALVES FIGUEIREDO (DESCENDE DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE)

A ligação entre Zélio de Moraes e Benjamim Gonçalves Figueiredo

No áudio, ouvimos Zélio contar que Benjamim passou a frequentar a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade para que o desenvolvesse na Umbanda; em uma dessas ocasiões, o Orixá Mallet, incorporado em Zélio, pegou Benjamim e, após carregá-lo nas costas por meio quilômetro, o atirou no mar, tendo, logo após o fato, dito que Benjamim já estava pronto pra começar a trabalhar com a Umbanda. Infelizmente, na fita não há o período em que isso teria ocorrido, mas se olharmos a história da Tenda Espírita Mirim, podemos supor quando isso ocorreu. No antigo site da Tenda Espírita Mirim, que reproduzimos parcialmente abaixo, lemos que:

"O Kardecismo veio para o Brasil através da família Figueiredo. Em 1920, esta família realizava sessões de Kardec na Rua Henrique Dias nº. 26, na Estação do Rocha, Rio de Janeiro. No dia 12 de Março de 1920, o médium Benjamim Gonçalves Figueiredo, teve a primazia de incorporar, pela primeira vez, o Caboclo Mirim, grande Mestre que veio para nos ensinar a Escola da Vida, que poucos conheciam na época. Após a sua chegada, O Caboclo Mirim anunciou que aquela seria a última sessão de Kardec e que as próximas Sessões passariam a ser de Umbanda. Em uma de suas mensagens ele disse que a partir daquele momento a Tenda Espírita Mirim seria reconhecida mundialmente e advertia que a mesma seria uma organização única no gênero em todo o Brasil, cujo método seria adotado por outras Tendas, até mesmo em outros Estados da Federação, o que, mais tarde, teríamos a oportunidade de comprovar. O Caboclo Mirim, Espírito missionário, preparou a antena receptiva daquele que seria o intermediário do seu programa, de suas ordens e de suas mensagens, ou seja, o seu médium, que preservaria a sua missão e que cumpriria, religiosamente, a sua tarefa. Uma família inteira é convocada para preparar a Tenda Espírita Mirim, para nela, firmar os postulados da nova organização. Os chamados ou escolhidos foram: José Nunes de Figueiredo Filho, Judith Gonçalves Figueiredo, Benjamim Gonçalves Figueiredo, Eugênia Gonçalves Figueiredo, Hercílio Latino Gonçalves, Abgail Maria Gonçalves, Davi Latino Gonçalves, Benjamim Franklin Gonçalves, José Fróes e João da Mota Mesquita Filho. Foram 12 como os apóstolos de Jesus! Coincidências! Aos 13 dias do mês de Março do ano de 1924 considerou-se fundada a Tenda Espírita Mirim, por ordem do Caboclo Mirim, através do seu jovem médium, Benjamim Gonçalves Figueiredo".

(Fonte: "Tenda Espírita Mirim". Apresentação. Disponível em <http://www.tendaespiritamirim.com.br>. Acesso em 03 setembro de 2007)

Perceberam que entre a ordem do Caboclo Mirim e a fundação da Tenda Espírita Mirim existe um período de exatos 4 anos? Perceberam, também, que antes da ordem do Caboclo Mirim, a família de Benjamim não trabalhava com Umbanda, apenas com kardecismo? Ora, se:

1º) Benjamim e sua família desconheciam a Umbanda em 1920;

2º) Só iniciaram as atividades da Tenda Espírita Mirim (Tenda de Umbanda e não de kardecismo) em 1924;

3º) Zélio nos conta que Benjamim frequentou a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade para aprender com ele sobre a Umbanda, tendo sido batizado no mar por Orixá Mallet e considerado, então, pronto a trabalhar com a Umbanda;

4º) Pelas regras da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, em seu regimento interno, é Orixá Mallet quem autorizava ou não a matrícula de pessoas como membros da Tenda, bem como considerava

àquelas que achava desenvolvidas a dar passes, consultas, auxiliar trabalhos de desenvolvimento mediúnico e outros que se realizavam na Tenda.

Podemos supor que nesses 4 anos, entre 1920 e 1924, Benjamim foi membro da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, com autorização de Orixá Mallet, tendo sido desenvolvido e considerado pronto por esta entidade a começar a trabalhar com a Umbanda e, só depois disso, é que Benjamim teria fundado a Tenda Espírita Mirim, junto de seus familiares.

Ou seja, embora Renato Ortiz tenha escrito que: *"(…) a Umbanda se desenvolve paralelamente em diferentes Estados sem que exista, pelo menos de maneira comprovada, uma relação de influências entre os diversos Terreiros. Em meados dos anos 20, existe em Niterói a Tenda de Zélio de Moraes; no Rio de Janeiro a de Benjamim Figueiredo, e Porto Alegre a de Otacílio Charão."* (Fonte: Breve nota sobre a Umbanda e suas origens. In: Religião e Sociedade. p. 134-137. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.)

E outros pesquisadores tenham se baseado nele quando escreveram sobre o início da Umbanda, podemos afirmar comprovado pelo áudio em questão, que há, sim, uma relação da Tenda Espírita Mirim com a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, uma vez que a Tenda Espírita Mirim pode ser considerada mais uma Tenda de Umbanda descendente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Talvez, a Tenda Espírita Mirim seja a segunda Tenda descendente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, mas não podemos afirmar isso por enquanto, pois ainda não conseguimos descobrir a data de fundação da Tenda Espírita São Pedro (só sabemos que foi anterior a 04 de março de 1927).

Resta, agora, descobrirmos se Otacílio Charão, antes de embarcar para a África, em 1916, frequentava a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade ou alguma casa de Macumba carioca.

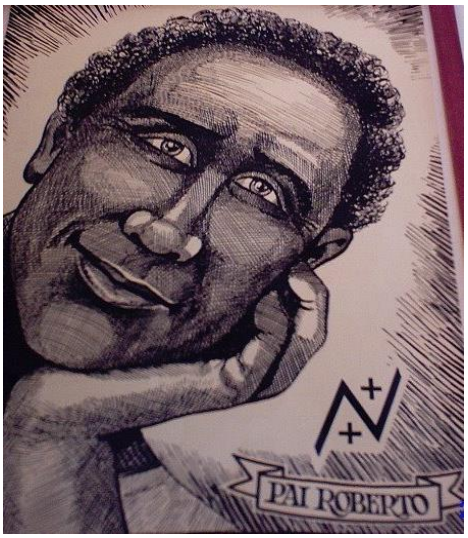
Se frequentava a primeira, então teríamos que o Centro Espírita Reino de São Jorge, fundado em Rio Grande/RS, em 1926, é outra Tenda descendente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, mostrando uma relação entre as primeiras Tendas de Umbanda e a antiguidade da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade sobre todas as demais.

Outro apontamento do Sr. Renato Guimarães:

O que é interessante neste segundo endereço (Rua Theóphilo Ottoni nº 90 sobrado, Centro, Rio de Janeiro, RJ: antes de 07/06/1940 – ?) que serviu de sede da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, é que ele fica a exatos 580 metros da praia da atual Praça Mauá e a exatos 430 metros da praia do atual 1º Distrito Naval.

Ai, vocês, leitores, devem estar se perguntando: e daí? Bom, se vocês ouvirem de novo a fita da postagem "A ligação de Zélio de Moraes e Benjamim Figueiredo", a partir dos 17 minutos, vocês ouvirão Zélio falar que Benjamim começou a freqüentar a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, quando ela, (T.E.N.S.P.), tinha mudado sua sede para a cidade do Rio de Janeiro e que Orixá Mallet carregou Benjamim nas costas, por meio quilômetro, ou 500 metros, até a praia. Entenderam agora?
Existe uma grande probabilidade de Benjamim ter frequentado a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade na época que ela tinha como sede um imóvel no centro da cidade do Rio de Janeiro e não na época que ela funcionava na casa onde Zélio vivia com seus pais. Resta, agora, descobrirmos quando houve a mudança da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade para aquele segundo endereço.

O Guia Espiritual Pai Roberto e Benjamim Figueiredo



Pela fita, ouvimos que a entidade Pai Roberto trabalhava com um médium do bairro de Alcântara, São Gonçalo/RJ, antes de passar a trabalhar com Benjamim Figueiredo. Ainda, segundo a fita, quando houve a visita de Benjamim ao Terreiro do citado médium, a entidade Pai Roberto, incorporado, disse a Benjamim que ele abandonaria o cavalo (médium) dele e ai passar a trabalhar através da mediunidade do Benjamim, abandonando o médium anterior e os trabalhos de feitiçaria que fazia através dele. Creio, com essas considerações, conseguiremos mostrar a você, leitor, a importância do áudio. Hoje, pouquíssimos Terreiros formados pelo Caboclo Mirim, e mesmo seus descendentes, guardam e praticam na totalidade o que foi orientado pelo seu iniciador.

*********//*********

Cremos que a Tenda Espírita Mirim não fez parte das sete Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas pelo fato de que o Sr. Benjamim juntamente com o Caboclo Mirim criou uma ritualística própria, distanciando-se em alguns aspectos, das "Linhas Mestras" instituídas pelo fundador da Umbanda; também ao fato de que toda a família de Benjamim já possuía um Centro Espírita, que após as orientações do Caboclo das Sete Encruzilhadas transformou-se em Tenda de Umbanda. Na Tenda Mirim não se usava velas, nem se adotavam os colares presos ao pescoço, dito guias. Não se fazia uso de Pemba, nem pólvora, nem ponteiros (tudo isso é de uso intenso do Caboclo das Sete Encruzilhadas). O elemento material que o Caboclo ou Preto-Velho usa é charuto e o cachimbo, nada mais. Embora o Caboclo Mirim aboliu muitas das práticas utilizadas pela então Macumba reinante, contrariando as orientações do Caboclo das Sete Encruzilhadas, absorveu o uso dos tambores em seus rituais festivos.

No período seguinte, ainda surgiram várias Tenda umbandistas, como:

- Grupo Espírita Reino de São Jorge, Rio Grande/RS, em 1926;
- Tenda de Pai Benedito, Vila Mariana – São PauloSP, em 1927;
- Grupo Espírita Humildes de Jesus, em 12 de dezembro de 1928;
- Congregação dos Franciscanos Espíritas de Umbanda, Centro – Porto Alegre/RS, em 1932;
- Centro Espírita de Caridade Jesus, Rio de Janeiro/RJ, em 1932;
- Centro Espírita Caridade de Jesus, em Vila Isabel – Rio de Janeiro/RJ, em 1932;
- Tenda de Umbanda Nossa Senhora Aparecida, Ponte Pequena, São Paulo/SP, em 1934;
- Centro Espírita Caminheiros da Verdade, Engenho de Dentro, Rio de Janeiro/RJ, em 1936;
- Casa de Caridade Pai Matheus, Bairro Penha – São Paulo/SP, em 21 de setembro de 1937. Ainda em funcionamento, atualmente, como: "Templo da Estrela Azul – Casa de Caridade Umbandista", em São Caetano do Sul/SP);
- Cabana Pai Joaquim de Luanda, Méier – Rio de Janeiro/RJ, em 28 de julho de 1937;
- Cabana Espírita Senhor do Bonfim, em 6 de setembro de 1939. Ainda em funcionamento na Rua Sales Guimarães, nº. 67 – Engenho Dentro – Rio de Janeiro, RJ
- Tenda Espírita Fé e Humildade, em setembro de 1941;
- Tenda Espírita Humildade e Caridade, em setembro de 1941;
- Cabana Pai Thomé do Senhor do Bonfim, em setembro de 1941;
- Centro Espírita Religioso São João Batista, em setembro de 1941; e muitas outras.

As Tendas, que foram fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas gradativa e sucessivamente, deveriam realizar determinadas Sessões de Caridade, de experiência e as de descarga. Seriam respectivamente momentos de socorro espiritual às diversas necessidades humanas, de aprimoramento mediúnico, de estudos científicos e doutrinários, e de limpeza densa, que se caracterizavam em descarregar as más influências, os miasmas negativos, as desobsessões, defendendo o ambiente, o corpo mediúnico e a assistência em geral. Não seria lícita a realização de *"qualquer trabalho sem a autorização expressa do Caboclo das Sete Encruzilhadas"*, dizia o cronista Leal de Souza.

Leal de Souza, ainda relatando que: *"para o serviço de suas Tendas, o "Chefe", tem as suas ordens Orixás e Falanges de todas as Linhas, incluída, na de Ogum, a Falange marítima do Oriente. Bastando essas anotações*

para que se compreenda o que é uma organização da Linha Branca de Umbanda e Demanda, concebida no espaço e executada na Terra".

Além das reuniões promovidas às quintas-feiras, na segunda sexta-feira de cada mês, todos os componentes das respectivas Tendas fundadas, trabalhavam juntos na Tenda matriz, sendo que em alguns momentos havia rodízios entre os diversos agrupamentos umbandistas. Todo o ano era realizado um retiro de vinte e um dias, fora da capital, ocorrendo várias cerimônias em todas as sedes e nas residências dos dirigentes.

Mensalmente havia uma vigília de vinte e quatro horas, com revezamentos entre os diversos componentes das Tendas, celebrando sessões festivas, de confraternização, de fortalecimento espiritual, como o ritual do "Amaci", ainda realizado na Tenda Nossa Senhora da Piedade, todo o dia 15 de novembro, considerado o Dia da Umbanda, se caracterizando um evento de profunda devoção umbandista, através dos banhos das ervas sagradas, devidamente colhidas, realizando a lavagem de cabeça, com o objetivo de fortalecer e manter adequadamente uma ligação vibracional com os Guias do astral.

Seguindo a tradição, é realizado uma cerimônia com as fitas correspondentes a cada Orixá das Sete Linhas de Umbanda sendo transadas em volta de uma garrafa de cerveja, firmando em conjunto uma firmeza engendrando o trabalho realizado.

No ritual do Amaci, o dirigente da Tenda se banha na mistura. Na continuidade, prosseguindo com os médiuns de graus mais elevados, passando a participar do banho com a mistura das ervas, os demais médiuns da casa. Este ritual é bastante conhecido e de grande difusão na Umbanda, sendo mantido este cerimonial deste a fundação da Tenda matriz, em 16 de novembro de 1908.

As atividades desenvolvidas nas sete Tendas procuravam seguir as orientações do "Chefe", como mencionado anteriormente, geralmente agrupando inúmeros adeptos, atendendo os necessitados do corpo e da alma, em inúmeras problemáticas evidenciadas, confortando, neutralizando obsessões, realizando possíveis curas das doenças, físicas, mentais e espirituais.

Algumas entidades se nomeiam quando no atendimento junto à assistência, nos trabalhos realizados nas sete Tendas, assim temos: O Caboclo Corta Vento, da Linha de Oxalá; o Caboclo Acahyba, da Linha de Oxóssi; o Caboclo Ogum Yara, da Linha de Ogum; o Caboclo da Lua, da Linha de Xangô, todos pertencentes a Tenda Nossa Senhora da Conceição. Como os da Tenda Nossa Senhora da Guia: O Caboclo Jaguaribe, o Caboclo Garnazan, o Caboclo Sete Cores, o Caboclo Gira Mato, o Caboclo Bagi, pertencentes à Linha de Oxóssi, direcionando os trabalhos através dos médiuns capacitados a este intento, de acordo com as orientações doutrinárias e diretrizes ritualísticas do "Caboclo das Sete Encruzilhadas".

Através de uma disciplina exigente, todas as ações contrárias às orientações doutrinárias preconizadas pela Linha Branca de Umbanda e Demanda para as Casas oriundas de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, são devidamente reparadas, de acordo com as regras estabelecidas, pois poderiam causar inúmeros danos ao ambiente espiritual, provocando o afastamento das "entidades da luz", prejudicando o conceito de integridade das Tendas umbandistas, que teriam que suportar determinadas penalidades, dentro da lei de causa e efeito, no cumprimento de um resgate pelas faltas cometidas, principalmente ligadas às deturpações das diretrizes ritualísticas padronizadas que norteavam as orientações estabelecidas.
Além das atividades doutrinárias, ritualísticas, de atendimento e de preparação mediúnica, existiam as celebrações, isto é, as festividades dos padroeiros e dos chefes das Linhas umbandistas, já citados, sendo realizadas alocuções, preces, orações, na transmissão de mensagens de autoestima, motivando as pessoas a suportarem as suas provações terrenas com perspectivas de superação humana. Só tinha um porém: Havia as chamadas em época de "festas", sempre religiosas, com louvação, mas, logo após, os trabalhos caritativos com atendimentos fraternos eram realizados.

Pai Antônio dizia: ***"Festa é fazer a caridade!"***. Compareciam a estas "festas" convidados eméritos, visitantes, irmãos de outras Tendas umbandistas, médiuns, dirigentes e chefes de Terreiro, em um ambiente acolhedor onde imperava uma alegria religiosa e devocional.

Eram compartilhados momentos de confraternização entre "encarnados" e "desencarnados", procurando ser mantido uma harmonia ambiental.

Uma das festas mais cogitadas nos meios umbandistas é o dia de São Cosme e São Damião, que são considerados os protetores das crianças, onde os médiuns incorporavam Espíritos de tenra infância, sendo necessária toda a atenção, como bem relata a Sra. Zilméia, que procura tratar todos os seres com um carinho fraternal, vigiando a atuação destas entidades na ligação sutil com os médiuns, porque dizem que quando se apossam destes, verifica-se uma mudança brusca de comportamento, ocorrendo ações infantilizadas, podendo haver indiscrições nos diálogos estabelecidos, sem escrúpulos socioculturais, expressando impulsivamente pensamentos inapropriados, fora das conveniências da sociedade vigente.

Contudo, percebe-se uma flexibilidade existente na filosofia umbandista, absorvendo valores culturais diferentes, porém considerados convergentes na capacidade de articular a síntese das diversas formas de religiosidade manifestadas.

O advento do "Caboclo das Sete Encruzilhadas" e a proposição do culto umbandista constitui um marco histórico na memória dos vários umbandistas espalhados pelo Brasil afora, como bem afirmou o Sr. Pedro Miranda em uma entrevista à Revista Espiritual de Umbanda, nº 4: *"Podemos dizer que a partir de Zélio, surgiu uma doutrina para a Umbanda. Já existiam manifestações em vários pontos da Cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, de médiuns que incorporavam Pretos-Velhos e Caboclos, mas não dentro daquele princípio filosófico trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Esse é um marco doutrinário importantíssimo. Quando ele diz, de forma bem específica, que a "Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade", é um marco histórico, é a doutrina, mas já existiam as manifestações. A mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas foi mais para que nós, médiuns, nos situássemos dentro daquela nova posição doutrinária"*.

Para que esta doutrina fosse estabelecida direcionaram-se algumas estratégias de institucionalização, sustentando a legitimação do culto de Umbanda, na reflexão de uma proposta passível de construção de uma religião brasileira, no amálgama dos mais variados valores das religiosidades aqui, no Brasil, vivenciados e influenciados pelas culturas europeia, africana, indígena, asiática, que articulados sincreticamente, incorporados, bricolados, emergiam na perspectiva da manifestação, no decorrer de um processo histórico, de uma identidade religiosa, como resultado da miscigenação dos diversos traços culturais evidenciados nas práticas umbandistas.

Sendo estas práticas delineadas através de uma doutrina preconizada nos moldes espíritas, pois davam uma certa base de cientificidade às manifestações das entidades do astral, descaracterizando as influências animistas fetichistas remanescentes dos cultos Banto, classificados pejorativamente como "macumba", baixo espiritismo, onde se reuniam pessoas de "baixo escalão", realizando inúmeros trabalhos de magia negra, no intuito de prejudicar alguém, sendo classificadas de "macumbeiras", "kimbandeiros", porém muitas vezes solicitadas pelas classes abastadas, na encomenda de feitiços de várias naturezas, sendo percebidos os valores e os preconceitos da época em questão.

A evangelização doutrinária presente na ritualística umbandista norteava a busca da sua legitimação e institucionalização na tentativa de superação dos rituais considerados primitivos, pois apesar da utilização de determinados elementos de outrora, dos respectivos cultos mencionados, estes teriam um fundamento explicado pela sua razão de ser, isto é, com base científica, enfatizando propostas evolucionistas e progressistas, com referência ao Kardecismo, que assim engendradas, dariam credibilidade, aceitabilidade e respeitabilidade aos pressupostos preconizados pelo culto de Umbanda, através do "Caboclo das Sete Encruzilhadas".

Com o decorrer dos anos, novas Tendas foram surgindo no Rio e em outros Estados, favorecendo a rápida expansão do Movimento Umbandista visando abarcar o maior número de pessoas no menor espaço de tempo possível.

Para encerrarmos este capítulo, queremos falar um pouco de uma pessoa que teve grande atividade dentro do Movimento Umbandista. Estamos nos referindo a José Álvares Pessoa, já citado anteriormente, como dirigente da Tenda de São Jerônimo.
Por volta de 1935, quando já estavam em funcionamento seis das sete Tendas mencionadas anteriormente, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, demorava-se na definição do fundador da Tenda de São Jerônimo. Dizia o Caboclo, que o dirigente adequado não havia aparecido. Numa noite de quinta-feira, durante uma reunião doutrinária, José Álvares Pessoa, kardecista e grande estudioso de todas as correntes espiritualistas, não dando muito crédito aos relatos que ouvira sobre os magníficos trabalhos espirituais realizados em Neves, resolveu ir pessoalmente a Tenda Nossa Senhora da Piedade.

Logo que chegou à porta da sala onde se reuniam os médiuns do Caboclo das Sete Encruzilhadas, esse interrompeu a palestra dizendo: *"Já podemos fundar a Tenda São Jerônimo. O seu dirigente acaba de chegar".*
O Capitão Pessoa, como era chamado, foi tomado de surpresa, pois era desconhecido naquele ambiente. Não havia anunciado a sua visita; apenas viera para comprovar os fatos que lhe haviam narrado. Após um breve diálogo, o Caboclo demonstrou conhecer a fundo o Capitão Pessoa que foi convencido a assumir a responsabilidade da fundação e direção da Tenda Espírita São Jerônimo. O Capitão Pessoa, até então, desconhecia o que era Umbanda, fato que podemos observar em sua entrevista a Leal de Souza e que está transcrita na página 439 do livro de Roger Bastide chamado *As Religiões Africanas no Brasil*.

Segundo o Capitão Pessoa, *"A fundação da Umbanda foi decidida em Niterói (Estado do Rio) há mais de trinta anos, em uma "Macumba" que ele visitava pela primeira vez. Até ali, ele fora um espírita kardecista. O pai-de-santo investiu-o dos poderes de presidente da Tenda de São Jerônimo, que devia funcionar na Capital, e lhe disse que importava organizar a Umbanda como religião".*

José Alvares Pessoa foi um atuante umbandista, e um dos responsáveis pela legalização da prática da Umbanda no Brasil. Em 1945, José Álvares Pessoa, juntamente com outros umbandistas obtiveram junto ao Congresso Nacional a legalização da prática da Religião de Umbanda.

Discurso pronunciado por José Álvares Pessoa na Tenda Espírita São Jerônimo (Rio de Janeiro, 30/09/1954)

A Umbanda caminha a passos largos para a realização de um ideal que acariciamos há longo tempo e que pequenina semente, plantada por um grupo de homens de fé e de boa vontade há mais de 40 anos, orientados e dirigidos pelos Espíritos de eleição que são o Caboclo das Sete Encruzilhadas e os seus abnegados companheiros. Nasceu e cresceu regada com o suor de tantas criaturas altruístas que vêm dando o melhor de sua vida por tão nobre causa, e hoje, qual mangueira frondosa, aconselha-nos à sua sombra acolhedora.

Este ideal que é a transformação de Umbanda na religião que dominará todo o território brasileiro, e daqui, com a graça de Deus, há de espalhar-se por este continente abençoado que é o continente do futuro, nós o veremos concretizado em obra imorredoura e, apesar dos tropeços que a cada momento ainda perturbam a nossa marcha, para a qual são inúteis os obstáculos, haveremos de vencer com galhardia, triunfando de todos os empecilhos que porventura ainda teremos de enfrentar.

Achamo-nos arregimentados como para uma batalha iminente e, escudados na nossa fé inquebrantável em Nosso Cristo Oxalá e amparados pelas inúmeras hostes de Espíritos benfazejos que almejam ver implantadas nesta Terra uma religião isenta do interesse vil das coisas materiais, nada tememos, porque o limpo de coração tem Deus consigo.

É preciso que nos convençamos e que conosco se convençam todos os que direta ou indiretamente tiverem conhecimento do nosso movimento, que Umbanda não deseja ser tomada como Espiritismo, nem experimental, nem mágico, porque Umbanda faz questão de mostrar-se tal qual é – pura e simplesmente religião, magia e espiritismo religioso cristão que um dia empolgará a Terra de Santa Cruz e se espalhará pelos quatro cantos deste continente.

Umbanda é simples, humilde, espiritual, magia, espiritismo e cristianismo; propugna pela felicidade dos humildes que a procuram, levando alívio aos que, abatidos pelos sofrimentos, quer moral, material ou espiritual, não se envergonham de ajoelhar-se aos pés dos Pretos-Velhos ou dos seus intrépidos Caboclos para implorar o seu auxílio e a sua graça. Os Espíritos que baixam em nossos Terreiros não vivem na beatitude excelsa dos Céus dos padres católicos; permanecem sempre, como eles mesmos dizem, na Aruanda, que é lugar de trabalho onde estão sempre alertas aos sofrimentos dos desgraçados deste planeta de expiação, para acorrer no momento propício, para dar-lhes força para levarem avante as demais provas a que estão sujeitos.

E nós, a exemplo dos nossos Guias admiráveis, só nos preocupa o alívio que possam obter os nossos irmãos em sofrimento.

Em Umbanda não nos preocupamos com as pesquisas dos laboratórios científicos e psíquicos, onde se pesa o fluido, verificam-se as formações do ectoplasma que produz as materializações e modelam-se em cera os membros dos Espíritos materializados; nem tampouco nos debruçamos horas a fio sobre os livros para indagar da natureza do corpo físico de Jesus.
O que nos interessa não é o corpo físico do Mestre Divino e sim a sua essência mesmo, o seu ego imponderável, a caridade que irradia sobre nós todos, é que a seus pés vivamos em oração.

Nos Terreiros de Umbanda, onde despidos dos enfeites dos sacerdotes que oficiam nos grandes templos, os seus médiuns, pobres e humildes como os pescadores que acompanhavam o Salvador, deixam as canseiras dos seus trabalhos de cada dia para servirem de instrumentos aos Guias que realizam a Caridade, que a milhares já têm beneficiado; onde não reina o espírito de lucro, nem domina o ideal do mando. Não há tabela de preços para a quantidade de graças que espalham os Pretos-Velhos e os Caboclos, pelos filhos que os buscam; não há hora para se fazer a caridade, porque inúmeras são as vezes que pobres operários e humildes empregados, desprezando o tempo que lhes sobra para o descanso a que têm direito, entram pela madrugada nos trabalhos do Terreiro para levar a esperança que sempre se concretiza numa realidade boa para o desgraçado ou o poderoso que bate à porta de nossas Tendas sempre escancaradas para todos e frequentadas por enormes multidões. É verdade que há umbandistas desgarrados que recebem pelos trabalhos de seus Guias, mas onde há o trigo há sempre o joio e é preciso que ambos cresçam para que este seja colhido e lançado ao fogo.

Umbanda já é bastante conhecida, mesmo pelos que não a praticam; todos sabem que nos seus Terreiros a caridade é feita gratuitamente; o nosso lema é dar de graça o que de graça recebemos.

É, pois, chegada a hora em que desassombradamente devemos nos apresentar diante de todos em igualdade de condições com as outras religiões que sem perseguições vicejam à sombra da lei.

Umbanda, por seus elementos representativos, prepara-se para fazer frente aos que, convencidos de que são os únicos detentores da verdade e das lições do Divino Mestre, movem contra ela uma perseguição tenaz porque pressentem a sua vitória para muito breve.

Umbanda é grande, apesar da humildade com que se manifesta o seu ritual e a sua liturgia se encontra a cada passo no Velho e no Novo Testamento, nos templos do Egito e da velha Índia. Por mais remota que seja a religião encontra-se nela, sem nenhum esforço, vestígios da Umbanda.

É um engano pensar-se que Umbanda é uma invencionice de pobres pretos africanos, arrastados como escravos pela infâmia dos negreiros para as terras brasileiras. Umbanda é milenar; Umbanda não tem idade. É verdade que o movimento da implantação da Umbanda pura tem pouco menos de meio século, o que se compreenderá bem quando se dispensar alguns minutos para um raciocínio simples.

O Brasil que tem menos de cinco séculos tem sido desde a sua descoberta um campo de fácil conquista dos padres católicos que aqui aportaram com as primeiras caravelas. Tiveram esses senhores a visão profundamente inteligente do que seria no futuro a Terra de Santa Cruz.

É aqui que se implantaram e impuseram sua vontade. É de notar-se que naquela época os nossos colonizadores seguiam a religião dos seus antepassados; não havia concorrentes, portanto, tinham cem por cento de probabilidade para se imporem e dominarem. Mas o tempo corre, as coisas mudam. O homem que é sempre irrequieto procura ver novos horizontes e busca sempre à novidade. Como a vinda dos pobres cativos não imaginavam os seus algozes que também veriam a semente da religião que no futuro faria concorrência à religião que trouxeram da terra mãe. E agora, a despeito de todos e de tudo, a magia de Umbanda se arregimenta para tomar o lugar que lhe compete como verdadeira religião, tão espiritual como qualquer outra, propugnando pelo ideal de doutrina cristã que nos toca a alma mais de perto.

Mas, a Umbanda trazida pelos pretos era tão velha, ou ainda mais velha do que o continente de onde vinha. Raça das mais antigas, a negra era detentora de segredos invioláveis que não transpunham os umbrais dos seus templos. Por isso, deturpada pelos seus portadores e sem ambiente para propagar-se rapidamente, demorou a Umbanda até agora a aparecer com a sua característica verdadeira, livre dos erros que no seu rito estavam arraigados, como o ouro que somente depois de bateado, desprende-se da terra suja com que se achava misturado.

A Umbanda é hoje esta magnífica realização que estamos vendo; palpita como um corpo vivo cujos órgãos são todos perfeitos. É uma máquina cujas peças ajustadas funcionam sem o menor embaraço. Prontos para uma ação decisiva estamos todos a postos, intrépidos, com os olhos voltados para o nosso Guia Maior, Nosso Cristo Oxalá, em cujos pés depositamos as nossas esperanças, os nossos anseios, os nossos sofrimentos e a certeza plena de vitória.

Sabemos que esta vitória ainda está longe, mas no longínquo horizonte onde se encontra esta vitória, divisamos a figura do Verbo Solar Oxalá, resplendente de luz, cercado pelas Sete Linhas de Umbanda que lhe rendem eterna homenagem e lhe pedem incessantemente que lhes conceda a graça de reunir num único bloco toda a família umbandista para que a Umbanda seja a maior força viva do Brasil, a sua verdadeira religião.
E sabemos também que neste dia glorioso em que mais uma vez nos achamos aqui reunidos para comemorar o nosso Orixá Xangô, as falanges gloriosas de todos os Orixás de Umbanda que presidem a nossa festa, rejubilando-se conosco, entoando curimbas ao Altíssimo, dão-nos a certeza de que com Ele contaremos para a realização da nossa missão; dar-nos-ão força para a luta, inspiração nos momentos difíceis, luz para não errarmos no caminho e a proteção do que necessitamos para alcançarmos o bem maior que é a absoluta felicidade espiritual.

Meus amigos, entoemos um hino de louvor ao nosso admirável São Jerônimo, o nosso todo poderoso Xangô, pedindo-lhe bênçãos e graças para todos nós e para a Casa que tanto amamos, a sua Tenda.

(José Álvares Pessoa – 1954)

Algumas reportagens do Capitão Pessoa, em época, estarão sendo disponibilizadas em nosso site, juntamente com esse livro.

ORIXÁ MALLET – O CAPITÃO DE DEMANDA



Concepção do Orixá Mallet – Príncipe Malaio – O "Capitão de Demanda" da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

Demanda, ao contrário de ser entendida como somente sendo um mal feito, na realidade significa: *"Ação judicial; causa; disputa, combate, guerra, peleja; à procura de; à cata de; em busca de".*

A partir de 1913 passou a atuar, através de mediunidade de Zélio de Moraes, uma Entidade da vibração de Ogum que se identificava como Orixá Mallet, chamado de "Capitão de Demanda". De acordo com Leal de Souza, essa Entidade portentosa, emissária da Luz, atuava mais no terra-a-terra e trouxe consigo do espaço dois auxiliares, que haviam sido indígenas malaios na última encarnação. Dispunha essa Entidade ainda, dentre os elementos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, de cinco Falanges selecionadas do Povo da Costa, semelhante às tropas de choque dos exércitos da Terra, seis Falanges do Oriente, além de arqueiros de Oxóssi, inclusive núcleos da Falange de Ubirajara.

Encontramos duas formas de apresentação do nome dessa Entidade Espiritual: Mallet, e/ou Malê. Qual seria a certa? Na certeza, só ele mesmo poderia dizer. Vamos aos estudos destes nomes, para que, pela razão e bom senso, podermos entendê-lo da forma correta. Cada um veja, reflita e escolha o que acha ser mais correto. É somente um nome e nada mais. Como o próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas disse: *"Se querem um nome, que seja esse...".*

- Atualmente, os malaianos se referem ao termo "Mallet" como: *"Uma ferramenta com uma cabeça grande, usado para golpear uma superfície sem danificá-la".*

- "Mallet" também é designativo de nome. No Brasil, encontramo-lo no nome de um importante personagem militar: *"Émile Louis Mallet, mais conhecido como Marechal Emílio Mallet, o Barão de Itapevi (Dunquerque, 10 de junho de 1801 — Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1886), foi um militar brasileiro nascido na França. Homem de grande porte físico, com 2,01 metros de altura e 120 quilogramas de peso. É Patrono da Artilharia do Brasil e na data de seu aniversário é comemorada o Dia da Artilharia".*

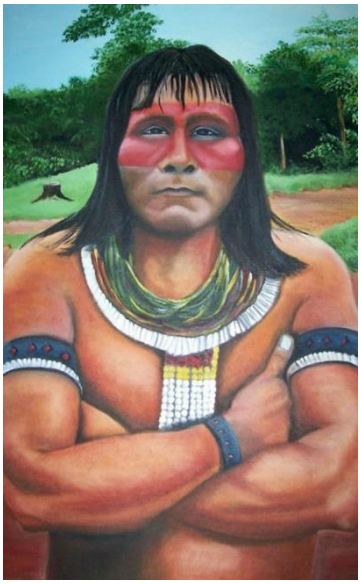
- Somos sabedores que o Orixá Mallet, em sua última encarnação, foi um principe Malaio, seguidor do Islamismo, trazendo-o e ensinando-o na África, Indonésia e por fim, em sua terra natal, a Malásia. Teve grande influência e veneração pelos ensinamentos espirituais espalhados principalmente entre os escravos da cidade de Cabo. Ele é creditado por ter trazido o Islã na África do Sul. Pela grande

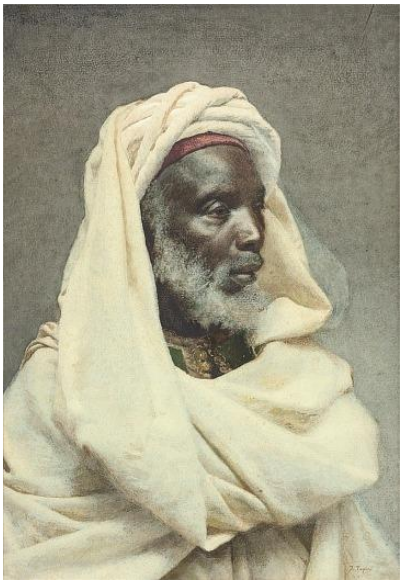
penetração espiritual dada ao povo africano, pode ter recebido o nome – **“Malê – que na lingua Iorubá quer dizer: “muçulmano”**. Portanto, esse poderia ser efetivamente seu nome correto.

Por trabalhar integrado a vibratória de Ogum, especialista em desmanches de magias negras e descarregos (desobsessões), carreou como companheiros de trabalhos, diversas outras entidades espirituais também especialistas nestes misteres.

Muitos dos Caboclos(as) da Mata, ligados a vibratória dos Orixás Oxóssi, Xangô e Yansã, e principalmente de Ogum, trabalhadores da Umbanda, são conhecidos na Umbanda Crística como “Caboclos da Mata Demandadores”, pelas formas particulares como lidam com possíveis desmanches de magias negras, combatendo o mal, aplicando a Lei e a Justiça Divina. Suas maiores atuações se fazem nos processos de Descarregos (desobsessão). Alguns Caboclos Demandadores são particularmente identificados por muitos umbandistas como: “Caboclos Africanos”, por plasmarem mediunicamente a forma de um silvícola africano; mas, nesta Linha Espiritual encontram-se Espíritos, que quando encarnados, pertenceram a várias plagas.

Na Umbanda, os Caboclos Africanos não existem como Linha especial de Trabalho Espiritual em particular e não devem ser tratados como tal, mas, estão integrados, incorporando, trabalhando e sendo identificados como Caboclos da Mata. Não nos esqueçamos: Linha de Trabalho Espiritual é composta por arquétipos sociais e não raciais. Na Umbanda, os “indígenas” que tiveram encarnações em solo africano, ou mesmo nos aparecem fluidicamente como africanos, não gostam, e não se identificam como sendo “Caboclos Africanos”, mas tão somente como “Caboclos da Mata”.





O Orixá Mallet, o Capitão de Demanda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, vibratoriamente da Linha de Ogum, que se identificava fluidicamente como um malaio, manipulava com maestria as energias sutis da Natureza, exigindo para determinados trabalhos a calma dos campos, a altura das montanhas, o retiro das florestas, e as forças desagregadoras das ondas do mar. Leal de Souza que conviveu vários anos com essa Entidade, nos relata um caso presenciado por ele:

“Na primeira vez que o vi a sua grande bondade, para estimular minha humilde boa vontade, produziu uma daquelas esplêndidas demonstrações. Estávamos cerca de vinte pessoas numa sala completamente fechada. Ele, sob a curiosidade fiscalizadora de nossos olhos traçou alguns pontos no chão, passou, em seguida, a mão sobre eles como se apanhasse alguma coisa; alçou à sinistra, e abrindo-a, largou no ar três lindas borboletas amarelas, e, espalmando a destra na minha, passou-me a terceira”.
– Hoje, quando chegares a casa, e, amanhã, no trabalho, será recebido por uma dessas borboletas.

E, realmente, tarde da noite, quando regressei ao lar e acendi a luz, uma borboleta pousou no meu ombro e na manhã seguinte, ao chegar ao trabalho, surpreenderam-se todos os meus companheiros, vendo que outra borboleta, também amarela, como se descesse do teto, pousava-me na cabeça.

Tive ocasião de assistir à outra de suas demonstrações, fora desta Capital, à margem do Rio Macacú. Leváramos dois pombos brancos, que eu tinha a certeza de não serem amestrados, porque foram adquiridos por mim. Colocou-os o Orixá Mallet, como se os prendesse sobre um ponto traçado na areia, onde eles quedaram quietos, e começou a operar com fluídos elétricos para fazer chover.

Em meio à tarefa disse: – Os pombos não resistem a esse trabalho. Vamos passá-los para a outra margem do rio. Pegou-os, encostou-os à fronte do médium e alçando-os depois, soltou-os. Os dois pássaros, num vôo alvacento, transpuseram a caudal, e fecharam as asas na mesma árvore ficando, lado a lado, no mesmo galho.

Passada a chuva que provocara, disse: – Vamos buscar os pombos. Chegamos à orla. O Orixá Mallet, com as mãos levantadas, bateu palmas e os dois pombos recruzando as águas, voltaram ao ponto traçado na areia".

Príncipe reinante, na última encarnação, numa ilha formosa do Oriente, o delegado de Ogum é Magnânimo, porém, rigoroso, e não diverte curiosos: – ensina e defende.

Outro relato:

João Severino Ramos, umbandista conhecido em todo o Brasil, dirigente da sexta Tenda fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – Tenda Espírita ao Jorge, relatava as maravilhas a que assistiu às margens do Rio Macacú, onde muitos incrédulos se tornaram fiéis seguidores da doutrina do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Ele inclusive, pois da primeira vez que lá estivera isso há mais de 40 anos, fora disposto a não se deixar convencer. Sucediam-se demonstrações da presença de um poder superior. Mas ele continuava descrente. E pediu uma prova decisiva.

Através da mediunidade de Zélio, manifestava-se, nesse dia, o Orixá Mallet, que atuava principalmente no combate aos trabalhos de magia negra e na cura de obsedados. Apanhando uma pedra, o Orixá Mallet jogou-a na testa de Severino. Vendo-o cair no rio, os seus companheiros correram para socorrê-lo, temerosos de que a correnteza o levasse. *Não se movam* – ordenou o Orixá Mallet – *Ele voltará sozinho.* Minutos depois, João Severino transpôs a margem do rio. Estava transfigurado. Incorporava uma entidade que daria, depois, o nome de Ogum de Timbiri e se tornou o Guia Espiritual da Tenda Espírita São Jorge, fundada em 1935.



Ogum Timbiri – Mestre Himalaico

"A Tenda Espírita São Jorge foi à sexta casa fundada com a orientação direta do Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 15 de fevereiro de 1935.





Tenda Espírita São Jorge na década de 1960

João Severino Ramos recebeu orientação para fundar e dirigir a Tenda, cujo mentor é um Mestre do Himalaia que veio trabalhar na seara de Umbanda na irradiação de Ogum, apresentando-se como Ogum Timbiri. Também era médium do Caboclo Teimoso de Aruanda, de Seu Baiano, de Pai Felipe e de Exu Tiriri. João Severino Ramos quando recebeu orientação para fundar a Tenda Espírita São Jorge integrava o corpo mediúnico da Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, sob a direção do nosso irmão Durval, que funcionava num sobrado da Rua Camerino, na cidade do Rio de Janeiro. Acompanharam João Severino Ramos, a Tia Albina, médium de Pai Cipriano e do Exu Vampiro. Nosso irmão Bastos que exerceu durante muitos anos a Vice-Presidência da Tenda Espírita São Jorge. Feliciano Lopes de Almeida, médium de Ogum Beira Mar, do Caboclo Caribá, de Pai Jovino das Almas, de Pai João, de Pedro Mineiro e do Exu Arranca Toco. Feliciano Lopes de Almeida dirigiu os trabalhos da Tenda Espírita São Jorge por muito tempo, principalmente, no período em que João Severino Ramos teve que embarcar para a Itália, na fase da Segunda Guerra Mundial, trabalhando como enfermeiro nos campos de batalha. José Cândido, médium do Caboclo Nazareno, de Pai Fabrício das Almas e de Exu Sete Encruzilhadas. Henrique Pinto, médium de Ogum Guerreiro, de Pai José e de Seu Tranca Rua das Almas. Doguiar, médium de Pai Joaquim e de Exu Veludo. Jovelina, médium de Pai Jeremias, do Caboclo Serra Negra e de Exu Guerreiro e tantos e tantos irmãos que nos lograram o exemplo da dedicação e responsabilidade mediúnica. Exerceram a Presidência da Tenda Espírita São Jorge, o Dr. Antônio Pedro Barbosa. Almirante; nosso irmão Olivério Soares Bittencourt, nosso irmão Batista; nosso irmão Mário Basile Sampaio; nosso irmão Nélson Silva e atualmente o nosso irmão Jose Carlos Lopes Coelho (Tico)". (http://tendaespiritasaojorge.blogspot.com)

Apresentaremos duas reportagens de João Severino Ramos, publicadas num periódico no Rio de Janeiro. Observemos como era o pensamento de um dirigente de uma das Tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas:

MOVIMENTO ESPIRITUALISTA BRASILEIRO

(Direção José Álvares Pessoa)

JOÃO SEVERINO RAMOS – Médium-Chefe e diretor dos trabalhos da Tenda Espírita São Jorge e 2º vice-presidente da União Espírita de Umbanda.

CABOCLOS E PRETOS-VELHOS DA UMBANDA

Um dos motivos até a pouco afegados por numerosas pessoas espíritas ou não, para justificar as aplicações para forma de trabalhos dentro das Tendas Espíritas de Umbanda dirigidas por Guias "Caboclos", por elas considerados numa categoria inferior aos que atuam nos demais Centros Espíritas. Sente-se, entretanto, por toda parte, que tais reservas estão desaparecendo diante da surpreendente eficácia das atividades benéficas dos nossos Caboclos e Pretos-Velhos, nos trabalhos nas Tendas de Umbanda, de cura e de desobsessão, realizando não raras vezes em menos de um mês, o que na antiga modalidade científica levaria talvez mais de um ano. A razão por que tal fenômeno se verifica é que constitui em si mesmo um dos objetivos dessa grandiosa organização espiritual. No presente capítulo desejo elucidar o quanto possível, a natural curiosidade do povo a respeito dessas personalidades por vezes exóticas, em sua forma de falar e de agir, sempre envoltas numa grande modéstia, quando os Caboclos e Pretos-Velhos nos falam de si próprios, atribuindo-se invariavelmente ausência absoluta de conhecimentos mais altos.

A verdade, porém, é que um Espírito “Caboclo” que chegue a obter permissão de incorporar num médium, entre nós, para trabalhar pelo bem do próximo, está muitos graus acima da cultura mais aprimorada de qualquer ente humano por mais sábio que este se julgue. E a prova disto é que nenhum homem culto ainda conseguiu “derrubá-los” com a sabedoria, sendo pelo contrário, por eles elucidado sob múltiplos fenômenos cuja causa muitas vezes desconhece.

Os Caboclos e Pretos-Velhos são em geral Espíritos que completaram o seu curso de aperfeiçoamento moral através de sucessivas encarnações na Terra, a última das quais teve lugar no recesso das matas seculares, com a finalidade precípua de se familiarizarem com as variadíssimas propriedades terapêuticas da flora americana. Daí uma das razões pelas quais esses bondosos amigos sempre recorrem às plantas medicinais para a cura de moléstias que a atual farmacopeia não consegue debelar.

Sua linguagem simples e ao alcance de todas as inteligências, caracteriza-se algumas vezes pelo exotismo de dialetos absolutamente desconhecidos entre nós, recorrendo esses Espíritos frequentemente à parábola para nos obrigarem a exercitar, desenvolvendo a nossa capacidade de raciocínio. Usando habitualmente desta nas sessões de trabalhos de cura e desobsessão, cuja média de frequência é de pessoas menos cultivadas, os Espíritos chamados Caboclos e Pretos-Velhos podem transformá-la por completo, empregando expressões da mais alta intelectualidade, com uma eloquência e riqueza de imagens capazes de encantar as pessoas de cultura aprimorada. Tem assim, estes abnegados trabalhadores do espaço infinito a faculdade de utilizar a linguagem que melhor se adapte ao ambiente em que tenham de operar.

Casos existem, e não poucos, de médicos notáveis, absolutamente descrentes do Espiritismo, comparecerem às Sessões da chamada Tenda Espírita de Umbanda com a intenção preconcebida de colher argumentos para combater cá fora essa organização que tantos adeptos vem criando por toda a parte, e, ao cabo de alguns minutos de conversação com o Guia Chefe dos trabalhos, converterem-se sem reservas, tal a sabedoria demonstrada por esses Guias Espirituais, elucidando, os quais sempre nos misteres mais árduos de sua clínica. E assim se explica o ingresso nos trabalhos das Tendas de Umbanda, nela exercendo abnegadamente elevadas funções mediúnicas, de verdadeiros Espíritos de escol ao serviço da medicina na presente encarnação, cuja clínica grandemente se desenvolveu pelo acerto e precisão.

É que, sendo médico um Espírito essencialmente intuitivo, cujo acerto no exercício da profissão tem de depender do grau de desenvolvimento desta faculdade mediúnica, a intuição, o seu ingresso numa organização espiritual, como a de Umbanda, faculta-lhe a aproximação de entidades especializadas na arte de curar, capazes de esclarecê-lo, instruindo-o para o bom êxito da sua elevada missão de curar os enfermos do corpo. Um fato recente, registrado nesta capital, pode bem servir para demonstrar o grau de elevação desses nossos amigos invisíveis que se acham incumbidos de difundir entre nós a doutrina salutar do Espiritismo, através das Linhas Espirituais da Umbanda.

Relatando-o, omitirei os nomes das pessoas nele envolvidas, por não ser meu intuito senão o de exemplificar para esclarecimento dos mestres estudiosos, acerca do valor dos Guias, Espíritos que se nos apresentam em forma de Caboclos e Pretos-Velhos.

Como é natural, pratica-se a forma de trabalhos característicos dentro dos seus rituais. Seus dirigentes prosseguiam satisfeitos, na faina abençoada de poder socorrer a quantos lhes batiam à porta; enfermos do espírito e do corpo, ajudados no espaço infinito por algumas falanges de grandes Caboclos, um dos quais as guiava e protegia, por delegação de entidades superiores. E os trabalhos caminham, segundo a capacidade de produção da Tenda em referência, Como, porém, todos quantos na Terra nos dedicamos ao Serviço do Mestre, como obreiros da Seara Divina, temos, porém, de ser experimentados a todos os momentos em nossa capacidade de resistência às influências do mal que nos espreitam a oportunidade de nos desviar do bom caminho, os dirigentes daqueles núcleos deram ouvidos a certa influência que lhes dizia ser a Linha de Umbanda uma forma inferior de praticar o Espiritismo, sugerindo-lhes a transformação da Tenda em Centro Científico, onde poderiam gozar da presença de entidades realmente superiores ao invés de Caboclos atrasados. Mal seguros na sua diretriz, e certamente pouco elucidados ainda acerca do valor e finalidades desta grandiosa organização espiritual que é a chamada União Espiritista do Brasil, as diretorias das Tendas decidiram apelar para a União Espiritista de Umbanda aceitar a sugestão, e após ter dado conhecimento do seu propósito ao Guia Espiritual Chefe desta organização, um Caboclo autêntico, com a adoção da orientação e forma de trabalhos do último quartel de século passado.

Iniciadas as suas Sessões sob a nova modalidade, tiveram os dirigentes das antigas Tendas a satisfação de constatar segundo a palavra dos novos Guias Chefes, que ali estavam diversos luminares, prontos a cooperar para o maior êxito dos trabalhos. Se alguma dúvida pudesse existir no espírito dos dirigentes, acerca da veracidade eloquente em que mostravam pródigos os antigos doutores da Terra, cuja linguagem e elevação de sentimentos tanto deliciavam os ouvidos da diretoria e pequena assistência no novo Centro. E as sessões prosseguiram, sempre assistidas pelos grandes nomes que tanto fizeram pela doutrina em sua última estada entre nós, até que, meses decorridos, algo de anormal começava a empanar a alegria da direção da antiga Tenda de Caboclos.

É que os negócios materiais de alguns de seus membros estavam tomando aspecto desagradável, que os seus Guias de então não conseguiam modificar. O homem inteligente e dotado de várias capacidades agarrou-se a tudo quanto pudesse honestamente, e contribuir para atender às necessidades imperiosas do lar. Fez-se pintor, e nessa arte conseguiu dominar de certo modo a adversidade que tanto o preocupava. Seu espírito refletiu em sua situação e concebeu a ideia de invocar o antigo Chefe Espiritual da Tenda, o desprezado Caboclo, para ouvi-lo acerca do que se passava. Talvez ele tivesse meios de tirá-lo da dificuldade em que se debatia com sua família. Assim decidido, atraiu-o a uma consulta amiga em sua própria residência, o recinto sagrado da família, onde só a verdade, a pureza, a harmonia e o amor devem existir.

"Não estas, então, satisfeito com o teu espiritismo científico? Foi indagando logo de começo, o velho amigo Caboclo. *Meu Filho;* continuou: *vós brancos da Terra sois muito fáceis de iludir. Na vossa ignorância e na vossa vaidade, nem sequer vos apercebeis de estardes sendo levados para o abismo, na suposição de estardes subindo para Jesus; que te aconteceu, foi à consequência lógica da tua resolução, abandonando uma forma de trabalhos que tanto beneficiava esses sofredores da Terra para te dedicares ao espiritismo de conversa, em que se aprende, mas não se produz. Mas fica sabendo, agora, que aqueles doutores que vocês escutavam com tanto orgulho, éramos nós mesmos, "os Caboclos atrasados" das matas virgens, que lá nos apresentávamos com nomes supostos, para satisfazer a vossa vaidade e a vossa ignorância; mas, descansa porque Jesus não despreza ninguém. Trata de organizar as nossas Tendas de Umbanda. Vamos voltar ao que éramos; simples humildes, e tudo se transformará para ti".*

Foram, mas ou menos, essas palavras do velho Caboclo aos seus amigos da Terra. A transformação operou-se com a restauração das Tendas de Umbanda. Como que por milagre, foi reintegrado no seu posto de tabelião, restabelecendo-se também a normalidade de suas vidas. São Guias, Espíritos de grande valor de chefes espirituais, os que muita gente ainda chama desprezivelmente de Caboclos.

Certo intelectual, escritor e jornalista de mérito, mas curioso, apenas, das coisas transcendentes, lembrou-se de perguntar certa vez a um dos Guias Chefes Espirituais de maior projeção entre nós, que operam sob a forma de Caboclos, qual a razão, a imperiosa necessidade por que assim se manifestam nos médiuns, quando todos sabiam da sua grande elevação espiritual, e do imenso poder que já dispunha entre os abnegados trabalhadores nas Tendas de Umbanda; a entidade interrogada, que pitava no momento o seu charuto, tocou o charuto de leve, a parte acesa sobre a mesa que estava sentada uma pessoa para aliviar a cinza longada, salivou calmamente para o lado, deixando que a saliva caísse perpendicularmente no recipiente apropriado, e esclareceu:

"Nego; você vai dizer uma coisa para o Caboclo. Se você que é um nego limpo, inteligente e gosta de andar sempre de branco, tiver um serviço a fazer dentro de uma oficina onde os utensílios sejam de natureza grosseira, e cujo ambiente enfumaçado ou impregnado de resíduos graxosos lhe possa sujar o terno; você irá com ele para trabalhar de uma a duas horas por dia nessa oficina? O intelectual respondeu-lhe prontamente: "Está visto que não. Nesse caso eu vestiria um macacão apropriado". *"Pois é isto exatamente que nós fazemos, informou o Caboclo. Para vir trabalhar no meio de vocês, brancos da Terra, nós, por maior que seja a nossa elevação espiritual, preferimos recorrer ao nosso macacão que é o nosso perispírito, de quando fomos Caboclos, para podermos suportar as vibrações grosseiras do vosso ambiente terreno, ainda impregnadas de ódio, inveja, egoísmo, e que só o nosso grande desejo de vos ajudar a melhorá-lo, dá forças para suportar".* Ai está nessa pequena elucidação, uma síntese perfeita do que são os Caboclos da Linha de Umbanda.

(Texto de João Severino Ramos. Jornal "O Semanário" – 1956 – ano II – número 70 – página 11)

SALVE UMBANDA

Caminhos tortuosos, começo de estrada do qual os filhos retiram as pedras para encontrarem passagem mais livre quando se virem encaminhados noutras linhas mais elevadas. Sim, meus irmãos. Os chamados filhos da Umbanda são os abridores de suas próprias estradas. Chama-se Terreiro de Umbanda ao local dos trabalhos, por ser onde baixam os Guias com a missão de ensinar-vos a manejar as picaretas, as enxadas. São os Guias Espíritas, estes em sua maioria de Caboclos e Pretos-Velhos, de grande evolução espiritual, achando-se por isto preparados para se apresentarem humildes e pacientes, encaminhando-nos com carinhos e as mais das vezes fazendo-se parecer conosco para melhor vos sentirdes em sua presença.

Depois que estiverdes encaminhados, isto é, quando já houveres aberto a vossa estrada através do estendal de sofrimentos peculiares ao nosso mundo; quando tiverdes aprendido a dominar e vencer os vossos defeitos, e enriquecidos os vossos fluidos como faz o homem do campo com seus músculos, então ireis, irmãos, sendo conduzidos ao caminho da pena, da escrita e da filosofia. Encontram-se nos Terreiros de Umbanda, verdadeiros iniciados, grandes trabalhadores, muitos dos quais certas pessoas tentam desviar sob a alegação de serem "grandes" e que por isto não devem estar mais naquele meio. Deveis, irmãos, fechar vossos ouvidos à semelhante conselhos e caminhar para frente, recordando-nos que eles são, em grande parte, meios de experimentação a vossa decisão e vossa fé.

Nós, Espíritos, Guias e condutores, precisamos do vosso concurso para o desempenho de nossa missão na Terra, como a própria Terra precisa de professores para o esclarecimento dos irmãos. Caminhamos, pois, com decisão e fé, certos de que, servindo aos nossos Guias Espirituais, estaremos servindo a Deus. Ser iniciado em Umbanda é ser chefe de turma, e as turmas não poderiam trabalhar sem um Chefe Espiritual Superior. Depois que as estradas estiverem abertas, a Linha de Umbanda desaparecerá na sua missão terrena, prosseguindo os seus trabalhos espirituais relacionados com as Estrelas, o Sol, a Lua e os Astros que banham a Terra de longe. Certos Espíritos já estiveram também na Terra em cumprimento de missão divulgadora dos ensinos da filosofia Hindu, e outras mais propagadas pelo Espiritismo.

Segui-os, pois; mas se os irmãos entenderdes melhor com um Caboclo, um Preto-Velho, um Africano ou qualquer outra aparência que Guia Espírita possa usar para desempenhar sua missão naquele grupo de médiuns trabalhadores, ouvi-o, e se ouvirdes com fé e lhe seguires os ensinamentos, encontrareis a estrada que vos ligará as outras de todas as demais religiões que forem bem interpretadas e sentidas. Não, irmãos, deveis preocupar com os que estão em cima, porque em verdade não há acima nem abaixo; há apenas para cada um a missão que veio cumprir; cumpri irmãos, bem a vossa, e sereis irmãos tão grande quanto os maiores. O grande pode executar pequenos trabalhos; o pequeno pode executá-los grandes. Os umbandistas podem ser comparados na Terra a enormes bandos de trabalhadores de camisa arregaçada, peito nu, descalços, fortes, tostados pelo sol e satisfeitos, apresentando ao Chefe Supremo sua tarefa terminada e sendo pagos espiritualmente como os trabalhadores da Seara Divina, que se recolhem à noite para descansar após um dia de produtivo labor. Não é menor o homem porque trabalha descalço dentro do Terreiro de Umbanda. Trabalhais e sentir-vos-ei bem, sendo umbandistas. A estrada é uma só, os atalhos é que são diversos, conduzindo a mesma.

Cada religião leva os filhos, seus adeptos conforme seu grau de desenvolvimento e força de vontade. No alto da montanha, porém, todas elas se encontram e se confundem numa só, que é a verdade, a luz, a perfeição. Todos os Guias trabalham para o mesmo fim que é caminhar. Caminhar irmãos! Tudo caminha, os Astros, a Terra, nada estaciona. É uma força suprema e divina das leis da Natureza, caminhando-vos irmãos para a verdadeira liberdade espiritual. Não desanimeis irmãos. Resisti. A dor fortalece, encoraja; ela vos conduz irmãos, às alturas celestiais, transportando-vos para fora da Terra. Os olhos choram, mas vede irmão que as plantas também choram ao receberem o doce orvalho matinal. Não desesperei irmãos. Fosse o orvalho ressequido e não seria belo. Os pássaros cantam o hino harmonioso. Será canto ou choro? Vós irmãos não o sabeis; entretanto, vós irmãos, encantais com seus gorjeios. O mar gira, debate-se constantemente, e vós irmãos, o achais belo.

Esperando que um dia, nós irmãos reunamos todos, sendo todos iguais, onde mestre e discípulos se compreenderão como verdadeiros filhos do mesmo Pai e filhos de Deus. Por enquanto estamos preparando-vos irmãos, para os exames finais na Terra, de que sois filhos, feitos de matéria densa e alimentados vagamente pelo espaço espiritual para depois de, todos preparados, a Terra pode mostrar seus irmãos, filhos de Umbanda, banda da Terra, o seu irmão Jesus, o maior médium de Umbanda, e a Deus nosso Pai, de todas as forças que fará realizar a ceia, com bandos de apóstolos, de sementes deixadas na Terra, cada vez que as forças supremas foram enviadas a visitá-la, sempre que estas forças conseguem acalmar os filhos da Terra, apelam ao Pai Supremo que é Deus. Vós irmãos sou também chamado, não pela força completas na Natureza e das forças espirituais e Divinas.

Sarava todos os irmãos, umbandistas e espiritualistas.

Salve as forças supremas.

(Texto de João Severino Ramos. Jornal "O Semanário" – 1956 – ano II – número 86 – página 05)

Por curiosidade, vamos disponibilizar o trecho de uma entrevista efetuada ao dirigente da Tenda Espírita São Jorge, Sr. José Carlos Lopes Coelho (Tico), que nos esclarece certos aspectos de como eram seus trabalhos em época de Zélio de Moraes:

Na época do Caboclo das 7 Encruzilhadas, como era a dinâmica das Giras na Tenda Espírita São Jorge? (horários, uniformes, regras etc.)

TESJ – As giras aconteciam às segundas, quartas e sextas feira das 20 às 22 horas. O dirigente, na primeira quinta-feira de cada mês, participava das reuniões de estudo com o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Era grande o número de médiuns e de consulentes.

A Tenda funcionava então na Rua Dom Gerardo, nº 45, em prédio alugado. Quando este prédio foi requisitado pelo dono, a Tenda ficou um tempo parada enquanto se construiu, às pressas, um Terreiro em Vila Isabel (Rua Senador Nabuco, 122) onde hoje funcionamos, e muitos consulentes se afastaram bem como alguns médiuns também fundaram suas próprias casas.

A diminuição do corpo mediúnico fez com que as giras ficassem restritas às segundas feiras e somente algumas poucas giras festivas ocorrem em outros dias da semana. A mudança geográfica – da Praça Mauá para Vila Isabel – e a situação de risco que a cidade como um todo sofre no atual contexto também é fator que contribui para um certo esvaziamento. Quanto ao uniforme, ainda é o mesmo, semelhante ao da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e outras casas surgidas na época: guarda-pó branco com o símbolo da Tenda no bolso esquerdo da parte de cima e calça branca por baixo do guarda-pó (feminino); jaleco com o símbolo da Tenda no bolso esquerdo e calça branca (masculino). Em giras festivas é permitido o uso de roupas que estejam de acordo com a entidade ou Orixá homenageado".

(http://tendaespiritasaojorge.blogspot.com)



Tenda Espírita São Jorge atualmente

Hoje, a Tenda Espírita São Jorge se distanciou das normatizações instituídas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

TRABALHO ININTERRUPTO

Dezenas de Tendas foram fundadas sob a orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no Estado do Rio, em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul. Sempre que possível, o médium Zélio participava pessoalmente da instalação das novas Tendas. Quando o trabalho material não o permitia, enviava médiuns capacitados para organizar e dirigir a nova casa.

Em Belém do Pará foi fundada a Tenda Mirim Santo Expedito, pelo então tenente Joaquim Bentes Monteiro, que solicitou sua transferência do Rio para aquele Estado, especialmente para cumprir essa missão, com sua esposa, Consuelo Bentes Monteiro. Um dos médiuns dessa Tenda, Evaldo Pina, atualmente no Rio, pertencendo hoje ao quadro dirigente da Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade (Tenda que descende da Tenda Espírita São Jerônimo), estava em visita a Zélio e ouviu deste a descrição da fundação daquela casa, em todos os pormenores, como se o fato datasse de semanas, apenas. E através de Zélio recebeu uma mensagem do dirigente, já desencarnado, citando fatos conhecidos apelas pelos dois.

Em todo o Brasil existem Tendas fundadas diretamente pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Algumas delas se desviaram dos seus ensinamentos, que aliado ao fato do crescimento rápido e desordenado, criou uma espécie de caos que predomina até hoje. Outros mantêm-se fiéis aos princípios ditados pelo Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas. Existem Tendas, que não tiveram contato direto ou indireto com o iniciador da Umbanda, mas mantém a pureza e a singeleza de seus ensinamentos – isso se deve ao plano espiritual.

Em 1939, o Caboclo determinou que se fundasse uma Federação (que posteriormente passou à denominação de União Espírita da Umbanda do Brasil) para congregar as Tendas Umbandistas e que deveria ser o núcleo central desse culto, em que o simples uniforme branco de algodão dos médiuns, estabelecia a igualdade de

classes, e a simplicidade do ritual permitia dedicar integralmente o tempo das sessões ao atendimento dos necessitados.
Mais tarde, surgiu o Jornal de Umbanda, que durante mais de vinte anos foi um porta voz doutrinário de grande valor e no qual colaboraram efetivamente, entre outros, Cavalcanti Bandeira, Reinaldo Xavier de Almeida, Olívio Novais e o escritor Jota Alves de Oliveira.

O ritual preconizado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas é simples e desprovido das complexidades ritualísticas e magísticas praticadas pela "Macumba" vigente no Distrito Federal de então. São palavras textuais de Zélio de Moraes:

- ***O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca determinou o sacrifício de aves e animais, quer para homenagear entidades, quer para fortificar a minha mediunidade.***

- ***O Caboclo das Sete Encruzilhadas não admitia atabaques e nem mesmo palmas nas sessões. Apenas os cânticos, muito firmes e ritmados, para a incorporação dos Guias e a manutenção da corrente vibratória.***

- ***Capacetes, espadas, adornos, vestimentas de cores, rendas e lamês não são aceitos nos Templos que seguem a sua orientação. O uniforme é branco, de tecido simples.***

- ***As guias*** (colares) ***usadas são apenas as que determinam a entidade que se manifesta. Não é a quantidade de guias o que dá força ao médium.***

- ***Os banhos de ervas, os Amacis, as concentrações nos ambientes da Natureza, a par do ensinamento doutrinário, na base do Evangelho, constituem os principais elementos de preparação do médium. E são severos os testes que levam a considerar o médium apto a cumprir a sua missão mediúnica.***

(Trechos extraídos das obras: "A Umbanda e sua História" – Diamantino e Trindade – Editora Ícone. "Umbanda Cristã e Brasileira" – Jota Alves de Oliveira – Ediouro." Jornal: Umbanda Hoje" – Ano III – n.17 – 2000. "Umbanda: A Manifestação do Espírito para a Caridade", por Sérgio Estrellita da Cunha. Documentos de Lilia Ribeiro. Pesquisas em sites na NE, e, observações, adaptações e materiais do autor.

A PEQUENA DESBRAVADORA



Lilia Ribeiro

Ao iniciarmos a série de documentos históricos sobre a Umbanda, não poderíamos deixar de homenagear a desbravadora, senhora Lilia Ribeiro, contemporânea de Zélio de Mores, que colecionou vasto material histórico, comprovando a veracidade da existência do primeiro umbandista e da primeira Tenda de Umbanda do Brasil. Todas as informações documentadas com detalhes da trajetória do "Caboclo das Sete Encruzilhadas" e de Zélio de Moraes na Umbanda foram possíveis pelos relatos colhidos e coordenados pela Srª Lília Ribeiro.

Os primeiros relatos sobre a existência de Zélio de Moraes, do Caboclo das Sete Encruzilhadas e da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, deram-se com Leal de Souza em 1924, através de duas reportagens no jornal "A Noite"; uma relatando um impressionante caso de cura (vide página 76 deste livro), e outra, uma Sessão de desobsessão (vide página 77 deste livro). Posteriormente, em 1932, através do livro: "O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA", o primeiro livro escrito sobre a Umbanda.

Além disso, Lilia debateu tenazmente, em debates e reportagens, as normatizações da Umbanda efetuadas pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, defendendo de unhas e dentes o preconizado pelo venerável Caboclo.

Lilia escreveu e gravou depoimentos importantes, mostrando claramente que a Umbanda instituída pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas é simples, harmoniosa, sem roupagens coloridas e cheias de rendas, sem adereços, sem sacrifício de animais, sem atabaques, sem cobranças, sem beberagens, sem dançarias, sem vaidades, sem festas regadas a comes e bebes, sem rituais e magias disparatados e complicados, sem profusão de oferendas e despachos.

Após uma série de reportagens, Lilia calou-se por muitos anos, guardando o precioso material histórico, que por um pedido da mesma só poderia vir à tona após o seu desencarne. Por que a senhora Lilia assim pediu? Por que guardou veladamente todo esse material por tantos anos sem disponibilizá-lo?

A vivência nos diz o óbvio: as perseguições, os ataques, as decepções, as demandas efetuadas pelos que se diziam umbandistas, mas de fato eram desarticuladores e principalmente os que deturparam tudo o que o anunciador da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, normatizou. Pelo acossamento sofrido, possivelmente pelos que estavam ao seu lado, Lilia recolheu-se e esperou o momento certo para tudo isso vir à baila, o que somente aconteceu, infelizmente, após ter desencarnado.
Lilia Ribeiro foi fundadora e mãe espiritual da Tenda Espírita Nossa Senhora do Rosário, em 1955. Essa Casa foi originária da Tenda de São Jerônimo, uma das sete criadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas na primeira

fase de expansão de nossa Religião. Posteriormente, em 23/04/1965, mudou a razão social para “Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade”. Era médium do Caboclo Mata Virgem.

Lilia Ribeiro era repórter e jornalista, editando o Boletim “Macaia”, e foi quem deu entrada à história da Umbanda, longe dos mitos; a história real, com fatos.

Durante todo o período que pode conviver com Zélio de Moraes e com suas filhas Zélia de Moraes Lacerda e Zilméia de Moraes Cunha, Lílian constituiu um grande acervo de gravações, perto de 90 (noventa) fitas históricas, dentre as quais, uma grande quantidade de fitas com gravações de Zélio de Moraes, do Caboclo das Sete Encruzilhadas e pontos cantados na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, verdadeiros pontos de raiz. Também constituiu vários textos sobre ensinamentos, rituais, pontos e trabalhos executados naquela Tenda e na Cabana de Pai Antônio, em Cachoeira de Macacú/RJ.

Aqui, neste despretensioso livro, disponibilizaremos somente as reproduções documentárias importantes sobre a Umbanda. Algumas poucas fitas dos pontos cantados na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade já veiculam em vários sites e blogues na Net.

Portanto, nesse momento, queremos expressar nossa profunda gratidão a senhora Lilia Ribeiro, rogando a Deus, a Jesus, a Mãe Maria Santíssima, aos Sagrados Orixás e ao Senhor Caboclo Mata Virgem, que a cubram de bênçãos, e que seu Espírito imortal sinta paz nesse momento precioso, pois como foi pedido, tudo está sendo disponibilizado.

A Lilia dizemos: *“Minha irmã querida. Já está sendo feito. Tenha paz em seu coração. Seu trabalho não foi em vão. Tudo está saindo na hora certa e frutificará, pois essa foi a vontade do Pai. Desejamos nesse momento, que receba o nosso preito e o nosso amor, com eterna gratidão. Um beijo no seu coração, nossa pequenina desbravadora”.*

Peço aos umbandistas, que sempre se lembrem em suas orações, dessa “pequena desbravadora”, a Mãe Lilia Ribeiro, por tudo o que nos legou.

Quis a graça de Deus, as bênçãos do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, a anuência espiritual da nossa irmã Lilia Ribeiro e o desprendimento de dois filhos de fé, Mãe Maria de Omulú (Maria das Graças Viana) e Pai Solano (Solano Filardi), (a quem devemos nosso preito e gratidão, pois sem o concurso deles nada disso chegaria a público), dirigentes da “Casa Branca de Oxalá”, situada na cidade “Lagoa Santa/MG”, que as reportagens de Lilia Ribeiro chegasse em nossas mãos, e aqui as disponibilizaremos sem cortes e sem emendas.

As reproduções documentárias e fatos históricos que comprovam o que acima foi relatado, está documentado com reportagens e entrevistas com o próprio Zélio de Moraes, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, com o Pai Antônio e pessoas que conviveram em época do início da Umbanda, tudo documentado pela senhora Lilian Ribeiro. Optamos por disponibilizar as cópias dos originais juntamente como esse livro, para mostrar que tudo não é invenção da nossa cabeça, mas, simplesmente fatos históricos, e com testamentos documentários não há argumentos.

Também apresentaremos várias reportagens efetuadas pela senhora Lilia Ribeiro no jornal “Diário de Notícias”, na década de 1970, e outras sobre a Umbanda, pesquisadas e colecionadas pelo autor, disponibilizadas juntamente com esse livro no ícone: “Materiais Históricos sobre a Umbanda”.

Disponibilizaremos adiante, por escrito, alguns poucos relatos que achamos importantes, das gravações efetuadas pela senhora Lilia Ribeiro, onde poderemos vislumbrar, na fonte, mensagens e conversas do Caboclo das Sete Encruzilhadas, do Pai Antônio e de Zélio Fernandino de Moraes

Pelos anos das fitas cassetes e falta de tecnologia em época, alguns trechos das gravações são incompreensíveis. De onde não entendemos o que se fala, colocaremos uma série de reticências (.....)

Às vezes, um ou outro trecho pode parecer rústico, mas, é pelo fato de o Espírito estar usando sua maneira simples, peculiar e regional de expressão.

Em alguns trechos das gravações, Zélio de Moraes está falando, e, logo em seguida, fala o Caboclo das Sete Encruzilhadas ou o Pai Antônio. Isso se dá normalmente em médiuns com algumas dezenas de anos de trabalhos mediúnicos ininterruptos, onde a variação entre médium e Guia Espiritual é tênue, e as manifestações se dão de modo harmonioso sem a necessidade de remelexos e trejeitos próprios de manifestações mediúnicas na Umbanda.

De algumas fitas disponibilizaremos a íntegra; de outras, somente trechos de relevo, pois muito do que é dito se repete, por serem gravadas em época dos aniversários da Umbanda e consequentemente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Em nosso site, juntamente com esse livro, no subitem *"Materiais Históricos sobre a Umbanda"*, disponibilizaremos as gravações históricas que se encontram em nossa posse, cópias de documentos históricos bem como dezenas de reportagens efetuadas desde a fundação da Umbanda. Deixamos de transcrever todas as fitas, para que o leitor possa, pessoalmente, ouvi-las na fonte, com atenção.

TRANSCRIÇÃO DA FITA CASSETE Nº 31, GRAVADA POR LILIA RIBEIRO

Gravação feita pela senhora Lilia Ribeiro, diretora da TULEF (Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade – RJ), no dia 16 de novembro de 1972, com o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

"Chegou, chegou. Chegou com Deus. Chegou, chegou; o Caboclo das Sete Encruzilhadas"

Meus queridos irmãos, neste momento, vindo do espaço, permitam que neste estudo para amenizar sofrimentos dos que estão na Terra, encarcerados em seus corpos, estou satisfeito porque tem gente que é feliz, porque todos vocês vêm me ajudando na obra que tomei missão, no espaço, de implantar, a Umbanda de humildade, amor, e caridade, aproveitando um jovem moço em meio daqueles senhores, velhos kardecistas, para dizer que o preto, tinha direito, porque vieram da África trazidos pelos brancos. Os estrangeiros que acreditavam que os caboclos que eram nativos.

Tomei a missão e vejo neste instante grandes representações. Não estão todas, por que por este Brasil a fora, criei Tendas de Umbanda construtivas, sadias, com moral e dando de graça o que de graça se recebe.

Do sul do país aos estados do norte, ouviam a minha palavra, desenvolviam médiuns e fui criando Tendas de grandes médiuns; encontrei grandes médiuns; pude fazê-los, incorporei bem, trabalhei na Caridade, tomando a direção de uma Tenda, e assim foi se criando Tendas.

Meus irmãos, me satisfaz estar entre vocês porque naquele dia 15 de novembro na Federação Kardecista, eu anunciei a Tenda de Nossa Senhora da Piedade, do modo que a mãe tinha piedade de seu filho, que tivesse piedade desta humanidade.

Grandes coisas foram feitas na Tenda; grandes coisas eu pude fazer para aqueles que estavam com certeza, crentes que a Tenda não teria vida para que no dia segundo dia eu anunciasse a eles, não, a Umbanda, Deus comigo, mas, Deus conosco, do nosso lado, será a religião deste fim de século.

Meus irmãos, eu disse: vou levar daqui uma semente, vou plantar nas Neves e aquela árvore ficará frondosa para dar a sombra para todos os seus filhos, a todos aqueles que precisassem de uma sombra amena, os que dizem sentirem o queimar do sol de crimes, de vícios, de paixões que se criavam, que existiam como existem ainda hoje no meio da humanidade.

A Tenda da Piedade foi criada e progrediu, faz hoje 64 anos da primeira comunicação aos meus irmãos.

Aqueles coronéis que me cercavam, aqueles velhos que me cercavam, estavam admirados de um menino fazer e dizer aquilo que eu dizia, aquilo que eu pregava e anunciava.

Pois bem meus irmãos, está formada a nossa Umbanda, com grande sacrifício, porque é preciso curar, é preciso levar aos médiuns, aqueles que se julgavam deserdados da sorte, a misericórdia de Deus, o conforto, para eles compreenderem que a palavra do Espírito é a continuação nossa, que fazia a harmonia dos lares e curava os enfermos.

Chamei Pai João, fui buscar Orixá Malê, para comigo trabalharem e criarem Tendas. Encontrei muitos descrentes. Aqui está o representante da Tenda São Jorge, talvez vocês não saibam como Severino, um grande médium que foi, como este médium se desenvolveu. Era descrente. Leal de Souza, e a mãe de Geraldo Rocha foi pedir ao Orixá Malê para fazer um trabalho com pássaros na beira do rio Macacú. Severino que não acreditava nem em Deus, também foi meus irmãos, a vista de todos aqueles que nos cercavam, todos que estavam assistindo a sessão, alguns já estão mortos, não podem dar aqui sua palavra, mas eu estou dizendo que tem aqui quem falta.

Pois bem meus irmãos; os pombos levados pela mãe de Geraldo Rocha, e levados por Leal de Souza, Orixá, tirou-os da gaiola que estavam, e segurando eles, falou no bico do pombo; eles precisam trabalhar, e vou avisar vocês, o que é a proteção. Severino ria.

Era um dia de sol, algumas nuvens corriam no espaço. Todo mundo ia apanhar chuva; vamos mandar aqueles pombos para o outro lado de lá do rio para que eles não se molhem, para voltarem e continuarem o nosso trabalho. Não demorou poucos minutos e a chuva caiu molhando a todos que estávamos ali reunidos. Passada a chuva, os pombos fugiram para o outro lado do rio, Orixá Malê fez com que eles voltassem, e tornassem ao trabalho. Severino duvidava; então, como ele não acreditava em Deus, o Orixá Malê que era mais, pegou uma pedra redonda na margem do rio e deu com a pedra na testa, e ele pá. Ele caiu dentro do rio.

Corre e tal; não; não pega; ele foi quem se achou na pedra, e tem um Ogum que ele trabalha, e quis mostrar a ele, que ele não tinha fé em Deus, mas foi com uma pedra que fez dele um médium dentro das matas, nas margens do rio Macau.

Veem vocês que a luta foi grande para formar estas Tendas, tudo se faz, mas hoje estou satisfeito porque sinto no coração de vocês que os vossos corações estão unidos ao meu Espírito para ir aos pés de Jesus pedir perdão, para que possamos ser seus alunos, seus inimigos que recebam de seus corações um perdão e também para aqueles que podem desejar o mal.

Acredito que o manto de Nossa Senhora, virá ao agasalho de todos vocês na Umbanda do humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Sempre fui pequenino e pequenino continuo; sou mais humilde dos Espíritos que baixa ao planeta; tenho dito, tenho escrito e continuo a ser satisfeito pela Umbanda, todo dia, de estado a estado; a Umbanda hoje é grande, porque em São Paulo que se criou 20 Tendas, em Santos, enfim, em Minas, e por ai afora, na capital da República e no estado do Rio; nossa Umbanda continua progredindo, como aquela que eu desejo, como aquela que é preciso encontrar, nesta casa, quando aqui estou trazendo ao coração daqueles que dirigem, que é a humildade, o amor que pratica a caridade.

E venho encontrando e dando força aos dirigentes destas Tendas, e aos médiuns, para que esta Tenda possa sempre ser grande e ser o espelho das outras Tendas, porque meus irmãos, infelizmente, o nosso irmão Floriano que está ao meu lado sabe perfeitamente disto, que a nossa Umbanda, criada por mim, o Espírito, só desejava encontrar de branco, com roupas de pouco custo, nada de seda, nada de cores que pudessem, como eu vou dizer, o pobre ficar triste, quando vocês botarem uma vestimenta.

A nossa Umbanda de humildade, amor e caridade, é esta que se prática em nossa Tenda, Tenda de Nossa Senhora da Piedade. Por isso meus irmãos, que as outras Tendas, os umbandistas, podem fazer aquilo que muito bem desejarem; todos eles poderão fazer o que quiserem, mas, eu posso garantir uma coisa, que o meu aparelho nunca aceitou a vil moeda em troca de uma cura ou de um feito, porque a vil moeda só serve para atrapalhar o homem ou mulher que é médium.

E vocês, eu sei perfeitamente, que existem Tendas, pelos pantos (nota do autor: panto – termo que indica tudo, inteiro). Nós temos uma choupana no mato, do Velho Pai João, naquela época, que foi o primeiro na nossa Umbanda, grandes teres (nota do autor: teres – “posses, bens – homens de posse”) que o bom ...., generais junto de mim, que podem dizer; - naquela época, um cheque de um milhão era muita coisa; me deram o cheque por cura, e eu dizia ao meu aparelho – não pegue; botavam na minha mão e eu devolvia.

Por isso meus irmãos, que vocês possam fazer a caridade, possam receber de Deus a sua misericórdia e que todo médium possa fazer o bem, curar com suas mãos, com sua reza. A questão é andar por uma linha reta, numa consciência pura e limpa. É não receber nada, enfim, olhar para o seu semelhante como se fosse um verdadeiro irmão, com este amor de irmão para irmão.

Como o menor Espírito que baixa sobre a Terra eu saúdo a falange de Caboclos que me cercam, que me cercaram quando iniciei. Temos aqui diversos Caboclos; como um certo..., e tem Caboclos também de Ogum, de Xangô, que estão nas Sete Linhas, mas devo dizer que o Caboclo das Sete Encruzilhadas que é o meu Espírito pertence a falange de Oxossi meu Pai. Que Oxossi possa tomar conta de vocês. Que Oxossi, que o padroeiro dessa capital, abençoe a vocês neste momento. E este pequenino Espírito deseja a todos presentes, proteção e os corpos sem os negativos para amenizar os vossos males. Com fé, que tenham nesses momentos a proteção da falange de Oxossi e as outras Linhas que aqui presentes, para levar harmonia aos vossos lares, harmonia aos vossos corações.

Talvez possam gozar a vida conforme o Pai vem falando a seus filhos, dentro daquela humildade, dentro do amor de irmão para irmão e praticando a caridade.

Lembre-se, que eu seja decente; o menor dentre todos; humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Eu salvo ao meu lado à Tupinambá e a outros Espíritos, 7 Flechas, Caboclo Roxo, enfim a quantidade de Espíritos de Oxossi e de Ogum, que estão presentes; de Xangô. Eu felicito a vocês todos que estão na matéria, para que estes Espíritos comigo, possam carregar o que há de ruim, invadindo, sacudindo as vossas casas de alguma coisa que possa estar por lá, para que vocês tenham dias melhores, para que os filhos tenham mais saúde e paz para praticar a verdadeira Umbanda do humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas. Que a paz, neste momento baixe a que se ergam para todos os passos da luz e repasse para todos vocês debaixo do manto de Nossa Senhora da Piedade.

Nota do autor: Nesse momento, pelo ouvido por nós na fita, cremos ter havido a incorporação de Pai Antônio, que prossegue com o senhor Floriano:

- O papai; saudando e salve a Umbanda. (palmas)

- *Tá tudo bonito.*

- Ai que saudades eu tenho. Saudade de você.

- *Como você está Floriano? Tu ta bom meu filho?*



Nota do autor: Floriano Manoel da Fonseca – fundador da Cabana Espírita Nosso Senhor do Bonfim – Rio de Janeiro/RJ 1939 – médium do Caboclo Urubatão

- A benção meu pai.

- *Tu ta bom meu filho. Como é que vai?*

- Graças a Deus meu pai. Eu estou bem meu senhor, talvez melhor do que aquilo que eu mereça.

- *Não deixa de levar umas pedradinhas não é meu filho?*

- Muito contente de estar aqui comungando com esta vibração sublime, com este trabalho maravilhoso que vocês da espiritualidade trazem até esta Terra para ajudarem também a carregar esta cruz. É preciso todo mundo compreender que deste mundo nada se leva, só as boas ações.

Infelizmente, nós, Espíritos encarnados ainda somos imbuídos de muito egoísmo e muita animalidade, por isso queremos sempre a posse de tudo, desde as coisas mais insignificantes, até as coisas realmente mais valorosas, esquecendo-nos que realmente nada que temos que cultivar, isto que o senhor ensina; misericórdia, amor, paz, compreensão, piedade, como é também o nome deste símbolo maravilhoso de Nossa Senhora, que o Senhor, Caboclo das Sete Encruzilhadas escolheu para batizar o primeiro Templo de caridade que forma naturalmente uma plêiade de Templos, que vieram a seu tempo, naturalmente por inclinação do Astral superior, enriquecer a terra de Santa Cruz, para trazer auxílio as estas comunidades, a estas searas benditas, o conhecimento da coisas espirituais e ajudar por outro lado ao mais pobres e mais humildes a carregarem as suas cruzes com mais entusiasmo, com mais força, para que assim a Umbanda e o seu Caboclo das Sete Encruzilhadas que é o senhor, vieram inaugurar nessa cidade maravilhosa que é o Rio de Janeiro, e pudessem realmente, ou na terra de Araribóia em Niterói, que são dias de tal maneira, que foi como que uma clarinada no raiar de uma nova era que se expandiu distante.

Por isto nós estamos aqui comungando com os 64 anos desta vida laboriosa, desta vida intensa e de muita renúncia para o seu aparelho, que é naturalmente o espelho no qual todos nós, filhos ou não da Umbanda, todos nós que queremos progredir, devemos nos espelhar, porque em realidade se não houver renúncia de nossa parte, nós não podemos construir nada de bom.

Além do mais a mediunidade, o intercâmbio entre o mundo espiritual e o mundo material, reserva para cada um de seus trabalhadores um caminho, que embora cheio de urzes, mas uma aurora esplendorosa ao término da caridade.

Porque segundo nos ensinam você mesmos, Espíritos de Caboclos e Pretos-Velhos, o trabalho de médium corresponde exatamente a uma tarefa nobilitante, e que ele aceitou, porque com maiores possibilidades ele poderá alcançar o caminho da glória, e regenerando-se, ele pode também descontar as falhas, as faltas, e porque não dizer também, os crimes de encarnações passadas.

O seu trabalho foi, renúncia, e torna-se valoroso, por que ele esta trabalhando para si, também ajudando os seus irmãos a progredirem nesse mundo que, embora ele aceita como de provas e expiações, ele também vai chegar ao seu ponto culminante, de mundo de regeneração.

Por isso, querido Pai Antônio, nós estamos felizes, porque há 25 anos apenas, somos calouros nesse trabalho de pesquisa principalmente, em aprendizado imenso, dessa maravilha com a sua sapiência, que nos traz a Umbanda, quer seja essa que o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos ensinou, ou esta outra sincretizada com os trabalhos com os nossos irmãos que se afinam mais, ainda, com as práticas e sistemas vindo de África.

Entretanto, nós queremos, percebemos e sentimos por intuição, que tudo isso foi preparado na espiritualidade, de forma que, a Terra do Cruzeiro trouxe, preparado de maneira que chegasse ao ponto em que o emissário do senhor viesse, especialmente dizer aos filhos da Terra de Santa Cruz, que o Brasil é o coração do mundo, a pátria do Evangelho.

Estamos felizes Pai Antônio.

"Chegou, chegou. Chegou com Deus. Chegou, chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas"

Nota do autor: Nesse trecho, pelo fato de ouvirmos o ponto do Caboclo das Sete Encruzilhadas novamente, este retornou e prosseguiu na palestra:

- E assim foi feita a nossa Umbanda no Brasil. Passaram-se os anos e tudo aquilo que eu disse, apelando para quem está presente, de muitos anos que me acompanha, falando, pedindo e fazendo exemplos de Jesus quando passou na Terra, quando ia da Palestina para a Galiléia, e foram ao seu encalço pedir harmonia para sua casa; a resposta foi esta: *"- Vocês fechem os olhos para a casa de seus vizinhos, fechem a boca para não se virar contra quem quer que seja, não julguem para não ser julgado, pense em Deus que a paz entrará em suas casas. "*

É do Evangelho; e tomaram por ensinamento as minhas palavras, e a Tenda começou a seguir o seu ritmo, aquele que eu desejava.

Passados alguns anos, em 20 e poucos, em 18, no fim da guerra, eu ensinava que camadas negras baixariam ao planeta Terra, e que em 69, em 69 e 68, esses Espíritos já estariam reencarnados em outros corpos, enviando grandes perturbações a este planeta.

A mulher perderia a honra e a vergonha, e o homem, o caráter. A tantas três, assististe a primeira. Não é verdade?

Entretanto, a Igreja, o Vaticano estava incrédulo. Eu sentia que os tempos se aproximavam; e o tapa no filho rejeitado; porque os críticos seriam os primeiros a querer ouvir as ordens emanadas do Vaticano.

Estão vendo o estado que está isso ai. Atualmente nos estamos sabendo, o que se passa pelo mundo inteiro.

Infelizmente já não tem mais aquele respeito pela palavra do papa. Infelizmente.

A religião, seja ela qual for, desde que tenha por base acreditar em Deus, acredito que seja uma boa religião; desejar a teu próximo o que deseja para ti, cumprir os mandamentos das Leis de Deus é ser perfeito e principalmente, em qualquer religião, mas principalmente na religião espírita, para que o médium seja o instrumento que possa ser tocado por qualquer professor de música, que venha executar uma sinfonia.

Por isso meus irmãos, criei Sete Tendas, na capital da República, no Distrito Federal.

Os mais humildes tragam amor no coração, mas amor de irmão para irmão, porque as vossas mediunidades ficarão muito mais limpas e puras, dignas de qualquer Espírito superior que possa baixar, que os vossos

aparelhos estejam sempre limpos, que os vossos instrumentos estejam sempre afinados com as virtudes que Jesus pregou na Terra, para que tenhamos boas comunicações, boas proteções, para que todos aqueles que correm em busca de socorro nas nossas casas de Umbanda, nas nossas casas de caridade em todo o Brasil. Meus irmãos, esse aparelho já está velho, já com 80 anos, a fazer, mas já começou antes dos 18 anos.

Se eu disser que o ajudei para que ele pudesse se casar, para que não ficasse a andar dando cabeçadas, para que fosse um médium aproveitado, como eu disse na Federação e está lá escrito, fui procurar as mediunidades que ele tinha, para fazer a nossa Umbanda no Brasil.

E, todos estes, a maior parte de todos estes que trabalham em Umbanda, se não passaram por nossa Tenda, passaram por filhos saídos desta Tenda e que criaram outros terreiros.

Das 7 Tendas criadas por mim no Distrito Federal, muitas Tendas têm saído para fazer a caridade aos seus semelhantes, a nos seguir.

A lembrança que Jesus veio ao planeta Terra, na humilde manjedoura, não foi por acaso. Não. Foi porque o Pai assim o quis, determinou, porque podia ter procurado uma casa de um potentado daquela época, mas não, foi escolher aquela que seria a mãe de Jesus, o Espírito que vinha traçar a humildade, os seus passos, para ter paz, saúde e felicidade.

Aproveitando o nascimento de Jesus, a humildade que ele baixou neste planeta, numa humilde manjedoura, o Anjo que anunciou a Maria que ela ia ser mãe sem ser esposa, que a estrela que iluminou aquele estábulo, que levou os três reis magos a sua presença, vinde até vocês iluminando os vossos Espíritos, tirando os escuros de maldades, por pensamentos, por práticas e ações que tinham sido pensadas ou praticadas, que Deus perdoe tudo aquilo que vocês tenham feito, que Deus perdoe as maldades que possam ter sido pensadas, para que a paz possa reinar nos vossos corações e nos vossos lares.

Eu, meus irmãos, como menor Espírito que baixou na Terra, mas amigo de todos, numa concentração perfeita dos Espíritos que me rodeiam neste momento, peço que eles sintam as necessidades de cada um de vós e que ao sairdes deste Templo de caridade, que encontreis os caminhos abertos, os vossos enfermos melhores e curados e saúde para sempre nas vossas matérias. Com paz, saúde e felicidade, com humildade, amor e caridade, sou e serei sempre o humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas.”

EM 1971, A SENHORA LILIA RIBEIRO, DIRETORA DA TENDA DE UMBANDA LUZ, ESPERANÇA, FRATERNIDADE – RJ, GRAVOU UMA MENSAGEM DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS NA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE



Trabalho de Desobsessão (Descarrego) na Mesa de Trabalho da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – 1973 *(arquivo de Diamantino F. Trindade)*

No ano de 1971, um dia após a fundamentação da Umbanda completar 63 anos, reuniram-se, na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, médiuns e assistidos para ouvir a palestra proferida por Zélio de Moraes, e pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas. Eis a palestra:

"Chegou, chegou, chegou com Deus,Chegou, chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas".

Ao meu lado está o Caboclo das Sete Encruzilhadas, para dizer a vocês que esta Umbanda, tão querida de todos nós, fez ontem 63 anos. Na Federação Espírita do Estado do Rio, presidida por José de Souza, conhecido por Zeca, rodeada por gente velha, homens de cabelos grisalhos, um enviado de Santo Agostinho me chamou para sentar-se à sua cabeceira. Havia uma ordem; ele fora jesuíta até aquele momento, chamava-se Gabriel Malagrida, e, naquele instante iria anunciar a Lei de Umbanda, onde Negros e Caboclos pudessem se manifestar, porque ele não estava de acordo com a Federação, que não recebia Negros, nem Caboclos. Pois, se o que existia no Brasil eram caboclos, eram nativos, se quem veio explorar o Brasil trouxe para trabalhar e engrandecer esse país, os negros da costa da África; como uma Federação Espírita não recebia Caboclos e Negros? Então disse o Espírito: *"Amanhã, na casa de meu aparelho, na Rua Floriano Peixoto, número 30, será inaugurada uma Tenda Espírita com o nome de Nossa Senhora da Piedade, que se chamará Tenda de Umbanda, onde o Negro e o Caboclo possam trabalhar".* Houve balbúrdia, embora eles reconhecessem a minha mediunidade; mas eu era muito moço, havia completado 17 anos e por doença havia sido levado à Federação porque os médicos não me davam jeito.

Esse Espírito, que nós chamamos de Chefe, Caboclo das Sete Encruzilhadas, se manifestou na Federação, chamando aqueles senhores, todos de cabelos grisalhos, para assistir à primeira Sessão de Umbanda em minha casa. E o presidente perguntou: "E o meu irmão acredita que irá ter alguém lá amanhã? A resposta do Caboclo das Sete Encruzilhadas: *"colocarei no cume de cada montanha que circunda Neves, uma trombeta tocando, anunciando a existência de uma Tenda Espírita onde o Negro e o Caboclo possam trabalhar".* Isso aconteceu no dia 15 de novembro de 1908. No dia 16 de novembro, a nossa casa ficou cheia, e posso dizer aos meus irmãos:

só o fiz levado por esse Espírito que é o nosso Guia, porque eu não queria aceitar, estava sem saber, achando uma coisa extraordinária.
Eu iria assumir a responsabilidade de ter uma Tenda Espírita, de receber um Guia para fazer com que os doutores fossem lá buscar a cura para seus entes queridos.

(nota do autor: Agora, incorporado, o Caboclo das Sete Encruzilhadas continua):

"Meus irmãos, tudo isso se deu. O meu anunciar da Tenda, foi tomar o meu aparelho e começar a curar aqueles que estavam lá, fosse por isso, ou fosse por aquilo. Mas Deus, que é sumamente misericordioso, levou um cego e outras pessoas, como também paralíticos, na Tenda da Piedade, na minha frente. E eu disse: caminhem, e quando chegarem perto de mim estavam curados. Passaram-se os anos, e tudo aquilo que eu disse, apelando para quem está presente e que há muitos anos me acompanha, falando, seguindo e trazendo exemplos de Jesus quando esteve na Terra, que foram ao seu encalço pedir harmonia para sua casa, a resposta foi esta: "vocês fechem a boca para não murmurar contra quem quer que seja; não julgueis para não serdes julgados; pensem em Deus, que a paz entrará suas casas". Tomaram as minhas palavras como ensinamento, e a Tenda começou a seguir o seu ritmo como eu desejava. Na década de 1920, com o fim da guerra, eu anunciava que as camadas negras baixariam ao Planeta Terra, e que em 1968, 1969, esses Espíritos já estariam encarnados em outros portos e viriam trazer a perturbação a este Planeta. A mulher perderia a honra e o homem o caráter.

Entretanto, eu sentia que os tempos se aproximavam e que os bispos seriam os primeiros a não querer ouvir as ordens emanadas do Vaticano. Atualmente, nós sabemos o que está se passando pelo mundo inteiro. Já não se respeita a palavra do Papa, infelizmente. Porque a religião, seja ela qual for, desde que tenha por base acreditar em Deus, acredito que seja uma religião boa. Desejar ao seu próximo aquilo que deseja pra si, cumprir os mandamentos da Lei de Deus, é ser perfeito, e, em qualquer religião, mas principalmente na religião Espírita, para que o médium seja um instrumento que possa ser tocado por qualquer Espírito que possa vir trabalhar.

Por isso meus irmãos, criei sete Tendas na capital da República, no Distrito Federal. A primeira foi criada e entregue à nossa irmã Gabriela. Mais tarde, dois ou três anos depois, passei para o José Meirelles, que era um deputado federal que havia ido à Tenda Nossa Senhora da Piedade em busca da cura de sua filha.

E a resposta do velho Pai Antônio: "vá à sua casa; no último canteiro, vai mexer a terra e achar umas raízes. Vai cozinhar as raízes, dar à sua filha e ela estará curada". Eram batatas, porque naquela época ainda não haviam florido e ainda estavam embaixo da terra, cheia de raízes. Foi um esteio, foi um elo, um braço direito para me ajudar e fazer com que essa Umbanda chegasse ao ponto em que está chegando.

Criei a Tenda de Nossa Senhora da Guia, de Oxossi, criei a Tenda de Oxalá, a Tenda São Jorge, a Tenda de Xangô, a Tenda de Santa Bárbara... Finquei sete Tendas.

Depois de funcionarem, formadas essas Tendas, vamos criar a Federação de Umbanda no Brasil. Chamei Hidelfonso Monteiro, Maurício Marcos de Lisboa, major Alfredo Ramalho, hoje general, enfim, juntei cinco pessoas para fazermos a Federação de Umbanda no Brasil.

Mais tarde, a Tenda da Piedade continuou a trabalhar, contando com a assistência deste aparelho por quem falo; continuou a produzir, a curar, ajudando a uma casa de saúde, pois os médicos nos procuravam, iam à casa do meu aparelho para saber quais os loucos que tinham cura, dando os nomes e apontando. E aqueles que eram atuados por Espíritos, nós afastávamos esses Espíritos e a loucura passava,

Mais tarde, veio então a formação de um jornal, para a divulgação da nossa Umbanda, e para isso contamos com o secretário da Tenda, Luis Marinho da Cunha, com Leal de Souza e outros que eram fervorosamente espíritas, pelas coisas que sentiam e pelas coisas que recebiam pelas graças de Deus.

Meus irmãos, a Umbanda continua. Nasceu em 1908 na Federação Espírita de Niterói. Hoje a Umbanda está em todos os Estados; médiuns saíram daqui porque eu não pude levar meu aparelho até lá, mas levei-o ao Estado de São Paulo, onde criei mais de vinte Tendas, em Minas, no Espírito Santo... Porque curas foram realizadas e foi necessário criar Tendas Espíritas da nossa Umbanda querida nesses Estados.

A Umbanda tem progredido e vai progredir. É preciso haver sinceridade, honestidade e eu previno sempre aos companheiros de muitos anos: a vil moeda vai prejudicar a Umbanda; médiuns que irão se vender e que serão, mais tarde, expulsos, como Jesus expulsou os vendilhões do templo.

O perigo do médium homem é a consulente mulher; do médium mulher é o consulente homem. É preciso estar sempre de prevenção, porque os próprios obsessores que procuram atacarem as nossas casas fazem com que toque alguma coisa no coração da mulher que fala ao pai de Terreiro, como no coração do homem que fala à mãe de Terreiro. É preciso haver muita moral para que a Umbanda progrida, seja forte e coesa.

Umbanda é humildade, amor e caridade – esta é a nossa bandeira. Neste momento, meus irmãos, que rodeiam diversos Espíritos que trabalham na Umbanda do Brasil: Caboclos de Oxossi, de Ogum, de Xangô. Eu, porém, sou da falange de Oxossi, meu pai, e não vim por acaso, trouxe uma ordem, uma missão.

Meus irmãos sejam humildes, tenham amor no coração, amor de irmão para irmão, porque vossas mediunidades ficarão mais puras, servindo aos Espíritos superiores que venham a baixar entre vós.

É preciso que os aparelhos estejam sempre limpos, os instrumentos afinados com as virtudes que Jesus pregou aqui na Terra, para que tenhamos boas comunicações e proteção para aqueles que vêm em busca de socorro nas casas de Umbanda.

Meus irmãos: meu aparelho já está velho, com 80 anos a fazer, mas começou antes dos 18. Posso dizer que o ajudei a casar, para que não estivesse a dar cabeçadas, para que fosse um médium aproveitável e que, pela sua mediunidade, eu pudesse implantar a nossa Umbanda. A maior parte dos que trabalham na Umbanda, se não passaram por esta Tenda, passaram pelas que saíram desta Casa.

Tenho uma coisa a vos pedir: se Jesus veio ao planeta Terra na humildade de uma manjedoura, não foi por acaso. Assim, o Pai determinou. Podia ter procurado a casa de um potentado da época, mas foi escolher aquela que havia de ser sua mãe, este Espírito que viria traçar à humanidade os passos para obter paz, saúde e felicidade.

Que o nascimento de Jesus, a humildade que Ele baixou a Terra, sirva de exemplos, iluminando os vossos Espíritos, tirando os escuros de maldade por pensamento ou práticas. Que Deus perdoe as maldades que possam ter sido pensadas, para que a paz possa reinar em vossos corações e nos vossos lares.

Fechai os olhos para a casa do vizinho; fechai a boca para não murmurar contra quem quer que seja; não julgueis para não serdes julgados; acreditai em Deus e a paz entrará em vosso lar. É dos Evangelhos.

Eu, meus irmãos, como o menor Espírito que baixou a Terra, mas amigo de todos, numa concentração perfeita dos companheiros que me rodeiam neste momento, peço que eles sintam a necessidade de cada um de vós e que, ao sairdes deste Templo de caridade, encontreis os caminhos abertos, vossos enfermos melhorados e curados, e a saúde para sempre em vossa matéria.

Com um voto de paz, saúde e felicidade, com humildade, amor e caridade, sou e sempre serei o humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas".

TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DA FITA CASSETE Nº 50, GRAVADA POR LILIA RIBEIRO



Transcreveremos abaixo, parte da entrevista gravada por Lilian Ribeiro com o Sr. Zélio Fernandino de Moraes no dia 22 de outubro de 1970, que faz algumas referências aos Exus. Gravação feita com a voz de Zélio de Moraes.

Nota do autor: Em toda trajetória histórica da Linha Branca de Umbanda e Demanda sempre ouvimos falar em Caboclo e Preto-Velho, mas em nenhum momento, sobre os Exus. Portanto, vamos agora atentar para os ensinamentos do Senhor Zélio de Moraes, calcados nas orientações do Senhor Caboclos das Sete Encruzilhadas:

Lilian Ribeiro: Sr. Zélio, é sobre o trabalho dos Exus. Existem Tendas que dão consultas com Exus em dias especiais além das consultas normais de Pretos-Velhos e Caboclos. Como o Sr. vê isso?

- Zélio: *Eu sei disto, que há muitas Tendas que trabalham com Exus, eu não gosto porque é muito fácil se manifestar com Exu, qualquer pessoa médium, um mau médium se manifesta com Exu, basta ter um Espírito atrasado; ou também fingindo um Espírito, por isso não gosto e fujo disto, na minha Tenda não se trabalha com Exu por qualquer motivo.*

Nota do autor: Vejam que o Sr. Zélio diz: *"... na minha Tenda não se trabalha com Exu por qualquer motivo..."*; podemos notar que o trabalho com os Exus seria um trabalho "especial", ou seja, seria chamado somente em casos de necessidade e para resolver problemas específicos. Os Exus Umbanda não são Guias Espirituais, portanto, não procedem à atendimentos fraternos; isso é reservado somente aos Guias Espirituais gabaritados para tal mister. O Sr. Zélio também nos diz sobre a problemática da facilidade de mistificação, podendo ocorrer puro animismo, ou a presença de obsessores kiumbas ou de Exus Pagãos. Isso é uma coisa muito séria. A roupagem fluídica dos Exus Umbanda, bem como seus modos de ser, muito próximos aos humanos, facilitam, e muito, a mistificação consciente ou inconsciente por parte de médiuns incautos.

Lilian Ribeiro: Mas o Sr. não considera o Exu um Espírito trabalhador como todos os outros Orixás?

- Zélio: Depois de despertado, porque o Exu é um Espírito admitido nas trevas; depois de despertado, que ele dá um passo no caminho da regeneração é fácil ele trabalhar em benefício dos outros. Assim eu acredito no trabalho do Exu.

Nota do autor: Nesta pergunta, quando o Sr. Zélio diz *"depois de despertado, que ele dá um passo no caminho da regeneração é fácil ele trabalhar em benefício dos outros"*, pode-se notar que estes Espíritos pretendem um local melhor, pretendem uma posição melhor e para isto escolheram o trabalho caritativo nos Terreiros de Umbanda.

Lilian Ribeiro: Não haverá casos em que outros Orixás vibrando em outras Linhas não possam resolver de imediato alguns problemas de filhos e, não seria o Exu aí o mais indicado para resolver, por estar mais perto materialmente, por estar mais aceito nos trabalhos materiais?

- Zélio: *O nosso Chefe, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nos ensinou assim, isto faz 60 anos, que o Exu é um trabalhador. Como na polícia tem soldado, o chefe de polícia não prende, o delegado não prende, quem prende são os soldados, cumprem ordens dos maiorais, então o Exu é um Espírito que se encosta na Falange, que aproveita para fazer o bem, porque cada passo para o bem que eles fazem vai aumentando a sua luz, de maneira, que é despertado e vai trabalhar, quer dizer, vai pegar, vai seduzir este Espírito que está obsedando alguém, então este Exu vai evoluir. É assim que o Caboclo das Sete Encruzilhadas nos ensinava.*

Lilian Ribeiro: De que modo o Exu é um auxiliar e não um empregado do Orixá ou vice-versa?

- Zélio: *Eu não digo empregado, mas é um Espírito que tende a melhorar, então para ele melhorar ele vai fazer a caridade junto com as falanges, correndo em benefício daqueles que estão obsedados, despertando e ajudando a despertar o Espírito para afastá-lo do mal que ele estava fazendo, então ele se torna um auxiliar dos Orixás.*

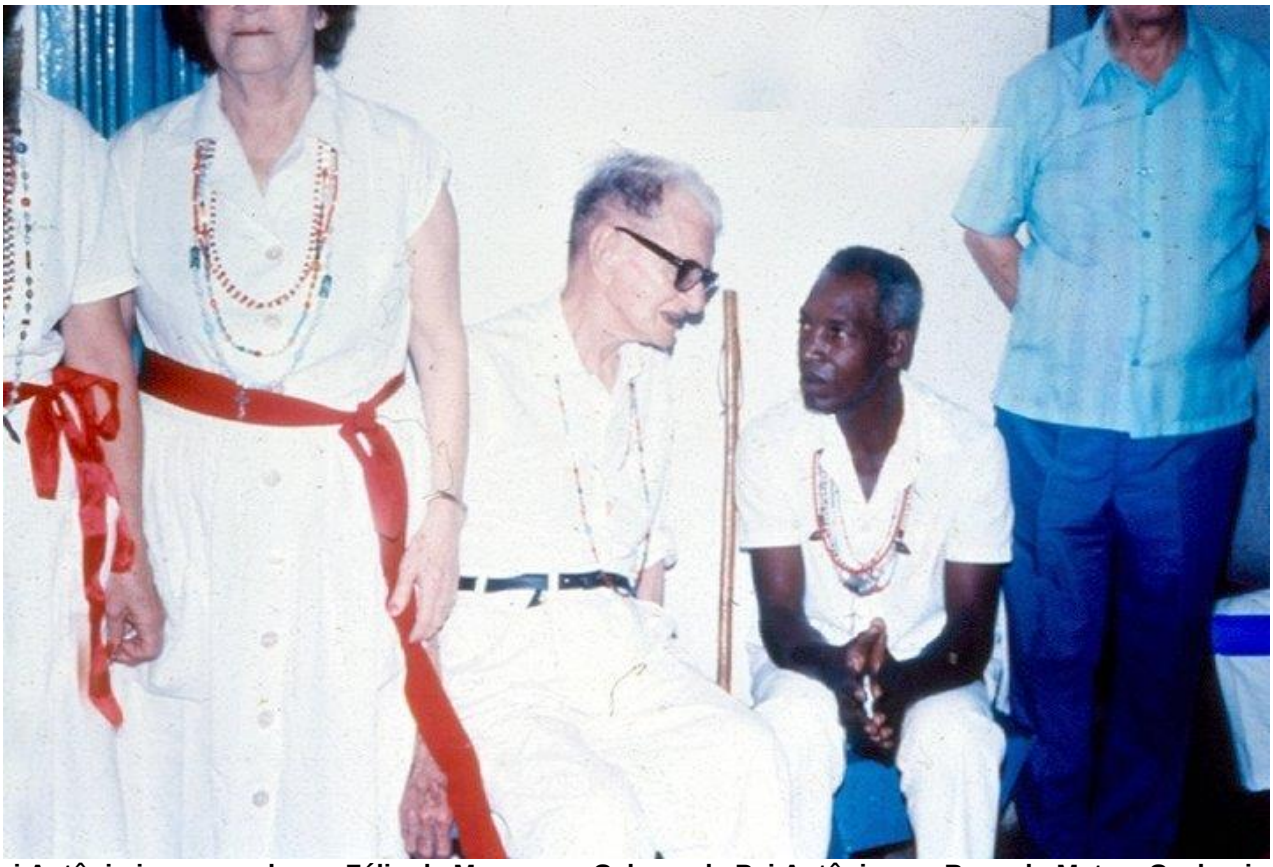
Nota do autor: Nestas duas perguntas ele deixa claro que os Exus são a polícia espiritual das casas de Umbanda e que trabalham sob as ordens das Linhas de Trabalhos Espirituais da Umbanda. Zélio nos orienta que os Exus trabalham ostensivamente no auxílio aos obsedados, e, no trato direto com os obsessores, principalmente os que vêm do Reino da Kimbanda, despertando-os das suas letargias mentais, convencendo-os a se integrarem às falanges trabalhadoras do bem.

"Para o bom êxito dessas atividades caritativas, têm esses Guias (nota do autor: Guias Espirituais da Umbanda) *como seus auxiliares, Espíritos de todas as categorias, de todas as origens, mesmo de condição e mais atrazada, obedientes e identificados com as finalidades, animados de boa vontade, prestando os serviços que lhes são pedidos, ordenados e possíveis na medidas de suas forças, num exercício que constitue a mais eficaz e produtiva escala de aperfeiçoamento moral primário, sem que prejudicada possa ser essa educação moral, pela liberdade que lhes é permitida nos seus usos e costumes familiares, caracterizando sua origem, com as quais se tornam possíveis aqueles que se utilizam dos seus serviços no seu próprio benefício e dessa causa santa, porque beneficia toda a humanidade". (Texto de: José Rodrigues Lopes de Barros (Aprendiz). Diário Carioca – Quarta-Feira, 22 de Fevereiro de 1933 – página 08)*

"... Exus, como bem exemplificado por Leal de Souza em 1933, são Espíritos com baixo grau evolutivo. O que os diferencia dos demais ao mesmo tempo em que permite a sua manifestação nos rituais de Umbanda, é o seu conhecimento sobre magia, manipulação de energia, que pode ter sido adquirido tanto em vida, quanto já depois do desencarne. Possuem, portanto, grau de evolução baixo se em comparação com os Espíritos das demais 06 Linhas – já que Exu se encontra na sétima, a "Linha de Santo", que possui Santo Antônio como patrono – por este motivo, a sua manifestação na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e nos ritos dirigidos pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, sempre ocorreu debaixo de grande respeito e cuidado, com médiuns, data e local específicos. Geralmente, a manifestação de Exus se fazia e ainda se faz somente necessária nas Sessões de Descarga, Sessões estas fechadas ao público, pois tem a única finalidade de fragmentar todo e qualquer resquício de energias negativas existentes na Tenda e nos médiuns integrantes. As consultas não são autorizadas, pois como bem afirmado logo acima, é seguido o entendimento que não há o porquê de se consultar Espíritos que na maioria dos casos possuem o mesmo ou inferior grau de evolução que o consulente. São os Espíritos mais atrasados e mais cegos a se manifestarem na Umbanda. Não há vantagem, pois ainda necessitam de instrução. Mas fica claro, que Exus são cultuados na Linha Branca de Umbanda e Demanda sim; podem fazer suas descargas e trabalhar quando permitido, mas não dão consultas, ***assim como não se faz obrigações para a aproximação ou melhor contato mediúnico com esta qualidade de Espíritos nos seus respectivos médiuns****..."* (Pedro Kritski – médium da Tenda Espírita Santo Antônio, oriunda da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade) – (nota do autor: colocamos uma parta da última frase em negrito para que todos atentem que em Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas não se usa das tais "obrigações" para firmar Exu e Pomba-Gira em nenhum médium)

Segundo informações da Srª Lygia, neta de Zélio de Moraes e atual dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o primeiro Exu que incorporou na Tenda, sendo seu responsável, é o Sr. Marabaroo, sendo sua primeira médium a Srª. Zilka, irmã de Zélio de Moraes e posteriormente passou a trabalhar com um médium da Tenda, conhecido por "Sr. Pinto". Zélio de Moraes em 67 anos de trabalhos mediúnicos ininterruptos nunca "incorporou" um Exu.

TRANSCRIÇÃO DA FITA CASSETE Nº 52, GRAVADA POR LILIA RIBEIRO



Pai Antônio incorporado em Zélio de Moraes na Cabana de Pai Antônio, em Boca do Mato – Cachoeiras de Macacú – RJ (década de 1970)

"Chegou, chegou, chegou com Deus. Chegou, chegou o Caboclo das 7 Encruzilhadas"

Nota do autor: Zélio fala:

Queridos irmãos, ao meu lado está o Caboclo das 7 Encruzilhadas para dizer a vocês que esta Umbanda tão querida de todos nós, fez ontem 63 anos. Que na Federação kardecista do Estado do Rio, presidida por José de Souza, conhecido por Zeca e rodeado de gente velha, homens de cabelos grisalhos, um enviado de Santo Agostinho me chamou para sentar a sua cabaceira, trazia uma ordem, fora jesuíta até aquele momento, chamava-se Gabriel Malagrida, daquele instante ele ia criar a lei da Umbanda, onde o Preto e o Caboclo poderiam se manifestar porque ele não estava de acordo com a Federação kardecista que não recebia Pretos nem Caboclos, pois, se no Brasil, o que existia no Brasil eram caboclos, eram nativos, se no Brasil, quem veio explorar o Brasil, trouxe para trabalhar, para engrandecer este país, eram os pretos da costa da África, como é que uma Federação Espírita não recebia caboclo nem preto?

Então disse o Espírito: amanhã na casa de meu aparelho na Rua Floriano Peixoto 30, será inaugurada uma Tenda Espírita com o nome de Nossa Senhora da Piedade e se chamará Tenda de Umbanda onde o Preto e o Caboclo pudessem trabalhar. Houve balburdia embora eles reconhecessem a mediunidade que eu trazia, mas eu era muito moço, pois eu tinha feito 17 anos e por doença fui levado a Federação porque os médicos não me davam jeito.

Então este Espírito que nós chamamos, Chefe, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, implantou na Federação, chamando aqueles senhores todos de cabelos grisalhos, senhores de responsabilidade para assistirem a sessão na rua Floriano Peixoto nº 30, e o presidente da Federação perguntou: e o irmão vai acreditar que lá tenha alguém amanhã?

A resposta do Caboclo: *"botarei no cume de cada montanha que circula Neves, uma trombeta tocando anunciando a existência de uma Tenda Espírita onde o Preto e o Caboclo pudessem trabalhar"*. Foi a 15 de novembro de 1908. No dia 16 de novembro a nossa casa ficou cheia, e eu posso dizer aos meus irmãos, só fiz levado por este Espírito que é o nosso Guia porque eu não queria aceitar; eu estava sem saber, achando uma

coisa extraordinária, eu ia assumir uma responsabilidade de ter uma Tenda Espírita, de receber um Guia para fazer que os outros doutores fossem lá a buscar a cura para seus entes queridos.
Nota do autor: A partir daqui, incorporado, assume o Caboclo das Sete Encruzilhadas:

Pois meu irmão, tudo isto fiz eu, o meu anunciar da Tenda foi tomar o meu aparelho e começar a produzir, a curar aqueles que estavam lá, o fosse por isso, ou fosse por aquilo, mas Deus que é sumamente misericordioso levou um cego e outras pessoas, como também paralíticos, na Tenda da Piedade, na minha frente, eu disse à vista de todos; se tem fé levanta e caminha, porque quando chegar perto de mim estará curado.

Passaram-se os anos e tudo aquilo que eu disse, apelando para quem está presente de muitos anos que me acompanham, falando, pedindo e trazendo exemplos de Jesus quando passou na Terra, que foram ao seu encalço pedir harmonia para sua casa, a resposta foi esta: *"Você feche os olhos para a casa de seus vizinhos, feche a boca para não murmurar com quem quer que seja, não julgues para não ser julgado, pense em Deus que a paz estará na sua casa".* É do Evangelho, e tomaram pelo ensinamento as minhas palavras e a Tenda começou a seguir o seu ritmo, aquilo que eu desejava.

Passados alguns anos, já em 20 e poucos em 18 no fim da guerra, eu anunciava que camadas negras baixariam ao planeta terra, e que 69, 68 estes Espíritos já estariam encarnados em outros corpos e iriam trazer perturbações a este Planeta. A mulher perderia a honra e a vergonha, e o homem o caráter. Apelo para quem assistiu e está presente; não é verdade?

No entretanto, a igreja, o Vaticano estava decrépito; eu sentia que os tempos se aproximavam e o papa não seria respeitado porque os bispos seriam os primeiros a não querer ouvir as ordens emanadas do Vaticano. Estão vendo o que está se passando; atualmente nós estamos sabendo o que se passa pelo mundo inteiro. Já o papa não se respeita; a palavra do papa, infelizmente, porque a religião seja ela qual for, desde que tenha como fundamento acreditar em Deus, acredito que seja uma religião boa.

Desejar ao seu próximo aquilo que deseja para si, cumprir os mandamentos da lei de Deus é ser perfeito, e principalmente em qualquer religião, mas principalmente na religião Espírita, para que o médium seja um instrumento que possa ser tocado por qualquer professor de música que venha executar uma qualquer coisa, uma valsa, qualquer música enfim.

Por isso meus irmãos, criei Sete Tendas na capital da república no Distrito Federal. A primeira foi criada e entregue a nossa irmã Gabriela; mais tarde, 2 anos ou 3 anos depois passei para José Meirelles que foi também, que era um deputado federal, que foi em busca de cura de sua filha, e a resposta do velho Pai Antônio: *"Vai a tua casa, do último canteiro vai arrancar, mexer a terra e encontrar umas raízes, vai cozinhar estas raízes e dar a tua filha que ela estará curada"*, era batata da angélica, porque não havia naquela ocasião flores; as batatas estavam somente debaixo da terra. Foi um esteio, foi um elo, foi um braço direito para me ajudar, para que esta Umbanda chegasse ao ponto que está chegando.

Depois das Tendas criadas, criei a Tenda de Nossa Senhora da Guia, de Oxossi, criei a Tenda de Oxalá, a Tenda de Ogum. a Tenda de Xangô, a Tenda de Santa Barbara, enfim, criei Sete Tendas. Depois de elas funcionarem, depois de tirar os médiuns destas Tendas para que os médiuns pudessem trabalhar em outras Tendas, formadas estas Tendas, vamos criar a Federação de Umbanda no Brasil. Chamei Hidelfonso Monteiro, Maurício Marcos de Lisboa, Major Alfredo Marinho Ravache, hoje General, era major naquele tempo; enfim, botei cinco pessoas para fazer a Federação de Umbanda no Brasil.

Criou-se a Federação, e ela começou; então a Federação kardecista veio embargando porque não podia ser Espírita, não podia ter o nome, enfim estas coisas do mundo, mas, a Federação de Umbanda, foi criada, está criada, está funcionando. Mais tarde a Tenda da Piedade continuou a trabalhar contando com a assistência deste aparelho que falo; continuou a produzir, a curar, porque a cura de loucos nestes 63 anos, trabalhando para uma casa de saúde, que os médicos nos procurava, iam a nossa casa, a casa do meu aparelho para pedir, para saber quais os loucos que tinham cura, dando os nomes e apontando, esse, esse, esse e esse tem cura, os outros não, porque esses são atuados por Espíritos e nós vamos afastar estes Espíritos e a maluquice passa.

Veio então mais tarde a formação de um jornal de propaganda para a nossa Umbanda. Ai contamos com o secretário da Tenda, Luiz Marinho da Cunha, contamos com Leal de Souza e outros que eram fervorosamente Espíritas pelas coisas que ele sentia e pelas coisas que ele recebeu, das graças de Deus, transmitidas por nós a sua pessoa.

E meus irmãos, a Umbanda continua; nasceu em 1908 na Federação kardecista de Niterói, está lá escrito, presidida por José de Souza que conheciam por Zeca que era chefe do Toc Toc, do arsenal da Marinha de Niterói; Antônio Simplício da Costa, Joaquim Santino Costa, José Tavares, enfim, uma quantidade que está tudo escrito e a Umbanda começou em 1908 na Federação kardecista de Niterói.

Hoje, a Umbanda está em todos os Estados, porque médiuns daqui saíram para o Rio Grande porque não pude levar o meu aparelho lá, mas levei ao estado do Rio, levei a São Paulo onde criei 20 Tendas, em Minas, enfim, no Espírito Santo também têm, de curas que fez lá e foi necessário se fazer Tendas Espíritas da nossa Umbanda querida nestes Estados.

A Umbanda tem progredido e vai progredir; é preciso haver sinceridade na Umbanda, sinceridade, este amor de irmão para irmão porque eu prevenia, sempre prevenia apelando para o General, hoje General e para companheiros que me acompanham a muitos anos; a vil moeda vai atrapalhar a Umbanda, médiuns que vão se vender e que serão mais tarde expulsos como Jesus expulsou os vendilhões do templo.

O perigo do médium homem é a consulente mulher, do médium mulher, o consulente homem. E preciso estar sempre de prevenção porque os próprios obsessores, os próprios Espíritos que atacam as vossas casas fazem com que toque alguma coisa ao coração da mulher que fala com o pai de Terreiro, como faz atacar o coração do homem que fala a mãe de Terreiro. E é preciso ter muito cuidado, haver moral para que a Umbanda progrida e seja uma Umbanda de humildade, amor e caridade.

É esta a nossa bandeira, e acreditem vocês meus irmãos, acreditem vocês, que neste momento me rodeiam diversos Espíritos que vem trabalhando na Umbanda do Brasil, porque havia necessidade, não veio por acaso não, eu trouxe uma ordem, uma missão, porque venho a muito tempo dizendo aquilo que ia acontecer, desde o terremoto de Lisboa em 1755 até este momento. E tudo que aquilo que eu dizia que ia acontecer acontecia.

Pois bem, sejam humildes, tragam amor no coração, mas amor de irmão para irmão porque as vossas mediunidades ficarão muito mais limpas e puras, sutil a qualquer Espírito superior que possa baixar. Que os vossos aparelhos estejam sempre limpos, que os vossos instrumentos sejam sempre afinados com as virtudes que Jesus aplicou na Terra para que tenham boas comunicações, boas proteções, para todos aqueles que possam em busca de socorro nas nossas Casas de Umbanda, nas nossas Casas de Caridade em todo o Brasil.

Meus irmãos, este aparelho está velho já com 80 anos a fazer, mas começou antes dos 18, se eu disser que eu o ajudei para que ele pudesse se casar, para que ele não pudesse andar dando cabeçadas, para que fosse um médium aproveitado como eu disse na Federação e está lá escrito. Fui procurar as mediunidades que ele tinha para fazer a nossa Umbanda no Brasil. E todos estes, a maior parte ou todos estes que trabalham na Umbanda se não passaram por esta Tenda, passaram por filhos saídos desta Tenda e criaram outros Terreiros. Das Sete Tendas criadas por mim no Distrito Federal, muitas Tendas têm saído para fazer a caridade ao seu semelhante, ao seu próximo.

Tenho uma coisa a vos pedir, a lembrança que Jesus veio ao planeta Terra na humilde manjedoura não foi por acaso; não; foi porque o Pai assim quis, determinou, porque podia ter procurado a casa de um potentado daquela época, Deocleciano e outros, mas não, foi escolhida aquela que seria Mãe de Jesus, o Espírito que vinha traçar a humanidade em seus passos para ter saúde paz e felicidade.

Aproveitando o nascimento de Jesus, a humildade que ele baixou neste Planeta na humilde manjedoura, que os Anjos que anunciaram a Maria que ela ia ser mãe sem ser esposa, os Anjos, a estrela que iluminou aquele presépio, aquele estábulo que levou os três reis magos a sua presença, sirva para vocês, iluminando os vossos Espíritos; o mal que tenham praticado, que Deus perdoe tudo aquilo que vocês tenham feito; que perdoe as maldades que possam terem sido pensadas, para que a paz possa reinar em vossos corações e nos vossos lares. Eu, meu irmão, como o menor Espírito que baixou nesta Terra, mas amigo de todos, numa concentração perfeita de Espíritos que me rodeiam neste momento, que eles sintam a necessidade de cada um e ao saírem deste Templo de Caridade, que vocês encontrem os caminhos abertos os vossos enfermos melhorados e curados e a saúde para sempre nas vossas matérias, com paz saúde e felicidade, com humildade amor e caridade, sou e serei sempre o humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Dá um guardanapo pra limpar o nariz do cavalo

Nota do autor: Aqui, Pai Antônio manifestou-se:

- Sarava Capitão Major, como diz, hoje não é mais Capitão Major, não é meu filho? Não é visto meu fio? Como vai Lolinha ta bom meu fio? Que tempo o veio não vê ela.

Nota do autor: Neste momento vários médiuns pedem a benção ao Pai Antônio. Para não confundir a fala das pessoas com o Guia Espiritual, o que Pai Antônio falar, colocaremos em itálico.

- Deus lhe salva, meus fio.

- Sete Encruzilhadas não falou; ele quis agradecer as fias do cavalo, mas cavalo, por duas veis cavalo queria interromper o que Sete Encruzilhadas falava e ele e Caboclo, como dize, vem tomando conta não é isso meu

filho? Cavalo não queria falar, ficou com vergonha de falar dos fios deles como dize. Mas velho agradece a Zéria, a carneirinho tudo, não é isto meu filho?

- Sarava a minha passarada toda como dizem, não é isso meu fio?

- Não tem pássaro nesta mesa não meu fio? Tem?

- Começou com pombinha branca né meu fio? É pássaro né meu fio?

- Tem passarinho como dize. O que é que você diz meu fio não tem passarinho ai não meu fio?

- Tem?

Tem tico-tico

- Tico-tico no fu... Tico-tico no fubá

Tico-tico no fubá né não fio Tá meu fio? Tá bom.

Sarava Portugal

É o que meu filho?

Microfone

- Micofone?

É pra ouvir ai o senhor, transmitir ai o seu verbo.

- Ah, tá bom. Quero dizer:

Nota do autor: Nesse momento, Pai Antônio puxa um ponto cantado:

Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda

- Sarava

- No meu tempo tomava marafo, hoje não pode beber de marafo, não é meu fio? Então da um bocadinho de água pro pai.

- Deus lhe salva como diz.

- Que assim seja.

- Sarava os Tereiros como diz.

- Você que representa Tereiro de Ogum.

É a Tenda de Ogum.

- Océ sabe como Severino desenvolveu?

Sei sim senhor, por diversas vezes ele tem conversado comigo....

- Ele era incrédulo, ele não acreditava em nada, aquelas pessoa que não acredita em nada não é meu fio?

- É ver pra crer.

- Então pediu pra levar um casal de pombos, e capitão Malé, capitão foi lá, como diz, Orixá foi fazer um trabalho, o sol tava bonito, ele diz vai chover, os pombos não podem se molha, solta os pombos, eles vão sentar aqui. O pombo sentou, Severino falou espiando, estava na beira do rio, grande.

- Mas os pombos, foi perguntar quem trouxe, foi o Severino que comprou ali perto das barcas, como é que chama? Mercado. Não, quem trouxe fui eu, quem comprou fui eu, tava numa caixa e veio, o pombo foi pra lá. Agora vai chover e choveu mesmo, Severino foi ficando, meio espiando.

- É isso tudo é engraçado mais ainda não vi nada de espiritismo; tá bom , vai ver. Passou a chuva, bateu palma, vem cá pombo, o pombo voltou, sentou-lhe no ombro, ele não acreditou ainda, mas será? Isto é o Espírito?

- É. Então me dá uma pedra; apanhou uma pedra e disse, vamos se concentrar bem; pensa em Jesus. Ele pensou, deram-lhe uma pedrada na testa que ele ficou uns dias sem poder nem sair de casa com os olhos todo inchado, foram apanhar ele por água abaixo, enganchou numa pedra, Não pega ele, deixa ele enganchado na pedra, veio com Ogum, não é verdade meu filho?

É, verdade sim.

- Como dizer, teve que aprender, custou, mas aprendeu.

- Deus lhe salve.

- Está forte o Severino?

Está bem sim, é que infelizmente nós só recebemos a comunicação hoje, eu não pude ir lá.

- Você dá um abraço pra Severino ..... Olha como tem dumba (Nota do autor – dumba: mulher)*, como dize, tem uma porção não é verdade? Olha como dize, como é que tu chama a criança?*

O nome?

- É

Pedro.

- Pedro. É um nome de respeito meu filho, sabe disso? Quando a gente fala em Pedro a gente bate no chão, salva, salva São Pedro. São Pedro salva, não é isso meu fio? Não é mesmo? Capitão Major tá lembrando aquele pontinho né?

- Não é pra você não. A gente puxava pra gente assim.

Tatá na Aruanda
Eu na calunga
Olha quanta dumba
de Zig zig zig
Eu sem nenhuma

- Sarava

- Todo mundo diz que precisa de Zimbo como dizem não é meu fio? Zimbo (nota do autor – zimbo: dinheiro) *sabe o que é meu fio?*

- E vem no Terreiro; meu pai eu tô sem dinheiro, não tem nenhum vintém.

- Veio então puxava aquele pontinho,

Tem vintém mamãezinha,
não tem não minha cafio?
Olha tia Maria como vem sambando,
Olha tia Maria como vem gingando

- Sarava
- E assim nós vamos trabalhando na Umbanda meu fio, aqueles pontinhos antigos né meu fio, né?

É daquele tempo o primeiro ponto que puxaram pra mim foi este, “Zig Zig e eu sem nenhuma”.

- Puxaram pra você? Então você era danado por muié em meu fio? Hiiiiiiii...

- Ele agora disse uma coisa que deve ter saído sem querer.

- Que vale é que não tem ninguém escutando, nós tamo falano aqui nós dois só não é.

- Pois é isso criança. Olha Pedro, que São Pedro te abençoa, que tá com .....

Assim seja.

- São Pedro te abençoa. Vamos .....

Quero pedir uma coisa ao senhor.

- Pode pedir, como diz, não sendo zimbo meu fio, veio não tem zimbo, mas...

Quero pedir ao senhor que me dê bastante inspiração para poder realizar aquilo que realmente almejo realizar. Sou um filho da Tenda de São Jorge, iniciado, orientado com a força de Ogum, um médium, tipicamente um médium de corrente, médium que procura dentro da minha possibilidade de entendimento dar o máximo de benefício para aqueles que precisam. Hoje eu fui, digamos assim empurrado para ajudar na União Espiritista de Umbanda, que é originaria da Federação Umbandista do Brasil, sob a inspiração do Caboclo das Sete Encruzilhadas. A nossa luta é muito grande, entendemos nós, que se naquela época o Caboclo iniciava uma nova etapa de trabalho mediúnico, me parece que na atualidade, a Umbanda, os médiuns da Umbanda, precisam muito da doutrina, muito do esclarecimento espiritual. Então eu queria pedir ao senhor, e a este grupo de Espíritos que já vem trabalhando a longos anos. Uma série de médiuns que desempenharam uma missão importante na espinha dorsal da Umbanda, que estes Espíritos possam nos ajudar, nos clarear nossa mente, e que nós tenhamos um equilíbrio de conduta de ação para que a espiritualidade possa nos ajudar a dizer aquilo que nós entendemos e achamos que seja certo.

- Que assim seja. Vai ajudar como dize. Depois vocês têm ai como dize, como é que chama, véio conhecia o pai dele, pequenino, a mãe dele e o pai iam lá pra falar com véio, tá entendendo meu fio, mas ele era pequeno, cresceu, ficou grande e tal e quando foi também foi como diz, foi pra cadeira, como é, como deputado né meu fio; como umbandista né meu fio. Hoje é fio dele, não conheço; mas conheço o avô, a vó, conheço a parentada toda dele, conhecia muito o pai e a mãe de Áttila, e as tias todas não é Maria?

- Leonor, Joaquim e aquela gente toda, não é isso, Oscar, tudo aquilo. De modo criança, passou por esse Terreiro muita gente. Hidelfonso que foi tesoureiro que trabalhou com veio, 18 ou 19 anos nesta casa, e o pai deste que canta, como é que chama meu fio, pai de Ciro Monteiro.

- Depois véio mandou ele tomar côco, caroço de abacate e comer, você lembra, sabe quem é meu filho? Que criou uma porção de uma porção de ....., depois veio começou a esculhambar ele porque panhava as músicas que véio cantava e começou fazer negócio pra carnaval, pra tudo, isto não tá certo, como dize.

Lamartine Babo

- Eu disse: que isso seu magricela, então você vem pra cá fazer isso? Não, não faça não. Aquele negócio do..... ta compreendendo?

- Mas tudo passou, ele já tá cá com nós do outro lado não é isso meu filho, engordou, ficou bom, depois como diz, chegou o tempo, passou mesmo não é meu fio? Pois é criança esse mundo é assim mesmo não é meu fio; ninguém sabe, e a mãe diz tô estudando, de onde vem, e você não sabe de onde vem e pra onde vai, senhor sabe Pedro?

Não senhor.

- Não sabe né meu fio? Tu não sabe o dia de amanhã né? Ninguém sabe né meu fio? Então vamos ter fé em Deus, não é isso, vamos ter fé em Jesus, vamos ter fé nos Santos, não é verdade meu fio?

É verdade.

- As igrejas pegaram os Santos, amarraram e botaram no canto da parede. Cavalo foi ver Nossa Senhora da Piedade lá em..., onde foi Maria?
Taboraí.

- Unaí não, outro

Taboraí.

- Taboraí; tá. Nossa Senhora da Piedade os Santos tudo amarrado com corda lá no canto cheio de poeira; cavalo ficou triste; as lágrimas corria; será possível que acabaram com os Santos; botaram só coisinhas no altar? Mas a vida é essa né?

- Tem Preta-Velha, estas pretas tudo quer me beijar; não senhor, não pode beijar, não senhor, nem tem marafo nem coisa nenhuma, né meu filho?

- Sete Encruzilhadas foi apanhar um Espírito que diz que era o mais feiticeiro que tinha ai na..., por perto, era veio, o ponto mesmo diz, muita gente não canta direito mas o canto mesmo é esse meu filho?

- O senhor sabe o ponto de veio não sabe meu filho?

Não.

- Não sabe?

- Pai Antônio da Quimbanda

Ah sei perfeito.

- Não é verdade meu filho?

- Esse ponto tem 63 anos também, foi no dia que Sete Encruzilhadas falou, capitão foi depois uns 05 anos depois, 05 ou 06 né Maria? Um senhor Capitão Major se lembra, como é que chama, Tiro.

Aristóteles.

- Que tem Terreiro ai também, trabalhou muito aqui, foi um ....., bom, aqui ele não leva dinheiro, mas, a maior parte dos médiuns quer levar vida com isto, vão trabalhar no espiritismo pra cobrar. Véio ai lava as mão, cada um faz o que bem entende né meu fio? Se tu plantar o bem vai colher o bem se plantar o mal não é isso meu filho? Não é verdade?

É verdade.

- Então como diz, deixa a coisa anda, vamo piar, Olha aqui, o Zéria, hoje é dia de Caboclo minha fia?

Hoje é dia de Caboclo.

- Híiiiiii, chama mestiço aqui meu fio? Tem tanto Preto aqui meu fio. Sete Encruzilhadas deve ta, mandou ele ...

- Não posso deixar de chamar Sete Flechas; ele tá tomando conta da Tereza. Ta errado isso, eu tenho que chamar o Sete Flechas.

- Perai; chamou os Caboclos todos, os que puderam que vieram com Sete Encruzilhadas não é isso os Pretos.....

- Sarava.

- Olha aqui, capitão agora chegou no Terreiro, capitão veio tarde né capitão? Veio não .....

O Pai Antônio, antes do senhor subir eu quero que veja o quadro aqui que eu mandei colocar na moldura; o senhor quer me cruzar por favor?

- Véio agora tá cobrando; noutro tempo não cobrava mas agora tá cobrando. Tô agora no zimbo como diz né

Quantos beijos o senhor quer pra cobrar, 1 dúzia?

- Tu tem dente ou tá sem dente; se tá sem dente véio não gosta...

Nota do autor: Aqui, Pai Antônio juntamente com os médiuns puxam um ponto cantado

É lá na Jurema;
Que o Caboclo luta;
E vence demanda;
Com Oxossi seu rei;
Com o arco e a flecha;
E o canto de guerra;
Atira-se a luta;
E sai vencedor;
De joelhos em terra;
O Chefe da tribo;
Agradece a vitória;
A Jesus Redentor.

- Então o que que tá fazendo, tô fazendo uma mironga aqui meu fio

Nota do autor: Aqui, Pai Antônio juntamente com os médiuns puxam dois pontos cantados:

Eles são três Caboclos; Caboclos do Jacutá; Eles giram noite e dia; Para os filhos de Oxalá; Sete com mais sete; Com mais sete, vinte e um; Salvando os três sete; Todos três de um a um; Sete Montanhas gira; Quando a noite vai chegar; Seu irmão Sete Lagoas; Quando o dia clarear; E ao romper da aurora; Até alta madrugada; Gira o Caboclo; Das Sete Encruzilhadas.	Quando nas matas se ouve um canto; Da passarada em bando a cantar; Uma Cabocla nas margens do rio em prantos; A proteção de Oxum foi rogar; Com sua fé na Rainha das águas; E a proteção da falange do mar; O rio fica com todas as mágoas; Salve Oxum, salve a Mãe Yemanjá.

- Vocês cantaram ponto né meu filho? Aquele magro tirou dessa curimba e fez um negócio; fez uns canto ai, como é que chama ele. Lamastine né meu filho? Fez uma música com isso né, essas toadas.

Lamartine Babo

- Ai véio escuiambou ele; não pode fazer estas coisas não.

Nota do autor: Aqui, Pai Antônio juntamente com os médiuns puxam alguns pontos cantados:

Ogum, que abalou as estrelas; Que abalou as areias; E as ondas do mar, Ogum; Ogum, a hora é boa; Abre os meus caminhos; Firma esse congá, Ogum.	***Dê deloucau;*** Dê deloucau auê; Xangô, olha Ogum de o dé; Olha Ogum de lê Xangô; Olha Ogum de o dé; Olha Ogum de lê.

De quando em quando;
Quando eu venho de Aruanda;
Trazendo Umbanda;
Pra salvar filhos de fé;
Ô marinheiro olhas as costas do mar;
Ô Japonês, ô Japonês;
Olha as costas do mar;
Egum, Egum, Egum;

É Timbiri;
Egum lá nas ondas do Oriente, ia;
Mas quando Zambi;
Vem de Aruanda, ia;
Para salvar os filhos de Umbanda, ia;
Sou marinheiro;
Eu sou marinheiro;
Sou marinheiro, sou marinheiro;
E navego nas ondas do mar.

Nota do autor: Nesse trecho, outro guia espiritual falou através de uma médium:

Estes filhos de marola pede...

Na paz de Zambi, por maior que seja a tempestade, estes filhos pode sempre se salvar.

Que as embarcações gloriosas pode entrar sempre aí, sempre no porto pra salvar estes filhos de fé.

Nota do autor: Pai Antônio canta seu ponto de subida:

Fica com Deus que eu vai embora;
Benção de Deus pra todos filhos.

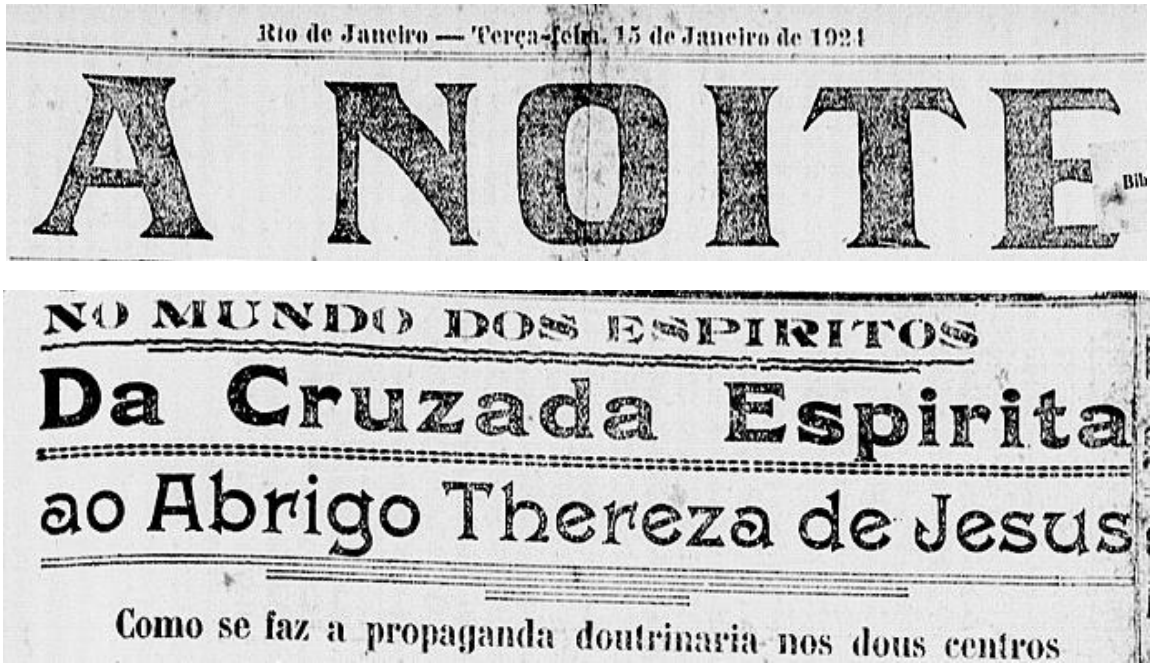
Nota do autor: Após, são cantados alguns pontos, encerrando a fita.

APRESENTAREMOS A PARTIR DAQUI ALGUMAS REPORTAGENS, ALGUNS DOCUMENTOS, OPINIÕES, COMISSÕES, FOTOS etc., HISTÓRICOS SOBRE A UMBANDA.

GRANDES PARTES DESTES DOCUMENTOS ESTARÃO DISPOSTOS JUNTAMENTE COM ESTE LIVRO, NO ÍCONE: "DOCUMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A UMBANDA".

PRIMEIRO RELATO ESCRITO SOBRE A TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Leal de Souza, espírita fervoroso, em suas andanças pela cidade do Rio de Janeiro em pesquisas nos Centros Espíritas existentes, chegou a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Cremos que foi após essa reportagem, que Leal de Souza se interessou e se converteu para a Linha Branca de Umbanda e Demanda.



Rio de Janeiro — Terça-feira, 15 de Janeiro de 1924

A NOITE

NO MUNDO DOS ESPIRITOS

Da Cruzada Espirita

ao Abrigo Thereza de Jesus

Como se faz a propaganda doutrinaria nos dous centros

Transcreveremos a reportagem:

... Há poucos dias, na vizinha cidade de Niterói, uma linda moça, na flor da idade, cheia de sonhos azuis e ilusões douradas, adoeceu de enfermidade misteriosa. Foram chamados bons médicos e a enferma não melhorou. Antes, piorou. Novos doutores foram consultados, porém a donzela, agravando-se rapidamente o seu estado, foi julgada sem salvação.

Em desespero, seu pai, um comerciante abastadíssimo, ouviu os conselhos de um amigo e solicitou os socorros ao Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade, onde se manifestam Espíritos de Caboclos, mas, acabara de pedir tais auxílios, quando recebeu a notícia do desenlace fatal: sua filha falecera às 5 horas da tarde. Voltou o pai em pranto, para o seu lar abalado. Veio um médico, examinou a moça e lavrou o atestado de óbito. Lavou-se e vestiu-se o corpo. Foi colocado, sob flores, na mesa mortuária, entre velas bruxuleantes. Um sacerdote fez a encomendação.

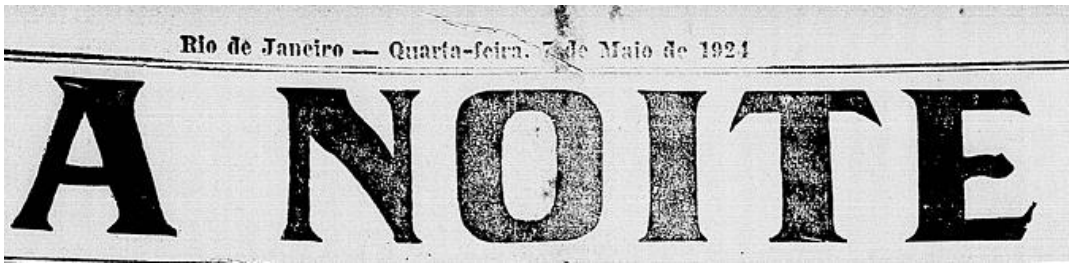
Às 8 horas da noite, ao iniciar a sua sessão, o Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade, não tendo sido avisado do falecimento, fez uma prece pela saúde da moça já morta.

Manifestando-se o Espírito do Guia e protetor do centro, disse: *"Um grave perigo ameaça a pessoa por quem orais. Continue as vossas preces com fervor e sem interrupção, até que eu volte, pois vou sair para socorrê-la"*.

Os Espíritas do Centro Nossa Senhora da Piedade, orando com fervor, esperaram cerca de duas horas, e, ao termo delas, manifestando-se de novo, o Espírito de seu Guia disse-lhes: *"Está salva a moça"*. Espíritos maus, convocados por motivo de ordem pessoal, haviam envolvido a jovem em fluidos venenosos, que a estavam matando. Não se quebrara, porém, o fio que liga o Espírito ao corpo.

Às 8 horas da noite, terminou o narrador, a moça continuava na mesa funerária, com todos os sinais de morte. Às 9 horas, uma demonstração de vida animou-lhe a face e, percebendo-a, seu padrinho preveniu seu pai. Retirada da câmara mortuária e reposta em seu leito, à moça reabriu os olhos, e, momentos após, erguia-se curada, completamente boa. Os Espíritos dos Caboclos, em combate travado nos espaços, tinham vencido os Espíritos maus...

(Leal de Souza – jornal "A Noite" – Da Cruzada Espírita – Terça-Feira, 15 de Janeiro de 1924)


Rio de Janeiro — Quarta-feira, 7 de Maio de 1924

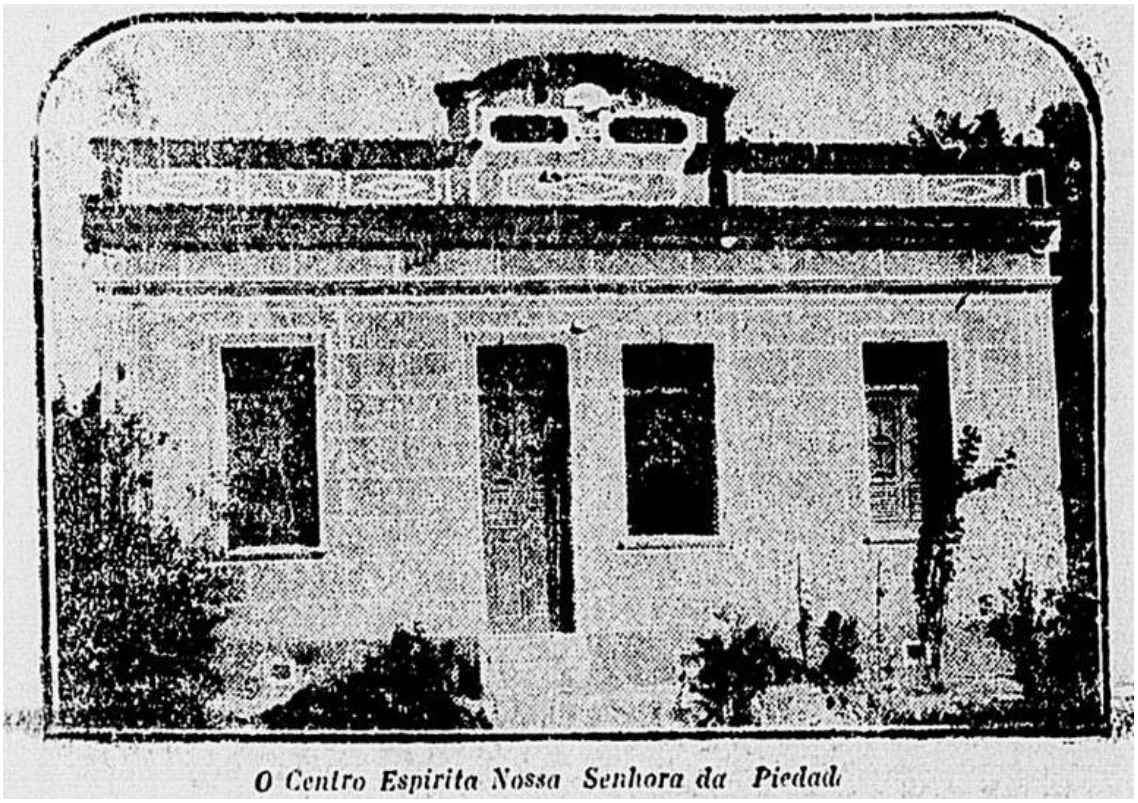
A NOITE

NO MUNDO DOS ESPIRITOS

O Centro Nossa Senhora da Piedade

A phalange da rua Laura de Araujo

UM LOUCO EM UMA SESSÃO ESPIRITA


O Centro Espirita Nossa Senhora da Piedade

Transcreveremos a reportagem:

Atravessando em procura do arrabalde das Neves, a cidade de Niterói, perguntávamos, no bonde, a quanto passageiro ficava ao alcance de nossa voz:

- Conhece, porventura, nas Neves, a farmácia do Sr. Zélio?

- Não.

- E o Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade?

Quase ao termo da viagem, porém, ouvimos formulada pelo Sr. Eurico Costa, a dupla resposta afirmativa, e, em companhia desse gentil cavalheiro, cujo destino, nessa noite, era o nosso, fomos, primeiro, à farmácia do presidente daquele Centro, e, em seguida, com o farmacêutico, à sede da associação procurada.

Varando, por um corredor, filas compactas de gente, conseguimos aproximarmo-nos da mesa mediúnica, ocupando uma cadeira, à esquerda do presidente, ao lado de uma senhorita que vigiava os médiuns, pronta a socorrê-los, ou auxiliá-los, em caso de transe violento.

Não conhecíamos uma só das pessoas presentes, e a nossa entrada não foi vista pelo diretor da reunião, Dr. José Meirelles, que, no momento, de olhos fechados, fazia uma prece.

Apenas ocupamos o lugar designado pelo nosso condutor, ao findar a oração do dirigente, a senhorita Zaira Heintze, num grande pulo, e em transe, tentou levantar-se e sair, mas os seus movimentos eram desordenados e incoerentes. Auxiliou-a, a senhorita de vigia, e a médium, atirando a cabeça para trás, sacudia, como um penacho, os cabelos cortados, e batia com as mãos sobre a mesa, e, a babar-se, continuou a bater com as mãos. Nessa incômoda posição permaneceu por mais de meia-hora, discutindo, por vezes, com o Sr. Meirelles. As suas frases, porém, não passavam de repetições pejorativas ou raivosas das do diretor.

- *És um Espírito infeliz!*

- *Qual infeliz, seu hipócrita.*

Em meio desse combate, entrou em transe o Sr. Zélio de Moraes e, saudado como sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, chefe espiritual do famoso Centro, fez, em linguagem enérgica, uma vibrante exortação, suplicando e ordenando a intensificação da fé.

O médium, nesse transe, parecia dividido, em seu corpo, em duas partes, pela desconexão de seus movimentos. Tinha ereto e firme o busto, alçada a cabeça, o rosto torneado em desenho vigoroso, os braços agitados em gestos apropriados às expressões de seus lábios, mas da cintura pra baixo, um temor convulsivo, abalando-o, fazia-lhe bater com os pés nas tábuas do chão, produzindo um rumor apressado de caixa de guerra em célere ruflo.

Surpreendendo o Dr. Meirelles, o médium pediu parar apertar-nos a mão, e, sob olhar espantado da assistência, acercando-nos o Sr. Zélio, ouvimos:

- *Pode dizer que apertou a mão de um Espírito. A minha esquerda, está uma irmã que entrou aqui como tuberculosa e à minha direita um irmão vindo do hospício. Curou-os, aos dois, Nossa Senhora da Piedade. Pode ouvi-los. Junto ao senhor, naquele canto, está o Espírito de uma senhora, que diz ser sua mãe*.

- Deve ser engano. Nossa mãe, graças a Deus, vive e goza saúde. Era a terceira vez que, numa Sessão Espírita, médiuns em transe acusavam a presença, a nosso lado, de uma senhora que afirmavam eles, dizia ser nossa mãe. O “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, porém, bradou:

- *Quem é então? Tem de falar! Há de incorporar e dizer quem é*. Despertou-se então o Sr. Zélio de Moraes e o Dr. Meirelles recomeçou o seu esquisito debate com a senhorita Zaira. Ao fim de minutos, caíram em transe simultâneo aquele médium e uma moça clara, de bom corpo, vestida com elegância. Esta saltou com fúria e tombou de flanco, batendo rijamente a cabeça no solo, onde, por momentos, ficou estendida. Tornaram-se mais bruscos, então, os movimentos da senhorita Zaira.

Iniciando, com calma, a conversa com o Sr. Meirelles, o médium Zélio, entrou, depois, a queixar-se de violências que lhe estavam fazendo dizia, Caboclos e Pretos invisíveis para nós, e, acendendo-se em cólera contra a nossa pessoa, chamando-nos “careca”, disse que, com os seus companheiros ali incorporados as duas médiuns, anda a seguir-nos, com o intuito de prejudicar o nosso serviço e a nossa vida, desde que fizemos, nesta reportagem, uma injustiça ao Centro da rua Laura de Araujo. O Dr. Meirelles, começando a compreender quem éramos,

convidou a entidade presente a definir a injustiça por nós praticada. A resposta foi que havíamos dito que, naquele Centro, o trabalho Espírita é remunerado.

- Mas é ou não verdade?

- Não é!

Arriscamos, então uma frase em nossa defesa, contestando-nos o médium:

- Ninguém é obrigado a dar. Dá quem quer.

- Foi o que noticiamos.
- Mas não devia ter noticiado! Objetou o médium.

- Por quê? O jornalista não cometeu uma injustiça. Disse uma verdade.

- Mas essa verdade prejudicou o Centro fazendo com que muita gente o abandonasse.

A moça clara, de pé, debatia-se em fúria, segura, pelos braços, por dois cavalheiros e a senhorita Zaira protestava:

- O Encruzilhada não é aquele que esteve ali. Sou eu!

O médium em transe, dirigindo-se ao diretor dos trabalhos, considerava:

- Você acha que o espiritismo não pode ser pago. Mas quem não tem emprego, como é que há de fazer espiritismo?

E, continuando, desenvolveu, em favor do Centro da Rua Laura de Araujo, argumentos semelhantes aos que ouvimos, no Centro José de Araújo, à rua Dr. Bulhões, formulado por um dos dirigentes daquela associação. Dirigiu-se, em seguida, às duas moças, chamando-as, respectivamente, João e Eduardo. Acalmou-se a senhorita Zaira, e a outra, a clara, escapando-se dos braços que a amparavam, caiu sentada na cadeira.

- Bem. Vou-me embora! Vamos, João!

Vamos, Eduardo! Convidou o Sr. Zélio.

Ergueram-se as duas moças, mas o Dr. Meirelles declarou:

- É inútil! Não saireis daqui em estado de perseguir alguém. Escutai-me, e proferiu uma prece comovedora.

- Sou Sofia, disse o Sr. Zélio. Se for para nosso bem, iremos. Se formos enganados, pagarás. Vamos, João. Vamos Eduardo.

Despertaram-se, então, os três médiuns. Pediu concentração o diretor, e o Sr. Zélio, novamente em transe, curvado, numa linguagem deturpada, dizendo ser Pai Antônio, tomou as mãos de um enfermo, e, acompanhado pelos presentes, começou a cantar:

"Dá licença Pai Antônio que eu não vim lhe visitar;
Eu estou muito doente, vim prá você me curar.

Findo esse ato, e depois de um transe quase mudo da senhorita Severina de Souza, havendo o Guia, como se disse, mandado que se realizasse um trabalho especial em benefício de um louco fugido do hospício e ali presente, declarou-se encerrada a sessão. Retirando-se a assistência, foram afastados os bancos da sala e iniciados os preparativos para o trabalho especial.

Só ficaram no recinto os médiuns, o louco, três homens que o acompanhavam e nós.

Uma senhorita, com um defumador fumegante, percorreu a sala, envolvendo cada pessoa em ondas de fumaça aromática, e a cantar, acompanhada pelos circunstantes, uma canção cujo estribilho era: *"Quem está de ronda é S. Jorge, S. Jorge é que está de guarda!"*

Entregou o defumador a um cavalheiro, que saiu para fora a agitá-lo, caminhou em duas direções e, voltando fechou a porta.

O Sr. Zélio, assumindo a direção do trabalho, ocupou, ao lado de seu pai, perto da parede, a cabeceira da mesa, ficando um médium. Por detrás do enfermo, “fechando a concentração”, sentaram-se o Dr. Meirelles e uma senhorita, e, formando a terceira fila, os três companheiros do doente, ladeavam a mesa as médiuns Severina de Souza e Maria Isabel Morse, enfrentando a senhorita Zaira e a elegante moça clara. A jovem que empunhara o defumador e nós que ocupamos lugares à esquerda da mesa.

Falando ao louco da mesa, disse o Sr. Zélio:- *Vamos fazer um trabalho para o senhor ficar bom. Pense em Deus. Como o senhor não pode fazer uma idéia de Deus, veja se consegue reproduzir na mente a imagem de Jesus.*

Fez, com fervor, três orações; a Deus, a Nossa Senhora da Piedade, e ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, e, convidando para começar, cantou, acompanhado pelos demais: *“Santo Antônio é ouro fino, arreia a bandeira e vamos começar! “*
O canto, monótono, melancólico, desdobrando-se em toada embaladora parecia acariciar as almas. Não faltava majestade ao ambiente. O louco, de súbito, rompeu numa cantoria de sons inarticulados, e entraram em transe, atuadas, – disseram-nos, por protetores, as médiuns Isabel e Zaira. Esta informou, então, ao Sr. Zélio que, no momento, duas entidades agiam sobre o doente.

- *Deixa o aparelho e faz incorporar em um deles. Mando o outro para outra máquina. Conto contigo.*

Instantaneamente, recobrou-se e caiu em novo transe a senhorita Zaira. Sacudindo-se, a vociferar, quis deixar a cadeira, mas foi dominada pela senhorita de vigia. Ao mesmo tempo, dando uma ruidosa gargalhada, a moça clara, num pulo, atirava-se de costas no solo, enquanto o louco, serenando a face, emudecida.

Entraram em discussão a senhorita Zaira, que dizia haver sido “o padre Alfredo, vigário do Meyer”, e o Sr. Zélio. Sustentava aquela que perseguir alguém e encaminhá-lo, pelo sofrimento, para o progresso espiritual; e sofria ardente contestação de parte do último. De pronto abriu o presidente “novo ponto” cantando o coro “Santo Antônio é Santo maior”.

Erguendo-se a pouco e pouco do chão, a moça clara ocupou a cadeira, e, olhos fechados, encarando Zaira, acusou:- *Mentiste! Nunca praticaste a caridade! Não te acompanho mais! Tu me arrastaste!*

Falando aos protetores, pediu ao Sr. Zélio que levassem aqueles irmãos, “para o raio de luz” e o cântico entoado pelo coro reproduzia aos nossos ouvidos uma canção da Macumba.

Sobre esse coro, cantando a meia voz, em tom arrastado, pairou, por alguns momentos, grave, em tom forte, vibrando, um canto que saia dos lábios de Zaira, e começava:

“Oremos. Glória in excelsis Déo!”

Variou, ainda uma vez, o coro, a senhorita Zaira gritou que iria, mas voltaria; a moça clara, em gemidos lamentosos, implorou perdão, e, as duas, quase tombando, saíram de transe, enquanto todos bradavam: – *Viva Deus.*

Mas, sem demora, encurvaram-se em novo transe as duas médiuns. Ambas são moças muito gentis, mas, de face subitamente deformadas, com os maxilares avançando, ficaram quase horríveis.

Caminhando dobradas em passos arrastados, com a cabeça abatida na linha dos joelhos, percorreram a sala e fizeram passes no louco.

Zaira, que descalçara os pés, e, por estar em transe, não havia, em estado consciente, assistido na primeira sessão, ao caso mediúnico relativo à Rua Laura de Araujo, agora, na segunda, conversando conosco, fazia referências aos três Espíritos então reputados presentes.

Tornadas as duas médiuns ao estado de vigília, o Sr. Zélio perguntou ao louco se estava melhor.

- *Estou bem, respondeu ele serenamente.*

- Bem. Vamos encerrar, disse o presidente, e o coro rompeu:

“Santo Antônio é ouro fino, suspende a bandeira, vamos encerrar”.

(Texto de Leal de Souza – Jornal: “A Noite” – Quarta-Feira, 7 de Maio de 1924 – Ano XIV – nº 4.470)

NÚMERO 127 • O SEMANÁRIO • ANO III • 2.º CADERNO

Semana de 18 a 25 de Setembro de 1958

A Umbanda Está em Festas!

Sim, em festa para comemorar o primeiro cinquentenário de fundação da Tenda Espírita N. Sra. da Piedade, que ainda hoje, decorridos 50 anos, mantem na sua presidência o seu fundador, nosso dileto companheiro Zélio F. de Moraes, baluarte da Umbanda, que através dos anos bem vividos, tem podido dar ao Brasil inúmeras casas de caridade e amor ao proximo.

A UMBANDA ESTÁ EM FESTA!

Zélio F. de Moraes prometeu a O SEMANÁRIO que em breve falaria sobre a instituição da Umbanda no Brasil e seus precurssores, adiantando-nos que foi em novembro de 1908 que êle recebeu ordens para dar início aos seus trabalhos nêsse setor espiritualista em que se encontra até hoje, sem nunca haver se desviado da rota traçada pelo seu Chefe espiritual, o Cabôclo das Sete Eneruzilhadas.

Disse-nos, mais, o nosso amigo Zélio que já se elevam a mais de 50 as tendas por êle fundadas, aqui no Distrito Federal, no Estado do Rio, em Minas Gerais e notadamente em São Paulo, onde a Umbanda se desenvolve promissora.

Depois de cinquenta anos de dadicada atuação nos meios umbandistas, Zélio F. de Moraes vai receber dos seus amigos, afilhados e companheiros, consagradora homenagem em dia a ser fixado.

Nenhuma homenagem mais justa. O SEMANÁRIO estará presente para fixar em suas colunas, o auspicioso acontecimento e desde já apresenta ao digno seareiro da Umbanda os mais efusivos cumprimentos e votos de contínuos progressos na senda em que se encontra.

Na oportunidade, voltaremos ao assunto.

REPORTAGEM DE LILIA RIBEIRO SOBRE A FUNDAÇÃO DA UMBANDA – 1971



Zélio de Moraes encabeçando a Mesa de Trabalho na Tenda Espírita Nossa Senhor da Piedade, em reunião comemorativa

Em fins de 1908, uma família tradicional de Neves (Niterói), Estado do Rio, foi surpreendida por uma ocorrência que tomou aspecto sobrenatural: o jovem Zélio Fernandino, que acometido de estranha paralisia, que os médicos não conseguiam debelar, e de cujas causas não tinham feito diagnóstico seguro, certo dia ergueu-se no leito e declarou: “amanhã estarei curado”. No dia seguinte, levantou-se normalmente e começou a andar, como se nada, antes, lhe houvesse tolhido os movimentos. Contava com 17 anos, e destinava-se à carreira militar, à Marinha, a exemplo dos irmãos mais velhos.

A medicina não soube explicar o que acontecera. Os tios, sacerdotes católicos, colhidos de surpresa, nada esclareciam. Um amigo da família sugeriu, então, uma visitação à Federação Espírita de Niterói, presidida, na época, por José de Souza. No dia 15 de novembro, o jovem Zélio foi convidado a participar da sessão que ali se realizava. O dirigente dos trabalhos determinou que ocupasse um lugar à mesa. Iniciou-se a sessão; tomado de uma força estranha e superior à sua vontade, contrariando as normas que impediam o afastamento de qualquer dos componentes da Mesa, o jovem levantou-se, dizendo: “aqui está faltando uma flor”; saiu da sala; voltou logo depois, trazendo uma flor, que depositou no centro da mesa.

Essa atitude insólita causou quase um tumulto. Restabelecida a “corrente”, manifestaram-se Espíritos que se diziam de pretos escravos e de índios.

Foram convidados a se retirarem, advertidos do seu estado de atraso espiritual. Novamente uma força estranha dominou o jovem Zélio e ele falou, sem saber o que dizia. Ouvia, apenas, a sua própria voz perguntar o motivo que levava os dirigentes dos trabalhos a não aceitarem a comunicação desses Espíritos e porque eram considerados atrasados apenas pela diferença de cor e de classe social que revelavam.

Seguiu-se um diálogo acalorado, em que os responsáveis pela mesa procuravam doutrinar e afastar o Espírito desconhecido que se manifestava e mantinha argumentação segura.

Um dos médiuns videntes perguntou, afinal:

- Porque o irmão fala nesses termos, pretendendo que seja aceita, por esta Mesa, a manifestação de Espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram, quando encarnados, são claramente atrasados? Porque fala deste modo, se estou vendo que me dirijo, neste momento, a um jesuíta e sua veste branca reflete uma aura de luz? E qual é o seu nome, irmão?

- Se julgam atrasados os Espíritos de pretos e de índios, devo dizer que amanhã, em casa deste aparelho, darei início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.

- Julga o irmão que alguém irá assistir ao seu culto? – Perguntou, com certa ironia, o médium vidente.

- Cada colina de Niterói atuará como porta voz, anunciando o culto que amanhã se iniciará.

16 de Novembro de 1908

Zélio de Moraes, hoje com 83 anos de idade, na tranquilidade do sítio em que reside, em Cachoeiras de Macacú, relata-nos o que ocorreu no dia seguinte, 16 de novembro de 1908.

“Minha família estava apavorada. Eu mesmo não sabia explicar o que se passava comigo. Surpreendi-me haver dialogado com aqueles austeros senhores de cabeça branca, em volta de uma mesa onde se praticava um trabalho, para mim desconhecido. Como poderia, aos 17 anos, organizar um culto? No entanto, eu mesmo falara, sem saber o que dizia e porque dizia. Realmente, tivera uma sensação estranha: uma força superior que me impelia a fazer e a dizer o que nem sequer passara pelo meu pensamento.

E no dia seguinte, em casa de minha família, na Rua Floriano Peixoto, 30, em Neves, ao se aproximar a hora marcada – 20 horas – já se reuniam os membros da Federação Espírita, seguramente para comprovar a veracidade do que fora declarado na véspera, os parentes mais chegados, os vizinhos e, do lado de fora, grande número de desconhecidos.

Às 20 horas, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Declarou que se iniciava, naquele momento, um novo culto em que os Espíritos dos velhos africanos, que haviam servido como escravos e que, desencarnados, não encontravam campo de ação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas apenas para trabalhos de feitiçaria, e os índios nativos da nossa terra, poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal desse culto, que teria por base o Evangelho de Jesus, e como Mestre Supremo o Cristo.

O Caboclo estabeleceu as normas em que se processaria o culto: Sessões – assim se chamariam os períodos de trabalho espiritual – diários, das 20 às 22 horas; os participantes estariam uniformizados de branco e o atendimento seria gratuito.

Deu, também, o nome desse movimento religioso que se iniciava: disse primeiro: “Allabanda”, mas, considerando que não soava bem a sua vibratória, substituiu-o por Aumbanda, ou seja, Umbanda, palavra de origem sânscrita, que se pode traduzir por: “Deus ao nosso lado” ou “o lado de Deus”.

Sobre isso, reportamo-nos a uma observação de Ramatis, no livro “Missão do Espiritismo”, referindo-se a Umbanda:

A palavra AUM é de alta significação espiritual, consagrada pelo Mestres: BANDHÂ, em sua expressão mística iniciática, significa movimento incessante, força centrípeta emanada do Criador.

A palavra AUM-BANDHÂ, pronunciada na forma de um mantra, aproxima-se melhor da sonorização Ombanda, sendo ajustada à doutrina de Umbanda, praticada no Brasil.” E adiante:

Os africanos praticavam a magia indistintamente... Em face dos costumes da civilização, é inexequível a prática da Umbanda nos moldes e ritualismo genuíno africano...

Acontece que antes dessa denominação de Umbanda, os ritos e intercâmbios mediúnicos eram somente conhecidos como Candomblé ou Macumba, sob o domínio completo do africano versado na magia grosseira.
Voltemos ao relato de Zélio:

A casa de trabalhos espirituais, que no momento se fundava, recebeu o nome de Nossa Senhora da Piedade, porque assim como Maria acolhe nos braços o Filho, também seriam acolhidos, como filhos, todos os que necessitassem de ajuda ou de conforto.

Ditadas as bases de culto, após responder, em latim e em alemão, às perguntas dos sacerdotes ali presentes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas passou à parte prática dos trabalhos, curando enfermos, fazendo andar aleijados. Antes do término da sessão, manifestou-se um Preto-Velho, Pai Antônio, que vinha completar as curas.

Nos dias seguintes, verdadeira romaria formara-se na Rua Floriano Peixoto. Enfermos, cegos, paralíticos vinham buscar a cura e ali a encontravam, em nome de Jesus. Médiuns, cuja manifestação mediúnica considerada loucura, deixaram os sanatórios e deram provas de suas qualidades excepcionais.

Este posso curar; aquele só a medicina

Cinco anos mais tarde, o Caboclo trouxe uma entidade originária da Malásia, que se identificou como Orixá Malett e especializou-se no combate à magia negra e na cura de obsedados. Testemunhas que presenciaram o fato, contam que alguns médicos dos sanatórios do Estado do Rio mandavam a relação dos seus doentes e o Orixá Mallet apontava os que eram portadores de perturbações psíquicas.

- *"Estes eu vou curar"* – e os acolhia na residência do médium.

Os outros eram realmente enfermos mentais; a cura competia à medicina.

João Severino Ramos, umbandista conhecido em todo o Brasil, desencarnado em fins do ano passado, relatava as maravilhas a que lhe foi dado assistir, às margens do Rio Macacú, para onde o Orixá Mallet conduzia os médiuns e onde alguns incrédulos se tornaram fiéis seguidores da doutrina do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Contava ele que certo dia – isso há mais de 40 anos – resolveu assistir aos trabalhos. O Orixá Mallet pedira que lhe levassem dois pombos. Assim que chegaram ao local, mandou que abrissem a gaiola e as aves voaram para uma árvore.

- *Agora, virão pousar no meu ombro* – disse o Orixá, através do seu médium Zélio.

E assim aconteceu.

- *Podem voltar para a árvore* – ordenou ele, pouco depois.

E os pombos voaram para a árvore.

A experiência foi repetida mais uma vez. Embora as aves fossem adquiridas no caminho, sem nenhuma possibilidade de serem ensinadas; Severino se mostrava incrédulo.

O Orixá Mallet preveniu que se abrigassem, porque iria chover. No céu límpido, a chuva não demorou a cair. E assim que a entidade falou: *"Vai fazer sol"*, o sol voltou a brilhar.

Ainda assim, Severino permaneceu em dúvida. Tratava-se, de certo, de magia, sem nenhuma influência espiritual. Pediu uma prova decisiva. O Orixá Mallet não se fez de rogado. Apanhando uma pedra, jogou-a na testa do descrente. João Severino caiu no rio; os seus companheiros correram para o socorrer, temerosos de que a correnteza o levasse.

- *Não se movam* – ordenou o Orixá Mallet – *Ele voltará sozinho*.

Minutos depois, Severino transpôs a margem do rio. Estava transfigurado. Através dele se manifestava, pela primeira vez, uma entidade que daria, depois, o nome de Timbiri e se tornou o Guia Espiritual da Tenda São Jorge, fundada em 1935.

A Doutrina

Se a parte prática dos trabalhos maravilhava a todos e as curas de obsedados se repetiam diariamente, a parte doutrinária do culto era estudada em reuniões, às quintas-feiras, na residência de Zélio. O Caboclo explicava a sua doutrina de amor, de fraternidade.

Lembrava as passagens principais do Evangelho; recomendava o procedimento correto na vida material; o cuidado indispensável com a saúde; um conceito de moral elevado e o “daí de graça o que de graça recebestes”.

Dizia ele: são três os perigos que mais ameaçam o médium: a vaidade; a consulente mulher para o médium homem e vice-versa; e o dinheiro, a “vil moeda”, que leva o homem a perder o caráter e o médium, que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o mundo superior.

Embora não seguindo a carreira militar a que se destinava, pois sua missão mediúnica não o permitiu, Zélio trabalhava para o sustento de sua família. Nunca fez profissão da mediunidade e diversas vezes contribuiu financeiramente para manter os templos que o Caboclo das Sete Encruzilhadas fundava.

O ritual preconizado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas excluiu tudo que de supérfluo nos legaram as seitas africanas.

O culto, cuja prática seria denominada “sessão”, se realizaria à noite, das 20 às 22 horas, para atendimento público, com passes e recuperação de obsedados.

O uniforme a ser usado pelos médiuns seria todo branco, de tecido simples.

Não se permitiria retribuição financeira pelo atendimento ou pelos trabalhos realizados.

Os cânticos não seriam acompanhados de atabaques nem de palmas ritmadas.

As guias usadas são apenas as que determinam a entidade que se manifesta. Não é a quantidade de guias que dá força ao médium.

Os banhos de ervas, os Amacis, as concentrações nos ambientes da Natureza – ao lado do ensinamento doutrinário, na base do Evangelho – constituem principais elementos de preparação do médium.

E são severos os testes que levam a considerar o médium apto a cumprir a sua missão mediúnica.

A herdeira espiritual de Zélio

Após 55 anos de atividades à frente da Tenda da Piedade, Zélio de Moraes entregou a direção a sua filha, Zélia, que com a cooperação da irmã Zilméia, e do esposo, Dr. Júlio, cumpre a missão difícil de orientar um templo que deve ser, em qualquer momento, o espelho de uma doutrina de amor, de simplicidade, de verdadeira caridade.

Ao lado da esposa, Isabel, médium do Caboclo Roxo, Zélio continua em atividade, na Cabana do Pai Antônio, em Cachoeiras de Macacú. A maior parte das horas do seu dia são dedicadas, ainda hoje, ao atendimento de portadores de enfermidades psíquicas e de todos os que os procuram, em busca da solução de seus problemas emocionais, morais até mesmo materiais. Aos sábados, realizava-se a sessão pública da Cabana, de que participam alguns médiuns da Tenda Nossa Senhora da Piedade, e sempre Zélia e sua irmã.

Mensagem de Zélio

Em todo o território brasileiro existem templos fundados diretamente pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, ou descendentes destes. Alguns desvirtuaram os seus princípios; outros mantém-se fiéis às normas iniciais. Em Belém do Pará foi fundado um templo, há mais de 30 anos, a Tenda Mirim Santo Expedito, por um tenente do Exército, Joaquim Bentes Monteiro, que solicitou a sua transferência da então capital do Distrito Federal para àquele Estado, com sua esposa Consuelo, especialmente para cumprir essa missão. Um dos médiuns dessa Tenda, Evaldo Pina, atualmente no Rio, pertencendo hoje ao quadro de dirigente da Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade (TULEF), Tenda que descende da Tenda Espírita São Jerônimo.

Esteve em visita a Zélio e ouviu deste a descrição da fundação daquela Casa, em todos os pormenores, como se o fato datasse de semana, apenas. E através de Zélio recebeu uma mensagem do dirigente, já desencarnado, citando fatos conhecidos apenas pelos dois.

Zélio de Mores contou, entre os seus companheiros, seguidores leais da doutrina do Caboclo das Sete Encruzilhadas, Júlio Viana, médium excepcional, de transporte e de incorporação; o deputado José Meirelles, que se tornou presidente da Tenda São Pedro; o advogado Belarmino Tati, o seu Cambono; major, na época, hoje general, Alfredo Marinho Ravasco; o general Aristóteles Santos; João Bustamante de Sá; José Albino Coelho; Alfredo Rego; Olívio Novaes; Leal de Souza, jornalista que publicou uma série de reportagens sobre a Tenda Nossa Senhora da Conceição; João Salgado, da Tenda Santa Bárbara; Paulo Lavois, da Tenda de Oxalá; José Álvares Pessoa, da Tenda São Jerônimo.

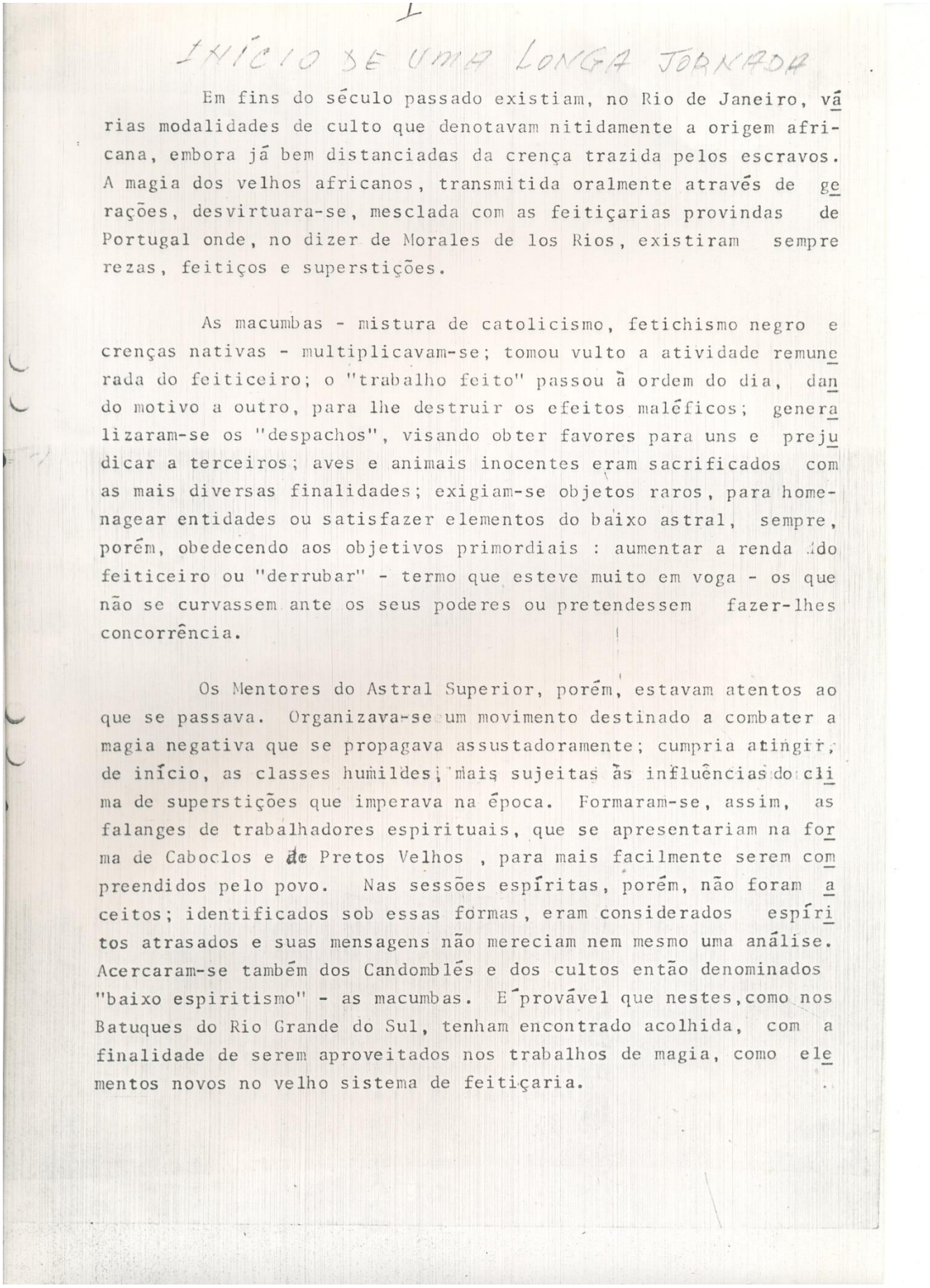
Posteriormente, contou com a colaboração de Floriano Manoel da Fonseca, figura que se tornou verdadeiro patrimônio moral da Umbanda, pela atividade que desenvolveu a 51 anos, graças a uma conduta exemplar e à firmeza de suas convicções.

De José Álvares Pessoa transcreveremos o trecho de um artigo, publicado, por volta de 1957, no Suplemento Espiritualista de "O Seminário", e que define nitidamente a missão do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

"A tarefa que sobre os seus ombros tomou o Caboclo das Sete Encruzilhadas: – organizar a Lei de Umbanda no Brasil – é um verdadeiro milagre de fé e nos leva a um sentimento de profundo respeito por essa Entidade que se faz pequenina e procura velar-se sob a capa de uma humildade perfeita. É a ele que se deve a purificação dos trabalhos nos Terreiros. Não veio destruir o ritual e sim dar-lhe força e método, manter sua pureza propagá-lo com a sua organização maravilhosa. O que nós todos lhe devíamos é inestimável; jamais poderemos retribuir os benefícios espalhados por ele e pelos Espíritos que acorreram a seu chamado. Esse Espírito, cuja fé é um incentivo para os nossos Espíritos, cheios de indecisões, fracos no cumprimento do dever, rebeldes quando não vemos satisfeitos os nossos desejos, bem merece ser enaltecido por todos os filhos de fé que se sentem felizes no ambiente humilde de Umbanda, e que nem de leve suspeitam do seu verdadeiro valor Ele não é um entre muitos, é o primeiro entre todos, porque foi comissionado para o estabelecimento da Lei, a purificação dos rituais, verdadeiro Pastor da Umbanda, cuja obra, que um dia será gigantesca, se espalhará pelos confins do mundo porque a fé, que é o seu alicerce, a sustentará pelos séculos afora".

LILIA RIBEIRO – UMBANDA – INÍCIO DE UMA LONGA JORNADA

Reportagem de Lilia Ribeiro, em 1972, sobre alguns aspectos da Umbanda, em bases com os ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas:



1

INÍCIO DE UMA LONGA JORNADA

Em fins do século passado existiam, no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto que denotavam nitidamente a origem africana, embora já bem distanciadas da crença trazida pelos escravos. A magia dos velhos africanos, transmitida oralmente através de gerações, desvirtuara-se, mesclada com as feitiçarias provindas de Portugal onde, no dizer de Morales de los Rios, existiram sempre rezas, feitiços e superstições.

As macumbas - mistura de catolicismo, fetichismo negro e crenças nativas - multiplicavam-se; tomou vulto a atividade remunerada do feiticeiro; o "trabalho feito" passou à ordem do dia, dando motivo a outro, para lhe destruir os efeitos maléficos; generalizaram-se os "despachos", visando obter favores para uns e prejudicar a terceiros; aves e animais inocentes eram sacrificados com as mais diversas finalidades; exigiam-se objetos raros, para homenagear entidades ou satisfazer elementos do baixo astral, sempre, porém, obedecendo aos objetivos primordiais : aumentar a renda do feiticeiro ou "derrubar" - termo que esteve muito em voga - os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhes concorrência.

Os Mentores do Astral Superior, porém, estavam atentos ao que se passava. Organizava-se um movimento destinado a combater a magia negativa que se propagava assustadoramente; cumpria atingir, de início, as classes humildes, mais sujeitas às influências do clima de superstições que imperava na época. Formaram-se, assim, as falanges de trabalhadores espirituais, que se apresentariam na forma de Caboclos e de Pretos Velhos , para mais facilmente serem compreendidos pelo povo. Nas sessões espíritas, porém, não foram aceitos; identificados sob essas formas, eram considerados espíritos atrasados e suas mensagens não mereciam nem mesmo uma análise. Acercaram-se também dos Candomblés e dos cultos então denominados "baixo espiritismo" - as macumbas. É provável que nestes,como nos Batuques do Rio Grande do Sul, tenham encontrado acolhida, com a finalidade de serem aproveitados nos trabalhos de magia, como elementos novos no velho sistema de feitiçaria.

A situação permanecia inalterada, no ano de 1900.

As determinações do Plano Astral, porém, deveriam cumprir-se.

A CHEGADA DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

Em 15 de novembro de 1908, compareceu a uma sessão da Federação Espírita, em Niteroi, então dirigida por José de Souza, um jovem de 17 anos, de tradicional família fluminense. Chamava-se ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES. Restabelecera-se, no dia anterior, de molés tia cuja origem os médicos haviam tentado em vão identificar. Sua recuperação inesperada causara surpresa. Nem os doutores que o assistiam, nem os tios, sacerdotes católicos, haviam encontrado explicação plausivel. A família atendeu, então, à sugestão de um amigo, que se ofereceu para acompanhar o jovem Zélio à Federação.(*)

Zélio foi convidado a participar da Mesa. Iniciados os trabalhos, manifestaram-se espíritos que se diziam de índios e escravos africanos. O dirigente da Mesa advertiu-os para que se afastassem.

Nesse momento, Zélio sentiu-se dominado por uma força estranha e ouviu sua própria voz perguntar por que não eram aceitas as mensagens dos negros e dos índios e se eram eles considerados atrasados apenas pela côr e pela classe social que declinavam.

Essa observação suscitou quase um tumulto. Seguiu-se um diálogo acalorado, no qual os dirigentes dos trabalhos procuraram doutrinar o espírito desconhecido que se manifestava e mantinha argumentação segura. Finalmente, um dos videntes pediu que a entidade se identificasse, já que lhe aparecia numa aura de luz.

- Se querem um nome - respondeu Zélio, involuntariamente - que seja este : sou o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, porque não haverá caminhos fechados para mim.

E prosseguindo, anunciou a missão que trazia : estabelecer as bases de um culto no qual os espíritos de índios e escravos (sob a proteção negros) viriam cumprir as determinações do Astral. No dia seguinte, declarou ele, estaria na residência do médium, para fundar um templo, simbolizando a verdadeira igualdade que deve existir entre encarnados e desencarnados.

- Vou levar daquí uma semente e plantá-la nas Neves, onde ela se transformará em árvore frondosa.

(*) Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, - Rua Cel. Gomes Machado, 140 - Niterói.

Quando, em 1970, nossa irmã Lucy Plubins entrevistou Zélio de Moraes, para o boletim "MACAIA" da Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade, ouviu as impressões que ele guardava desse momento. São palavras textuais de Zélio :

- Eu não tinha ainda 18 anos. Sentia-me tolhido, no meio daqueles senhores de cabeça branca. Ouvia minha voz dizer coisas que eu não entendia. Queria calar, e continuava falando. A idéia de dirigir um templo assustava-me. Nunca pensara nisso. E minha família estava apavorada...

* * *

No dia seguinte, 16 de novembro de 1908, na residência do jovem médium, na rua Floriano Peixoto, 30, em Neves, bairro de Niteroi, a entidade manifestou-se pontualmente no horário determinado - 20 horas.

Alí se encontravam quase todos os dirigentes da Federação Espírita, de certo para verificar a veracidade do que fora declarado na véspera; os amigos da família, surpreendidos e incrédulos e grande número de desconhecidos, enfermos, aleijados, que ninguém saberia dizer como haviam tomado conhecimento do que ocorrera. E muitos deles, ao final da reunião, estavam curados. Foi essa uma das primeiras provas da missão que a entidade vinha cumprir.

O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS estabeleceu as normas do culto, cuja prática seria denominada "sessão" e se realizaria à noite, das 20 às 22 horas, para cura de enfermos, passes e recuperação de obsedados. O uniforme a ser usado pelos médiuns seria todo branco, de tecido simples; o atendimento, inteiramente gratuito. Não haveria atabaques nem palmas ritmadas para acompanhar os cânticos.

A esse novo culto, a entidade deu o nome de UMBANDA e declarou fundado o primeiro templo para a sua prática, com a denominação de Tenda Nossa Senhora da Piedade, porque "assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria os que a ela recorressem, nas horas de aflição".

A UMBANDA É A MANIFESTAÇÃO DO ESPIRITO PARA A CARIDADE, acrescentou.

* * *

É comum ouvir-se dizer que UMBANDA foi trazida ao Brasil pelos escravos. Entretanto, o testemunho dos pesquisadores nos faz saber que os negros não davam aos seus cultos a denominação de Umbanda. O vocábulo era praticamente desconhecido entre os cultores das seitas africanas.

Isso não exclui o papel relevante que a crença dos negros desempenhou na formação da Umbanda, da qual se constituiu um dos principais alicerces, dando-lhe, como contribuição primordial, os Orixás.

Negros e Índios tiveram, de certo, a missão de implantar, em nosso País, as bases sobre as quais se havia de erguer a mais brasileira de todas as religiões, já que, de sua constituição, participaram as tres raças que constituem o nosso próprio povo.

A UMBANDA, em suas práticas, aproxima-se mais da origem nativa do que da africana. Em sua estrutura, porém, prevaleceu a influência negra.

Os conceitos da Reencarnação e da comunicação com os desencarnados, já existentes no culto dos nativos, foram reforçados pelo Espiritismo, através de sua doutrina esclarecedora.

O Catolicismo deu valiosa contribuição à Umbanda; em grande parte, por influência do negro, ao qual havia sido imposta a assimilação do Orixá ao Santo; e também através dos primeiros médiums umbandistas, ainda afeiçoados à religião dominante, na época.

UMBANDA é, portanto, o produto de uma evolução religiosa. Suas origens encontram-se nas filosofias orientais - fonte inicial de todos os cultos do mundo civilizado - e sua implantação, em nossa terra, deu-se com a fusão das práticas, dos conceitos e crenças do negro, do branco e do índio.

.·.

Mas voltemos a 16 de novembro de 1908.

Através de Zélio manifestou-se, nessa mesma noite, um Preto Velho, Pai Antônio, para completar as curas de enfermos iniciadas pelo Caboclo.

A partir dessa data, a casa da família de Zélio tornou-se a meta de crentes, descrentes, enfermos e curiosos.

Os enfermos eram curados; os descrentes assistiam a provas irrefutáveis; os curiosos constatavam a presença de uma força superior e os crentes aumentavam, dia a dia.

A figura de Cristo centralizava o culto, que aproveitava muitos elementos das crenças negra e nativa. Sua doutrina de amor e de perdão era a diretriz dessa religião nova, que falava de perto ao coração dos humildes, anulando preconceitos, nivelando o doutor e o operário, o general e o soldado, a senhora e a sua serviçal.

A retribuição monetária pelos trabalhos de cura de enfermos e obsedados não era admitida, nem mesmo sob forma de presentes.

- Ninguem poderá dizer que eu recebi um ~~tostão~~ centavo pelas curas feitas na Tenda da Piedade - comentava Zélio - E só de obsedados foram mais de onze mil...

Médiuns, recusados em centros espíritas porque recebiam entidades que se apresentavam nas formas de índios ou de escravos, aderiram ao novo culto . Deu-se a recuperação imediata de enfermos, cuja doença, considerada mental, nada mais era do que manifestação mediúnica. E houve eclosões espontâneas de mediunidade - como ocorreu com João Severino Ramos - às margens do Rio Macacu, onde o Caboclo das Sete Encruzilhadas trabalhava, usando água pura como elemento de atração dos Guias e de purificação para os médiuns.

Os sacrifícios de aves e animais não eram admitidos. São palavras textuais de Zélio :

- O Caboclo das Sete ENcruzilhadas nunca mandou sacrificar bichos para me fortalecer, ou aos guias que trabalham comigo.

Cinco anos mais tarde, manifestou-se o Orixá Malé, exclusivamente para a cura de obsedados e o combate aos trabalhos de magia negra.

- Na época imperava a feitiçaria - explicava Zélio - Trabalhava-se muito para o mal, através de objetos, aves e animais sacrificados, que representavam o elemento material para levar a magia ao Espírito. Tudo a preço elevadíssimo. Para combater esses trabalhos de magia negativa, o Caboclo trouxe outra entidade, o Orixá Malé, que destruia esses malefícios e curava obsedados. Ainda hoje isso existe:

há quem trabalhe para fazer ou desmanchar feitiçarias, só para ganhar dinheiro. Os meus Guias nunca permitiram que se cobrasse um centavo pelos trabalhos realizados. No Espiritismo não se pode pensar em dinheiro; deve-se pensar em Deus e no preparo da vida futura.

Dez anos mais tarde, o Caboclo das Sete ENcruzilhadas iniciou a segunda etapa da sua missão : a fundação de sete templos, que deveriam constituir o núcleo central para a difusão da Umbanda.

A Tenda da Piedade trabalhava ativamente, produzindo curas, principalmente a recuperação de obsedados, considerados loucos, na época. Já então contavam-se às centenas as curas realizadas pela entidade, comentadas em todo o Estado e confirmadas pelos próprios médicos que recorriam à Tenda, em busca da cura dos seus doentes . E o Caboclo anotava, na lista que lhe apresentavam com o nome dos enfermos, os que poderia curar : eram os obsedados, portadores de moléstia de origem espiritual; os outros, dizia ele, competia à medicina curá-los.

Nas reuniões doutrinárias que se realizavam às quintas-feiras, a entidade preparava os médiuns que seriam indicados, posteriormente, para dirigir os novos templos. Fundaram-se assim :

- Tenda N.Sa. da Guia, direção de ~~Leal~~ Durval de Souza;
- Tenda N.Sa. da Conceição, com Leal de Souza
- Tenda São Pedro, com José Mercolos
- Tenda Santa Bárbara, com João Aguiar
- Tenda de Oxalá, com Paulo Lavois
- Tenda São Jorge, com João Severino Ramos
- Tenda São Jerônimo, com José Álvares Pessoa, e Aírio Batista

as duas últimas fundadas já na década de '20.

As correntes mediúnicas formavam-se inicialmente na Tenda da Piedade. E muitas vezes Zélio responsabilizava-se pelo pagamento do aluguel dos prédios que seriam a sede dos novos templos, até que estes adquirissem independência econômica, através das contribuições dos associados.

E a Umbanda expandia-se pelos Estados. Em São Paulo fundaram-se 23 Tendas, na capital e 19, em Santos. Sempre que o trabalho profissional o permitia, Zélio participava pessoalmente da instalação dos templos. Esteve em São Paulo, Minas, Espírito Santo, Não podendo ir ao Rio Grande do Sul, enviou médiuns capacitados para o cumprimento da missão. Em Belém fundou-se a Tenda Mirim de São de S. Benedito dirigida por ~~José~~ Joaquim Bentes, capitão do Exército, que pediu transferência da capital da República, onde servia, para o Estado do Pará, a fim de levar ao Extremo Norte a mensagem do Caboclo das

Sete Encruzilhadas.

Confirmava-se a fraae pronunciada na Federação Espírita, em 15 de novembro de 1908 :

- Levarei daqui uma semente e vou plantá-la nas Neves, onde ela se transformará em árvore frondosa.

Em 1937, os templos fundados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas reuniram-se, criando a Federação Espírita de Umbanda do Brasil. Anos mais tarde, acompanhado de Floriano Manoel da Fonseca e outros dirigentes da Federação, Zélio iria a São Paulo instalar a Federação Umbandista do Estado. Em 1947 fundou o JORNAL DE UMBANDA que durante mais de vinte anos foi um órgão de divulgação doutrinária de grande valor. Nele colaboraram Olivio de Novais, Floriano Manoel da Fonseca, José Álvares Pessoa, J.Alves de Oliveira, João Severino Ramos, Olivio de Novais , W.W. da Mata e Silva, Cavalcanti Bandeira, Reynaldo Xavier de Almeida

Em princípios deste século, num ambiente essencialmente católico, mas eivado de feitiços e superstições, eclodiu esse movimento , aproveitando muito dos cultos africanos e nativos, divulgando a mensagem do Evangelho e totalmente votado à caridade e ao sentimento de fraternidade entre os homens : a UMBANDA.

É comum ouvir-se dizer que Umbanda foi trazida ao Brasil pelos escravos. Entretanto, o testemunho dos historiadores nos faz saber que os negros não davam aos seus cultos a denominação de Umbanda. O vocábulo era praticamente desconhecido entre os cultores das seitas africanas. (*)

Isso não exclui o papel relevante que a crença dos negros desempenhou na formação da Umbanda, da qual se constituiu um dos principais alicerces, dando-lhe, como contribuição primordial, os Orixás.

Negros e índios tiveram, de certo, a missão de implantar, em nosso país, as bases sobre as quais se havia de erguer a mais brasileira de todas as religiões, já que de sua constituição participaram as tres raças que formam o nosso próprio povo.

A UMBANDA, em suas práticas, aproxima-se mais da origem nativa do que da africana. Em sua estrutura, porém, prevaleceu a influência negra.

O Espiritismo deu sua contribuição, com sua doutrina esclarecedora, reforçando os conceitos da Reencarnação e da comunicação com os desencarnados, já existentes no culto dos nativos.

A contribuição católica à Umbanda deu-se, em grande parte, através do negro,ao qual havia sido imposta a assimilação do Orixá ao Santo e, também, por influência dos seus primeiros cultores, afeiçoados à religião dominante, na época.

UMBANDA é, portanto, o produto de uma evolução religiosa. Suas origens encontram-se nas filosofias orientais - fonte inicial de todos os cultos do mundo civilizado - e sua implantação, em nossa terra, deu-se com a fusão de práticas, conceitos e crenças do branco, do negro e do índio.

---

* Gilberto Freyre :

NOTA : II

O emprego do termo UMBANDA pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, pela primeira vez, para definir um culto religioso, deu margem a controvérsias, muitos anos após a implantação dos primeiros / templos umbandistas.

Formaram-se duas correntes : uma, defendendo a origem exclusivamente africana do vocábulo; outra, reportando-se às raizes bem mais remotas - a expressão sânscrita AUM-BANDHÃ, da terminologia iniciática do Oriente.

O que se pode constatar é que o vocábulo, embora existente no idioma africano, não significava culto religioso e não era de uso corrente nos candomblés nem nas seitas deles descendentes.

No livro que reune as teses apresentadas ao Iº Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, realizado em 1941, o vocábulo UMBANDA é considerado de origem sânscrita : "a raiz mais antiga de que há registro acerca de UMBANDA encontra-se nos "Upanishads", famosos livros da Índia".

W.W. DA MATA E SILVA, no livro "Umbanda de Todos Nós", edição de 1956, págs. 12 e 13) refere-se ao assunto:

> "Verifica-se que até os anos de 1900,1904,1916 e 1917, os autores, em pesquisas e apurados estudos, na época em que os Candomblés conservavam-se mais puros, não encontravam o vocábulo UMBANDA. Era inexistente."
>
> E prossegue, citando :
>
> "WALDEMAR BENTO, em sua excelente obra "A Magia no Brasil"(1939) faz um estudo sobre concepções, práticas e orixás, inclusive do sincretismo existente na época dos Candomblés e apenas faz ligeiras referências às linhas de Umbanda;
>
> "DONALD PIERSON ("Brancos e Negros da Bahia", 1945) estuda também orixás, divindades, crenças, práticas, apresentando, inclusive, um mapa completo dos principais orixás do culto afro- brasileiro, em 1937, tudo muito particularizado. Pois bem, é inexistente a palavra UMBANDA.
>
> "ROGER BASTIDE, em "Imagens do Nordeste Místico", fez observações em inúmeros Candomblés, descrevendo ritos, costumes, divindades, concepções etc., positivando 13 modalidades de cultos ou práticas diferentes, mas não registra uma só vez a palabra UMBANDA.

"GILBERTO FREYRE, em "Estudos Afro-Brasileiros", apresenta um apêndice com 150 termos africanos, muitos de uso corrente nos Candomblés. Aí também não se encontra a menor referência à palavra UMBANDA. "

É ainda MATTA E SILVA quem nos diz :

"Os cultos africanos, há vários séculos perderam, na própria África, o contato direto com sua fonte original. Os cultos das várias nações, em suas expressões gerais, jamais usaram a palavra UMBANDA.

"NINA RODRIGUES, que serve de apoio a quase todos os escritores do gênero, em "O Animismo Fetichista dos Negros da Bahia" (1930) não cita uma só vez a palavra UMBANDA...

"JOÃO DO RIO (Paulo Barreto), em sua obra "As Religiões do Rio", (1904), das páginas 1 a 64, em que trata dos Candomblés, feitiços etc., não faz nenhuma referência ao termo UMBANDA."

CAVALCANTI BANDEIRA, reportando-se aos mestres do idioma africano, afirma que o vocábulo provém do Quimbundo (Angola) e é citado na gramática do prof. José Quintão, como "arte de curar", derivado de Kimbanda, curandeiro; e como "arte de curar, magia", em "O Kimbundo sem Mestre", do Padre Domingos Bayão . Refere, ainda, em artigo publicado na imprensa,que no "Dicionário" de A.de Assis Junior, editado em Luanda, há pouco mais de cinquenta anos, consta Umbanda como magismo, arte de encantar, de curar. Encontrou, também, uma referência,com a grafia Ubanda, num livro de Frei Bernardo Maria de Cannecatin,publicado em 1859. E cita Heli de Chatelain, no livro "Folktales of Angola" (1894) dando à Umbanda o significado de "faculdade de curar por meio de medicina natural ou sobrenatural", ou ainda "os sortilégios que,segundo se presume, estabelecem e determinam a ligação entre os espíritos e o mundo físico".

Voltemos a MATTA E SILVA, que esclarece em sua obra "Umbanda do Brasil" :

"Toda essa complexa mistura, que o leigo chama de macumba, baixo espiritismo, magia negra, envolvendo práticas fetichistas e barulhentas, tudo isso em pleno século XX, norteando uma imensa coletividade que, nos últimos anos, foi denominada como / de adeptos dos cultos afro-brasileiros, era a situação existen

te, quando surgiu um vigoroso movimento de luz, ordenado pelo astral superior, feito pelos espíritos que se apresentaram como Caboclos, Pretos Velhos e Crianças. Práticas as mais confusas, desordenadas, baixas, envolvendo oferendas com sacrifícios de animais, sangue etc.... e foi por causa disso tudo / que se fez imprescindível um novo movimento, dentro desses / cultos ou de sua massa de adeptos, feito pelos espíritos carmicamente afins a essa massa e pelos que, dentro de afinidades mais elevadas, se pautam no amor, na ajuda e na renúncia em prol da evolução de seus semelhantes, foi lançado através da mediunidade de uns e outros, pelos Caboclos e Pretos Velhos , com o nome de UMBANDA. O termo UMBANDA, que eles implantaram no meio, para servir de bandeira a essa poderosa corrente, ensinaram que é um termo litúrgico, sagrado, vibrado, que significa, num sentido mais profundo, o conjunto das leis de Deus..."

E, à pág. 35 do mesmo livro, prossegue :

"O vocábulo UMBANDA, que dá margem a uma série de controvérsias, só pode ser identificado dentro das qualificadas linguas mortas. Todavia, entre os angoleses, existe o termo Kimbanda, que significa sacerdote, feiticeiro, invocador dos espíritos, firmado no radical MBANDA, conservado através de milênios, legado da tradição oral da raça africana, o qual é uma corruptela do original U-MBANDA, ou AUM-BAN-DHAM...

"... então comprovamos que UMBANDA é um termo litúrgico, suscitado há cerca de 70 anos e definitivamente implantado de 50 anos para cá, pelos espíritos que se apresentam como Caboclos e Pretos Velhos."

Observa RAMATIS, em "Missão do Espiritismo" :

"A palavra AUM é de alta significação espiritual, consagrada pelos mestres... BANDHÃ, em sua expressão mística iniciatica, significa o movimento incessante, força centrípeta emana da do Criador... Em consequência, o prefixo AUM e o sufixo BANDHÃ constituiram a palavra AUM-BANDHÃ, a qual, pronunciada na forma de um mantram, aproxima-se melhor da sonorização de OM-BANDA..."-

E prossegue RAMATIS, às págs. 132/33 do livro citado :

"Os africanos praticavam a magia indistintamente, como um processo de dinamismo e ação no controle das energias do mundo oculto . Não se distinguiam a magia negra como atividade maligna ou a magia branca, no sentido benfeitor, mas apenas a magia, com os diversos processos de encantamento e feitiçaria... Em face dos costumes da civilização, é inexequível a prática de Umbanda nos moldes e ritualismo genuino africano, onde há ritos, oferendas e obrigações bárbaras, que chocam os mais rudimentares preceitos de higiene, bom senso e compostura humana.

"Acontece que, antes dessa denominação de UMBANDA, os ritos, despachos e intercâmbios mediúnicos eram somente conhecidos como Candomblé e macumba, sob o domínio completo do africano versado na magia grosseira".

EDSON GIRAUD, estudioso umbandista, que colaborou, com diversas anotações, no livro mencionado, observa, à pág. 131 :

"Já existe um número de prosélitos, que cultua UMBANDA, sob conceituações, ritos, doutrinações, cuja diferenciação para um sentido mais elevado os distingue como pioneiros da prática fundamental da UMBANDA de amanhã."

PARALÍTICO E DESENGANADO PELOS MÉDICOS
AS GUIAS – O EXU – PREVIU A MORTE – TESTEMUNHOS

Nestes últimos anos, visitávamos Zélio frequentemente, na tranquilidade do sítio de Boca do Mato, próximo à sede da Cabana Pai Antônio, onde ele residiu desde que passou a direção da Tenda da Piedade à filha, Zélia, após tê-la dirigido durante 55 anos.

Desse convívio guardamos várias orientações e registramos fatos que bem revelam a personalidade do mais velho médium de Umbanda.

De estatura mediana, franzino, cabelos grisalhos, olhar sereno e profundo, Zélio irradiava simpatia. Ao seu lado, sentiamos a vibração que emanava da sua figura miuda quando, entre o café e o cigarro, que não dispensava, na ampla varanda onde os pássaros voavam em liberdade, ao lado da esposa, Isabel, médium do Caboclo Roxo e companheira constante do seu trabalho mediúnico, e das filhas, Zélia e Zilmeia, continuadoras da sua obra, relembrava, com extraordinária lucidez, os pormenores dos primórdios da implantação da Umbanda, evitando citar fatos que pudessem dar um relevo maior à sua atuação pessoal.

Certa vez, dizia ele, na roda de amigos que o visitavam quase todos os sábados :

- Na minha família, todos são da Marinha : almirantes, comandantes, um capitão de mar-e-guerra... Só eu é que não sou nada...

E a jornalista que se aproximava no momento, antes mesmo de se apresentar, retrucou :

- Almirantes ilustres, capitães de mar e guerra, há muitos; o médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas é um só...

E daí se iniciou uma palestra cordial, simples conversa em família, no decorrer da qual foram abordados vários assuntos que aproveitamos a registrar.

Zélio relembrou, com Lucy, a sua ida à Federação Espírita, em 15 de novembro de 1908 :

- Eu estava paralítico, desenganado pelos médicos. Certo dia, para surpresa da minha família, sentei-me na cama e disse que no dia seguinte estaria curado. Isso foi a 14 de novembro de 1908. Eu tinha 17 anos. No dia seguinte, amanheci bom. Meus pais, que eram católicos, diante dessa cura inexplicável, resolveram que eu fosse à Federação Espírita, em Niteroi. O presidente era José de Souza. Foi ele mesmo quem me chamou para que eu ocupasse um lugar à mesa dos trabalhos, à sua direita. Senti-me deslocado, constrangido, entre aque-

les senhores. E causei logo um pequeno tumulto. Sem saber porque, em dado momento eu disse : Nesta mesa, falta uma flor; vou buscá-la. E apesar da advertência de que não me poderia afastar, fui ao jardim e voltei com uma flor, que coloquei no centro da mesa.

Momentos depois, manifestava-se, pela primeira vez, o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Sobre as Guias a serem usadas pelos médiuns, dizia Zélio :

- As guias devem ser feitas de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto Velho, deve-se usar a Guia de Preto Velho. Para o Caboclo, a Guia correspondente ao Caboclo. É o bastante; não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço...

E com referência a Exu :

- O trabalho com os Exus requer muito cuidado. É facil ao mau médium dar manifestação como Exu e ser, na realidade, um espírito atrasado. É o que acontece, também, na incorporação de Criança . É preciso ter cuidado. Considero o Exu um espírito que foi despertado das trevas e, progredindo na escala evolutiva, trabalha em benefício dos necessitados. O Caboclo das Sete ENcruzilhadas ensinava que o Exu é como o soldado, na polícia. O chefe de polícia não prende o malfeitor; o delegado também não prende. Quem prende é o soldado, que executa as ordens dos chefes. E o Exu é o espírito que se prontifica a fazer o bem, porque cada passo que dá em benefício de alguém é mais uma luz que adquire. Atrair o espírito atrasado que estiver ~~obcedando~~ alguém e afastá-lo é um dos seus trabalhos. É assim que vai evoluindo... Torna-se, portanto, um auxiliar dos Guias.

Zélio sabia, com antecedência, o motivo que levava os visitantes a Boca do Mato. Certa vez, um Irmão nosso resolveu ir ao sítio com a intenção de pedir a Zélio que confeccionasse uma Guia para seu uso. Não teve oportunidade de avisá-lo e, lá chegando, ao fazer o pedido, surpreendeu-se ao ver que a Guia já estava pronta. Zélio a havia preparado na véspera, dizendo à esposa : "Guarde esta guia, que amanhã o seu dono virá buscá-la".

Ao terminar sua missão entre nós - Zélio desencarnou em 3 de outubro de 1975, aos 84 anos - contava 67 dedicados à atividade mediúnica ininterrupta, pois até quase às vésperas de sua morte, continuava atendendo aos necessitados, realizando curas, dando provas constantes de sua clarividência.

Enfermo, deixara o sítio de Boca do Mato e permanecia na casa das Neves, em tratamento. No dia 30 de setembro, dizia ele ao genro, dr. Júlio de Oliveira Castro, que o visitava diariamente :

- Só mais tres dias e estarei bom.

Realmente, tres dias depois Zélio passava à vida espiritual.

TESTEMUNHOS PARA A POSTERIDADE

O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS nunca permitiu que fossem prestadas homenagens ao seu médium, ou melhor, que a mediunidade se tornasse meio de promoção pessoal. Somente após o desencarne de Zélio seu retrato foi colocado na Cabana Pai Antonio, em Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu, onde ele viveu seus últimos anos, exercendo sempre a sua missão mediúnica.

A cerimônia simples - uma cerimônia em família, porque todos que alí se encontravam pertenciam, direta ou indiretamente, à grande família umbandista que tem, como mentor, o Caboclo das 7 Encruzilhadas - emocionou os antigos companheiros de Zélio e eles prestaram sua homenagem ao precursor da Umbanda, em poucas palavras, porque a emoção não permitia que se alongassem.

De MARTINHO MENDES FERREIRA ouvimos :

"Não posso deixar de transmitir a vocês o que o Caboclo das 7 Encruzilhadas nos deu : UMBANDA é luz, é amor, é virtude. Vim da Tenda N.Sa. da Guia, onde aprendi, com o Caboclo das 7 Encruzilhadas, a ser umbandista no templo, fora do templo, em qualquer lugar. A ele devo o que sou, a minha condição material e espiritual. A primeira ordem que recebi dele foi : estudar e casar-me. Ouvi suas lições nas reuniões de chefes de tendas, ao lado de João Severino Ramos, José Meireles, Durval Vaz e tantos outros. Estou emocionado porque convivi com Zélio de Morais. E lembro Pai Antonio, com a baforada do seu cachimbo, dizendo :"pensa, filho, e pede". E o que se pedia era alcançado. Amar o Caboclo das 7 Encruzilhadas é dever de todo umbandista, porque foi ele quem estabeleceu a Umbanda no Brasil, criando, após a Tenda da Piedade, os sete templos iniciais, trazendo os obsedados para os seus trabalhos às margens do Rio Macacu e devolvendo-os curados às suas famílias e à medicina. Que Oxalá abençoe a aura espiritual do CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS."

O veterano FLORIANO MANOEL DA FONSECA declarou :

"Ouvi as lições de Zélio de Moraes. Os seus conceitos são hoje defendidos e propagados pela ALiança Umbandista do Estado do Rio de Janeiro que, desde sua fundação, levantou a bandeira do Caboclo das Sete Encruzilhadas e defende a sua doutrina. Temos certeza de que jamais os ideais de Zélio de Moraes serão esquecidos pela Aliança e suas filiadas, que se dedicam à Linha do Caboclo das Sete Encruzilhadas com a disposição de continuarem sempre dentro dessa linha de trabalho que será, mais hoje mais amanhã, aquela que definirá os rumos verdadeiros da UMBANDA".

Palavras do CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS gravadas em 16 de novembro de 1972, durante as celebrações do 64º aniversário da Tenda da Piedade, através de ZELIO DE MORAES :

"Sempre fui pequeno e pequeno continuo, como o mais humilde espírito que baixa neste planeta. Mas estou satisfeito de ver a Umbanda progredir. A Umbanda hoje é grande aqui, em São Paulo, onde fundamos mais de 20 Tendas, em Minas, no Estado do Rio. A Umbanda continua progredindo. Não, talvez, como aquela que eu desejo, que eu preciso encontrar nesta casa, quando aqui estou, lembrando ao coração dos que a dirigem, que a humildade é o Amor é o que pratica a Caridade.

E venho dando forças aos dirigentes e médiuns desta Tenda, para que ela possa ser o espelho das outras Tendas. Porque, meus Irmãos, a Umbanda que eu deseja va encontrar é a Umbanda de branco, a Umbanda de humildade, de igualdade, com roupas de pouco custo, nada de sedas, nada de coisas que possam fazer um pobre ficar triste por não poder usar a sua vestimenta.

Eu posso garantir que o meu aparelho nunca aceitou a vil moeda em troca de uma cura ou de um feito, porque a vil moeda, em troca de um trabalho de caridade , só serve para atrasar o médium.

Porisso, meus Irmãos, desejo que vocês possam fazer a caridade, que possam receber essa graça de Deus, pois todo medium pode fazer o bem e curar com as suas mãos, com a sua reza; a questão é andar numa linha reta, é ter a consciência pura E limpa, não receber a vil moeda por esse trabalho, enfim, olhar o seu semelhante como um verdadeiro irmão.

Eu salvo os Caboclos que iniciaram comigo, Caboclos da Linha de Ogum, de Oxossi, de Xangô. Mas digo que este humilde espírito que vos fala pertence à falange de Oxossi. Que Oxossi possa tomar conta de vocês, que vos abençoe e que vocês possam sentir os fluidos benéficos da Linha de Oxossi, que possam levar harmonia no coração e aos vossos lares, que possam gozar a vida, conforme o Pai a criou para todos os seus filhos, dentro da humildade, do amor fraterno, praticando a caridade. E que vocês tenham saude e paz para que possam praticar a verdadeira Umbanda do humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas."

A MENSAGEM DE ZÉLIO

Estivemos com Zélio de Moraes, no sítio de Boca do Mato, às vésperas da data consagrada a Oxoce. Ouvimos, de Zélia, a descrição do que foi a grande concentração promovida pela Federação Umbandista do Grande ABC, em Santo André, Estado de São Paulo, presidida por Ronaldo Linares, em homenagem a Zélio. Assim como a Aliança Umbandista do Estado da Guanabara - A.L.U.E.G., que tem,o Caboclo das 7 Encruzilhadas como seu Patrono, aquela Federação visa uniformizar o cultos dos templos umbandistas, excluindo gradativamente do ritual os preceitos já superados, visando atingir, na prática, o conceito definido pelo Caboclo : "UMBANDA é a manifestação do Espírito para a Caridade".

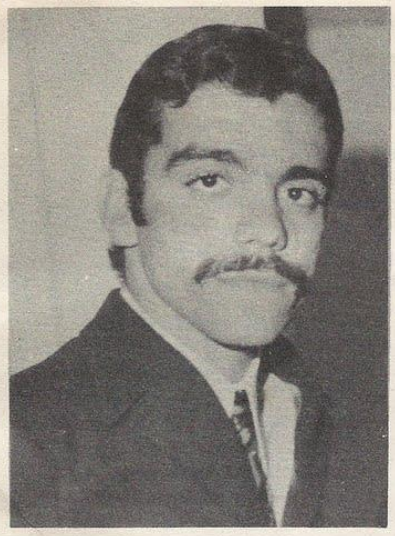
Ao término da nossa palestra, ZÉlio de Moraes escreveu, de próprio punho, esta mensagem para "SELEÇÕES DE UMBANDA":

"Meus queridos Irmãos: satisfeito com o que vocês estão fazendo, a divulgação da nossa Umbanda, desejando muita saude e paz a todos vocês , que este ano que começa seja muito bom para vocês, pois grandes coisas vão ser feitas para que todos possam dizer que Deus exita, e que vocês possam livrar-se do que acontecer, pela fé que encontro e a humildade tão necessária a nossa Umbanda, domo diz este pequeno espírito, este humildes Caboclo das 7 Encruzilhadas."

“EU FUNDEI A UMBANDA” – MATÉRIA ENVIADA POR LILIA RIBEIRO PARA A REVISTA “GIRA DE UMBANDA”

A imagem abaixo, mostra a capa do primeiro número da revista *Gira de Umbanda* (1971) dirigida por Atila Nunes Filho, bem como o editorial do primeiro número da Revista *Gira da Umbanda*, de 1972, editada por Átila Nunes Filho





Editorial

COM o lançamento de GIRA DA UMBANDA objetivamos levar até você um pouco de cada fato que ocorre diàriamente em todo mundo com homens e mulheres que seguem a doutrina espírita, a Umbanda e os cultos africanistas. De maneira simples e honesta apresentamos neste primeiro número inúmeras reportagens, crônicas e entrevistas que esperamos ser do agrado de todos. Procuramos dar também, nesta primeira edição, carinho especial a um noticiário completo que abranja festividades, lançamento de livros, discos e jornais, acontecimentos marcantes e uma cobertura completa de centros, com suas respectivas programações. GIRA DA UMBANDA se propõe a divulgar assuntos de relevante importância para todos aquêles que professam ou acompanham o movimento espiritualista mundial. Seguindo uma linha democrática, GIRA DA UMBANDA abre suas páginas aos seus leitores, baseada no fato de que existem inúmeros espiritualistas, sejam êles seguidores da doutrina cardequiana, da Umbanda ou dos cultos africanistas, que podem enriquecer nossos conhecimentos. Aqui está, portanto, a revista GIRA DA UMBANDA, para o julgamento e a apreciação de seus leitores. Que Deus sempre ilumine o pensamento do nosso corpo redacional, para que ofereçamos o melhor possível para nossos irmãos.

Átila Nunes Filho
∴

(Capa da revista e editorial do arquivo pessoal de Diamantino F. Trindade)

Disponibilizaremos a reportagem “Eu Fundei a Umbanda” publicada na revista “Gira de Umbanda”, no original, feito pela senhora Lilia Ribeiro, junto a Zélio de Moraes:

- Na minha família, todos são da Marinha : almirantes, comandantes, um capitão de mar-e-guerra... Só eu é que não sou nada... - comentava, sorrindo, Zélio de Moraes, aos amigos que o visitavam , nessa manhã ensolarada.

E a reporter, antes mesmo de se apresentar, retrucou :

- Almirantes ilustres, capitães de mar-e-guerra há muitos ; o médium do Caboclo das 7 Encruzilhadas, porém, é um só.

Levantando-se, Zélio Moraes - magrinho, de estatura mediana, cabelos grisalhos, fisionomia serena e de uma simplicidade sem igual- acolheu-nos, como se nos conhecesse há longos anos. Nesse ambiente cordial, sentindo-me completamente à vontade, possuida de estranho bem-estar, esquecendo, quase, a minha função jornalística, iniciei uma palestra, que se prolongaria por várias horas, deixando-me uma impressão inesquecível.

Perguntei-lhe como ocorrera a eclosão de sua mediunidade e de que forma se manifestara, pela primeira vez, o Caboclo das 7 Encruzilhadas.

- Eu estava paralítico, desenganado pelos médicos. Certo dia, para surpresa de minha família, sentei-me na cada e disse que no dia seguinte estaria curado. Isso foi a 14 de novembro de 1908. Eu tinha 18 anos. No dia 15, amanheci bom. Meus pais eram católicos, mas, diante dessa cura inesplicável, resolveram levar-me à Federação Espírita , de Niteroi, cujo presidente era o sr. José de Souza. Foi êle mesmo quem me chamou para que ocupasse um lugar à mesa de trabalhos, à sua direita. Senti-me deslocado, constrangido, em meio àqueles senhores. E causei logo um pequeno tumulto. Sem saber porque, em dado momento, eu disse: "Falta uma flor nesta mesa; vou buscá-la". E, apesar da advertência de que não me poderia afastar, levantei-me, fui ao jardim e voltei com uma flor que coloquei no centro da mesa. Serenado o ambiente e iniciados os trabalhos, verifiquei que os espíritos que se apresentavam, aos videntes, como índios e pretos, eram convidados a se afastarem. Foi então que, impelido por uma força estranha, levantei-me outra vez e perguntei porque não se podiam manifestar êsses espíritosque, embora de aspecto humilde, eram trabalhadores. Estabeleceu-se um debate e um dos videntes , tomando a palavra, indagou:

- " O irmão é um padre jesuita. Porque fala dessa maneira e qual é o seu nome?"

Respondi, sem querer :

- " Amanhã estarei em casa dêste aparelho, simbolizando a humildade e a igualdade que devem existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem um nome, que seja êste : sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas."

" Minha família ficou apavorada. No dia seguinte, uma verdadeira romaria

formou-se na rua Floriano Peixoto, onde eu morava, no número nº 30. Parentes, desconhecidos, os tios, que eram sacerdotes católicos e quase todos os membros da Federação Espírita, naturalmente, em busca de uma comprovação. O Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestou-se , realizando a primeira sessão de Umbanda, na forma em que, daí para frente, realizaria os seus trabalhos. Como primeira prova de sua presença, através do passe, curou um paralítico, entregando a conclusão da cura ao preto velho, Pai Antonio, que nesse mesmo dia também se apresentou. Estava assim criada a primeira Tenda de Umbanda, que tomou o nome de Nossa Senhora da Piedade porque, assim como a imagem de Maria ampara em seus braços o Filho, seria o amparo de todos os que a ela recorressem. O Caboclo determinou que as sessões seriam diárias, das 20 às 22 horas e o atendimento gratuito, obedecendo ao lema "Dai de graça o que de graça recebestes". O uniforme totalmente branco e sapato tenis.

" Dêsse dia em diante, já ao amanhecer havia gente à porta, em busca de passes, cura e conselhos. Médiuns que não tinham oportunidade de trabalhar espiritualmente por só receberem espíritos que se apresentavam como Caboclos e Pretos Velhos, passaram a cooperar nos trabalhos.Outros, considerados portadores de doenças mentais incompreensiveis, revelaram-se médiuns excepcionais, de incorporação e de transporte."

Citando nomes e datas, com precisão extraordinária, Zélio de Moraes relata o que foram os primeiros anos de sua atividade mediúnica. Dez anos depois, o Caboclo das Sete Encruzilhadas iniciou a segunda parte de sua missão : a fundação de sete templos de Umbanda e, nas reuniões doutrinárias que realizava às quintas-feiras, foi destacando os médiuns que assumiriam a direção das novas tendas : a primeira, com o nome de Nossa Senhora da Conceição e, sucessivamente, Nossa Senhora da Guia, São Pedro, Santa Bárbara, São Jorge, Oxalá e São Jerônimo.

"- Na época - prossegue Zélio - imperava a feitiçaria; trabalhava-se muito para o mal, através de objetos materiais, aves e animais sacrificados, tudo a preços elevadíssimos. Para combater êsses trabalhos de magia negativa, o Caboclo trouxe outra entidade, o Orixá Malê , que destruia êsses malefícios e curava obcedados. Ainda hoje isso existe; há quem trabalhe para fazer ou desmanchar feitiçarias, só para ganhar dinheiro. Mas não há ninguém que possa contar que eu cobrei um tostão pelas curas que se realizavam em nossa casa ; milhares de obcedados, encaminhados, inclusive, pelos médicos dos hospitais de doentes mentais... E quando apresentavam ao Caboclo a relação dêsses enfermos, êle indicava os que poderiam ser curados espiritualmente ; os outros dependiam de tratamento material. "

Perguntamos, então, a Zélio, a sua opinião sôbre o sacrificio de animais que alguns médiuns fazem na intenção dos Orixás.

Zélio absteve-se de opinar; limitou-se a dizer :

- " Os meus guias nunca mandaram sacrificar animais nem permiti-

riam que se cobrasse um centavo pelos trabalhos efetuados. No Espiritismo, não se pode pensar em ganhar dinheiro; deve-se pensar em Deus e no preparo da vida futura."

O Caboclo das Sete Encruzilhadas não adotava atabaques , palmas para marcarem o ritmo dos cânticos,nem objetos de adorno, como capacetes cocares etc. Quanto ao número de guias a ser usado pelo médium, Zélio opina:

"- A guia deve ser feita de acôrdo com os protetores que se manifestam. Para o Preto Velho, deve-se usar a guia de Preto Velho; para o Caboclo, a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço..."

- Considera o Exu um espírito trabalhador como os outros? - perguntamos.

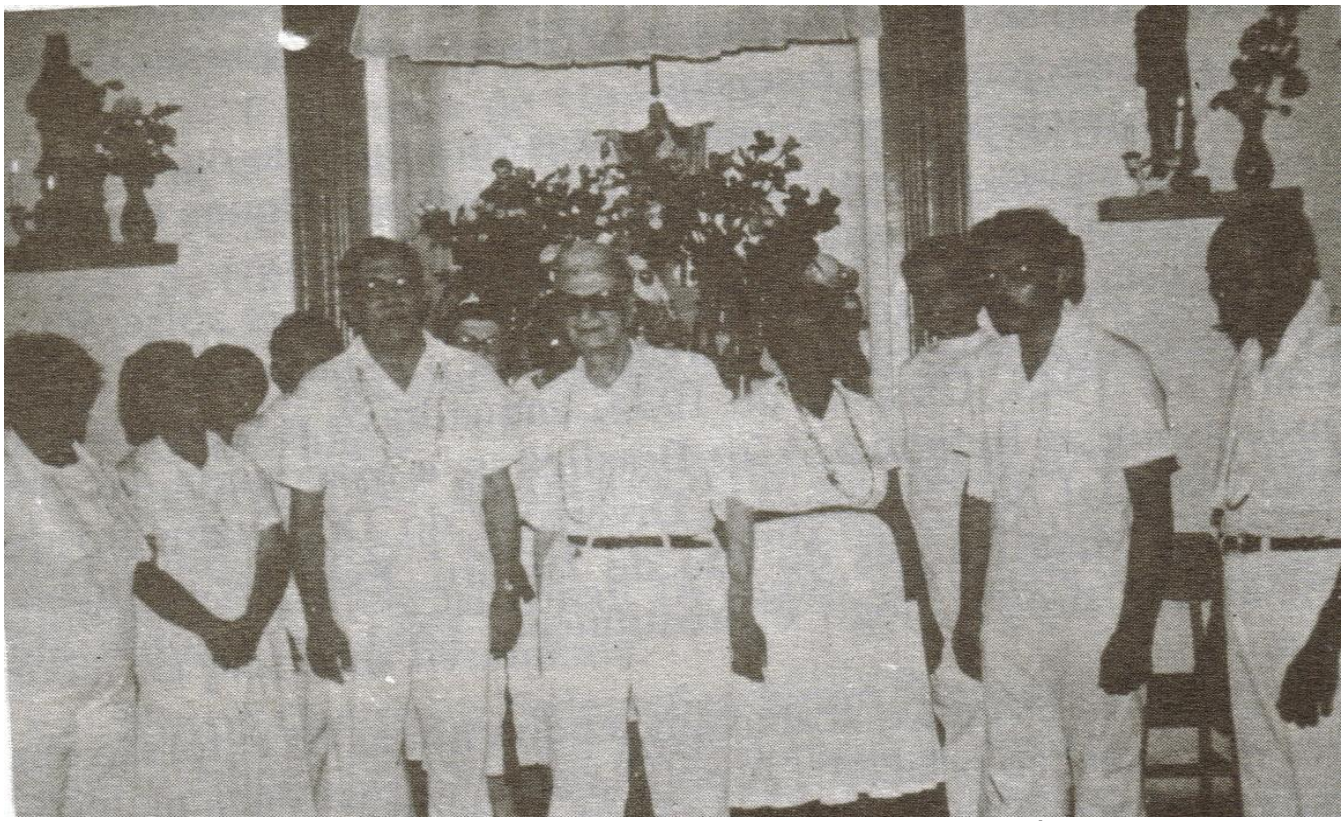
" - O trabalho com os Exus requer muito cuidado. É facil ao mau médium dar manifestação como Exu e ser, na realidade, um espírito atrasado, como acontece também na incorporação de Criança. Considero o Exu um espírito que foi despertado das trevas e, progredindo na escala evolutiva, trabalha em benefício dos necessitados. O Caboclo das Sete Encruzilhadas ensinava que o Exu é como, na polícia, o soldado. O chefe de polícia não prende o malfeitor; o delegado também não prende. Quem prende é o soldado, que executa as ordens dos chefes. E o Exu é um espírito que se prontifica a fazer o bem, porque cada passo que dá em benefício de alguém é mais uma luz que adquire. Atrair o espírito atrasado que estiver obcedando alguém e afastá-lo, é um dos seus trabalhos. É assim que vai evoluindo. Torna-se, portanto, um auxiliar do Orixá. "

Relembrando fatos passados em mais de cincoenta anos de atividade espiritualista, Zélio refere-se a centenas de tendas de Umbanda fundadas na Guanabara, no Estado do Rio, em São Paulo, Rio Grande do Sul. A Federação de Umbanda do Brasil, hoje União Espiritista de Umbanda do Brasil, foi criada por determinação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 26 de agosto de 1939. Da Tenda N.Sa. da Piedade saiam constantemente médiuns de capacidade comprovada, com a missão de dirigirem novos templos umbandistas ; entre êles, José Meireles, na época deputado federal, José Álvares Pessoa que deixou uma lembrança inesquecível de sua extraordinária cultura espiritualista, Martinho Mendes Ferreira, presidente da Congregação Espírita Umbandista do Brasil, Carlos Frederico Monte de Almeida, um dos diretores de culto da TULEF, João Severino Ramos, trabalhando ainda hoje, ativamente, inclusive na Assessoria de Culto do CX Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda. Outros, fugindo às rígidas determinações de humildade e caridade do Caboclo das Sete Encruzilhadas, desvirtuaram as normas do culto. Mas a Umbanda preconizada através da mediunidade de Zélio de Moraes, difundiu-se extraordinariamente, e hoje podemos encontrar suas características em tendas modestas e nos grandes templos,como o Caminheiros da Verdade e a Tenda Mirim , nos quais a orientação de João Carneiro de Almeida e Benjamim Figueiredo mantém elevado nivel de espiritualidade, no Primado de Umbanda, uma das mais perfeitas entidades associativas da nossa Religião.

Durante mais de cincoenta anos, o Caboclo das Sete Encruzilhadas dirigiu a Tenda N.Sa. da Piedade; após êsse tempo, passou a direção à filha mais velha de seu médium, dona Zélia, aparelho do Caboclo Sete Flechas. Entretanto, Pai Antonio continua trabalhando com o seu médium, na Cabana que tem o seu home, localizada num sítio maravilhoso, em Cachoeiras de Macacu. O Caboclo manifesta-se ainda, em datas especiais, como foi, por exemplo, no 63º aniversário daquela Tenda. Da gravação feita durante a celebração festiva, reproduzimos , para os nossos leitores, o trecho final da mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

" A Umbanda tem progredido e vai progredir muito, ainda. É preciso haver sinceridade, amor de irmão para irmão, para que a vil moeda não venha a destruir o medium, que será mais tarde expulso, como Jesus expulsou os vendilhões do templo. É preciso estar sempre de prevenção contra os obsessores que podem atingir o médium. É preciso ter cuidado e haver moral, para que a Umbanda progrida e seja sempre uma Umbanda de humildade, amor e caridade. E Essa é a nossa bandeira. Meus irmãos: sêde humildes, trazêi amor no coração, para que pela vossa mediunidade possa baixar um espírito superior; estejai sempre afinados com as virtudes que Jesus pregou na Terra, para que haja boa comunicação e proteção para todo aquele que venha buscar socorro em nossas casas de caridade, em todo o Brasil... Tenho uma coisa a vos pedir : se Jesus veio ao planeta Terra na humilde manjedoura, não foi por acaso, não. Foi o Pai, que assim o determinou. Que o nascimento de Jesus, o espírito que viria traçar à humanidade o caminho de obter paz, saude e felicidade, a humildade em que êle baixou neste planeta, a estrela que iluminou aquele estábulo, sirva para vós, iluminando vossos espíritos, tirando os escuros de maldade por pensamento, por ações; que Deus perdoe tudo o que tiverdes feito ou as maldades que podeis haver pensado, para que a paz possa reinar em vossos corações e nos vossos lares. Eu, meus irmãos, como o menor espírito que baixou à terra, mas amigo de todos, numa concentração perfeita dos espíritos que me rodeiam neste momento, peço que êles sintam a necessidade de cada um de vós e que, ao sairdes d dêste templo de caridade, encontreis os caminhos abertos, vossos enfermos curados e a saude para sempre em vossa matéria. Com o meu voto de paz, saude e felicidade, com humildade, amor e caridade, sou e serei sempre o humilde CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS".

LILIA RIBEIRO SOBRE OS 70 ANOS DA INCORPORAÇÃO DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS



Zélio de Moraes e um grupo de médiuns na Cabana de Pai Antônio

Caboclo das Sete Encruzilhadas – 70 anos de incorporação em seu médium: Zélio de Moraes

A 15 de novembro celebra-se o septuagésimo aniversário de incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas. O seu médium, Zélio de Moraes, contava, 17 anos. Pertence a uma família católica de tradição, composta quase exclusivamente de militares e sacerdotes. O jovem médium surpreendeu a todos, com a manifestação espontânea de uma entidade que, dando o nome de Caboclo das Sete Encruzilhadas – porque não haveria caminhos fechados para sua trajetória – anunciou a sua missão de estabelecer um culto, no qual os Espíritos, que se apresentavam como de índios e pretos escravos, pudessem cumprir a missão que o astral lhes determinara: purificar o culto, originário no Oriente, mas trazido ao Brasil pelos escravos, que se deturpara nas últimas décadas do século passado, tornando-se instrumento de interesses pessoais.

Aproveitando a magia milenar dos velhos africanos, homens interesseiros usavam esse poder oculto apenas em detrimento de terceiros, semeando malefícios e obsessões e usufruindo o lucro financeiro tanto para causar mal como para libertar as suas vítimas.

UMBANDA – palavra de origem sânscrita, segundo os estudiosos, conhecida entre nós do vocabulário africano, mas que não caracteriza culto religioso – foi a denominação que a entidade deu a esse movimento cristão, que tinha por base a mensagem do Cristo e se difundiu extraordinariamente, transformando-se na verdadeira Religião Nacional, originária, com a nossa raça, do branco, do negro e do índio.

A fundação dos sete templos que deviam formar o alicerce desta religião foi concretizada ao termo de mais de 20 anos de trabalho construtivo, ininterrupto. Provas extraordinárias de um poder superior, milhares de curas de enfermos que a medicina terrena desenganara, esclarecimentos doutrinários em aulas semanais na residência do médium, em Neves, Niterói, através das quais a entidade preparava moral e espiritualmente os seus auxiliares, foram os pontos principais para efetuar a primeira parte da missão do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Desses sete templos, que nasceram na casa por ele fundado em 16 de novembro de 1908 – a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – (a denominação espírita era devida ao fato de não ser a Umbanda reconhecida como culto religioso, não se permitindo legalizar sociedades com esse nome) – centenas de outras surgiram, visando a disseminação da doutrina de amor e fraternidade que, embora muito conhecida através do Evangelho, raramente era praticada.

Nesse crescimento religioso, que a partir de 1930 tomou vulto extraordinário, nem todos os dirigentes souberam manter a função de missionários da espiritualidade.

A vaidade, a ignorância, as tentações que a "vil moeda", como dizia o Caboclo, exerce sobre o homem, são as principais responsáveis pelo grande número de Centros, Tendas ou Cabanas que usam o nome de Umbanda pela vibratória intensa do termo – sem, contudo, seguirem as normas estabelecidas pela entidade, desvirtuando a verdadeira codificação elaborada em longos meses de estudos e trabalho prático.

Nem todos souberam manter o "slogan": **"Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade"**. E então, o modesto uniforme branco de algodão deu lugar, nalgumas casas que se diziam umbandistas, a vestimentas coloridas, luxuosas, onde a renda e o lamê de alto custo deslumbram o assistente, dando-lhe uma impressão de luxo e estabelecendo, indevidamente, a diferença de situação econômica entre os membros de uma comunidade religiosa.

O ritmo seguro dos cânticos teve o complemento dos instrumentos de percussão, atraindo o Guia não mais pela concentração da mente, mas, principalmente, pelo ritmo de música nativa.

A presença dos Caboclos, nos Terreiros, deixou de objetivar exclusivamente a prática da caridade, para constituir uma reunião festiva, na qual os médiuns, incorporados ou não, dançam – não a dança sagrada que constituía parte dos cultos da antiguidade, mas a dança profana, sem significação nenhuma de religiosidade.

E, com o correr dos tempos, o conceito *"daí de graça o que de graça recebestes"*, foi esquecido naqueles locais, sendo substituído pelos cartazes que estipulam preço para "consultas" de Pretos-Velhos, de Exu e das "Ciganas".

A magia que o Caboclo das Sete encruzilhadas e os seus auxiliares praticavam, incorporados em médiuns cônscios de suas responsabilidades, para curar, retirar obsessores, encaminhar os desviados da trilha do amor fraterno e da caridade, deu lugar à magia terra-a-terra, regada de sangue e motivada pela ambição de maior lucro financeiro.

UMBANDA cresceu e difundiu-se. Milhares de Templos cumprem sua missão de caridade e de esclarecimento. Centenas de casas que, sob o nome de Centros Espíritas ou Templos de Umbanda, nada mais são do que locais de comércio ilegal da mediunidade, aos quais, por vezes, falta até mesmo a mediunidade mais elementar; desvirtuaram os objetivos elevados da doutrina, obrigando-nos a dizer que nem tudo o que traz o nome de Umbanda, é realmente, Umbanda.

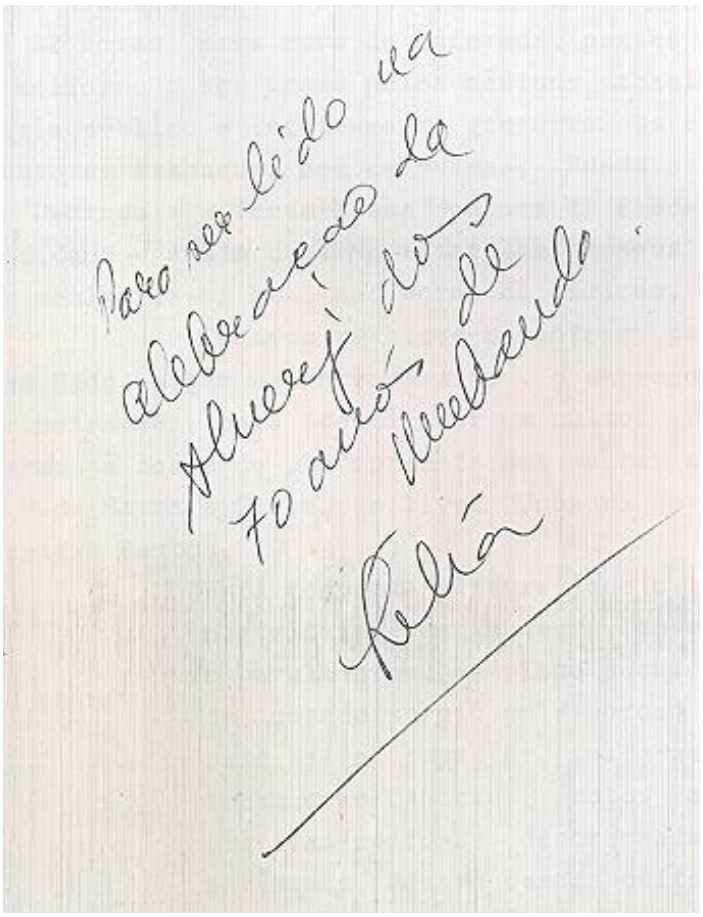
Neste mês de novembro, quando celebramos 66 anos da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando prestamos nossa homenagem, com respeito e gratidão, a Zélio de Moraes, que até os últimos dias de sua vida, com 84 anos, dedicando as horas, quase todas, do seu dia ao cumprimento da missão que lhe foi delegada – julgamos oportuno lembrar a necessidade de congregar todos os templos umbandistas que seguem, nos conceitos e na prática, o Evangelho de Cristo, a doutrina do Caboclo das Sete Encruzilhadas, para que a Umbanda continue crescendo e se difundindo cada vez mais, sem permitir que sejam deturpados os seus propósitos.

Existem, é justo dizer, numerosos templos que, embora adotando vestimentas coloridas, atabaques e rituais complexos, dirigem os seus trabalhos apenas para o bem, seguindo os conceitos evangélicos, objetivando a melhora íntima dos seus componentes.

Isto nos leva a sugerir o retorno à antiga denominação de Umbanda, "Linha Branca", para as Tendas que seguem o ritual do Caboclo das Sete Encruzilhadas, determinando como "Linha de Nação" os que se enquadram na descrição acima.

Feita, assim, a distinção apenas dos rituais, permanecendo os conceitos do bem, do amor e da fraternidade, seriam mais facilmente afastados da comunidade umbandista os falsos sacerdotes que utilizam o sagrado nome da Umbanda em benefício de suas aspirações pessoais de vaidade e de enriquecimento ilícito.

A TULEF (Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade), como descendente de um dos sete Templos fundados, nas primeiras décadas deste século, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, conserva o ritual preconizado pela entidade: uniforme branco, sem adornos, sem os vistosos penachos que nada significam, pois, na realidade, a denominação Caboclo caracteriza apenas uma classe no plano astral – sem atabaques, sem palmas ritmadas, sem sacrifícios de sangue, sem admitir preço para o atendimento espiritual, pois os nossos médiuns não aceitam, nem esperam, retribuição material pelos benefícios prestados, através de sua mediunidade, aos irmãos que vêm a esta Casa em busca de uma palavra de conforto, de um lenitivo para as dificuldades da vida terrena ou de um simples esclarecimento doutrinário.



"Os conceitos emitidos através da mediunidade de Zélio de Moraes determinaram uma Linha de Trabalho que será, mais hoje, mais amanhã, aquela que definirá os rumos verdadeiros da Umbanda". (Floriano Manoel da Fonseca, Presidente da União Espiritista do Brasil, em época de Zélio de Moraes).

CORREIO DA MANHÃ — Rio de Janeiro, quinta-feira, 16 de novembro de 1972

Federação comemora Dia da Umbanda

O Dia da Umbanda foi comemorado ontem, porque há 64 anos, na sede da Federação Espírita do Estado do Rio, incorporou pela primeira vez o Caboclo das 7 Encruzilhadas, tendo como "aparelho" o médium Zélio de Morais, que hoje está com 80 anos.

Segundo a "mãe de santo" Lília Ribeiro, dirigente do Templo de Umbanda Luz, Esperança e Fraternidade, sediado na Rua Mariz e Barros, foi o Caboclo das 7 Encruzilhadas quem criou esta modalidade mediúnica que passou a chamar-se Umbanda.

— Naquela ocasião, os videntes presentes à reunião em Niterói viram uma entidade de jesuíta. Perguntaram então o seu nome e o espírito disse ser o Caboclo das 7 Encruzilhadas. A caracterização de jesuíta deve ter ligação com outra encarnação daquele espírito.

O PRIMEIRO TEMPLO

No dia imediato à primeira comunicação de uma entidade, fundou-se o primeiro templo de Umbanda utilizando-se vestes brancas, humildade e caridade e, segundo a Sra. Lília Ribeiro, o pioneiro espiritual daquela crença no Brasil a definiu como "manifestação de espírito para a caridade". A missão inicial foi de se fundar sete templos para o culto. O primeiro é a Tenda Nossa Senhora da Piedade, localizada na Rua Dom Gerardo, 51, há mais de meio século, e que hoje estará recebendo a visita de Zélio Morais, o médium mais velho do Brasil. Na Tenda de Umbanda Luz, Esperança e Fraternidade, realizou-se ontem uma sessão em comemoração ao Dia da Umbanda.

Diz ainda a "mãe de santo" Lília Ribeiro que "o primeiro médium umbandista do Brasil é um homem destituído de vaidades, com inteligência e sensibilidade fora do comum, e que não chegou a conhecer as distrações comuns à juventude do seu tempo, para se dedicar inteiramente às tarefas da caridade, sempre trabalhando para prover o sustento de sua família e jamais aceitando qualquer retribuição aos trabalhos de cura e caridade".

SAMARITANAS

Ainda em comemoração ao Dia da Umbanda, na sede da União Espiritualista de Umbanda do Brasil, foi instalado o Movimento Ordem Primeira das Samaritanas da Umbanda, comparecendo ao ato, como seu patrono, o Juiz Eliezer Rosa e discursando o Professor Afranio de Oliveira.

Jornal da Casa de Umbanda 1976 Ano 5 Nº 6 4,00

E assim nasceu o primeiro terreiro de Umbanda

LILIA RIBEIRO

A Umbanda que hoje praticamos é religião espiritualista, cristã, que tem origem nas mais antigas filosofias orientais – fonte inicial de todas as crenças do mundo civilizado – e traz, em sua formação, elementos dos cultos africanos e indígenas, do espiritismo e do catolicismo.

O culto africano desempenhou papel preponderante na fixação da Umbanda em nosso país, sendo comum ouvir-se dizer que Umbanda foi trazida ao Brasil pelos escravos. Todavia, o testemunho de historiadores nos faz saber que os negros não davam aos seus cultos a denominação de Umbanda. Isso não exclui o papel relevante que a crença africana desempenhou na formação da Umbanda, da qual se constituiu um dos principais alicerces, dando-lhe, como contribuição primordial, os seus Orixás.

É de crer que a raça negra tenha tido a missão de implantar, em nosso país, as bases sobre as quais se havia de erguer a mais brasileira de todas as religiões, já que, para a sua constituição, contribuíram as três raças que deram origem ao nosso povo.

O SINCRETISMO

Se o africano nos deu o Orixá, o índio nativo legou à Umbanda os conceitos e as práticas do seu culto; do Espiritismo veio o esclarecimento doutrinário, atualizando as doutrinas milenares do Oriente, reforçando a noção da Reencarnação e da comunicação com os desencarnados. Dizemos reforçando, porque esses conceitos já existiam no culto dos nativos, que se comunicavam com os seus antepassados através dos pajés.

O catolicismo contribuiu, também de início, por imposição, assimilando o orixá do negro ao santo católico. Com o correr do tempo, os santos integraram-se ao culto umbandista de tal forma que ainda hoje se torna difícil dissociá-los.

A figura de Cristo, introduzida entre os africanos e índios através da palavra dos missionários, acentuada por influência do Espiritismo, que tem Jesus como seu Mestre, centraliza a Umbanda, com a sua doutrina de fraternidade e de amor – o Evangelho.

Aos poucos, o escravo africano assimi-

Formaram-se desse modo as falanges de Caboclos e Pretos Velhos. De início, aproximaram-se das sessões espíritas. Identificando-se sob essas formas, eram tidos como espíritos atrasados e suas mensagens não mereciam nem mesmo uma análise. Acercaram-se também dos Candomblés e dos cultos, então denominados baixo espiritismo, macumba. É provável que nestas, como nos Batuques do Rio Grande do Sul, tenham encontrado acolhida, mas para serem envolvidos nos trabalhos de magia negativa, como elementos novos no velho sistema de feitiçaria.

UMA NOVA ERA

Em 15 de novembro de 1908 compareceu a uma sessão da Federação Espírita, em Niterói, um jovem de 17 anos, pertencente a tradicional família fluminense. Chamava-se Zélio de Moraes e restabelecera-se, dias antes, de moléstia cuja origem os médicos haviam tentado, em vão, identificar. Sua recuperação inesperada causara surpresa. Nem os doutores, nem os tios, sacerdotes católicos, haviam encontrado explicação plausível. A família atendeu, então, à sugestão de um amigo que se ofereceu para acompanhar o jovem Zélio à Federação.

O dirigente dos trabalhos, José de Souza, convidou-o a participar da Mesa. No decorrer da reunião, Zélio sentiu-se tomado por uma força estranha e ouviu sua própria voz perguntar por que não eram aceitas as mensagens dos índios e caboclos e se eram eles considerados atrasados apenas pela cor e pela classe social que declinavam.

Seguiu-se um diálogo acalorado, no qual os dirigentes da Mesa procuravam doutrinar o espírito desconhecido, que mantinha argumentação segura. Finalmente, um dos videntes pediu que a entidade se identificasse, já que lhe aparecia envolvida numa aura de luz.

– Se querem um nome – respondeu involuntariamente Zélio – que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim. E prosseguindo, anunciou a missão que trazia: estabelecer um culto no qual os espíritos de índios e negros escravos pudessem cumprir as determinações do astral.

SURGE A UMBANDA



Zélio de Moraes, o médium que fundou a Umbanda no Brasil.

zou-se a primeira sessão desse culto, ao qual a entidade deu o nome de Umbanda. Estavam presentes quase todos os membros da Federação Espírita, para verificar a veracidade do que fora declarado na véspera. Os amigos da família, surpreendidos e incrédulos e também grande número de desconhecidos, enfermos e aleijados, que ninguém saberia dizer como haviam tomado conhecimento do que se passava. E muitos deles, ao final da reunião, estavam curados.

Vamos fazer um breve parêntese para focalizar um assunto que tem dado margem a controvérsias: o emprego do vocábulo Umbanda. Diz Matta e Silva, no livro "Umbanda do Brasil":

"Esta complexa mistura, que o leigo chama de macumba, baixo espiritismo, magia negra, envolvendo práticas fetichistas e barulhentas, em pleno século XX, era a situação existente, quando surgiu um vigoroso movimento de luz, ordenado pelo astral superior, feito pelos espíritos que se apresentaram como Caboclos, Pretos Velhos e Crianças. Em meio às práticas confusas, desordenadas, fez-se imprescindível pelos Caboclos e Pretos Velhos, com o nome de Umbanda. O termo Umbanda, que eles implantaram no meio ambiente, para servir de bandeira a essa corrente poderosa, é um termo litúrgico, sagrado, vibrado, que significa, num sentido mais profundo, o conjunto das leis de Deus. O termo Umbanda foi implantado, há pouco mais de 50 anos, pelos espíritos que se apresentam como Caboclos e Pretos velhos."

Emanuel Zespo escrevia, em 1953 ("Codificação da Lei de Umbanda", 2º volume): "O movimento umbandista do Brsail está apenas em sua quarta década". No "Pequeno Dicionário de Umbanda", publicado em 1956, com o seu nome verdadeiro, Paulo Menezes, diz:

"... durante quase onze anos estudamos, de lápis e papel em punho, as mirongas do rito umbandista; assisti ao nascimento do **Jornal de Umbanda**; escutamos a história da Umbanda, na voz de José Álvares Pessoa; privamos com o mais antigo médium de Umbanda: Zélio de Moraes."

Lembremos, também, o livro de João do Rio, publicado em 1904, onde descreve todos os cultos e seitas, a cujas práticas assistiu, não citando, nem uma vez, o termo Umbanda. Mas voltaremos a 16 de novembro de 1908:

A entidade manifestou-se e determinou as normas do culto, cuja prática seria denominada "sessão" e se realizaria à noite, das 20 às 22 horas, para a cura de enfermos, passes e recuperação de obsedados. O uniforme a ser usado pelos praticantes seria inteiramente branco. O atendimento, público e totalmente gratuito. Os cânticos não seriam acompanhados de atabaques nem de palmas ritmadas.

Fundava-se, assim, o primeiro templo para o culto de Umbanda, com a denominação de "Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade", por que – nas palavras da entidade – assim como Maria acolha em seus braços o Filho, assim a Tenda acolheria os que, nas horas de aflição, a ela recorressem.

Através de Zélio de Moraes, além do Caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestou-se em Preto Velho, Pai Anto-

O Caboclo das 7 Encruzilhadas nunca determinou sacrifícios de aves ou animais para fortalecer o poder do médium nem para homenagear entidades. O preparo mediúnico baseava-se na doutrina, no ensinamento de normas evangélicas. A água e as ervas eram os elementos ritualísticos usados, através de amacis, banhos e defumadores.

O Evangelho era a base do ensinamento da entidade que recomendava, como lembrete constante do que é necessário para a prática correta e leal da mediunidade: não ter vaidade; manter elevado padrão moral; proceder corretamente dentro e fora do templo; prestar socorro espiritual gratuitamente a todos os que dele necessitando, recorram ao médium não aceitar retribuição monetária pelos trabalhos. A única retribuição deve ser a certeza do dever cumprido.

A Umbanda nos ensina a crer: num Deus único e absoluto; nos Orixás, forças superiores que atuam nos vários campos de revelação e chegam até nós através dos seus mensageiros, os Guias trabalhadores dos terreiros de Umbanda; na Reencarnação – a volta do espírito, sucessivamente, à matéria, para se aproximar; na Lei de Causa e Efeito – que nos dá a colheita correspondente ao que semeamos; no amor ao próximo, base da Fraternidade Universal.

A Umbanda indica-nos o caminho a seguir: a prática da mediunidade como missão e nunca profissão; a humildade, a tolerância, a compreensão; o pensamento positivo para nós mesmos e para os nossos semelhantes: a Caridade – Amor Espiritual – na palavra e na ação.

Em 1939, o Caboclo determinou que se fundasse uma Federação para congregar os templos umbandistas e que deveria ser o núcleo central do culto. Essa Federação passou a denominar-se, mais tarde, União Espírita de Umbanda do Brasil. Dez anos depois, surgiu o **Jornal de Umbanda** que durante mais de dois decênios, foi um porta-voz doutrinário de grande valor.

DESVIRTUAMENTO

Mestre, centraliza a Umbanda, com a sua doutrina de fraternidade e de amor – o Evangelho.

Aos poucos, o escravo africano assimilou elementos da crença do nativo. A assimilação deu-se principalmente com o grupo Banto. Os sudaneses, ou nagôs, mantiveram-se fiéis às tradições. O índio, por sua vez, passou a aceitar os conceitos religiosos dos negros.

A DETURPAÇÃO

Em fins do século passado, o culto africano deturpara-se. A introdução de elementos de outras crenças gerou confusão. A magia dos velhos africanos, transmitida através de gerações foi colocada a serviço de interesses pessoais e passou a constituir fonte de renda. Tudo se fazia, para o bem ou para o mal, em troca de retribuição monetária. E, logicamente, trabalhava-se de preferência para o mal, porque – bem o sabemos e é triste reconhecê-lo – é mais fácil pagar para prejudicar o próximo do que em benefício de alguém. Mais facilmente o ser humano gasta para satisfazer uma vaidade ou concretizar uma vingança do que para salvar uma vida...

Nessa base, multiplicavam-se os locais onde se pagava para prejudicar o inimigo, destruir lares, conquistar o que pertencia a outros. E, querendo aumentar o rendimento dos trabalhos, os feiticeiros criavam novos elementos para as suas magias: objetos os mais curiosos, animais e aves, inocentes, sacrificados para qualquer finalidade, obedecendo aos objetivos primordiais: enriquecer o mago e seus companheiros, "derrubar" – termo ainda hoje muito usado em certos ambientes – os que não se curvavam ante os seus poderes negativos ou pretendiam fazer-lhes concorrência.

Os Mentores do plano astral, porém, há muito estavam atentos ao que se passava, sentando as bases de um movimento que pudesse combater a magia negativa que se propagava assustadoramente, envolvendo todos os grupos sociais: os mais humildes, amedrontados, e os poderosos, pagando para alcançarem sorrateiramente os seus objetivos inconfessáveis.

Arregimentaram-se espíritos trabalhadores, que se destinavam a restabelecer a doutrina da fraternidade e do amor ao próximo; deveriam apresentar-se sob formas capazes de serem aceitas e compreendidas pelo homem do povo, justamente o que se deixava levar com mais facilidade, pelas promessas ilusórias dos feiticeiros.

trazia: estabelecer um culto no qual os espíritos de índios e negros escravos pudessem cumprir as determinações do astral.

SURGE A UMBANDA

No dia seguinte, 16 de novembro de 1908, na residência do jovem médium, na rua Floriano Peixoto, 30, em Neves, realizou-se o primeiro trabalho de Umbanda. Através de Zélio de Moraes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, manifestou-se em Preto Velho, Pai Antônio, para a cura de enfermos. Cinco anos mais tarde, apresentou-se outra entidade, o Orixá Malê, para tratar de obcecados e combater trabalhos de magia negra.



Caboclo Sete-Encruzilhadas, numa concepção do sincretismo afro-brasileiro, o espírito que criou a Umbanda no Brasil.

A figura de Cristo centralizava o culto. Sua doutrina de perdão, de amor, de caridade, era a diretriz dessa religião, que falava de perto ao coração dos humildes, anulando preconceitos, nivelando o doutor e o operário, o general e o soldado, a senhora e a sua serviçal. Daí em diante, a casa de Zélio de Moraes passou a ser a meta de crentes, descrentes, enfermos e curiosos.

Os enfermos, eram curados. Os descrentes assistiam a provas irrefutáveis. Os curiosos constatavam a presença de uma força superior. E os crentes aumentavam, dia a dia.

A retribuição monetária pelos trabalhos de cura de enfermos e obsedados não era admitida, nem mesmo sob forma de presentes. Médiuns que, por receberem entidades que se apresentavam como Caboclos e Pretos, eram recusados em centros espíritas, aderiram ao novo culto. Houve manifestações espontâneas de mediunidade. E deu-se a recuperação imediata de enfermos, cuja doença, considerada mental, nada mais era do que manifestação mediúnica.

Mais tarde iniciaram-se as aulas doutrinárias para o preparo de médiuns, que iriam dirigir os sete templos que o Caboclo das Sete Encruzilhadas deveria fundar, como segunda etapa da sua missão: Tenda Nossa Sra. da Conceição, com Leal de Souza; Tenda Nossa Sra. da Guia, com Durval de Souza; Tenda Santa Bárbara, com João Auuiar; Tenda São Pedro, com José Meireles; Tenda de Oxalá, com Paulo Lavois; Tenda São Jorge, com João Severino Ramos; Tenda São Jerônimo, com José Álvares Pessoa e Anírio M. Batista, médium do Caboclo da Lua.

Centenas de Templos foram depois fundados sob a orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no Estado do Rio, em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Pará, Rio Grande do Sul. Sempre que possível, Zélio participa pessoalmente da instalação; quando o seu trabalho material não o permitia, enviava médiuns capacitados para organizarem e dirigirem as novas Casas.

DESVIRTUAMENTO

No crescimento religioso que, a partir de 1930, tomou ainda maior vulto, nem todos os dirigentes souberam manter-se na função de missionários da espiritualidade. A vaidade, a intolerância, as tentações que a "vil moeda", como dizia o Caboclo, exerce sobre o homem, são as principais responsáveis pelo grande número de templos que usam o nome de Umbanda – pela vibratória intensa do vocábulo – sem, contudo, seguirem as normas estabelecidas pela entidade, desrespeitando a verdadeira codificação elaborada pela entidade, desrespeitando a verdadeira codificação elaborada em longos meses de estudo e trabalho prático. Nem todos souberam manter o "slogan": Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade". Em conseqüência, o modesto uniforme branco deu lugar a revestimentas vistosas, com rendas e lamês de alto custo sugerindo luxo e estabelecendo, indevidamente, diferença econômica entre membros de uma comunidade religiosa.

A presença dos Caboclos deixou de objetivar exclusivamente a prática da Caridade, para constituir uma reunião festiva, e o conceito "daí de graça o que de graça recebestes" ficou no esquecimento, substituído que foi pelos cartazes que estipulam preço para "consultas" de Pretos Velhos, Exus e das "ciganas".

A magia, que o Caboclo das 7 Encruzilhadas e seus auxiliares espirituais, incorporados em médiuns conscios de sua responsabilidade, praticavam para curar, retirar obsessores, encaminhar os desviados da trilha do amor fraterno e da caridade, deu lugar à magia terra-a-terra, regada a sangue e motivada por dinheiro.

Umbanda cresceu e difundiu-se. Milhares de templos cumprem a sua missão de caridade espiritual. Outros – e em número considerável, infelizmente – desvirtuam-na.

A Aliança Umbandista do Estado do Rio de Janeiro – a ALUERJ, porém, confiante no futuro de progresso e de paz que aguarda as gerações vindouras, espera reerguer, em toda a sua pujança, os conceitos que, há pouco mais de meio século, implantaram em nosso País a Religião de Umbanda.

ALUGUEL

Quem souber ou tiver uma casa ou Terreiro para alugar, queira comunicar-se com Dona Cera, na Rua Natálina, 11, apartamento 301 – ou pelo telefone 258-1357, que ela está interessada em alugar.

Vovô, Vovó, Papai, Mamãe, todo mundo toma Fimatosan.

Fimatosan

EMPREGOS

LIBRA RECURSOS HUMANOS E REPRESENTAÇÕES LTDA., encontra-se à disposição dos senhores empregadores e candidatos de todo o país para a seleção de pessoal de médio e alto nível, à Rua Dom Gerardo, 63, sala 602 – Rio (RJ). Telefone: 233-2728.



70 ANOS DE UMBANDA COM 7 ENCRUZILHADAS



"7 Encruzilhadas", o Revelador da Umbanda Sagrada e Divina.

A matéria é discutida, com prós e contras. O prof. Fernandes Portugal achou que tal posição não coincide com a verdade. A maioria, em especial, os que vêm na UMBANDA um meio e não um fim, defende a tese de que 7 ENCRUZILHADAS foi um Revelador, trazendo em sua Mensagem de Fé, a esperança para milhões de criaturas desiludidas com crenças tradicionais e seus tradicionais "sacerdotes", os quais fizeram da Religião uma profissão, vendo na mesma um fim em si mesmo e não um meio.

Lamentavelmente os mesmos espíritos pigmeus invadem a nossa sagrada religião e aqui procuram implantar o comercialismo, introduzindo práticas que ferem os postulados doutrinários ensinados por 7 Encruzilhadas.

A manifestação de 7 Encruzilhadas, o Revelador, se deu, através do conhecido e já desencarnado Médium, **Zélio de Morais**, no dia 15 de novembro de 1908, oportunidade em que se identificou como o 7 ENCRUZILHADAS.

Nas secções subsequentes traçou as normas básicas para o nóvel movimento religioso.

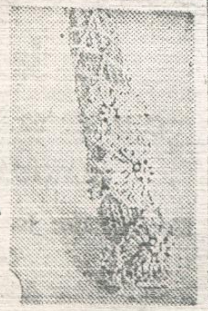
ADJA, a partir deste número, prosseguirá divulgando tudo o que conseguimos recolher sobre o Missionário dos Carias. Falaremos de sua natureza mística e sua Divina Missão Espiritual.

Aos que desejem contestar, aconselhamos pesquisar e ler tudo o que existe sobre o movimento religioso afro-brasileiro antes da Mensagem de 7 Encruzilhadas, pois só assim compreenderão a natureza da Mensagem do Revelador 7 Encruzilhadas e o porquê de nossa afirmativa: 70 ANOS DE UMBANDA COM SETE ENCRUZILHADAS.

ADJÁ

ANO I — NOVEMBRO DE 1978 — Nº 4

Orgão Cultural Afro-Brasileiro



Maiani, candidato núme-

REPORTAGENS **Diario de Noticias** NOTICIARIO

Redacção e Officinas — Rua Buenos Aires, 154 Rio de Janeiro — Sabbado, 28 de Janeiro de 1933

Rio de Janeiro — Sabbado, 28 de Janeiro de 1933

A caridade espirita no Rio de Janeiro

G. GARCIA.

(Especial para o DIARIO DE NOTICIAS)



O general Amaral, que foi chefe do Serviço de Saude do Exercito, disse uma vez, conversando numa roda de amigos, que, se não fosse o Espiritismo a pobreza, no Rio de Janeiro, morreria á mingua.

Realmente, o medium, apesar da perseguição official, é o medico do pobre, porque é o unico que não cobra, nem força o doente a comprar os remedios nesta ou naquella pharmacia.

Deixemos, porém, as palavras e passemos ás informações que, sendo positivas, são susceptiveis de serem provadas.

Nas sessões espiritas a caridade se manifesta no conforto aos infelizes, no conselho aos desorientados, na cura de obsedados e de enfermos de outras molestias, e até no auxilio á restauração dos meios materiaes da vida.

Vejamos, em calculo baseado na razão, o numero provavel desses beneficiados.

Segundo numeros publicados neste jornal pelo sr. Leal de Souza, só uma Tenda Espirita, a de Nossa Senhora da Guia, acolhe, por anno, quatorze mil pessoas. Calculando que as suas duas

co-irmãs, as Tendas de Nossa Senhora da Conceição e a sua matriz, a de Nossa Senhora da Piedade, attendam conjunctamente, ao mesmo numero de necessitados, verificar-se-á que só as quatro Tendas do Caboclo das Sete Encruzilhadas soccorrem, annualmente, a 28.000 pessoas.

O mesmo jornalista, num inquerito que fez ha dez annos, quando ainda não era espirita, visitou, só nesta capital, cento e dez centros espiritas. Admittamos que, nestes dez annos, taes centros não tivessem augmentado, e, diminuindo, se reduzissem a cem.

Num calculo pessimista, supponhamos que esses cem centros apenas attendam ao dobro dos consulentes que se soccorrem naquellas quatro Tendas, ou sejam 56.000 pessoas, que sommadas ás 28.000 perfazem o numero de 84.000 individuos.

Mas a maioria absoluta das pessoas que recorrem ao espiritismo não vão ás sessões, onde não se receita, mas procuram os mediums curadores, que podem trabalhar isoladamente, pois não necessitam de corrente.

Admitta-se, sem exaggero, que com os mediums curadores, de que dispõem, cada um desses cento e quatro centros só attenda, por anno, a dois mil doentes. Teremos, assim, 208.000 enfermos soccorridos pelo espiritismo.

Esse calculo fica muito abaixo da realidade. E' notorio, está na consciencia publica, que só na rua Voluntarios da Patria, na Visconde de Silva e na avenida Passos, o numero de soccorridos é superior a esse.

Quasi todos esses centros amparam e soccorrem desvalidos, com as suas esmolas. Que, uns pelos outros, os soccorros de cada um desses centros attinjam a dez infelizes — são mais mil criaturas beneficiadas pelo Espiritismo.

E esse numero tambem fica algumas dezenas de vezes abaixo da realidade, pois é quasi o dos attendidos diariamente pela Federação Espirita Brasileira.

A par desse labor piedoso, a caridade espirita, no Rio de Janeiro, mantem dois asylos para velhos e tres recolhimentos para crianças, sendo um reputado modelar.

Os que desconhecem o Espiritismo, devem julgal-o por esse frutos.

UMBANDA

O Caboclo Das Sete Encruzilhadas e a Evolução Dos Ritos Afro-Brasileiros

Romário Ferraz de Campos

Secretário-Geral da UEUB

Para escrever algo sôbre o CABÔCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, devo revolver 42 anos da minha vida. Cheguei à esta cidade em 27 de junho de 1927, numa tarde fria, plúmbea e triste. Tinha eu apenas 18 anos e vinha para ficar. A saudade dos «pagos» queria me repontar para a «querência», mas alguma coisa me prendia ao glorioso chão carioca. Minha primeira ocupação foi na polícia, onde fui obrigado a tomar conhecimento gradativo de uma concepção religiosa para mim estranha e até certo ponto desconcertante. Longe estava de supor que seria, um dia, envolvido por ela, como o mosquito pela teia de aranha. Dou graças à Deus por isso.

Até então o ritual dessa religião era denominado «macumba» e os seus praticantes «macumbeiros». Ainda hoje alguns assim chamam, não, porém, com sentido pejorativo, mas até carinhosamente.

Foi nessa época que o CABÔCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS «vovou» pela primeira vez, na terra carioca, quiçá, nas Américas, a palavra UMBANDA, dando nova concepção ao que os africanos trouxeram e misturaram com o que os aborígenes cultuavam e cultuam ainda, na pureza de suas iinterpretações místicas. O EXU aceitou a amizade do SACI e ambos começaram a limpeza do terreno. Há quem diga que os Exus não evoluem, como se não fôssem, também, criaturas de Deus e, conseqüentemente, nossos irmãos. Existem sêres humanos que são piores do que êles e jamais poderão ser comparados a êles em afeição, conduta, dignidade e até na forma física que usam para suas manifestações junto a nós. Os Exus são almas ingênuas e só sabem fazer o que os outros mandam, quer seja certo, quer errado.

Não se iludam os que pensam que já estamos no Reino da Radiante U-MBANDA, ou LUZ DIVINA. O que praticamos está bom, mas tem que ser muito melhor. Ainda vivemos subjugados aos interêsses menores, às ilusões e outros defeitos peculiares à nossa condição humana. Quando não mais houver inveja, vaidade, intolerância e ódio, iniciaremos o reinado do Amor. É o amor que ensina a prática humilde da caridade, único caminho que leva à verdade. E a verdade é Deus. Zambi ou Tupã. Muitas vêzes, praticando a má ação é que vamos aprender o bem. JESUS CRISTO, para sentir os problemas pertinentes ao homem, conviveu com êle, tal como Brama, Buda, Crishna e tantos outros missionários. É no campo espiritual inferior que se opera a evolução das almas. E Êles deram-nos os mais puros exemplos de humildade.

A mente é o ponto-chave da evolução e um dos corpos que o «ego» usa para conhecer a verdade. Disse Juvenal numa de suas «Sátiras»: «mens sana in corpore sano». É a mente sã que proporciona, ao corpo, os cuidados necessários à sua conservação.

Escrevi, acima, que tanto Jesus como outros espíritos superiores vieram — e vêm diàriamente, através do espiritismo, seja em que campo fôr — para continuarem pregando o Amor e a humildade que despertam no homem o sentimento da caridade. Desde tempos imemoriais que Deus nos envia o socorro de sua misericórdia por várias formas que ainda não entendemos.

Foi por êsses e outros motivos que determinada entidade tomou o nome profundamente esotérico de CABÔCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS. Sentiu-se êle que já tinha condições de demonstrar ao Senhor do carma a sua gratidão, empenhando-se em verdadeiro apostolado, num meio turbulento. Assim trouxe êle a sua grande mensagem. Já se passaram quase 50 anos desde quando êle falou em UMBANDA, nome êsse repetido milhares de vêzes por dia em todo o Brasil, como se fôsse uma palavra vulgar e como se ela não nos obrigasse a ter certo recato, ao mencioná-la.

Precisamos hoje de união, compreensão, tolerância e amor à verdade para encontrarmos a felicidade de fazer algo útil aos nossos semelhantes.

Salve o vermelho CABÔCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, que trouxe para nós os ensinamentos filosóficos adquiridos com os Juáregues, nos templos da desaparecida Atlântida.

SUPLEMENTO ESPORTIVO

Rio, 16-11-60

O SEMANÁRIO Cr$ 5,00

Semana de 21 a 28 de novembro de 1957 ★ UM JORNAL QUE VALE POR UM LIVRO ★ Diretor: OSWALDO COSTA Ano II ★ Número 85

O SEMANÁRIO • ANO II — PÁGINA 5 • 2.º CADERNO • NÚMERO 85

CABANA DE PAI ANTONIO

(Bôca do Mato — Estado do Rio)

Com a presença de numerosa assistência, constituída de representantes de Tendas do Distrito Federal, de Niterói e de São Paulo, além de associados e diretores da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, realizou-se no dia 9 dêste mês a solene inauguração, em sede própria, da Cabana de Pai Antônio, situada no pitoresco recanto de Boca do Mato, Estado do Rio (E. F. Leopoldina) ramal de Friburgo.

Em vagões especiais seguiram os visitantes que foram acolhidos carinhosamente pelo venerando confrade Zélio Fernandino de Moraes, médium de Pai Antônio e do Cabôclo das 7 Encruzilhadas e um dos fundadores da Umbanda no Brasil.

Apesar das constantes chuvas que caíram durante todo o tempo de permanência lá na Boca do Mato, os visitantes tiveram oportunidade de conhecer as magníficas paisagens do município, cercado pelas águas cachoeirantes. A' noite do dia 9 teve lugar o ato festivo da inauguração da Cabana, falando na abertura das solenidades o sr. Zélio Moraes que rememorou a luta em que se empenharam seus filhos de fé para aquela realização. Em seguida brindou todos os presentes o querido companheiro Floriano M. Fonseca que falou em nome da Cabana Senhor do Bonfim e da União Espiritista de Umbanda do Brasil, de que é presidente. Floriano se achava em companhia de sua espôsa, subchefe do terreiro do Senhor do Bonfim.

Encerrando a primeira parte das solenidades falou o nosso representante, companheiro Olívio Novaes. As festividades prosseguiram bastante animadas e o novo terreiro recebeu, em revoada, os espíritos que foram testemunhar sua grande alegria ao prêto-velho Pai Antônio, presente durante tôda a reunião.

Encerrados os trabalhos às 24 horas, foram os visitantes recolhidos aos aposentos destinados ao indispensável repouso, distribuindo-se em vários locais, principalmente no lar do confrade Zélio Morais e na granja do ilustre amigo sr. Lino que proporcionou a mais simpática acolhida aos caravaneiros.

No domingo antes do almôço houve uma cerimônia espiritual, seguida de banho na cachoeira e descanso. O regresso se deu também de vagões especiais pelo trem do horário que parte de Boca do Mato às 15 horas.

O SEMANÁRIO agradece as atenções dispensadas ao seu enviado e promete para breve uma ampla reportagem com o sr. Zélio Fernandino de Moraes, que há 49 anos lidera o movimento umbandista brasileiro, podendo mesmo ser considerado o seu fundador, continuando até hoje à frente da Tenda Espírita N. S. da Piedade, presidindo-a com carinho e honradez, sentimentos peculiares ao veterano trabalhador da seara do Cristo.

AUTÓGRAFO DE ZÉLIO DE MORAES



HISTÓRIA DA UMBANDA BRASILEIRA

A Umbanda é a manifestação do Espírito para a caridade

Caboclo das Sete Encruzilhadas (1908)

Autógrafo de ZELIO MORAES - em 14. 12. 70

Cachoeiras de Macacu - Boca do Mato - RJ

Desejo paz e paz, para tua
força, para encaminhar os nossos
irmãos a verdadeira doutrina
por amor essa humildade para
praticarem a caridade pois
tenho procurado dar os meus
ramos pelas mãos dos meus irmãos.

Zélio

COMO CONHECI ZÉLIO DE MORAES



Ronaldo Antônio Linares com Zélio Fernandino de Moraes e sua esposa Maria Isabel de Moraes

Nota do autor: Esse relato mostra quando Ronaldo Antônio Linares (Presidente da Federação de Umbanda do Grande ABC/SP), em 1970, encontra-se com Zélio Fernandino de Moraes e dá o início a divulgação de sua obra em São Paulo. Até este ano, a maioria das Tendas de Umbanda paulistas já eram aos milhares; o interessante é que somente após o ano de 1972, a história oficial da Umbanda foi amplamente divulgada na grande São Paulo. Até então, em São Paulo, poucos umbandistas sabiam da história e muitos até, da existência de Zélio Fernandino de Moraes e do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

"Para mim, ele, sem dúvida nenhuma, é o Pai da Umbanda." (Ronaldo Antônio Linhares)

Em julho de 1970, eu estava numa das minhas viagens ao Rio de Janeiro, com fragmentos de uma informação que havia colhido de uma conversa com o Sr. Demétrios Domingues, segundo o qual a mais antiga Tenda de Umbanda seria a de Zélio de Moraes.

Eu me encontrava em São João do Meriti/RJ, já de saída para São Paulo, quando decidi que procuraria essa pessoa e se é que ela realmente ainda existia. Após me informar de como chegar a Cachoeiras de Macacú, atravessei a ponte Rio/Niterói e, tomando a estrada para Friburgo, consegui chegar, depois de várias informações erradas.

Caía a tarde naquela cidade.

Era dia de jogo do Brasil na copa do mundo, o que serviu para complicar meu trabalho. Em todo local que pedia informações, todos estavam com olhos grudados na televisão. Meu carro, embora novo, tinha um mau contato no rádio e a minha companheira Norminha passou metade da viagem dando tapas embaixo do painel, para ouvir o jogo. Várias vezes ela me disse que aquilo era uma loucura e que o melhor era voltarmos ao Rio de Janeiro, mas eu estava determinado a esclarecer o assunto de uma vez por todas.

Ao entrar na cidade, que é muito pequena, dirigi-me primeiro a um bar, pedindo as primeiras informações, pois contava encontrar uma pessoa muito popular na cidade. Fiquei muito surpreso com o fato de que ninguém soube dar-me nenhuma informação, nem quanto à figura de Zélio nem quanto à sua Tenda.

Essa pessoa que eu procurava, se ainda estivesse viva, devia ser um ancião e, assim pensando, procurei uma farmácia, pois nessas pequenas comunidades os velhos quase sempre frequentam regularmente a farmácia. Nova decepção: ninguém conhecia Zélio e nem havia ouvido falar de sua Tenda.

Cheguei a procurar a Igreja local e indaguei ao padre, apresentando as minhas credenciais de repórter. Este também declarou nada saber a respeito de quem eu procurava (mais tarde vim a saber que a família Morais não era conhecida do padre, como participava financeiramente das realizações sociais da igreja).

Já quase desistindo, parei numa padaria, em uma das travessas da cidade, e foi lá que encontrei o "louco". Demos-lhe este nome porque durante a nossa conversa ele pareceu não ser um indivíduo equilibrado. Afirmou conhecer Zélio e disse-me que ele tinha um bar em Boca do Mato. Contestei imediatamente, pois as informações que eu tinha diziam que Zélio morava em Cachoeiras.

Depois de muitas explicações, fiquei sabendo que Boca do Mato era um bairro desse micro município, com praticamente uma única rua que terminava na mata, daí o nome que lhe deram: Boca do Mato. Um tanto temeroso ainda, convidei o "louco" para que nos levasse até o local.

Norminha estava apavorada com a minha atitude, achando que estávamos sendo conduzidos a uma emboscada.

O cair da tarde era frio e garoava muito, lembrando uma tarde de inverno paulistano. A região serrana talvez propiciasse esse clima. Ao voltarmos à estrada, o "louco" apontava para a propriedade mais bonita e dizia: *"Eu vendi para o deputado, para o gerente do Banco do Brasil, etc."*. Se era fato ou não, o certo é que jamais ficaremos sabendo. Finalmente uma curva na estrada, nenhuma casa aparente, ele nos pede para entrarmos à direita. Só a menos de dez metros da entrada é que eu consegui enxergar a saída.

O receio transformou-se em medo. Apesar de tudo, fomos em frente: uma rua sinuosa, várias pontes, algumas casas esparsas, nenhuma casa de comércio aberta. Paramos e ele disse: *"É aqui!"*. A casa estava fechada. Bati palmas várias vezes; numa casa vizinha uma janela se abriu e uma senhora de meia-idade, muito atenciosa, perguntou: *"Vocês estão procurando quem?"* Mostrei-lhe as credenciais e expliquei tudo. *"Sou repórter e preciso encontrar Zélio"*. Ela então me esclarece: *"Seu Zélio está muito doente e não há ninguém em casa"*.

Finalmente alguém confirmou que Sr. Zélio existia. Perguntei onde o encontrava e ela disse: *"Ele está na casa da filha, em Niterói"*.

Senti como se tivesse pisado num alçapão, pois havia passado por Niterói e levei duas horas para chegar até ali. Teria de fazer todo o caminho de volta. Perguntei se ela teria o endereço. Ela, muito educada, respondeu: *"Não sei exatamente onde eles moram, mas tenho o telefone da filha"*.

Depois de assegurar-me de que realmente o apartamento ficava em Niterói, despedi-me. O "louco" estava eufórico, a informação era correta. Paramos em Cachoeiras de Macacú e eu o gratifiquei. Ele agradeceu e saiu correndo com o dinheiro em direção ao primeiro bar, "como um louco". Voltei para Niterói.

Norminha dizia que o louco era eu por continuar naquela busca inútil, mas me acompanhava, apesar de tudo. Já não se falava mais em futebol, somente se encontraríamos ou não o Sr. Zélio.

Chegamos em Niterói por volta das 19 horas. Assim que deixei a estrada, cruzei algumas ruas e cheguei a uma farmácia. "Cariocamente" estacionei o carro na calçada, desci, apresentei minhas credenciais e pedi para usar o telefone. Logo, em minha volta estava estabelecida a confusão. *"O senhor é repórter? Foi crime? Onde foi? Quem morreu?"* Tentando ignorar as perguntas, consegui completar a ligação. Do outro lado da linha uma voz de menina atendeu-me. Eu disse apenas que era de São Paulo, que queria entrevistar o Sr. Zélio e que havia sido informado de que ele se encontrava naquele telefone. A mocinha pediu-me que esperasse um instante. Eu a ouvi transmitindo as informações que lhe dera.

Outra voz no aparelho, desta vez a de uma senhora; explicou os objetivos da minha visita (em nenhum momento declinei meu nome). Ouço a pessoa com quem estou conversando dirigir-se à outra e explicar: *"Papai, há um senhor de São Paulo ao telefone, que veio entrevistá-lo. O senhor pode atendê-lo?"* E, para minha surpresa, ouço lá no fundo uma voz cansada responder: *"É Ronaldo, minha filha, que estou esperando há muito tempo. O homem que vai tornar o meu trabalho conhecido em todo o mundo"*. Eu ouvia e não acreditava. Eu não havia dito a ninguém o meu nome e, no entanto, ele sabia de tudo, como se estivesse informado. Pedi o endereço, trêmulo e emocionado. Não me saía da cabeça como ele sabia quem eu era. Agradeci ao farmacêutico e saí "pisando fundo".

Na Avenida Almirante Ari Pereira, perguntei a um, a outro e, finalmente, estava defronte ao prédio. Um tanto receoso, encostei o veículo. Passam os andares e finalmente o elevador para. Tive a impressão de que meu

coração havia parado também. Descemos, na nossa frente havia duas portas. Bati à porta da direita. Ela abriu-se. Era a mocinha gentil que me atendera da primeira vez:

"Sr. Ronaldo?"
"Perfeitamente!"

"Um momentinho". A porta da sala é a outra e Dona Zilméia vai atendê-lo.

O espaço que separava uma porta da outra não ultrapassava três metros. Com quatro passos estava diante da outra, que já começava a abrir-se. Diante de mim, uma senhora sorriu muito educada e perguntou:

"O senhor Ronaldo?"

Confirmei e apresentei Norminha, minha esposa.

A sala era um "L" e, no canto direito, um velhinho, usando pijama com uma blusa de lã por cima, sorriu para mim.

O apartamento era modesto; havia um enorme aquário numa das pernas do "L". Ao ver a frágil figura do velhinho, veio-me à cabeça que aquele deveria ser, no mínimo, irmão gêmeo de Chico Xavier, tal a sua semelhança física com o famoso médium kardecista. Tomado de grande emoção, aproximei-me do senhor Zélio. Ele sorriu e disse, brincando: *"Pensei que você não chegaria a tempo".*

Não sei por que, mas aproximei-me, ajoelhei-me diante daquela figura simpática e tomei-lhe a bênção. Ele tomou minhas mãos, fez-me sentar ao seu lado e repreendeu a Norminha, dizendo-lhe: *"Por que você não queria vir para cá"?*

Quando consegui falar, disparei uma "rajada" de perguntas. Eu estava totalmente abalado, o homem parecia saber tudo sobre mim e procurava acalmar-me, dizendo: *"Sei perfeitamente o que você quer saber e não há motivo para que esteja tão nervoso".*

Sua presença me acalmava. Dona Zilméia, depois de conversar conosco por 15 minutos, explicou que era seu dia de tocar os trabalhos e desculpou-se, dizendo que precisava sair. Pedi-lhe o endereço da Tenda e, depois de tudo anotado, ela retirou-se e fiquei na companhia do senhor Zélio. Ele realmente tinha todas as respostas para minhas perguntas e, na maior parte do tempo, antecipava-se a elas. Coisa que até hoje não consigo compreender. Eu estava diante de alguém como nunca havia visto antes.

Finalmente eu encontrara o "homem".



Zélio de Moraes e as primeiras manifestações espirituais na Umbanda:

Quando do primeiro contato de Ronaldo Linares com Zélio de Moraes, este lhe narrou como tudo começou:
Em 1908, o jovem Zélio Fernandino de Moraes estava com 17 anos e havia concluído o curso propedêutico (equivalente ao Ensino Médio atual). Zélio preparava-se para ingressar na Escola Naval, quando fatos estranhos começaram a acontecer-lhe. Ora ele assumia a estranha postura de um velho, falando coisas aparentemente desconexas, como se fosse outra pessoa e que havia vivido em outra época; e, em outras ocasiões, sua forma física lembrava um felino lépido e desembaraçado, que parecia conhecer todos os segredos da Natureza, os animais e as plantas.

Este estado de coisas logo chamou a atenção de seus familiares, principalmente porque ele estava preparando-se para seguir carreira na Marinha, como aluno oficial. Este estado de coisas foi se agravando e os chamados "ataques" repetiam-se cada vez com mais intensidade. A família recorreu, então, ao médico Dr. Epaminondas de Morais, também da família, diretor da "Colônia de Alienados" em Vargem Alegre e tio de Zélio. Após examiná-lo durante vários dias, reencaminhou-o à família, dizendo que a loucura não se enquadrava em nada do que ele havia conhecido, ponderando, ainda, que melhor seria encaminhá-lo a um padre, pois o garoto mais parecia estar endemoninhado.

Como acontecia com quase todas as famílias importantes da época, também havia na família um padre católico. Por meio desse sacerdote, também tio de Zélio, foi realizado um exorcismo para livrá-lo daqueles incômodos ataques. Entretanto, nem esse nem os outros dois exorcismos realizados posteriormente, inclusive com a participação de outros sacerdotes católicos, conseguiram dar à família Morais o tão desejado sossego, pois as manifestações prosseguiram, apesar de tudo.

A partir daí, a família passou a correr atrás de toda e qualquer melhora, ou melhor, informação, que lhe trouxesse a esperança de uma solução para seu filho querido. Um dia, alguém sugeriu que isso era coisa de espiritismo e que o melhor era encaminhá-lo a recém-fundada Federação Kardecista de Niterói, município vizinho àquele em que residia a família Morais, ou seja, São Gonçalo das Neves. A Federação era então presidida pelo Sr. José de Souza, chefe de um departamento da Marinha, chamado Toque Toque.

O jovem Zélio foi conduzido, em 15 de novembro de 1908, a presença do Sr. José de Souza. Estava num daqueles chamados ataques, que nada mais eram do que incorporações involuntárias de diferentes Espíritos; e lá chegando, o Sr. José de Souza, médium vidente, interpelou o Espírito manifestado no jovem Zélio e foi aproximadamente este o diálogo ocorrido:

Sr. José: *"Quem é você que ocupa o corpo deste jovem?"*

O Espírito: *"Eu? Eu sou apenas um Caboclo brasileiro".*

Sr. José: *"Você se identifica como Caboclo, mas eu vejo em você restos de vestes clericais".*

O Espírito: *"O que você vê em mim são restos de uma existência anterior. Fui padre, meu nome era Gabriel Malagrida e, acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição por haver previsto o terremoto que destruiu Lisboa em 1755. Mas, em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como um Caboclo brasileiro".*

Sr. José: *"E qual é seu nome?"*

O Espírito: *"Se é preciso que eu tenha um nome, digam que sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois para mim não existirão caminhos fechados. Venho trazer a Umbanda, uma religião que harmonizará as famílias e que há de perdurar até o final dos séculos".*

No desenrolar desta "entrevista", entre muitas outras perguntas, o Sr. José de Souza teria perguntado se já não bastariam às religiões existentes e fez menção ao espiritismo então praticado, e foram estas as palavras do Caboclo das Sete Encruzilhadas: *"Deus, em Sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal: rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornam iguais na morte. Mas vocês homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não haverem sido pessoas importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além? Por que o "não" aos Caboclos e Pretos-Velhos? Acaso não foram eles também filhos de Deus?"*

A seguir, fez uma série de revelações sobre o que estava à espera da humanidade: *"Este mundo de iniqüidades mais uma vez será varrido pela dor, pela ambição do homem e pelo desrespeito às leis de Deus. As mulheres*

perderão a honra e a vergonha, a vil moeda comprará caracteres e o próprio homem se tornará afeminado. Uma onda de sangue varrerá a Europa e quando todos acharem que o pior já foi atingido, uma outra onda de sangue, muito pior do que a primeira, voltará a envolver a humanidade, e um único engenho militar será capaz de destruir, em segundos, milhares de pessoas. O homem será uma vítima de sua própria máquina de destruição."
Prosseguindo diante do Sr. José de Souza, disse ainda o Caboclo das Sete Encruzilhadas: *"Amanhã, na casa onde meu aparelho mora, haverá uma mesa posta a toda e qualquer entidade que queira ou precise se manifestar, independentemente daquilo que haja sido em vida, todos serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles Espíritos que souberem mais e ensinaremos àqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai".*

Sr. José: *"E que nome darão a esta Igreja?"*

O Caboclo: *"Tenda Nossa Senhora da Piedade, pois da mesma forma que Maria ampara nos braços o filho querido, também serão amparados os que se socorrerem da Umbanda".*

A denominação de "Tenda" foi justificada assim pelo Caboclo: *"Igreja, Templo, Loja, dão um aspecto de superioridade, enquanto aTenda lembra uma casa humilde".*

Dessa forma, em São Gonçalo das Neves, vizinho a Niterói, do outro lado da Baía de Guanabara, na sala de jantar da família Morais, um grupo de curiosos kardecistas compareceu, no dia 15 de novembro de 1908, para ver como seriam estas incorporações, para eles indesejáveis ou injustificáveis.

O diálogo do Caboclo das Sete Encruzilhadas, como passou a ser chamado, havia provocado muita especulação e alguns médiuns, que haviam sido escorraçados de mesas kardecistas, por haverem incorporado Caboclos, Crianças ou Pretos-Velhos, solidarizaram-se com aquele garoto que parecia não estar compreendendo o que lhe acontecia e que de repente se via como líder de um grupo religioso, obra que deveria durar toda a sua vida e que só terminaria com a sua morte, mas que suas filhas Zélia e Zilméia prosseguem com o mesmo afã.

A Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Piedade existe até hoje. Seu patrono segue sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A história se encarregou de mostrar e provar a exatidão das previsões do Caboclo das Sete Encruzilhadas. As duas primeiras guerras, as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki e a grande degeneração da moral que abala os países do mundo. O poder do dinheiro e o total desrespeito à vida humana são provas incontestáveis do poder e da clarividência do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A Tenda Nossa Senhora da Piedade é reconhecida hoje como a primeira Tenda de Umbanda e a data de 15 de novembro de 1908 é reconhecida como a data de fundação oficial da Umbanda.

Nota do autor: Ronaldo Antônio Linares fez seu primeiro contato com Zélio de Moraes em 1970. Antes disso, em 1969, o pesquisador norte-americano David St. Claire fez a mesma descoberta em sua estada no Brasil, bem como a jornalista e dirigente de Umbanda Lilian Ribeiro, igualmente em 1970.

Raízes do Ritual Umbandista

Quando Ronaldo Linhares efetuou os primeiros contatos com Zélio de Moraes, indagou sobre a origem do ritual umbandista e ele fez os seguintes esclarecimentos:

O rito nasceu naturalmente, como consequência, principalmente, da presença do índio e pela presença do elemento negro, não tanto pela presença física do negro, mas sim pela presença do Preto-Velho incorporado, e, para ser mais preciso, no mesmo dia e pela primeira vez houve a incorporação de Pai Antônio, naquela que haveria de ser a primeira Tenda de Umbanda do Brasil. A Tenda Nossa Senhora da Piedade.

Segundo relato de Zélio de Moraes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas havia avisado que subiria para dar passagem a outra entidade que desejava se manifestar. Assim se manifestou no corpo de Zélio de Moraes, o Espírito do velho ex-escravo, que parecia demonstrar sentir-se pouco à vontade frente a tanta gente e que, se recusando a permanecer na mesa em que se dera a incorporação, procurava passar despercebido, humilde, aparentando muita idade e o corpo curvado, o que dava ao jovem Zélio um aspecto estranho, quase irreal.

Essa entidade parecia tão pouco à vontade, que logo despertou profundo sentimento de compaixão e de solidariedade entre os presentes. Questionado então por que não se sentava à mesa, com os demais irmãos encarnados, respondeu: *"Negro num senta não, meu sinhô. Negro fica aqui mesmo. Isso é coisa de sinhô branco i negro deve arrespeitá".*

Era a primeira manifestação desse Espírito iluminado, mas a morte não retoca seu escolhido, mudando-o para o bem ou para o mal. Não havia afastado desse injustiçado o medo que ele tantas vezes havia sentido ante a

prepotência do branco escravagista e, ante a insistência de seus interlocutores, disse: *"Num carece preocupá não, negro fica nu toco, que é lugá di negro".* Procurava, assim, demonstrar que se contentava em ocupar um lugar mais singelo, para não melindrar nenhum dos presentes.
Indagado sobre seu nome, disse que era "Tonho", "Pai Antônio". Surgiu, assim, esta forma de chamar os Pretos-Velhos de "Pai". Ao responder como havia sido sua morte, disse que havia ido à mata apanhar lenha, sentiu alguma coisa estranha, sentou-se e nada mais se lembrava. Sensibilizado com tanta humildade, alguém lhe perguntou respeitosamente: *"Vovô; o senhor tem saudade de alguma coisa que deixou ficar aqui na terra?"* Este respondeu: *"Minha cachimba, negro qué pito que deixou no toco. Manda mureque buscá".*

Grande espanto tomou conta dos presentes. Era a primeira vez que algum Espírito pedia alguma coisa de material, e a surpresa foi logo substituída pelo desejo de atender ao pedido do velhinho. Mas ninguém tinha um cachimbo para ceder-lhe. Na reunião seguinte, muitos pensaram no pedido e uma porção de cachimbos, dos mais diferentes tipos, apareceu nas mãos dos freqüentadores da casa, incluindo-se alguns médiuns que haviam sido afastados de Centros Espíritas Kardecistas, justamente porque haviam permitido a incorporação de índios, pobres ou pretos como aquele e que, solidários, buscavam na nova casa, a Tenda Nossa Senhora da Piedade, a oportunidade que lhes fora negada em seus centros de origem.

A alegria do velhinho em poder pitar novamente o seu cachimbo logo seria repetida quando os outros médiuns já mencionados também passaram livremente a permitir a presença de seus Caboclos, de seus Pretos-Velhos e demais entidades consideradas não doutas pelos kardecistas de então, pobres tolos preconceituosos que confundiam cultura com bondade.

Foi dessa maneira que foi introduzido na "mesa de trabalho" o primeiro rito. Outros lhe seguiram, como, por exemplo, quando houve a informação de que os índios tinham o hábito de fumar e que foram eles que primeiro descobriram as propriedades dessa planta que eles enrolavam num enorme charuto, que era usado coletivamente por todos os participantes de seus cultos religiosos, sendo desta forma uma espécie de planta sagrada.

Desde que haja moderação e cautela, negar o pito ao Preto-Velho seria hoje uma grande maldade. Entretanto, deve-se sempre ter em mente que o seu uso deve ater-se somente ao rito e evitar-se os abusos e as deturpações que testemunhamos constantemente, não raras vezes, tocando as raias do absurdo e do escândalo, para o desprestígio desta religião que nasceu sob o signo da paz e do amor.

Atualmente, sabe-se que o uso do fumo pelas entidades incorporadas tem o efeito purificador quando elas atendem alguma pessoa com problemas espirituais. A fumaça age como um desagregador de maus fluidos, atingindo o perispírito dos Espíritos obsessores. Por extensão destes hábitos incorporados ao Terreiro, passou-se a oferecer doces às crianças incorporadas e, às vezes, a promover festas infantis.

Contudo, o que é usual nestes casos, e naturalmente influindo desta ou daquela forma nas demais maneiras de incorporação, sempre com o objetivo de tratar os incorporantes (Espíritos) como velhos e queridos amigos a quem recebemos com grande satisfação.

Com a "liberdade" trazida pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, as pessoas afugentadas da elitizada doutrina kardecista de então passaram a freqüentar a nova religião. Uma boa parcela dessas pessoas era de raça negra (no Rio de Janeiro). Isso fez com que a Umbanda passasse a contar com uma boa parte de médiuns de raça negra, que se sentiam muito à vontade pela ausência de preconceitos.

Estes médiuns começaram a enriquecer o ritual umbandista e hoje muitos rituais com o nome de Umbanda são praticados, muitos nem são Umbanda; são misturas desconexas de ritos, mas, quando encontramos um verdadeiro Terreiro ou Tenda de Umbanda, algo dentro de nós nos emociona; é como estivéssemos sentindo a presença de Cristo e de N.Sra. na humildade dos Pretos-Velhos; na simplicidade dos índios Caboclos em sua pureza mental e moral e no cheiro bom da arruda... alecrim... alfazema e guiné...

EIS QUE O CABOCLO VEIO A TERRA "ANUNCIAR" A UMBANDA

Nota do autor: Após termos estudado a versão oficial do início da Umbanda no Brasil, vamos estudar também a versão de um estudioso, Mestre em História Comparada.

Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. (Lucas 1:35)

Resumo: Neste artigo ofereceremos um novo olhar sobre a "anunciação" da Umbanda: a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio de Moraes, numa sessão da Federação Espírita de Niterói, no dia 15 de Novembro de 1908. Como todo mito-fundador, a narrativa entremeia a realidade com fantasia.

Mas o que interessa é o valor simbólico que o mito representa para os atuais adeptos, cuja importância se compara ao nascimento de Jesus, para os cristãos. Nesta perspectiva, proponho uma análise alternativa àquelas realizadas por Diana Brown e Emerson Giumbelli, nas quais a relevância simbólica do evento fora suplantada por questões relativas à consolidação da classe média carioca. As teorias de Pierre Bourdieu sobre o funcionamento do campo religioso me auxiliaram na tarefa de justificar o ostracismo vivido por Zélio de Moraes. O que estava em jogo naquele momento era a busca pela legitimidade de uma religião periférica, e não quem fora o precursor da Umbanda.

1 – Introdução:

A manifestação de Espíritos de negros e de índios, tão comuns na Umbanda, já ocorria espontaneamente nos rituais da Macumba desde meados do século XVIII. Longe de ser um culto organizado, a Macumba era um agregado de elementos da cabula banto, do culto jeje-nagô, das tradições indígenas e do catolicismo popular, sem o suporte de uma doutrina capaz de integrar os diversos pedaços que lhe davam forma. É desse conjunto heterogêneo, acrescida de elementos egressos do kardecismo (*foi este último grupo que se apropriou do ritual da Macumba, impôs-lhe uma nova estrutura e, articulando um novo discurso, deu início ao processo de legitimação, que se consubstanciou com a fundação de Federação Espírita de Umbanda em 1939*), que nascerá a nova religião.

Mas de onde vem a Umbanda? Acredita-se que o vocábulo "Umbanda" designasse, entre os africanos, sacerdote que trabalha para a cura. Na Macumba, o vocábulo "embanda" ou "Umbanda" também designava o chefe do Terreiro ou, simplesmente, sacerdote, nunca uma modalidade religiosa. O umbandista Matta e Silva relata no livro *"Umbanda e o Poder da Mediunidade"* que o vocábulo "Umbanda", como bandeira religiosa, não aparece antes de 1904 (MATTA E SILVA, 1987, p. 13).

Entretanto, no depoimento deste mesmo autor, encontra-se o registro de que, em 1935, conhecera um médium com 61 anos de idade, de nome de Nicanor, que praticava a Umbanda desde os 16 anos, ou seja, desde 1890, incorporando o Caboclo Cobra Coral *(Idem. Ibidem, p. 14).*

Outro autor umbandista, Diamantino Trindade, reproduziu no livro *"Umbanda e Sua História"* parte de uma entrevista do jornalista Leal de Souza – publicada no Jornal de Umbanda, em Outubro de 1952 – na qual afirmava que o "precursor da Linha Branca fora o Caboclo Curugussú (*Sobre o Caboclo Curugussú, não foram obtidas outras informações que pudessem esclarecer a ação desta manifestação espiritual*), que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas" (TRINDADE, 1991, p. 56).

O vocábulo "Umbanda" vai ganhar *status* de religião quando o Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestado no médium Zélio de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, "anuncia" (*Tomo emprestado aqui o significado de "anunciação" a semelhança do que ocorreu com a passagem bíblica quando o Anjo Gabriel apareceu a Virgem Maria para anunciar a vinda do messias: Jesus)* o início de uma nova prática religiosa.

Este evento representa, hoje, para o Movimento Umbandista (*Entendemos como Movimento Umbandista a união dos adeptos da nova religião a fim de se protegerem contra a repressão policial. Esta união se consolidou na criação da Federação Espírita de Umbanda (1939), na realização do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941) e na produção e divulgação de todo um discurso legitimador das práticas umbandistas, que se traduziram na publicação de livros, jornais, revistas, programas de rádios etc.)* o marco fundador da religião, um divisor de águas entre a Macumba – que era compreendida na época como "baixo-espiritismo" cuja prática nem sempre estava direcionada para fins elevados – e o "Espiritismo de Umbanda", voltado para a prática do amor ao próximo. Misto de lenda e de realidade, a "anunciação" da Umbanda sofre algumas variações de narrador para narrador, mas a estrutura básica se mantém inalterada.

Zélio de Moraes, aos 17 anos, começou apresentar alguns distúrbios os quais a família acreditou que fossem de ordem mental e encaminhou o rapaz para um hospital psiquiátrico. Dias depois, não encontrando os seus sintomas em nenhuma literatura médica, foi sugerida à família que lhe encaminhasse a um padre para um ritual de exorcismo. O padre, por sua vez, não conseguiu nenhum resultado.
Tempos depois Zélio foi levado a uma benzedeira conhecida na região onde morava que lhe diagnosticou o dom da mediunidade e lhe recomendou que "trabalhasse" para a caridade. Por sugestão de um amigo de seu pai, Zélio foi levado a Federação Espírita de Niterói, no dia 15 de novembro de 1908. Ao chegar à Federação foi convidado pelo dirigente daquela instituição a participar da sessão. Logo em seguida, contrariando as normas do culto, Zélio levantou-se dizendo que ali faltava uma flor. Foi até um jardim apanhou uma rosa branca e colocou-a no centro da mesa. A atitude do rapaz provocou uma estranha confusão no local: ele incorporou um Espírito e simultaneamente diversos médiuns apresentaram incorporações de Caboclos e Preto-Velhos. Advertido pelo dirigente do trabalho, a entidade incorporada no rapaz perguntou por que era proibida a presença daqueles Espíritos.

Outro médium, que tinha o dom da vidência, quis saber da entidade o porquê dela falar daquele modo, pois via que era um padre jesuíta e lhe perguntou o nome. A resposta foi: *(...) se julgam atrasados os Espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim.* (GUIMARÃES e GARCIA, 2002, não paginado).

No dia seguinte, no bairro de Neves – município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro –, estavam presentes à casa do médium membros da Federação Espírita, parentes, amigos, vizinhos e do lado de fora uma multidão de desconhecidos. Às 20 horas, o Caboclo se manifestou no corpo de Zélio de Moraes e disse que naquele momento iniciava-se um novo culto, no qual os Espíritos de africanos e de índios poderiam trabalhar em benefício de seus irmãos encarnados e disse, também, que a nova religião se chamaria Umbanda.

O grupo fundado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu o nome de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, porque *"assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria aos que a ela recorrerem nas horas de aflição"* (TRINDADE, 1991, p. 62) – (A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade encontra-se ainda em atividade no município de Cachoeira de Macacú, região serrana do Rio de Janeiro).

A Pietá, (mater dolorosa), serviu de inspiração para o Caboclo das Sete Encruzilhadas escolher o nome da Tenda Nossa Senhora da Piedade.

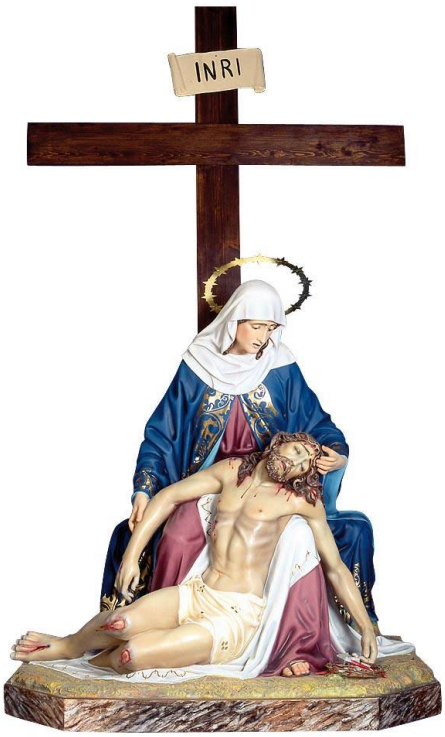


Imagem de Nossa Senhora da Piedade

2 – Interpretações do mito-fundador

Para um grupo significativo de umbandistas, o dia 15 de novembro de 1908 assumiu o caráter de data de fundação da religião *(O dia 15 de novembro foi instituído como Dia Nacional da Umbanda durante o III Congresso*

Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, em 1973. Nesta data, que passou a fazer parte do calendário umbandista, a maioria dos Terreiros comemoram a fundação da Umbanda e rendem homenagem ao Caboclo das Sete Encruzilhadas).
Entretanto, a antropóloga Diana Brown (1985) indica o aparecimento da Umbanda apenas na década de 1920 e aponta Zélio de Moraes e seus seguidores como egressos do Espiritismo:

"Zélio de Moraes, que no relato da sua doença, da posterior cura, e da revelação de sua missão especial para fundar uma nova religião chamada Umbanda fornece aquilo que considero um mito de origem da Umbanda. Não posso estar totalmente certa de que Zélio foi o fundador da Umbanda, ou mesmo que a Umbanda tenha tido um único fundador, muito embora o Centro de Zélio e aqueles fundados por seus companheiros tenham sido os primeiros que encontrei em todo o Brasil que se identificavam conscientemente como praticantes de Umbanda (...).

"Muitos integrantes deste grupo de fundadores eram como Zélio, kardecistas insatisfeitos, que empreenderam visitas a diversos centros de "Macumba" localizados nas favelas dos arredores do Rio de Janeiro e de Niterói".

Realmente, devo concordar com Diana Brown que não se pode ter certeza de que Zélio de Moraes tenha fundado a Umbanda. Principalmente porque alguns dados referentes a aquele evento não puderam ser confirmados, havendo inclusive várias divergências entre as informações contidas no mito da "anunciação". A narrativa faz referência à participação de Zélio na mesa kardecista atendendo ao convite do presidente da Federação Espírita de Niterói, José de Souza. Entretanto, consultando o Livro de Atas nº. 1 desta instituição, constata-se que o cargo era ocupado por Eugênio Olímpio de Souza. E mais, não consta o nome de nenhum José de Souza entre os membros da diretoria e muito menos na relação de associados. Tampouco consta no referido livro de atas à realização de reunião naquela data. Segundo informações prestadas pela Diretora de divulgação da Federação Espírita de Niterói *(atual Instituto Espírita Bezerra de Menezes)*, Yeda Hungria, na ocasião a Federação ainda não dispunha de sede própria, ocupando uma sala na Rua da Conceição – Centro de Niterói –; portanto, não haveria condições do jovem Zélio buscar rapidamente uma flor para enfeitar a mesa.

Nota do autor: num relato fonográfico (fita nº. 45, disponibilizada juntamente com esse livro em nosso site), aos 09 minutos e 48 segundos... (pergunta de Solano). Deixa-me lhe perguntar. Foi na casa desse seu avô (nota do autor: Joaquim Fernandino Costa), que se conta o caso daquela primeira manifestação do Caboclo, quando ele diz – "falta uma rosa na mesa" – e que ele anuncia que no dia seguinte seria fundada (nota do autor: a Umbanda). (Zélia responde). *Foi; porque nós morávamos com o meu avô" ...* Com mais esse relato, se verídico, tiramos a conclusão de que a fala do Caboclo – "falta uma rosa na mesa", deu-se numa reunião em casa de Zélio, também no dia 15/11, e não na Federação em Niterói. Com certeza, em casa de Zélio, existia um jardim. Portanto corrobora com a versão de que na Federação, no centro de Niterói, não havia jardins a disposição tão facilmente. Segundo os Guias Espirituais, muitos umbandistas consideram a "rosa branca" como símbolo da Umbanda, mas, não é isso que o Caboclo das Sete Encruzilhada quis dizer com o ato; a presença da rosa branca na Mesa de Trabalho ou no altar, representa a Mãe Maria Santíssima.

Assim, somos levados a pensar que, se realmente o fato ocorreu, pode não ter acontecido na Federação, mas talvez em algum Centro Espírita filiado a esta, cujo nome se perdeu ao longo da repetição desta tradição oral *(Segundo Yeda Hungria, na época, a instituição já realizava sessões espíritas em suas dependências. Entretanto, estas reuniões não geravam atas. Portanto, não há como afirmar se houve sessão naquele dia. Quanto a registros de distúrbio provocado por Espíritos "indesejados", não haveria também motivo para serem realizados, uma vez que a manifestação desses Espíritos e a consequente doutrinação era prática usual na mesa kardecista. Assim, seria lícito supor que a possível manifestação de um Caboclo na sessão espírita passaria despercebida, porque era comum a manifestação de Espíritos tidos como "atrasados" nas sessões. Contudo, penso que não seria comum a manifestação de um Caboclo anunciando a criação de uma nova religião, a menos que ninguém tenha levado a sério)*.

No que diz respeito à afirmação de Diana Brown de que a fundação da Umbanda tenha ocorrido em meados da década de 1920, por iniciativa de um grupo de kardecistas, sou levado a discordar da pesquisadora. Vejamos: em artigo publicado no livro *"O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda"*, editado pelo jornalista Leal de Souza em 1933, o autor afirma que o Caboclo das Sete Encruzilhadas "baixava" há 23 anos em uma casa pobre nos arredores de Niterói (SOUZA, 1933, p. 78). Isto é, pelo menos, desde 1910. Acredito que Brown tenha sido levada a se enganar, pois o período coincide com a transferência da Piedade *(Doravante passo a me referir a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade apenas como Piedade)* para outro endereço ainda em São Gonçalo.

Outro fator que poderia ter contribuído para a confusão da pesquisadora estadunidense seria, talvez, o período em que ocorreu a criação de Tendas filiadas à Piedade, cuja maioria se deu ao longo daquela década. Segundo o mito, o Caboclo das Sete Encruzilhadas havia orientado seu médium para a abertura de outras Tendas com a finalidade de propagar a nova religião. Ao todo, foram criadas sete Tendas por orientação da entidade. Até mesmo os responsáveis pela direção dos novos Templos foram indicados pelo Caboclo. Assim, temos: Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, com Durval de Souza; Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, com Leal de Souza; Tenda Espírita Santa Bárbara, com João Salgado; Tenda Espírita São Pedro, com José Meirelles; Tenda Espírita Oxalá, com Paulo Lavois; Tenda Espírita São Jorge, com João Severino Ramos; e Tenda Espírita São Jerônimo, com José Álvares Pessoa *(Não há registros confiáveis sobre as datas de fundação de todas as*

Tendas, sabe-se apenas que a primeira foi inaugurada em 1918 e a última em 1935, ou seja, Zélio de Moraes levou 17 anos para cumprir a determinação da entidade responsável pelos trabalhos).
Além destas, várias Tendas foram fundadas sob orientação do Caboclo das Sete Encruzilhadas em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Pará (TRINDADE, 1991, p. 69).

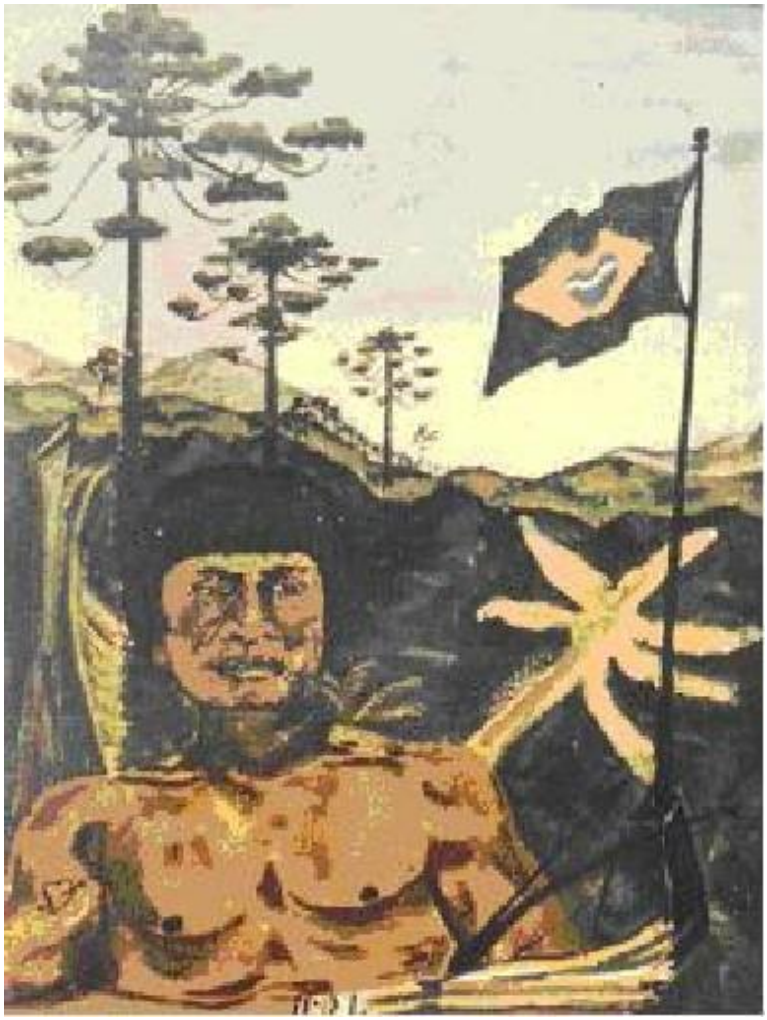
Com relação à proximidade de Zélio de Moraes com o Kardecismo, além do fato do Caboclo ter se manifestado em uma Sessão Espírita, se justifica apenas pela fé professada por seu pai, Joaquim Ferdinando Costa, que realizava encontros em sua casa para a leitura da obra de Allan Kardec *(Ubiratan Machado sublinha que na virada do século XIX para o XX era comum à realização de reuniões para estudar as obras de Allan Kardec sem que isso representasse conversão ao Espiritismo, muitos reafirmavam que continuavam católicos. Cf. MACHADO, 1997, p. 224)*.

Segundo Zilméia de Moraes Cunha – única filha viva do médium – seu pai nunca fora kardecista. Pelo contrário, a família era tradicionalmente católica. Ela sublinha, contudo, que após a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, muitos kardecistas passaram a frequentar assiduamente a Piedade, vindo alguns deles ingressarem no corpo mediúnico da casa.

Diamantino Trindade reforça a hipótese de proximidade de Zélio com o catolicismo, tanto na presença de muitas imagens de Santos no altar da Piedade, quanto no hábito de homenagear Santos católicos ao nomear os Templos filiados à Piedade (Idem. Ibidem, p. 68). Cabe lembrar também que o Caboclo das Sete Encruzilhadas não era um Espírito qualquer, segundo o mito, ele fora o padre jesuíta Gabriel Malagrida em reencarnações anteriores.

A presença do Catolicismo no mito da “anunciação” da Umbanda pode ser observada também num quadro onde fora pintado mediunicamente a imagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A pintura apresenta um indígena no primeiro plano, tendo no plano intermediário um mastro com a bandeira do Brasil tremulando e logo adiante sete caminhos unidos a um único ponto de origem e, no plano de fundo, há elementos relativos à Natureza do nosso país. O quadro é simbolicamente riquíssimo, permitindo inúmeras interpretações.



Caboclo das Sete Encruzilhadas – pintura exposta na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

O que nos interessa aqui, entretanto, são os sete caminhos que o Caboclo tem para percorrer no sentido de propagar a Umbanda.
A união destes caminhos, a encruzilhada, lembra-nos a praça de muitas igrejas do interior, que oferece aos fiéis sete opções de trajetos para chegar até o Templo. Estes caminhos fazem referência aos sete dons do Espírito Santo: Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor, cujos valores, são procurados no culto ao Divino Espírito Santo.

A análise desta simbologia nos sugere a interpretação de que o Caboclo das Sete Encruzilhadas seria a manifestação de um "Espírito Santo", talvez um anjo, que viria "anunciar" o início de uma religião que falaria aos humildes. Portanto, totalmente distante das interpretações que qualificavam as entidades da Umbanda como demoníacas.

3 – Uma análise comparativa da relevância da "anunciação" da Umbanda

A pergunta que se faz neste momento é qual a relevância de se identificar quem, quando ou como se iniciou o Movimento Umbandista? Acredito que a resposta esteja no valor simbólico atribuído pelos atuais adeptos à manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas na pessoa de Zélio de Moraes.

Este simbolismo pode ser avaliado pelo calendário litúrgico da religião, no qual o dia 15 de Novembro aparece ao lado das tradicionais datas comemorativas dos Orixás, com direito a realização de sessão festiva cuja finalidade é render homenagens tanto ao Caboclo das Sete Encruzilhadas quanto ao médium.

É possível encontrar em alguns Terreiros até a fotografia do Zélio ornamentando o Congá *(O Congá é o local onde se encontra o altar e onde também ficam os médiuns durante as sessões)*.

Mesmo que seja somente um "mito de origem", como propõe Diana Brown, a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas não pode ser relativizada, uma vez que para os umbandistas a data tem o mesmo valor simbólico do Natal para os cristãos, do Rosh Hashaná para os judeus e da Hérgira para os muçulmanos *(O Natal marca o nascimento de Jesus para os cristãos; o Rosh Hashaná é o ano novo judaico contado a partir da fuga dos hebreus do Egito; e a Hégira, dos muçulmanos, marca a fuga de Maomé de Meca para Medina)*. Portanto, não me satisfaz a análise que Emerson Giumbelli (2003) propõe sobre o mito fundador da Umbanda e a importância de Zélio de Moraes para o Movimento Umbandista.

Para Giumbelli, o mito fundador centrado na figura de Zélio de Moraes e da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas é uma construção tardia, que se inicia contemporaneamente à morte do médium – em 1975 – e que corresponderia a um período de dispersão doutrinária e ritual e de uma divisão institucional (Idem. Ibidem, p. 189). Não vejo, a princípio, consistência nessa justificativa para se buscar nas origens da Umbanda um elemento aglutinador para o Movimento Umbandista.

Se observarmos a estrutura organizacional do movimento, perceberemos que a união dos umbandistas sempre foi circunstancial; haja vista o excessivo número de Federações, Confederações, Uniões e Conselhos existentes (Cf. BIRMAN, 1985. p 80-121). As questões doutrinárias e rituais desde a realização do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda (1941) sempre foram tensas entre o grupo que defendia o rompimento da Umbanda com as práticas mais africanizadas e aqueles que delas não abriam mão.

É significativa a posição de Tancredo da Silva Pinto – o Tatá Tancredo – no livro "Fundamentos de Umbanda", sobre as propostas de desafricanização divulgadas nas palestras daquele Congresso.

O autor diz que acha graça quando ouve os "líderes da Umbanda Branca" dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas. Para ele "a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra" (FREITAS e PINTO, 1957, p. 58). Tancredo, inclusive, vai romper com a Federação Espírita de Umbanda e fundar a Congregação Espírita de Umbanda do Brasil. Giumbelli continua sua análise discorrendo uma vasta bibliografia etnográfica na qual Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas não aparecem antes da década de 1970, ambos tiveram de esperar as pesquisas de Diana Brown e Renato Ortiz para passar a existir na literatura acadêmica.

Depois, se debruça sobre várias obras umbandistas e sobre o Jornal de Umbanda – veículo oficial da União Espiritualista Umbanda do Brasil, herdeira de Federação Espírita de Umbanda –, nos quais o nome de Zélio de Moraes não aparece ou, quando citado, aparece de forma discreta. O autor conclui que as referências ao médium, principalmente aquelas encontradas no Jornal de Umbanda, apenas reconhecem a antiguidade dos vínculos de Zélio de Moraes com a Umbanda, contudo jamais chegaram a ponto de alçá-lo à posição de fundador da religião.

Mais do que isso, insinuam uma subordinação de Zélio ora à sua condição de médium (como tanto outros na Umbanda), ora à sua condição de intermediário de uma entidade espiritual (que, diga-se, não lhe devia exclusividade). Sendo assim, compreende-se por que mesmo os textos que tratam das origens ou da história da

Umbanda, ou do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no jornal da UEUB no final da década de 1950 não se sentem obrigados a mencionar o nome de Zélio. (GIUMBELLI, 2003. p. 194).
Diante da extensa documentação apresentada pelo autor não há o que se discutir, mas cabe a possibilidade de se propor outra interpretação para a ausência de Zélio de Moraes nas obras de seus contemporâneos.

Antes, porém, devo lembrar que o Leal de Souza (Na época Leal de Souza dirigia a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, uma das filiais que formam o septo de casas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas), relatou ao Jornal de Umbanda, na edição de Outubro de 1952, que coubera ao Caboclo das Sete Encruzilhadas a incumbência de organizar a "Linha Branca de Umbanda", seguindo as determinações dos "Guias superiores" que regem o planeta.

Quando se apresentou pela primeira vez, em 15 de novembro de 1908, para iniciar sua missão, mostrou-se como um velho de longa barba branca; vestia uma túnica alvejante, que tinha em letras luminosas a palavra Caridade. Depois, por longos anos, assumiu o aspecto de um Caboclo vigoroso; hoje é uma claridade azul no ambiente das Tendas. (SOUZA. Apud TRINDADE, 1991, p. 56).

Na mesma entrevista, Leal de Souza vai fazer referência a Pai Antônio, um Preto Velho, que se manifestou no mesmo dia em que fora fundada a Piedade: *"Pai Antônio, o principal auxiliar do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e que baixa no mesmo aparelho, Zélio de Moraes, e que eu já vi discutir medicina com doutores. É o Espírito mais poderoso do meu conhecimento"* (Idem. Ibidem, p. 57).

Portanto, existe pelo menos uma referência no Jornal de Umbanda sobre a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, no médium Zélio de Moraes, no dia 15 de Novembro de 1908, com a finalidade de organizar a "Linha Branca de Umbanda". Mas concordo com Giumbelli, é pouco, quase nada! Assim, recorro às teorias de Pierre Bourdieu (2004) sobre o funcionamento do campo religioso para me auxiliar na tarefa de propor uma interpretação alternativa do ostracismo vivido por Zélio de Moraes. Bourdieu nos ensina que: "*toda seita que alcança êxito tende a tornar-se Igreja, depositária e guardiã de uma ortodoxia, identificada com as suas hierarquias e seus dogmas"* (Idem, Ibidem, p. 58).

Parto do princípio de que as publicações umbandistas estudadas por Giumbelli foram produzidas num período em que a Umbanda já desfrutava de alguma legitimidade institucional.

A partir do modelo "bourdiano", comparo a Federação Espírita de Umbanda com a hierarquia eclesiástica e Zélio de Moraes com a figura do profeta, isto é, aquele que pelo exercício legítimo do poder religioso – que no nosso caso é a manifestação de uma entidade espiritual que se apresenta como fundadora da Umbanda – teria condições de competir no campo religioso com o monopólio doutrinário difundido pela Umbanda institucionalizada, pondo em risco a legitimidade da nova religião. Bourdieu argumenta que para a conservação do monopólio de um poder simbólico e da existência da instituição eclesiástica, caberia à Igreja buscar recursos para suprimir a ação do profeta, seja pela sua eliminação ou pela sua subordinação e reconhecimento da legitimidade do monopólio eclesiástico (Id. Ibid. 61).

Ora, foi isto que ocorreu com Zélio de Moraes. Ele se subordinou às orientações da hierarquia eclesiástica, isto é, da cúpula da Federação Espírita de Umbanda, até mesmo porque teria ajudado a fundar a instituição, seguindo as orientações do Guia Espiritual. Encontra-se nos Anuais do Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda, uma menção a intervenção do Caboclo das Sete Encruzilhadas na fundação da Federação Espírita de Umbanda. Antes de iniciar a palestra, o representante da Tenda Espírita São Jorge, Antônio Barbosa, rende homenagem ao Caboclo dizendo: *"(...) rendo homenagens ao Guia Espiritual, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, o idealizador da Federação Espírita de Umbanda"*. (Cf. Anais, 1942, p. 165).

Situação inversa sofreu Tancredo da Silva Pinto, que não rompeu apenas com a Federação Espírita de Umbanda, mas com a própria Umbanda ao criar o Culto de Omolokô (Omolokô, Culto afro-brasileiro que admite no mesmo ambiente tanto as práticas do Candomblé quanto a da Umbanda. Cf. OMULU, 2002).

Zélio de Moraes, segundo depoimentos de pessoas que tiveram oportunidade de conviver com ele, tinha personalidade tímida e modesta. *"Era uma pessoa que não gostava dos holofotes da ostentação pública"*, comenta o jornalista Ronaldo Linares, autor de uma curta biografia do médium, publicada no livro *Os Decanos* (MESTRE XAMAN, 2003, p.17-27). Não era da personalidade de Zélio arvorar-se em líder da Umbanda, ou *"não era este o desejo do plano espiritual"*, ponderou Lygia Cunha, neta do médium em conversa informal com o autor desta dissertação. Acredito, portanto, que não era interesse da cúpula umbandista fazer grandes reverências ao médium Zelio de Moraes, pois, como deixa claro Bourdieu, representaria um risco à legitimidade da própria instituição, uma vez que a legitimidade religiosa poderia se deslocar da Igreja instituída para o profeta.

Em contrapartida à subordinação de Zélio ao poder da hierarquia eclesiástica, lhe foram concedidos em vida pequenos reconhecimentos pelos serviços prestados a Umbanda, como nomeá-lo para o posto de "inspetor" da Federação, conceder a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade o "diploma de filiado número um", ou conferindo-lhe o título de "Decano dos Babalawôs da União" (GIUMBELLI, 2003, p. 193-194).

A partir do momento que a direção da Piedade é transferida para as filhas do médium (Zélia e Zilméia de Moraes) e ele parte para um "exílio" voluntário na Região Serrana do Rio de Janeiro, vindo a falecer alguns anos depois, abre-se espaço para a cúpula umbandista reconhecer a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas como fundadora da religião e Zélio de Moraes como seu pioneiro.

Essa atitude vem reforçar o caráter legitimador da hierarquia umbandista, uma vez que ela instituiu o dia 15 de novembro como o "Dia Nacional da Umbanda", em assembleia a realização durante o 3º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, em 1973, no Maracanãzinho. Este fato ocorreu dois anos antes da morte do médium.

4 – Considerações finais

Não queremos aqui defender a tese de que as práticas umbandistas não existiam antes da "anunciação da Umbanda" pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Pelo contrário, reconhecemos que a manifestação de Espíritos de indígenas e pretos já ocorria há algum tempo nos rituais da Macumba e nas sessões do Espiritismo popular.

O que procurei enfatizar neste artigo foi que a manifestação daquele Caboclo marcou o rompimento entre aquilo que era compreendido como "baixo-espiritismo" com o que se convencionou chamar de "Espiritismo de Umbanda" na obra dos intelectuais da nova religião.

Para mim, a divisão é clara: o que havia antes era uma seita, fruto de um ritual heterogêneo, praticada por segmentos subalternos da sociedade; o que passou a existir depois foi uma religião que se apropriou da filosofia kardecista e de dogmas cristãos, sendo professada por elementos da classe média em ascensão.

Nesta perspectiva, a figura do médium Zélio de Moraes, e do Guia Espiritual que lhe assistiu durante a vida, adquire papel de relevância na trajetória do Movimento Umbandista. Foi a partir da ação deste, dentre outros pioneiros, que se intensificou a busca pela legitimação da nova religião, minimizando-se assim a ação da Delegacia de Tóxicos e Mistificações sobre os Terreiros e a intolerância dos segmentos conservadores da sociedade.

Ao longo do processo de consolidação da religião umbandista, foi atribuído a Federação Espírita de Umbanda a dupla função:

1ª) De representante dos interesses dos adeptos junto aos órgãos públicos.

2ª) E de órgão normatizador das práticas umbandistas. Por esse motivo, acredito que os interesses coletivos sobrepujaram aos interesses particulares, não cabendo, portanto, uma figura messiânica para a Umbanda.

Acredito, igualmente, que Zélio de Moraes estava ciente de seu lugar na religião, mas em nenhum momento arvorou-se em "Papa" da Umbanda nem almejou altos postos na administração daquela instituição representativa. Não quero dizer que ele fosse uma pessoa abnegada e altruísta ao ponto de não ser atraída pelo brilho da notoriedade, mas a humildade foi sua maior virtude. Talvez tenha se espelhado no exemplo do Caboclo das Sete Encruzilhadas que se apresentava dizendo: *"sou apenas um Caboclo brasileiro"*.

(José Henrique Motta de Oliveira - Mestre em História Comparada - UFRJ/ PPGHC)

Encontramos também, uma informação curiosa sobre o fato:

O VERDADEIRO LOCAL DA PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

Embora não seja um consenso entre os umbandistas, a maioria considera o dia 15 de novembro de 1908, data da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio Fernandino de Moraes, como sendo a data de fundação da Umbanda. Embora a menção histórica mais antiga desse fato seja de 1948 (uma foto tirada nesse ano no Centro Espírita Caminheiros da Verdade, na sessão comemorativa dos 40 anos da Umbanda, disponível na página 30 da revista Nossa História de outubro de 2006), os relatos mais popularizados sobre a primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas foram compilados no início da década de 1970, de forma independente, pelos jornalistas Ronaldo Linares e Lília Ribeiro.

Em ambas as histórias, obtidas através de entrevistas com o próprio médium Zélio de Moraes, podemos ler que a primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, naquele médium, teria ocorrido em uma sessão

realizada na Federação Espírita de Niterói, cujo nome verdadeiro era Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, no dia 15 de novembro de 1908.

Buscando encontrar registros históricos que comprovassem a veracidade do fato relatado por Zélio de Moraes, o médium Márcio Petersen Bamberg, também conhecido como “mestre Thashamara”, entrou em contato com o Instituto Espírita Bezerra de Menezes, nome atual da antiga Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, e foi informado que no Livro de Atas nº 1, da Federação, não constava nenhuma sessão realizada naquele dia.

Um renomado pesquisador da história umbandista, o médium José Henrique Motta de Oliveira, também conhecido como “mestre Arashakamá”, chegou a lamentar na página 94 da sua obra “Das Macumbas à Umbanda”, que se o fato realmente tivesse ocorrido, poderia não ter sido na Federação de Niterói, mas em algum Centro Espírita filiado a ela, cujo nome teria se perdido ao longo da tradição oral.

Embora ainda não tenha como comprovar com registros históricos, o nome do Centro Espírita onde teria ocorrido a primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas não se perdeu: o nome dele é Grupo Espírita Santo Agostinho**.**

E como cheguei a esse nome? Tentarei resumir a história para vocês.

A primeira ideia veio do próprio médium Márcio Bamberg: naquele mesmo contato com o Instituto Espírita Bezerra de Menezes, ele foi informado que a Federação Espírita de Niterói não possuía sede própria em 15 de novembro de 1908, ocupando uma sala na Rua da Conceição nº. 33, no centro de Niterói, então capital do Estado do Rio de Janeiro.

Nas diversas vezes em que eu li essa informação, nunca me chamou a atenção o fato de a Federação não possuir sede própria.

O estalo para isso veio quando eu li o livro “No Mundo dos Espíritos”, de Antônio Eliezer Leal de Souza. Lá, em sua página 368, Leal de Souza nos diz que a Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro era filha do Grupo São João Baptista e abrigava nas salas de sua sede, além deste grupo, mais dois Centros Espíritas, isso em 1924.

Quando eu li essa informação, pensei na hora: se a Federação abrigava Centros Espíritas em suas dependências em 1924, será que a sala que ela ocupava em 1908 não era uma sala da sede do Grupo São João Baptista, Centro que lhe havia dado origem?

Com essa ideia na cabeça, entrei em contato com o próprio Instituto Espírita Bezerra de Menezes, buscando comprovar a veracidade dessa informação do Leal de Souza. Para minha surpresa, descobri que a sala que a Federação usava como sede em 1908 não pertencia ao Grupo São João Baptista e, sim, ao Grupo Espírita Santo Agostinho.

Nesse mesmo contato, fui informado que ambos, Grupo São João Baptista e Grupo Espírita Santo Agostinho, eram dois dos Centros fundadores da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, em 30 de junho de 1907, e que dessa data até algum momento da década de 1910, a Federação funcionara na sede do Grupo Espírita Santo Agostinho, na Rua da Conceição nº 33, no centro de Niterói, então capital do Estado do Rio de Janeiro.

Assim sendo, quando Zélio foi à Federação Espírita de Niterói, em 15 de novembro de 1908, ele na verdade foi à sede do Grupo Espírita Santo Agostinho, local onde funcionava a Federação.

Talvez nunca saibamos qual era a instituição que realizava a sessão naquele dia, mas muito provavelmente não era a Federação, e sim, o Grupo Espírita Santo Agostinho...

(Texto de Renato Guimarães)

Como o Sr Renato dissertou acima, sobre a possível manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas ter se dado num Grupo Espírita que cedeu seu espaço para o funcionamento da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, encontramos outra versão dos fatos que disponibilizaremos abaixo.

HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM NITERÓI

Data do início do século passado, as iniciativas da espiritualidade para a união dos espíritas do Estado do Rio em uma associação federativa.

A associação “Deus, Cristo e Caridade”, fundada em 25 de junho de 1902, tinha como finalidade principal a construção de um Centro Espírita, onde os adeptos do Espiritismo pudessem se reunir.

Em 21 de agosto de 1905, o “Grupo Espírita Santo Agostinho” designa uma comissão para angariar donativos para a construção do Centro.

Em janeiro de 1907, passa por Niterói o presidente do Centro Espírita de Porto Alegre, RS, Israel Corrêa da Silva, e consegue interessar os espíritas de Niterói para a criação de uma Federação Estadual.

Assim, a ideia inicial de construção de um Centro Espírita evolui para a fundação da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo da nova entidade, de âmbito estadual, é “a congregação e a união dos espíritas”.

Fundada em 30 de junho de 1907, seu primeiro presidente é Eugênio Olímpio de Souza. A FEERJ passa a funcionar na Rua da Conceição, 33, a principal de Niterói, pagando aluguel mensal de “60 mil réis”.

O terreno para a construção da sede própria custou “três contos e trezentos mil réis” e a obra foi orçada em “25 mil contos de réis.”

Em 30 de janeiro de 1922, a FEERJ, reunida para homenagear o Dr. Guilherme Taylor March, o “médico dos pobres”, desencarnado em 21 de junho daquele ano, decide pela construção do Orfanato Dr. March.

A pedra fundamental é lançada em 3 de dezembro de 1932, na rua Desembargador Lima Castro, 235 e a inauguração se dá em 3 de outubro de 1934.

A construção custou “35 contos e vinte e cinco mil e setenta e cinco réis” ...

(http://www.iebm.org.br/?pg=historico#Id)

Analisando:

- Não encontramos registros que diz existir especificamente a “Federação Espírita de Niterói”, em 1908 (somente encontramos um registro com essa denominação, somente em 1920), mas sim, a Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (FEERJ), sediada em Niterói.

- Em 1905, o Grupo Espírita Santo Agostinho designa uma comissão para angariar fundos para construir a FEERJ.

- Diz que em 1907 foi fundada a FEERJ, cujo primeiro presidente era Eugênio Olímpio de Souza, passando a funcionar na Rua Conceição, 33, em Niterói, inclusive pagando aluguel de 60 mil reis.

Se a FEERJ foi fundada em 1907, é fato que já existia.

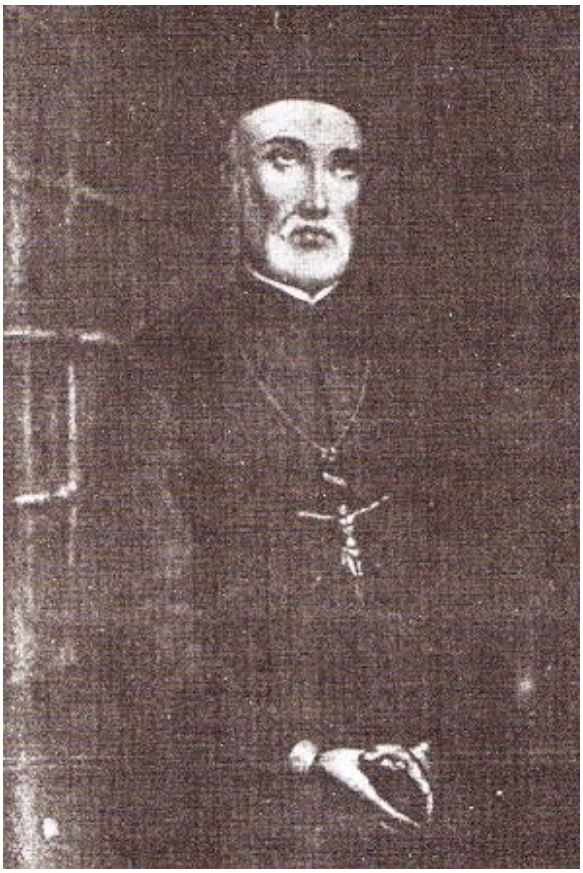
Diz que o primeiro presidente foi Eugênio Olimpio de Souza. Não conseguimos localizar o tal José de Souza, que, possivelmente poderia ser somente um “diretor de mesa”, ou seja, um dirigente capacitado para dirigir os trabalhos espíritas no tal dia, e não um dirigente da Federação em si. Também pode ter acontecido que Zélio de Moraes se enganou no nome do presidente da Federação, dizendo ser Zeca de Souza, e na realidade era o Sr. Eugênio Olimpio de Souza, pois, provavelmente esteve com esse senhor uma ou duas vezes, isso em 1908.

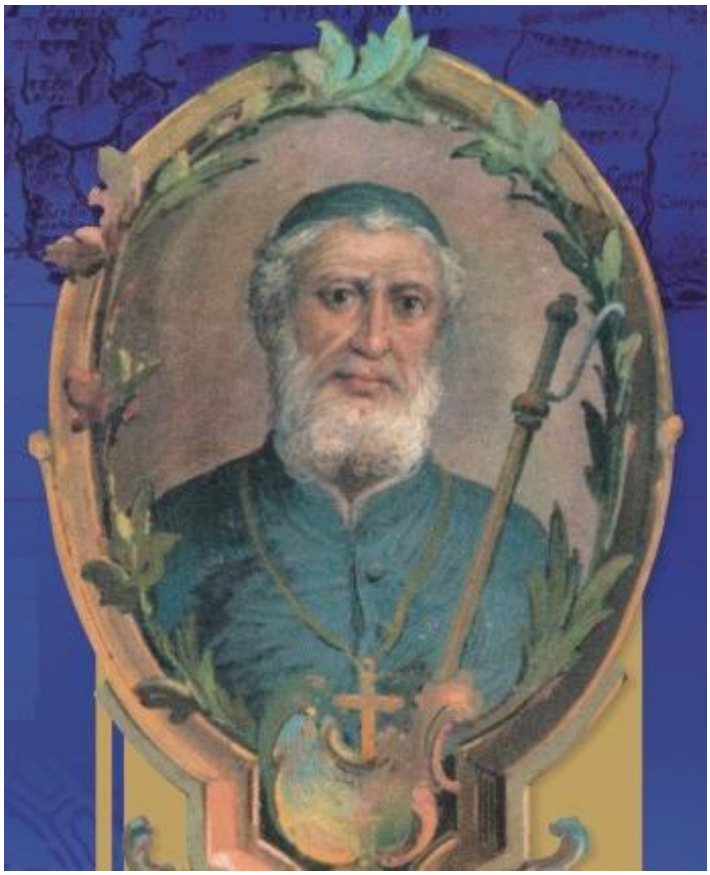
Diz que a Federação foi fundada em 1907, funcionando na Rua Conceição, 33, e pagando aluguel de 60 mil reis, então, não podia ser na sede do Grupo Espírita Santo Agostinho, que, em 1905 já existia e não podia ser na Rua Conceição, pois segundo o documento acima, o imóvel havia sido alugado para a FEERJ em 1907.

Portanto, pelo acima exposto, podemos dizer que a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas se deu na Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, e não na Federação Espírita de Niterói.

A manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas foi no Grupo Espírita Santo Agostinho, ou foi na própria FEERJ, já fundada, conforme informações acima? Podem restar certas dúvidas, mas, o importante e que ela efetivamente se deu, seja num ou noutro.

FREI GABRIEL MALAGRIDA – O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS





Vamos a um breve relato da vida de Frei Gabriel Malagrida – o Jesuíta:

Uma comprovação da existência do Frei Gabriel Malagrida pode ser feita no livro de Henrique José de Souza, Eubiose: A verdadeira Iniciação, 4ª ed. Rio de Janeiro: Associação Editorial Aquarius, 1978. Segundo Henrique José de Souza: "Gabriel Malagrida, ancião de 80 anos, foi queimado por Verdugos (Inquisição), em 1761" (págs. 250-251).

Existe, na Biblioteca de Amsterdã, uma cópia do seu famoso processo, traduzido da edição de Lisboa. Malagrida, com efeito, foi acusado de feitiçaria e de manter pacto com o Diabo, que lhe havia revelado o futuro.

A profecia comunicada pelo “inimigo do gênero humano” (quer dizer das profecias comunicadas aos Santos da Igreja, inclusive Santa Odila, que profetizou até a última guerra) ao pobre Jesuíta visionário está concebida nos seguintes termos: “O Réu confessou que o demônio, sob a forma da Virgem Maria, lhe tinha ordenado a escrever a vinda do Anti-Cristo; que havia de existir, a bem dizer, três anti-Cristos sucessivos, e que o último nasceria em Milão, da sacrílega união entre um frade e uma freira, etc.”. E por aí outras tantas coisas que o obrigaram a confessar.

No ano de 1689, as margens do rio Como, na Vila de Monagio, nascia um menino que recebeu o nome de Gabriel Malagrida (cujo nome significa: “As vozes harmoniosas de Deus”).

Desde cedo Gabriel demonstrou tendências místicas. Entrou para o seminário de Milão onde foi ordenado e professou na Companhia de Jesus em 1711. Gabriel desejava cumprir sua missão no Brasil, porém, Tamborini, o Geral da Companhia de Jesus, havia lhe reservado a cadeira de Humanidades no Colégio de Bastis, na Córsega.

Mais tarde conseguiu se transferir para Lisboa, em 1721, onde depois de algum tempo conseguia embarcar para o Maranhão, no Brasil.

Gabriel e o Brasil

Nessas terras, Gabriel pregou internando-se no sertão, enfrentando sérios perigos e vencendo com a fibra de quem se julgava destinado a cumprir uma missão superior no Planeta, uma missão de conquistar almas para o Céu. Apresentava evidentes sintomas mediúnicos ouvindo vozes misteriosas e chegou mesmo a pensar que operava milagres.

Em 1727 começou a árdua tarefa de catequizar os índios no Maranhão, conseguindo nessa mesma ocasião amansar a feroz tribo dos Barbassos. Fundou no Maranhão uma missão que teve grande desenvolvimento, sustentando uma peregrinação apostólica.

Foi em seguida, em 1730, para a Bahia e Rio de Janeiro onde continuou a pregar, alcançando grande ascendência sobre os índios. Apareceu então, convertido no apóstolo do Brasil.

Dizia que conversava com Deus e que lhe aparecia a Virgem Maria, e para completar seus feitos, descrevia os "milagres" que operava. Em 1749 partiu para Lisboa, onde foi recebido com fama de Santo por muitos fiéis. Nessa época Dom João V se encontrava muito doente e Gabriel, a seu pedido, o assistiu nos seus últimos momentos.

Em 1751 retornou ao Brasil onde ficou ate 1754, ano em que foi chamado a Lisboa pela Rainha Dona Mariana da Áustria. Encontrou no poder, Sebastião José, o terrível Marquês de Pombal, que não permitiu sua presença por muito tempo junto à Rainha. Por esse motivo, Gabriel se isolou durante algum tempo em Setúbal.

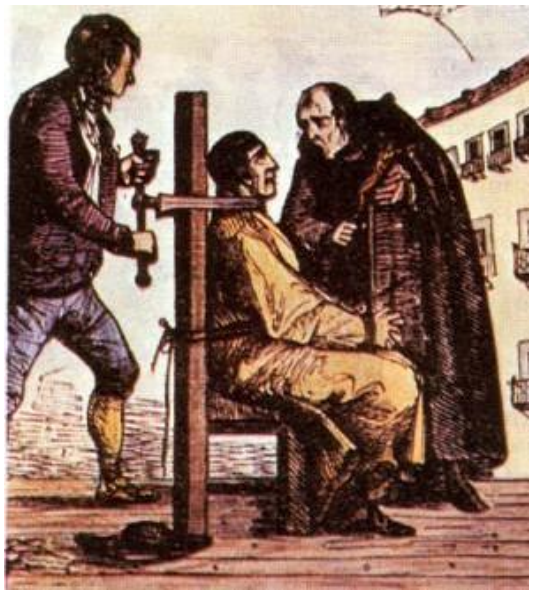
Gabriel e a Inquisição

No dia 1° de novembro de 1755, Lisboa foi destruída por um terremoto. Correu o boato que a catástrofe era castigo do Céu. Pombal mandou publicar um folheto escrito por um padre, explicando o fenômeno e as causas naturais que o determinaram.

Gabriel apareceu em público com um opúsculo, onde procurava corrigir o teor da publicação. Nesse opúsculo, Gabriel afirmava que o terremoto era verdadeiramente um castigo do Céu.

Pombal enfurecido mandou queimar o opúsculo e desterrou Gabriel para Setúbal. Em setembro de 1758, ocorreu um atentado contra a vida de Dom José. Algumas semanas antes, Gabriel havia escrito uma carta ameaçadora ao Marquês de Pombal.

Gabriel foi preso, em 11 de dezembro, como responsável pelo atentado e encarcerado nas prisões do Estado. Pombal vasculhou seus livros e nessa oportunidade lhe atribuiu passagens que pareciam pouco ortodoxas, e foi entregue a Inquisição. Gabriel foi condenado à pena de garrote e fogueira, sendo executado na Praça do Rossio em 21 de setembro de 1761.



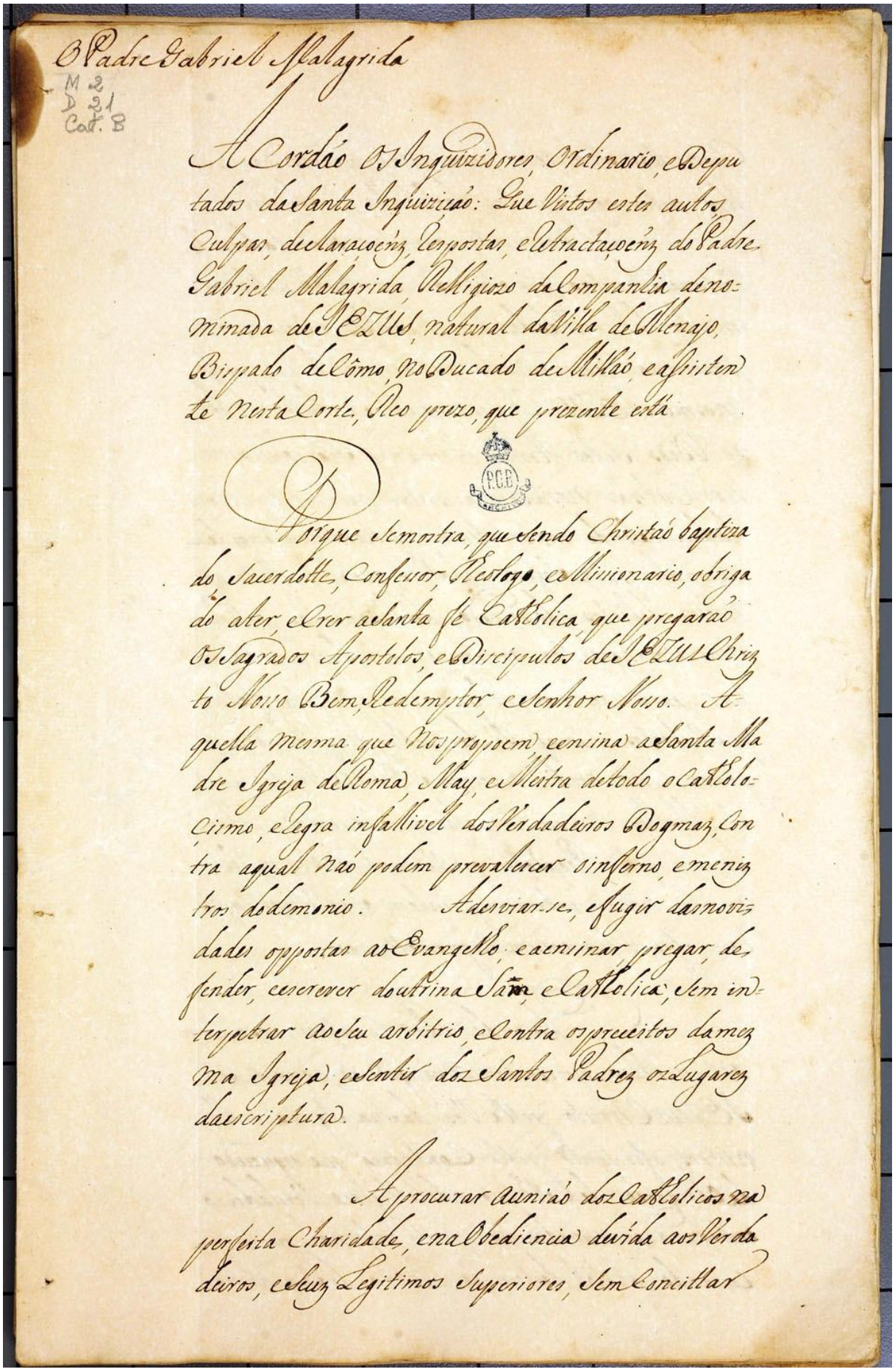
Suplício pelo garrote



Execução de Frei Gabriel na fogueira na Praça do Rossio

Depois deste fato, a Companhia de Jesus foi declarada ilegal. Todos as suas propriedades foram confiscadas e os jesuítas expulsos do território português, na Europa e no Ultramar.

Gabriel Malagrida reencarnou no Brasil (talvez para se refazer da árdua encarnação como jesuíta) se preparando para a importante missão que lhe estava reservada dentro do Movimento Umbandista no século XX, como Caboclo das Sete Encruzilhadas.



O Padre Gabriel Malagrida

M 2
D 21
Cat. 8

Acordão os Inquizidores, Ordinario, e Deputados da Santa Inquizição: Que vistos estes autos Culpas, declarações, respostas, e Extractações do Padre Gabriel Malagrida Religioso da Companhia denominada de JESUS, natural da Villa de Menajo, Bispado de Cômo, no Ducado de Milão, e assistente nesta Corte, Reo preso, que presente está

Porque se mostra, que sendo Christão baptizado Sacerdotte, Confessor, Theologo, e Missionario, obrigado ao saber, e crer a santa fé Catholica, que pregarão os Sagrados Apostolos, e Discipulos de JESUS Christo Nosso Bem, Redemptor, e Senhor Nosso. Aquella mesma que Nos propoem, ensina a Santa Madre Igreja de Roma, May, e Mestra de todo o Catholicismo, e Regra infallivel dos Verdadeiros Dogmas, contra aquall não podem prevalecer os inferno, e meninistros do demonio. Advertir-se, e fugir das novidades oppostas ao Evangelho, e ensinar pregar, defender, escrever doutrina Sãa, e Catholica, sem interpetrar ao seu arbitrio, e contra os preceitos da mesma Igreja, e sentir dos Santos Padres os Lugares da escriptura.

A procurar a uniaõ dos Catholicos na perfeita Charidade, e na Obediencia devida aos Verdadeiros, e seus Legitimos Superiores, sem conceitar

(Cópia do Acordão (Resolução (acordo) efetuado entre políticos para concretizar ou anular medidas que se encontram em votação, de maneira que os mesmos compartilham benefícios e/ou privilégios (entre si), sem que haja consideração ética) *, do arquivo de Diamantino Fernandes Trindade)*

A MÉDIUM VIDENTE REVELA UM PADRE JESUÍTA

Em 16 de novembro de 1919, o Caboclo das Sete Encruzilhadas revela ao seu médium Zélio de Moraes, uma das existências, na Itália pelo ano de 1689, como padre jesuíta; confirmando a vidência da médium quando de sua primeira manifestação, em 15 de novembro de 1908, na sede da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói:

–"Fui padre jesuíta italiano. Nasci na Vila de Menaggio, nas margens do Como em 1689 e morri em Lisboa no ano de 1761. Desde criança que mostrei manifestar tendências para o mais exagerado misticismo. Tendo completado na Itália (Milão) os estudos teológicos, professei na Companhia de Jesus (1711).

Quis vir para o Novo Mundo missionar, mas o General da Companhia Tamborini opôs-se ao meu desejo, reservando-me o lugar de professor de humanidade no Colégio de Bastis, na Córsega. Decidi, porém, realizar o meu projeto, conseguindo, mais tarde, partir para Lisboa, em 1721, de onde embarquei para o Maranhão. Por essas terras distantes andei pregando. Internei-me no sertão, afrontando os mais extraordinários perigos e vencendo-os com a intrepidez de um homem que se julga destinado a cumprir na Terra uma missão superior. Julgando-me escolhido para conquistar almas para o Céu, ouvia vozes misteriosas, que me incentivavam a prosseguir na minha cruzada. Cheguei a persuadir-me que fazia milagres.

Por obediência às ordens que me foram transmitidas, voltei ao Maranhão, em 1727, para catequizar os índios; sendo essa ocasião que consegui amansar a feroz tribo dos Barbassos, fundando uma missão que teve grande desenvolvimento.

Voltando ao Maranhão, em 1730, sustentei uma espécie de peregrinação apostólica. Fui à Bahia e ao Rio de Janeiro e, meti-me no mato a pregar. Tal predomínio alcancei sobre os índios e de tal modo me insinuei no espírito dos crentes, que em pouco tempo tinha sobre eles uma absoluta ascendência. Apareci convertido no apóstolo do Brasil. Diziam que falava com Deus, que me aparecia a Virgem Santíssima, que conversava com os Santos e para completar os meus prodígios, citava os milagres que operava. Com esta forma de santidade, parti para a Europa, em 1749. Após trabalhosa viagem, cheguei a Lisboa.

De todos os lados acudiram os fiéis a venerar-me. D. João V, que já se achava no último extremo, acolheu-me com verdadeiro júbilo; teve uma valiosa intercessão minha. Quando D. João V agonizava, fui eu quem o assistiu em sua hora final.

Em 1751, voltei ao Brasil e por aqui me demorei até 1754, ano em que cheguei a Lisboa, a chamado da Rainha viúva, D. Mariana da Áustria. Desta vez, encontrei no poder Sebastião José. O Ministro não permitiu que eu me conservasse muito tempo junto a Rainha enferma e, foi por esses e outros motivos que me ausentei para Setúbal, para não sofrer a presença do Ministro. Por seu lado, Pombal deixou-me em paz, mas os acontecimentos vieram pôr-me em foco e atirar-me para ruína total.

Arrasada Lisboa pelo terremoto, espalhou-se que a enorme catástrofe fora um castigo do Céu. Para contrariar estas informações, mandou o Ministro compor e publicar um folheto escrito por um padre, explicando o fenômeno e as causas naturais que o determinaram. Apareci em público com um opúsculo: "Juízo da Verdadeira Causa do Terremoto", que padeceu a Corte de Lisboa no dia 1º de novembro de 1755.

Nesse opúsculo, procurei retificar o que se lia no folheto que Pombal mandou distribuir, asseverando que o terremoto fora efetivamente um castigo do Céu. Pombal, irritado, limitou-se a mandar queimar o opúsculo e a desterrar-me para Setúbal.

Chega o ano de 1758 e, no mês de setembro, ocorreu o atentado contra a vida de D. José e eu, que antes tinha uma carta ameaçadora ao Primeiro-Ministro, fui preso, em 11 de dezembro, e transferido para o Colégio da sua Ordem em Lisboa, considerado réu dessa majestade e encerrado nas prisões do Estado em 11 de janeiro de 1759. Pombal, que já tinha posto os jesuítas fora do reino, achou que a ocasião era excelente para exaltar a campanha com conceito popular e, eu seria a vítima.

Rebuscaram os meus livros e nesta oportunidade me atribuíram passagens que pudessem parecer pouco ortodoxas e, entregue à Inquisição, fui condenado à pena de garrote e da fogueira. Sentença executada na Praça do Rossio, em Lisboa, a 21 de setembro de 1761. Meu nome: Frei Gabriel Malagrida.

Frei Gabriel Malagrida, após anos de contato amistoso e amigável com os indigenas no Brasil, efetuando um trabalho explêndido de evangelização, respeitando a religiosidade dos indígenas, posteriormente, voltou ao pais que amou, o Brasil, encarnado como um silvicola. Será que tudo isso foi a toa: Coincidencia?

Em época, com certeza, já estava sendo traçada a formação da Umbanda. Um indio brasileiro (Sete Encruzilhadas), com formação concreta calcada no Evangelho Redentor (foi padre numa vida anterior, especializado em catequização), conseguiu arrebanhar e instruir, tanto indios como ex-escravos, já em Aruanda, para trabalhos caritativos no que seria a Umbanda. O plano espiritual superior é sábio.

Portanto, não e pelo fato do Caboclo das Sete Encruzilhadas ter sido um frei em vida anterior, que influenciou a Umbanda com noções e doutrinas católicas, mas sim, normatizou-a com conceitos verdadeiros, trazendo para a Umbanda o Evangelho Redentor, o respeitabilissimo Pentatêuco Kardequiano, os ensinamentos crísticos, a razão, o que é bom e certo, rejeitando o que é mal e supérfluo.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas, a exemplo de quando esteve encarnado como Frei Gabriel Malagrida, continuou, como Guia Espiritual, a missão na área caritativa e de orientação, agora através dos Guias Espirituais da Umbanda, oferecendo a ciência da vida para todos nós.

QUEM SÃO OS JESUITAS?

Os jesuítas são padres da Igreja Católica que fazem parte da Companhia de Jesus. Esta ordem religiosa foi fundada em 1534 por Íñigo López, mais tade conhecido como Inácio de Loyola.



Filho mais novo de um nobre basco de antiga família, nasceu no Castelo de Loyola, perto de Azpeitia, no País Basco. Quando jovem, foi soldado e lutou no cerco de Pamplona pelos franceses, em 1521, sendo gravemente ferido em combate (uma bala de canhão quebrou-lhe as duas pernas). Em sua longa convalescença, leu muito sobre a vida de Cristo e dos Santos e, finalmente, resolveu dedicar sua vida a serviço de Deus. Após um ano de retiro na Catalunha, fez uma peregrinação a Jerusalém. De 1524 a 1534, consagrou-se aos estudos e graduou-se mestre em letras pela Universidade de Paris. Nessa cidade, desenvolvia um trabalho evangélico junto ao povo e, como era leigo, despertou suspeitas entre as autoridades da Igreja. De qualquer forma, agrupou ao seu redor sete estudantes (entre os quais o futuro São Francisco Xavier) com o intuito de catequizar os muçulmanos na Palestina. Diante da impossibilidade da missão o grupo, agora com dez integrantes, apresentou-se ao papa Paulo III e colocou-se a sua disposição para quaisquer fins.

Assim fundou-se a Companhia de Jesus, em 1540, quando Paulo III deu à associação o título de ordem religiosa, da qual Inácio, padre desde 1537, foi o primeiro superior-geral, atribuindo-lhe como objetivo a reconquista católica em regiões protestantes. De fato, os jesuítas constituíram a linha de frente da contra-reforma a serviço do papado

– ao qual prestavam um voto especial de obediência. A educação foi considerada por Inácio de Loyola o principal instrumento de reconquista dos protestantes e de catequização dos gentios. Assim, os jesuítas fundaram missões, retiros, colégios e universidades. Seu papel na colonização do Brasil, por exemplo, merece destaque, em especial pela contribuição dos padres José de Anchieta, Manoel da Nóbrega, Antônio Vieira e Gabriel Malagrida. Inácio de Loyola modelou a espiritualidade elevada e dinâmica de seus religiosos a partir de seu livro "Exercícios Espirituais", um clássico da literatura espiritual muito difundido ainda nos dias de hoje, graças aos muitos retiros pregados e dirigidos pelos jesuítas. Foi canonizado em 1622
A Companhia de Jesus foi criada logo após a Reforma Protestante (século XVI), como uma forma de barrar o avanço do protestantismo no mundo. Portanto, esta ordem religiosa foi criada no contexto da Contra-Reforma Católica. Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil no ano de 1549, com a expedição de Tomé de Souza.

Objetivos dos jesuítas:

- Levar o catolicismo para as regiões recém-descobertas, no século XVI, principalmente às Américas;
- Catequizar os índios, transmitindo-lhes as línguas portuguesa e espanhola, os costumes europeus e a religião católica;
- Difundir o catolicismo na Índia, China e África, evitando o avanço do protestantismo nestas regiões;
- Construir e desenvolver escolas católicas em diversas regiões do mundo.

Tivemos alguns Espíritos encarnados no Brasil, como jesuítas, que tiveram grande ascendencia na formação espiritual do nosso país. Frei Gabriel Malagrida (Umbanda), Padre José de Anchieta/Frei Fabiano de Cristo (Kardecismo) e Padre Manoel da Nóbrega (Kardecismo). Coincidência existirem três Espíritos reencarnados em terras brasileiras, todos jesuítas, que influenciaram decisivamente a religiosidade de milhares de pessoas???

Só por curiosidade:

Alguns Espíritos atuaram desde o início da história no Brasil, para que pudesse tornar-se um celeiro de onde o Evangelho Redentor irradiar-se-ia por toda a parte. Estavam encarnados os Espíritos de Frei Gabriel Malagrida (cuja história já contamos acima), Padre Manoel da Nóbrega, e o Padre José de Anchieta, e todos eles tiveram presença decisiva na evolução das idéias sociais e humanas em nossa terra.

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA



O Padre José de Anchieta foi um dos que impediram a implantação de tribunais inquisitoriais no país, rejeitando qualquer atitude discriminatória ou de perseguição. A instalação da absurda inquisição criaria aqui, sem dúvida, muitos miasmas e matrizes na contabilidade reencarnatória dos paulistanos e brasileiros, criando embaraços para seu desenvolvimento cultural e humano.

O Padre Anchieta representou uma presença marcante na história da cidade desde seu início. Lingüista, dramaturgo, prosador e poeta, considerado o pai da literatura brasileira, constituindo praticamente o Quinhentismo no país, sendo um dos fundadores, juntamente com o Padre Manoel da Nóbrega, do famoso Real Collegio de São Paulo.

O ambiente era muito primitivo, sendo necessário muito desprendimento e abnegação para enfrentar o cotidiano da época. Foi um grande defensor e protetor dos índios Guaranis.

O PADRE JOSÉ DE ANCHIETA REENCARNOU COMO FREI FABIANO DE CRISTO



O Frei Fabiano de Cristo (1676-1747) nasceu em Aldeia Soengas/Portugal, registrado com o nome de João Barbosa.

Ouvindo falar das minas de ouro e outros metais preciosos no Brasil, o jovem João se entusiasmou em vir conhecer o país, o que ocorreu em início do século 18. Seguiu para a Vila de Parati, na enseada de Angra dos Reis, onde passou a fazer a Carreira das Minas, percorrendo as cidades do atual Vale do Paraíba.

Algo faltava em João Barbosa, como um ardor religioso latejava em seu coração e, em 1704, se desfez de todos os bens e foi para o Rio de Janeiro, no Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro, pleitear seu ingresso na Ordem, sendo-lhe dado o nome de Fabiano. Começaram as manifestações de erisipela crônica, que muito fizeram sofrer Fabiano. Era por todos admirado, por sua simplicidade, paciência, humildade, sempre se aprestando ao trabalho, na caridade junto aos sofredores.

Frei Fabiano, como Espírito, inspirou a criação de uma das mais notáveis instituições espíritas de Assistência Social do país, que atende na Capital mais de duas mil famílias. O ensino continua a ser um compromisso de Frei Fabiano/Anchieta.

Este Espírito, que acompanhou o trabalho da Casa Transitória desde o início, oficializou sua presença na própria designação da instituição e ainda tem inspirado muitas outras instituições espíritas espalhadas por todo o Brasil.

O ESPÍRITO FABIANO DE CRISTO TRABALHANDO PELA ASSISTÊNCIA SOCIAL ESPÍRITA

Fabiano de Cristo é um nome que está estritamente vinculado às iniciativas de várias instituições espíritas que prestam trabalho de assistência social. A CAPEMI (Caixa de Pecúlio dos Militares), fundada pelo espírita Sr. Jaime Rollemberg (1913-1978), também criou o Lar Fabiano de Cristo e várias casas de amparo aos carentes em vários Estados do Brasil (do Amazonas ao Rio Grande do Sul), socorrendo os menos favorecidos pela sorte.

PADRE MANOEL DA NÓBREGA

Manuel da Nóbrega (1517-1570) nasceu em Minho/Portugal e chegou ao Brasil em 1549. Exerceu importantes papéis na atividade colonizadora, destacando-se a defesa da liberdade dos índios, criação de aldeias; cultivou a

música na evangelização; promoveu o ensino das primeiras letras nas escolas: ler e escrever; fundou colégios em Salvador, Pernambuco, São Paulo e no Rio de Janeiro.

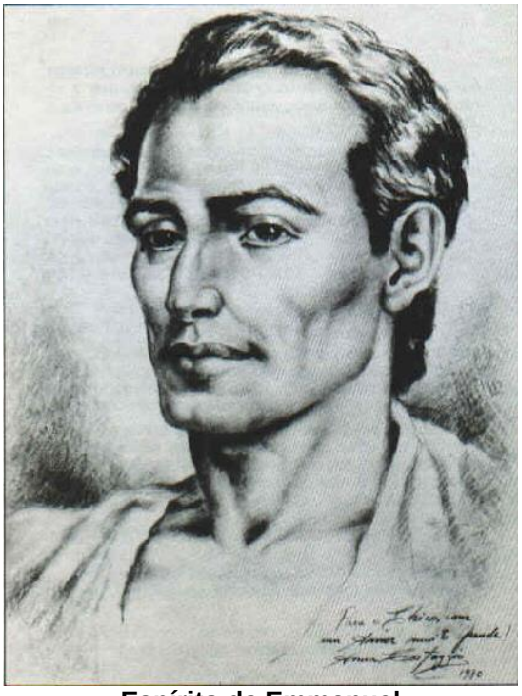
O Padre Manuel da Nóbrega, como homem de fé, pronunciou como últimas palavras antes de morrer: *Eu vos dou graças, meu Deus, Fortaleza minha, Refúgio meu, que marcastes de antemão este dia para a minha morte, e me destes a perseverança na minha religião até esta hora*.



O PADRE MANOEL DA NÓBREGA PARTICIPOU DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA COMO EMMANUEL

O Espírito Manuel da Nóbrega, que se manifesta espiritualmente como Emmanuel, ditou mensagem na Codificação Espírita, que consta em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. XI, 11, intitulada *O egoísmo* (Paris, 1861), como um obstáculo ao progresso.

EM ENCARNAÇÃO ANTERIOR, O PADRE MANOEL DA NÓBREGA TERIA SIDO O SENADOR ROMANO PÚBLIUS LÊNTULUS, CONHECIDO POR NÓS COMO O ESPÍRITO DE EMMANUEL



Espírito de Emmanuel

O Espírito Emmanuel começou a manifestar-se ao médium Chico Xavier em 1927, orientando-o e conduzindo-o no roteiro cristão à luz da Doutrina Espírita. Através de Chico Xavier ditou mais de cento e quinze livros (nove em parceria com outros Espíritos), obras essas que totalizaram mais de sete milhões de exemplares.

HISTÓRIA DA ENCARNAÇÃO NO BRASIL DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS



Nota do autor: achamos esse relato interessante, mas, por falta total de comprovação histórica documental e testemunhal, tachamo-la de "estória". Por curiosidade, vamos disponibilizá-lo:

Esta história chegou até nós, da T.E.F.L. (Tenda Espírita Fraternidade da Luz – fundada em 08 de Abril de 1948, por Henrique Landi Júnior), há muitos anos através de uma entidade – um Caboclo de Oxossi – enviado do Caboclo das Sete Encruzilhadas, cujo médium não temos informação se ainda está encarnado. Resolvemos passar este relato, para a forma escrita, para que não se perca na bruma do tempo e da nossa memória.

Ao que se tem informação, é que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, é um Espírito muito antigo, já encarnado ao tempo da vinda do Mestre Jesus à Terra e que na roda de suas encarnações, jamais apareceu no nível em que trabalham os nossos "compadres" Exus, como alguns, face à semelhança de nomes, tentam explicar.

Ao tempo do Brasil Colônia, mais precisamente no Estado do Rio de Janeiro, em uma localidade às margens do Rio Paraíba do Sul, chamada hoje de Barra do Piraí. Precisamente neste local, o rio atingia uma grande largura e o seu leito tomava um aspecto sinuoso, ali existia uma fazenda de diversas culturas, entre as quais e em maior escala, a do café e da cana-de-açúcar. Tal propriedade era administrada por uma família portuguesa, que ao contrário de outras existentes nas proximidades, ali não era exigido o braço escravo. Os negros que lá trabalhavam, recebiam além da casa e alimentação, uma remuneração em moeda, por isso era a propriedade mais próspera do local, isto graças à forma de administração adotada por seus proprietários. Próximo dali vivia uma tribo de índios da Nação Tupi-Guarani, com os quais, os fazendeiros mantinham um excelente relacionamento.

O Chefe da tribo era moço e possuía uma razoável cultura, pois fora alfabetizado na Capital, apaixonou-se por uma das filhas do fazendeiro, que correspondeu ao seu afeto vindo a casar-se com ele, contrariando os costumes de ambas as comunidades.

Após a união, ela engravidou, tendo que viajar a Capital do Rio de Janeiro para tratamento médico, demorou-se algum tempo e ao regressar recebeu uma horrível notícia: que um grupo de índios estranhos na localidade, de surpresa, tentaram invadir a fazenda para saqueá-la, os fazendeiros pediram socorro e os guerreiros Tupi-Guarani, vieram, mas não puderam impedir que os pais da moça e seus irmãos fossem mortos. Na batalha, o

chefe Tupi-Guarani, seu marido, ficou gravemente ferido, vindo também a falecer em consequência. Ao todo, sete pessoas foram assassinadas pela tribo invasora.
E todos foram sepultados, em uma ilha situada no Rio Paraíba do Sul, dentro da fazenda. E a moça grávida, única remanescente da família de fazendeiros, ia todas as tardes rezar na ilha, junto às sete cruzes que demarcavam os locais onde seus pais, irmãos e esposo foram sepultados.

Porém, em uma dessas tardes, em que rezava junto ao túmulo do esposo, sentiu-se em trabalho de parto e ali mesmo deu à luz a um menino, seu filho com o chefe Tupi-Guarani, cujo corpo estava naquele local sepultado. O menino cresceu cercado do imenso carinho de sua mãe e recebeu ensinamento proveniente de duas culturas: a cristã adotada por sua mãe e a outra orientada pelo Pajé da tribo de seu pai. Estudou na Capital do Estado e posteriormente na Corte, recebendo instrução superior de Direito.

Como advogado teve intensa atividade profissional em defesa de escravos nos Tribunais do Rio de Janeiro, que eram acusados de crimes pelos senhores escravagistas.

Na qualidade de chefe de sua comunidade indígena, disfarçadamente, invadia as fazendas de regime escravo, libertando os cativos e colocando-os em local seguro. Na verdade, ninguém conseguia identificar o chefe que comandava o grupo indígena libertador de escravos, ora ele se apresentava com o aspecto físico de indivíduo alto, ora baixo, às vezes gordo e outras vezes magro, cada ataque era comandado por uma pessoa diferente e assim ele conseguia se manter no anonimato, consequente a dupla personalidade.

O seu verdadeiro nome era Caboclo das Sete Cruzes Ilhadas, por ter nascido no local onde existiam sete cruzes em uma ilha, porém o povo por corruptela o chamava de Caboclo das Sete Encruzilhadas, nome que ele adotou humildemente, até mesmo em sua vida espiritual. Tal nome ficou fixado pelo povo escravo, que o adorava, e quando o grupo surgia na estrada eles cantavam uma toada que tinha a seguinte letra:

> “Lá vem, lá vem, bem longe na estrada. Lá vem, lá vem, o Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

Após ter desencarnado, voltou através da mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes, em novembro de 1908, como Espírito mensageiro, colocando as bases da Umbanda, no Rio de Janeiro.

(Henrique Landi – G.E.E.H.L. Jr da Tenda Espírita Fraternidade da Luz)

FOTOS GERAIS DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE, EM BOCA DO MATO – CACHOEIRA DE MACACÚ



Cabana do Pai Antônio, sede da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, atualmente



Zilméia de Moraes abrindo os trabalhos de caridade



Zilméia de Moraes abrindo os Trabalhos de Caridade



Zilméia de Moraes manifestada com a Preta-Velha Vó Tiana



Zilméia manifestada com o Caboclo Branca Lua firmando a Mesa de Umbanda



Zélia manifestada com o Caboclo Sete Flechas, firmando a Mesa de Umbanda



Zélia manifestada com o Caboclo Sete Flechas firmando a Mesa de Umbanda



Caboclo Sete Flechas (mãe Zélia), Caboclo Branca Lua (mãe Zilméia) firmando a Mesa de Umbanda



Médium cumprimentando a Mesa de Umbanda na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade



Médium firmando a Mesa de Umbanda na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade



Mãe Ziméia e médiuns da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

Fotos antigas de médiuns da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade:



Mãe Zilméia de Moraes com a Preta-Velha Tiana



Médiuns da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade



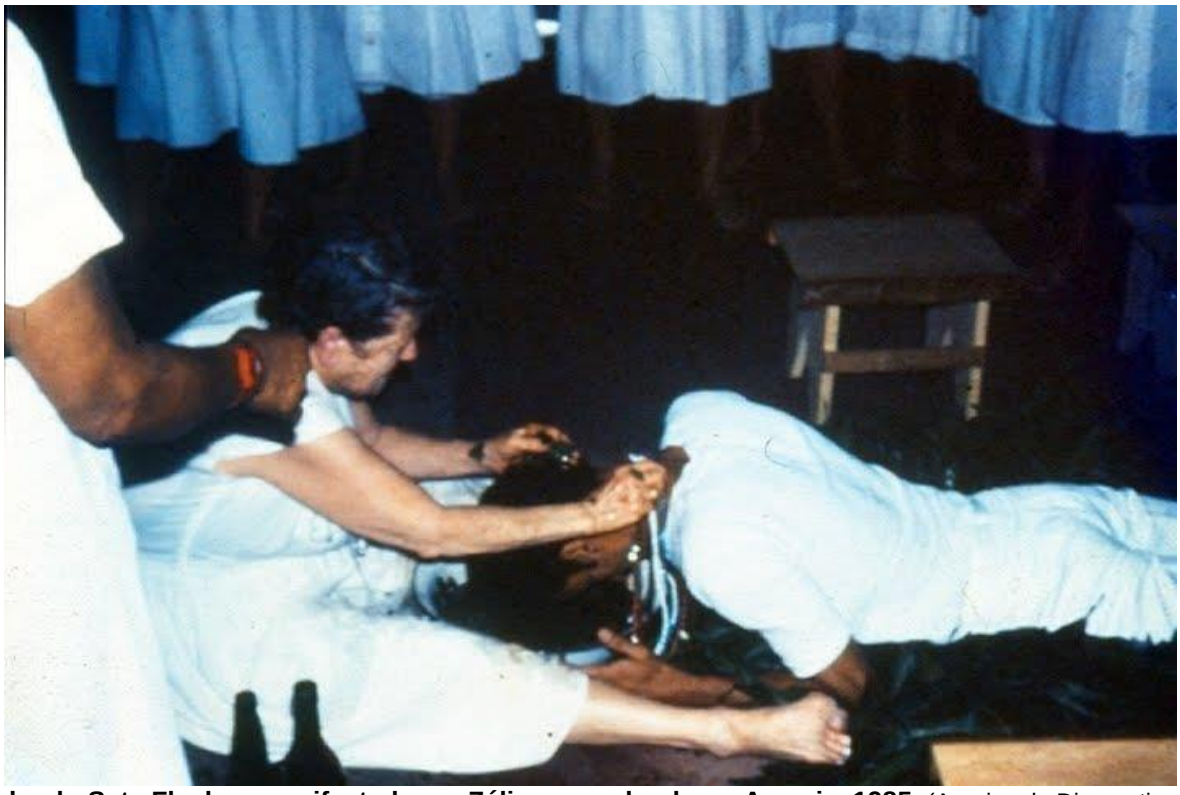
Assistido recebendo passe de um Caboclo na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – 1990 (Arquivo de Diamantino F. Trindade)



Atendimento Fraterno com Pretos-Velhos na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade – 1990 (Arquivo de Diamantino F. Trindade)



Vó Tiana manifestada em Zélia de Moraes, atendendo – 1990 (Arquivo de Diamantino F. Trindade)



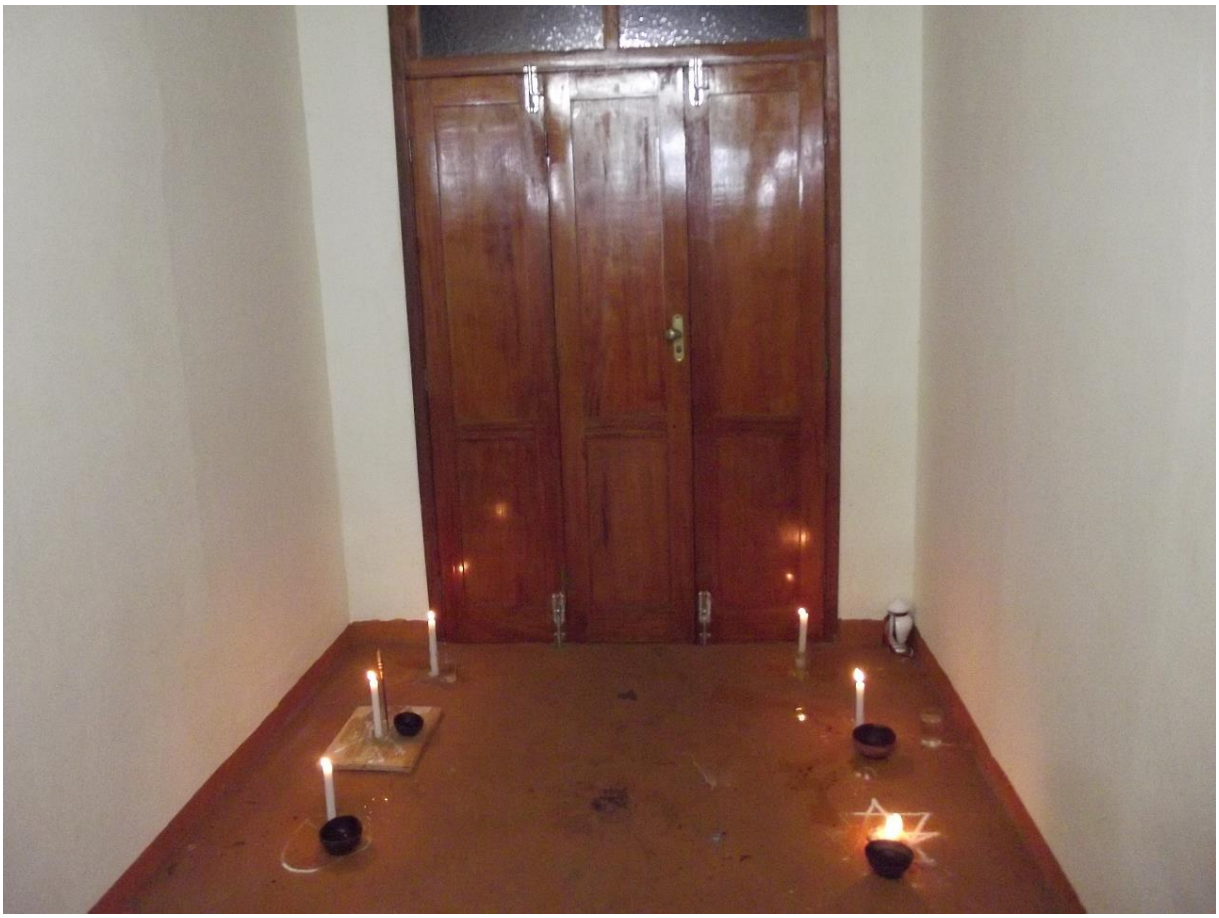
Caboclo Sete Flechas manifestado em Zélia, procedendo ao Amaci – 1985 (Arquivo de Diamantino F. Trindade)

Fotos atuais (2013) da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade em Cachoeira de Macacú:



Foto panorâmica da Tenda



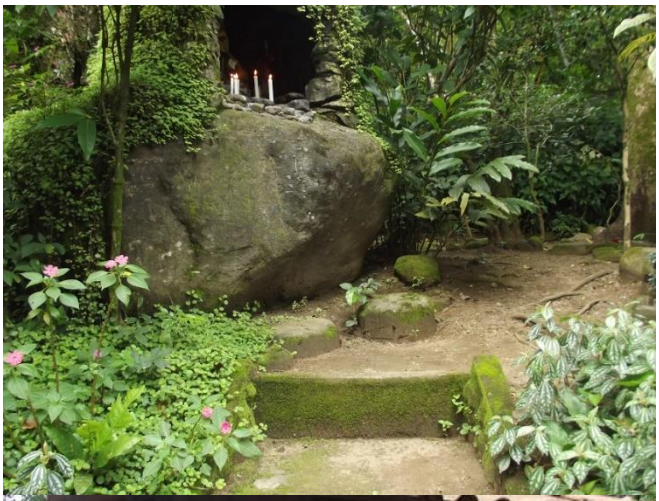


Fimeza da “Linha de Santo”, na porta de entrada



Descarregos e atendimentos fraternos sendo efetuados

Fotos externas da Cabana de Pai Antônio, que fica em meio a Natureza:










Em São Gonçalo/RJ, no bairro Camarões, existe a Rua Zélio de Moraes.

Zélio de Moraes, fundador da Umbanda é homenageado com nome de rua, em Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro/RJ

O Prefeito César Maia do Rio de Janeiro atendeu à proposta do vereador Átila Nunes, dando o nome de uma Rua no bairro de Santa Cruz ao anunciador da Umbanda, Zélio de Moraes, o médium do Caboclo das 7 Encruzilhadas.

Segundo César Maia, “a homenagem não é apenas ao fundador dos princípios da Umbanda no Brasil, mas como também uma homenagem ao centenário dessa religião”.

Para o Prefeito carioca, a proposta do vereador Átila Nunes vai ao encontro de milhões de brasileiros que professam a Umbanda, incluindo os cariocas.

O decreto do prefeito César Maia dando o nome de Zélio de Moraes a uma rua do município, foi publicado no diário oficial do Rio de Janeiro no último dia 21 de agosto.

Art. 1.º: Fica reconhecido como logradouro público da Cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o PAA 8161/PAL 25028, aprovado em 23/06/1964, e tendo em vista o Decreto n.º 5.625, de 27 de dezembro de 1985, com denominação oficial aprovada de “RUA ZÉLIO DE MORAES”, o logradouro antes conhecido como Rua P, que começa na Avenida Roberto Moura, lado par, 140 metros depois da Rua Agaí e termina na Rua Agaí, com 398 metros de extensão.

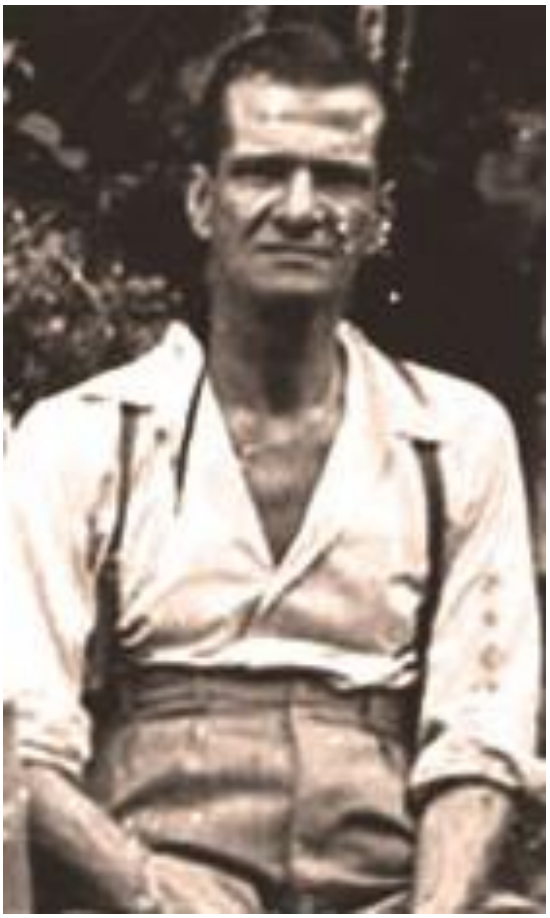
Art. 2.º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2008 — 444.º ano da Fundação da Cidade

ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES



67 ANOS DE TRABALHO MEDIÚNICO ININTERRUPTO NA UMBANDA









"Zélio de Moraes foi um médium exemplar e com o Caboclo das Sete Encruzilhadas se conjugaram numa brilhante missão. Foram vanguardeiros ostensivos que plantaram as primeiras sementes da reação e do protesto doutrinário, contra as práticas fetichistas das matanças e dos sacrifícios a divindades,... etc." (palavras de W. W. da Matta e Silva).



Zélio Fernandino de Moraes e sua esposa Maria Isabel de Moraes (médium do Caboclo Roxo)
Arquivo particular de Diamantino Fernandes Trindade

Zélio de Moraes casou-se muito cedo com Maria Izabel de Moraes. Tiveram quatro filhos, sendo eles Zélio Morse de Mores, Zélia de Moraes, Zarcy Morse de Moraes e Zilméia de Moraes. Somente suas filhas, Zélia e Zilméia seguiram o mediunato na Umbanda.

Zarcy Morse de Moraes seguiu a carreira futebolística, jogando profissionalmente no Botafoto FC, e segundo seus familiares, posteriormente, no Societa Sportiva Palestra Itália em São Paulo:

O IMPARCIAL

5.ª-feira, 29-9-1938

ZARCY E NELSINHO
Vão assumir sérios compromissos

Zarcy Morse Moraes, adextrado jogador do Botafogo F. C. consorcia-se, hoje, com a senhorita Liége Briggs.

Os actos civil e religioso serão realizados em Nictheroy.

Tambem o jogador Nelson de Assis, do Bomsuccesso, casa-se, hoje, com a senhorinha Margarida Vieira Riso.



Altar particular de Zélio de Moraes

MENSAGEM DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS – SER ESPÍRITA

"Ser Espírita é ser clemente, É ter alma de crente, Sempre voltada para o bem! É ensinar ao que erra, Entre os atrasos da Terra, Não fazer mal a ninguém. É sempre ter por divisa, Tudo o que é nobre e suaviza, O pranto, a dor, a aflição. É fazendo a caridade, Evitar a orfandade, O abismo da perdição. Em Deus, sempre ter crença Profunda, sincera e imensa, Consubstanciada na fé. É guardar bem na memória, Os bons conselhos e as glórias, De Jesus de Nazareth.	É perdoar a Injúria, De quem já não tem um pão. É se tornar complacente, Para o inimigo insolente, Tendo por lema o perdão! Ser Espírita é ser clemente, É ter a alma de crente, Sempre voltada para o bem! É ensinar ao que erra, Entre os atrasos da Terra, Não falar mal de ninguém". *(20 Jan 1933 – Caboclo das Sete Encruzilhadas através do seu médium: Zélio de Moraes)*

MENSAGEM DE ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES

O conteúdo de nossas mentes é o que trazemos ao mundo que nos cerca, ao mundo de cada um, e que nos acompanha. Agora, mais do que nunca, eu compreendo a palavra de Cristo: *"Bem-aventurados os puros de coração"*. Sim, verdadeiramente felizes são os que não enxergam tristezas, os que não prejudicam a ninguém com seu julgamento. Esses são felizes.
Nós outros, que queremos seguir outras trilhas: a da justiça com as próprias mãos; a do julgamento segundo nossa própria bitola da vida; a justiça segundo nossas verdades. Nós nos deparamos com o reflexo de tudo isso num grande espelho onde se refletem nossas ansiedades injustificadas, que reduzem a vitalidade do corpo e aprisiona o Espírito.

A vida após a morte não deveria ser espetáculo de surpresas para quem trabalhou anos a fio na mediunidade. Servindo de ponte entre Espíritos e homens, passamos grande parte fazendo, e pouco tempo pensando, aproveitando os ensinamentos e conversando com aqueles que estão ao nosso lado em silêncio, mas que não muitas vezes detentores de muitas verdades – não as "nossas" verdades, mas ensinamentos que devem ser compartilhados.

Até hoje não me pediam a palavra. Respeitei o não pedido. Mas agora que o fazem, deixem-me alertá-los: Conversem mais entre vocês – umbandistas, espíritas, cristãos. Vivam mais em alegria de confraternização e não em disputa de quem é maior, ou melhor. Aos olhos de Deus somos filhos iguais. Fazem-nos constantemente vingadores de uma causa que não é mais justa: nosso amor-próprio ferido. Temos que ser tão superiores de modo a que o nosso amor amorteça as pedradas, e retornemos ao ofensor amando.

É necessário aprender na escola da vida, sabendo humildemente absorver problemas, transformando-os em exemplos edificantes de resgates de dívidas.

Meus filhos; que eu poderia dizer-lhes mais do que se amem e se compreendam, para que a par de toda a cultura espiritualista de que são detentores, não lhes sejam cobrados minutos de atenção e gentileza ao amigo ou à criança que sofre. Deus seja louvado. Que adianta trabalhar 20 anos se em um minuto nos negarmos a calar e escutar com carinho e paciência aqueles que nos procuram, por certo com carência, por necessidade de amor?

Abraços do sempre amigo, Zélio de Moraes.

(Zélio de Moraes – FUGABC – Federação Umbandista do Grande ABC – revista: "Mensagens e Orações de Umbanda" – Editora Modus – nº 01)

Em 1967, após 59 anos de atividade junto a Tenda Nossa Senhora da Piedade, Zélio entregou a direção dos trabalhos às suas filhas Zélia (Falecida em 2001) e Zilméia (falecida em 2010) e passou a viver em "Boca do Mato" (localidade do Município de Cachoeiras de Macacú, a 160 quilômetros do Rio de Janeiro) ao lado de sua esposa Dona Isabel (falecida em 1981), médium do Caboclo Roxo. Nesse recanto, privilegiado da Natureza, continuou a atender os necessitados do corpo e da alma, na "Cabana de Pai Antônio".

Ronaldo Linares, presidente da Federação Umbandista do Grande ABC, em época, gravou uma mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas, através de seu aparelho:

"Meus irmãos: sejam humildes. Tragam amor no coração para que vossa mediunidade possa receber Espíritos superiores, sempre afinados com as virtudes que Jesus pregou na Terra, para que as necessidades possam encontrar socorro nas nossas casas de caridade. Aceitem meu voto de paz, saúde e felicidade com amor".

A última mensagem de Zélio de Moraes é de 1973 e foi transmitida através de Ronaldo Antônio Linares pela Rádio Cacique de São Caetano do Sul. Era assim:

"Umbandistas de São Paulo. A vocês todos eu desejo muita paz e felicidade. Há muita gente em São Paulo que me conhece, pois por aí passei muitas vezes, curando doentes com rezas e preces. Com a fé que tenho muita gente ficou curada. Por isso, a esses irmãos de São Paulo, aos umbandistas que praticam a Umbanda sem pensar na vil moeda, no dinheiro, o meu abraço fraternal.

O dinheiro estraga os homens e as mulheres. A vocês umbandistas sinceros, eu desejo muitas felicidades. Que Jesus irradie as vossas casas e os vossos corações.

Que Jesus permita que as falanges do bem, que assistem a Umbanda de humildade, amor e caridade pura, a Umbanda criada pelo Caboclo das Sete encruzilhadas, que é uma corrente poderosa, possa levar a cada lar uma

centelha de luz, retirando de vossas casas os Espíritos que estejam nas trevas, para que todos os enfermos sejam curados.

Desejo a vocês paulistas, paz, saúde e felicidade.

Salve a nossa Umbanda de humildade, amor e caridade".

Ao terminar sua missão entre nós, Zélio desencarnou em 03 de Outubro de 1975, aos 84 anos; contava 67 anos dedicados às atividades mediúnicas ininterruptas, pois até quase às vésperas de sua "morte", continuava atendendo aos necessitados, realizando curas, dando provas constantes de sua clarividência.
Enfermo, deixara o sítio de Boca do Mato e permanecia na casa das Neves, em tratamento. No dia 30 de setembro, dizia ele ao genro, Dr. Júlio de Oliveira Castro, que o visitava diariamente:

- Só mais três dias e estarei bom.

Realmente, três dias depois Zélio passava à vida espiritual.

Durante toda vida lutou por uma Umbanda pura, simples, honesta, não corrompida pelo dinheiro, com médiuns "dando de graça o que de graça estavam recebendo de Deus".

Zélio Fernandino de Moraes dedicou 67 anos ininterruptos, ilibados, de sua vida à Umbanda, tendo retornado ao plano espiritual em 03 de outubro de 1975, com a certeza da missão cumprida.



Túmulo onde estão os restos mortais de Zélio de Moraes, no Cemitério de Maruí, em São Gonçalo

Seu trabalho e as diretrizes traçadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas continuam em ação através de sua neta, Srª Lygia Cunha, que têm em seu coração um grande amor pela Umbanda, árvore frondosa que está sempre a dar frutos a quem souber e merecer colhê-los.

Paz e luz ao seu Espírito amigo, tolerante, humilde. Deus te abençoe irmão.

Pouco tempo depois do desencarne de Zélio, o noticioso "Macaia", dirigido por Lilia Ribeiro, apresentava o seguinte texto

ZÉLIO DE MORAES: APÓSTOLO DA UMBANDA!

O CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS nunca permitiu que fossem prestadas homenagens ao seu medium, ou melhor, que a mediúnidade se tornasse meio de promoção pessoal. Somente após o desencarne de Zélio de Moraes seu retrato foi colocado na Cabana Pai Antonio, em Boca do Mato, Cachoeiras de Cacacu, onde Zélio viveu seus últimos anos, exercendo sempre a sua mediunidade.

A cerimônia simples -- uma cerimônia em familia porque todos que alí se encontravem pertenciam, direta ou indiretamente, a grande família umbandista que tem, como mentor, o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS -- emocionou os antigos companheiros de Zélio e eles prestaram sua homenagem ao precursor da UMBANDA, em poucas palavras, porque a emoção não permitia que se alongassem..

De MARTINHO MENDES FERREIRA ouvimos :

-- " Não posso deixar de transmitir a voces o que o Caboclo das 7 Encruzilhadas nos deu :

U M B A N D A é luz, é amor, é virtude .

Vim da Tenda N.S. da Guia, onde aprendi, com o Caboclo das 7 Encruzilhadas, a ser umbandista no templo, fora do templo, em qualquer lugar. A ele devo o que sou, a minha condição material e espiritual . A primeira ordem que recebi dele foi: estudar e casar-me . Ouvi suas lições nas reuniões de chefes de tendas, ao lado de João Severino Ramos, José Meireles, Durval Vaz e tantos outros . Estou emocionado porque vivi e convivi com Zélio de Moraes. E lembro Pai Antonio, com a baforada de seu cachimbo, dizendo : " pensa, filho, e pede " . E o que se pedia era alcançado. Amar o Caboclo das sete Encruzilhadas é dever de todo Umbandista, porque foi eme quem estabeleceu a Umbanda no Brasil, criando, após a Tenda da Piedade, os sete templos iniciais , trazendo os obsedados para os seus trabalhos às margens do Rio Macaçu e devolvendo-os curados , às suas famílias e à medicina . Que Oxalá abençoe a aura espiritual do CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS .

O veterano FLORIANO MANOEL DA FONSECA declarou:

-- " Ouvi as lições do Zélio de Moraes. Os seus conceitos são hoje defendidos e propagados pela Aliança Umbandista do Estado do Rio de Janeiro que, desde sua fundação, levantou a bandeira do Caboclo das Sete Encruzilhadas e defende a sua doutrina. Temos certeza de que jamais os ideiais de Zélio de Moraes serão esquecidos pela Aliança e suas filiadas, que se dedicam à Linha do Caboclo das Sete Encruzilhadas com disposição de continuarem sempre dentro dessa linha de trabalho que será, mais hoje mais amanhã, aquela que definirá os rumos verdadeiros da UMBANDA ."

Indubitavelmente Zélio de Moraes, medium do Caboclo das Sete Encruzilhadas e Preto Velho Pai Antonio, foi um grande sacerdote na Umbanda e da Umbanda, sacerdote que fisicamente sentiu a ira e cólera de alguns, sofrendo na propria pele toda uma perseguição . E não fora essa pertinácia de Zélio, propria dos espiritos de luz missionários, a Umbanda não teria ressurgido, depois de milênios, no Brasil. E não obstante toda a tempestade maléfica que sobre Zélio irradiavam, do medium de umbanda Zélio emanava para todos, amor, paz, compreensão e caridade . Está pois, ai, o grande ensinamento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, a todo e qualquer medium que dê seu voto sacerdotal à UMBANDA . Ensindu a todos seus discipulos e assim procedia, que de graça recebes, de graça deves dar . Jamais recebeu o vil metal pro qualquer trabalho que as entidades que dele faziam seu instrumento . Pela conduta e pelos ensinamentos oriundos de suas entidades mentoras, pela prática da caridade e dignificante exemplo vivo de amor e perdão, Zélio Fernandino de Moraes é verdadeiramente o APÓSTOLO DA UMBANDA .

ALGUNS ASPECTOS DA VIDA DE ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES

Encontramos um texto muito interessante sobre a vida de Zélio de Moraes, pois nunca soubemos sua vida profissional, e do seu sustento, já que ele não vivia da Religião de Umbanda. No site: "www.povodearuanda.com.br", encontramos uma parte de sua vida até agora obscura:

ZÉLIO DE MORAES – VEREADOR



A GAZETA — S. GONÇALO, 24 DE AGOSTO DE 1929

ELEIÇÕES MUNICIPAES

O partido governista apresenta a sua chapa

Zelio Fernandino de Moraes

O Directorio Municipal de São Gonçalo, obediente ao PARTIDO REPUBLICANO FLUMINENSE a que está filiado e identificado na mais profunda e leal solidariedade, vem pedir aos seus prestimosos correligionarios o concurso dos seus suffragios para, na proxima eleição de 1º de Setembro, constituirem o futuro Poder Municipal com os valorosos nomes dos

Galdino Antonio Martins

cidadãos abaixo indicados, que dispensam toda e qualquer referencia ou justificativa, dado o seu passado de comprovada competencia, dignidade, honradez e de sinceridade de attitudes.

PARA PREFEITO — Dr. Stephane Vannier.

PARA VEREADORES:

1º Juvenal Alvares de Figueiredo, Lavrador e proprietario.

2º Zelio Fernandino de Moraes, Proprietario e negociante.

3º Galdino Antonio Martins, Proprietario.

Antonio Franklin da Silva

4º Antonio Franklin da Silva, Proprietario.

5º Eduardo Vieira de Souza, Proprietario e negociante.

6º Odilo Tavares de Almeida, Negociante.

7º Lauro Augusto Corrêa, Proprietario.

S. Gonçalo, 15 de Agosto de 1929.

Olympio José Fernandes.
Galdino Antonio Martins.

Eduardo Vieira de Souza

Juvenal Alvares de Figueiredo, Secretario.

ELEIÇÕES MUNICIPAES

Devendo realizar-se, em primeiro de Setembro proximo, a eleição para Prefeito e Vereadores deste Municipio, venho merecer dos meus Amigos e Correligionarios a fineza dos seus suffragios para os seguintes candidatos:

Mentor de Souza Couto, Prefeito.

Lauro Augusto Corrêa

PARA PREFEITO: — Dr. Stephane Vannier.

PARA VEREADORES:

1º Juvenal Alvares de Figueiredo, Lavrador e proprietario.

2º Zelio Fernandino de Moraes, Proprietario e negociante.

3º Galdino Antonio Martins, Proprietario.

4º Antonio Franklin da Silva, Proprietario.

5º Eduardo Vieira de Souza, Negociante e proprietario.

6º Odilo Tavares de Almeida,

Odilo Tavares de Almeida

Negociante.

7º Lauro Augusto Corrêa, Proprietario.

Com esses nomes de mais conceito social e da mais elevada representação das classes productoras do Municipio, parece-nos o Futuro Poder Municipal de S. Gonçalo ficará optimamente dimentos do seu progresso e peridade.

Nictheroy, 15 de Agosto de 19

Deputado Norival de Fre

Partes do texto que nos chama atenção:

"(...) cujo pai, fazendeiro, foi o primeiro a exportar frutos dos laranjais gonçalenses para a Inglaterra no princípio do século passado".

- **Povo de Aruanda** – Aqui o texto mostra a atividade do pai de Zélio.

"Casado com dona Isabel de Moraes, com ela teve duas filhas, Zélia e Zilméia, (nota do autor: na verdade, Zélio de Moraes teve quatro filhos: Zélia de Moraes, Zilméia de Moraes, Zélio Morse de Moraes e Zarcy Morse de Moraes) e *às quais passou a direção da Tenda original em 1963 e mudou residência, com a esposa, para Boca do Mato, em Cachoeiras de Macacú, RJ, onde faleceu em 03-10-1975."*

- **Povo de Aruanda** – Aqui o texto dá o ano exato da mudança de cidade de Zélio, quando ele transferiu-se para a Boca do Mato – Cachoeiras do Macacú (RJ).

"(...) sendo a última delas em Neves, onde criou uma escola primária para as crianças pobres do bairro, e começou a expandir sua crença por todo o território nacional".

- **Povo de Aruanda** – Aqui um outro fato que é do desconhecimento de muitos ou mesmo da maioria, na Rua Floriano Peixoto nº. 30 Neves – São Gonçalo – RJ, na T.E.N.S.P. (Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade) funcionou uma escola primária. Aqui um dos fatos que mais nos chamou atenção dos nossos irmãos Edenilson Francisco e Renato Henrique Guimarães Dias, com toda certeza é a parte que mais irá chamar a atenção de todos e vos falo que tenho toda a saga documentada através de e-mails trocados pelo irmão Edenilson Francisco para poder confirmar tal fato, tanto que ele e o irmão Renato Henrique ficaram eufóricos quando o senhor Jorge César Pereira Nunes os atendeu prontamente e ainda nos enviou as fotos para confirmar os fatos. Vamos subdividir o trecho acima; daí farei alguns comentários.

"Zélio, entretanto, não se dedicava apenas à sua crença. Como era norma não receber recompensa pelo bem distribuído, dedicava-se às atividades profissionais normais, assumindo os negócios de seu pai (...)"

- **Povo de Aruanda** – Interessante e ao mesmo tempo raro isso acontecer, infelizmente muitos Pais e Mães de Santo, vivem do Santo e não para o Santo, mas vamos à frente...

"Zélio, entretanto, não se dedicava apenas à sua crença. Como era norma não receber recompensa pelo bem distribuído, dedicava-se às atividades profissionais normais, assumindo os negócios de seu pai, e fez uma incursão na política, elegendo-se vereador em 18-05-1924 e empossado em 10 de junho seguinte. Foi reeleito para um segundo mandato em 10-04-1927, empossado no dia 30 seguinte e escolhido por seus pares, na mesma data, para secretário do Legislativo Gonçalense. Após cumprir o mandato de três anos, afastou-se da política. Quando de seu falecimento, a Câmara Municipal deu seu nome à Rua (Vereador) Zélio de Moraes, no bairro de Mangueira."

- **Povo de Aruanda** – Sim vocês estão lendo corretamente; Zélio de Moraes foi vereador e foi reeleito vereador da Cidade de São Gonçalo; ele como vereador preocupava-se muito com as escolas públicas, segundo o irmão Eder (filho da T.E.N.S.P.) ele conversou a respeito do assunto com dona Zilméia e ela o disse que realmente seu pai foi vereador e todo o salário era revertido na ajuda a população carente de São Gonçalo, tal como ele diminuiu em grande parte seu patrimônio em caridade ao povo tão sofrido de São Gonçalo.

O Senhor Jorge Cesar Pereira Nunes, contato dos irmãos Edenilson e Renato, diz em um de seus e-mails assim:

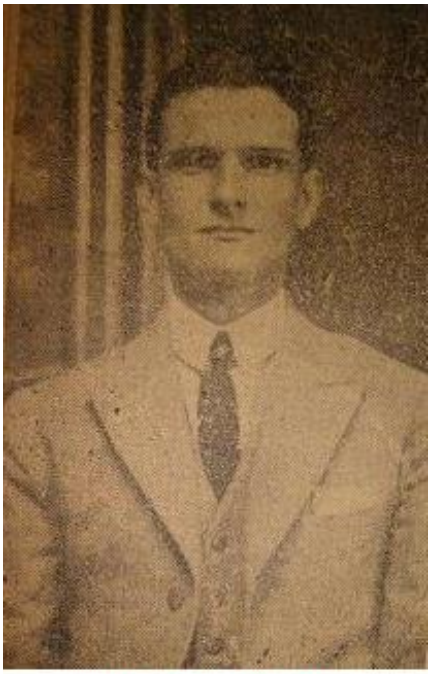
"Na Câmara Municipal de São Gonçalo não há anais das sessões, razão pela qual pouco consegui saber da vida parlamentar dele, de vez que as atas das sessões são resumidíssimas.
Os jornais da época (e só havia um na cidade) falam pouco sobre os vereadores e, no caso do Zélio, a ele se referem sempre respeitosamente, por ocasião de seu aniversário de nascimento.

Para maior esclarecimento, estou enviando, em anexo:

1ª) O texto original que escrevi, e que foi modificado para inclusão no site da Revista de História; e,

2ª) As fotos da página do jornal "A Gazeta", com foto do Zélio, de 1929, quando era anunciada a candidatura dele à reeleição".

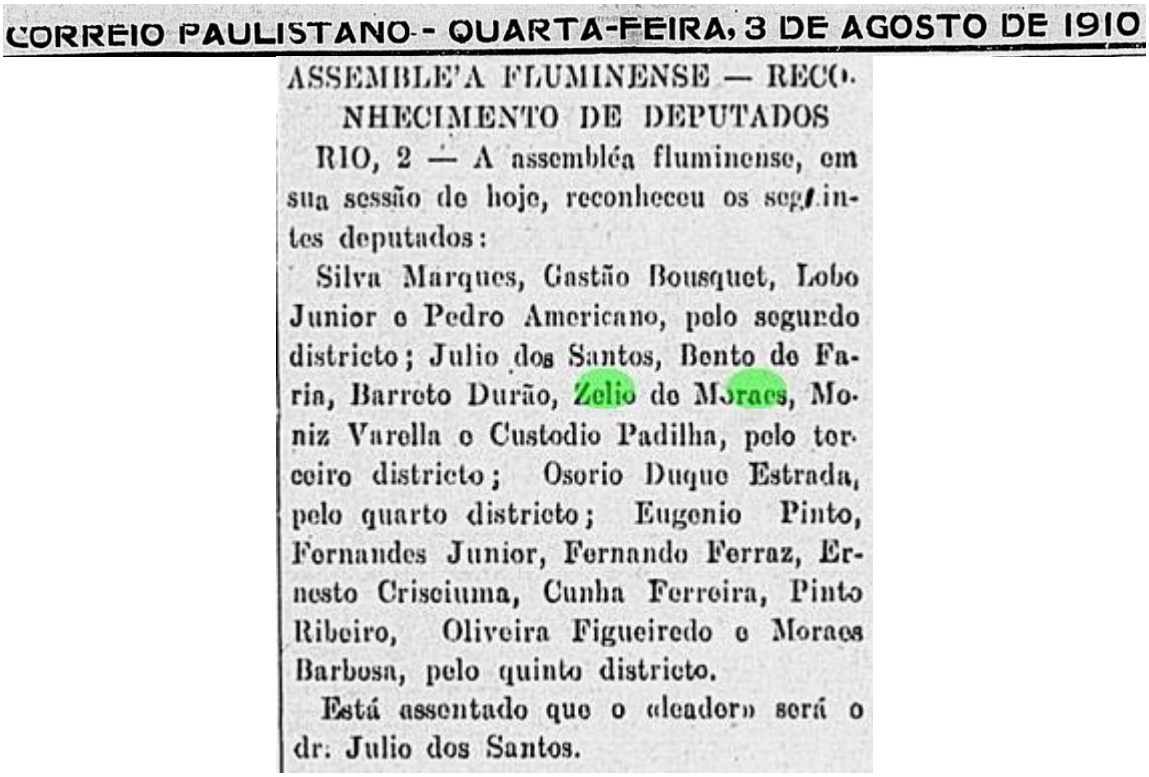
Povo de Aruanda – Com toda certeza isso é uma grande perda, as Atas serem resumidas na ocasião, mas o que interessa é que temos mais um pedaço da história de nossa querida religião, e principalmente fotos para comprovarmos a verdade, pois aqui em Povo de Aruanda primamos pela verdade sempre.



Zélio em 24.08.1929

As fotos e a reportagem devemos aos incansáveis irmãos Edenilson Francisco e Renato Henrique Guimarães Dias**,** esses irmãos que conseguiram resgatar a matéria em questão e as fotos históricas que estão aqui; temos que aplaudir a iniciativa desses irmãos...

Encontramos num periódico de São Paulo, o reconhecimento do Zélio de Moraes como vereador fluminense:



CORREIO PAULISTANO - QUARTA-FEIRA, 3 DE AGOSTO DE 1910

ASSEMBLE'A FLUMINENSE — RECO-
NHECIMENTO DE DEPUTADOS

RIO, 2 — A assembléa fluminense, em sua sessão de hoje, reconheceu os seguintes deputados:

Silva Marques, Gastão Bousquet, Lobo Junior e Pedro Americano, pelo segundo districto; Julio dos Santos, Bento de Faria, Barreto Durão, Zelio de Moraes, Moniz Varella e Custodio Padilha, pelo terceiro districto; Osorio Duque Estrada, pelo quarto districto; Eugenio Pinto, Fernandes Junior, Fernando Ferraz, Ernesto Crisciuma, Cunha Ferreira, Pinto Ribeiro, Oliveira Figueiredo e Moraes Barbosa, pelo quinto districto.

Está assentado que o «leader» será o dr. Julio dos Santos.

Encontramos no periódico “Correio da Manhã”, de 1933, na seção de Junta Comercial, que Zélio de Moraes era sócio de uma empresa de mineração na mina de carvão Pinhal da Gama, situada no município de Siqueira Campos, no Estado do Paraná. A empresa chamava-se – “Hulha Brasileira Companhia Limitada”.



CORREIO DA MANHÃ — Sabbado, 2 de Dezembro de 1933

JUNTA COMMERCIAL

Sessão de 27 de novembro de 1933

CONTRATOS

De Hulha Brasileira Companhia Limitada, firma composta dos socios solidarios João Alfredo Ravasco de Andrade, Alda Ravasco Wilson, Celina Pecego Ravasco e Zelio Fernandino Moraes, para o commercio de jazidas de hulha, com capital de 2.000:000$000, prazo 5 annos.

Segundo informações do nosso amigo, Diamantino Fernandes da Trindade, Zélio de Moraes, após o casamento começou a trabalhar como eletricista do Estado. Mais adiante abriu uma farmácia, que mais tarde foi ampliada para drogaria.

Quanto a farmácia, comprovamos tal fato, numa reportagem de 1924, (disponibilizada na página 78 deste livro), quando Leal de Souza procurava a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, perguntou se alguém conhecia Zélio de Moraes:

“... - Conhece, porventura, nas Neves, a farmácia do Sr. Zélio?

- Não.

- E o Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade?

Quase ao termo da viagem, porém, ouvimos formulada pelo Sr. Eurico Costa, a dupla resposta afirmativa, e, em companhia desse gentil cavalheiro, cujo destino, nessa noite, era o nosso, fomos, primeiro, à farmácia do presidente daquele Centro, e, em seguida, com o farmacêutico, à sede da associação procurada..."

UMBANDA NÃO FAZ O SANTO NEM FEITURA DE CABEÇA



LUX JORNAL | NOTÍCIAS POPULARES SÃO PAULO | 15 JUN 1977

Passe por cima dos seus concorrentes: Despache sua carga via VASP.

A indústria de "fazer o santo" é uma vigarice

Umbanda não faz o santo nem feitura de cabeça

O fundador da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas (que foi padre em vidas anteriores) ao se incorporar no médium fluminense Zélio de Morais, ditou as normas de como deviam funcionar os terreiros de Umbanda, praticando a caridade gratuita; sem tocar tambores (atabaques) nem palmas no acompanhamento dos cânticos; fazer desobsessões (descargas) transportando os espíritos maus para os médiuns de incorporação, doutrinando-os e afastando-os, aliviando os doentes, curando-os da falsa loucura.

Zélio de Morais, que faleceu aos 83 anos, em 1975, ao ser entrevistado por Ronaldo Antonio Linares, presidente da Federação Umbandista do Grande ABC, na rua Visconde Inhaúma, 1174, Vila Gerty, em São Caetano do Sul, diz: "Não havia umbanda antes de 1908. Havia a chamada macumba, que era feita pelo candomblé, por causa das oferendas aos santos. A Umbanda não é macumba, não é candomblé. Na umbanda não se usa isso. Nós não batemos tambor (atabaque). Quem bate é a macumba. Nossa Umbanda não tem tambor e nem palmas, nem roupa seda. Aqui, em meu terreiro, se usa roupa simples de algodão e sapato de córdа ou descalço. Não tem seda, nem luxo. Tenho ouvido que muitos umbandistas aqui da Guanabara estão "fazendo santo". Médium fazer o santo? Eu não creio nisso. Nós trazemos isso do berço. Ninguém bota santo na cabeça dos outros. Em nossas sessões, temos a preocupação de curar os loucos (desobsessões). Já foram curados muitos, que estavam em sanatórios e que era de outras religiões. Eu trabalho com o Orixá Malé, de Ogum, que foi trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para curar os loucos ou obsidiados".

INCORPORAR ORIXÁ?

Zélio de Morais na sua entrevista a Ronaldo Antonio Linares tira a máscara de muitos chefes-de-terreiro que dizem ter Orixás incorporados.

— Orixá não se incorpora. São espíritos que trabalham na sua irradiação

Zélio de Morais quando foi entrevistado por Lília Ribeiro do jornal "Gira de Umbanda", em 1972, três anos antes de sua morte física

doentes com rezas e prèces. Com a fé que tenho muita gente ficou curada. Por isso, a esses irmãos de São Paulo, aos umbandistas que praticam a Umbanda sem pensar na vil moeda, no dinheiro, o meu abraço fraternal. O dinheiro estraga os homens e as mulheres. A vocês umbandistas sinceros, eu desejo

Jesus expulsou os vendilhões do templo. E preciso estar sempre de prevenção contra os obsessores, que podem atingir o médium. E preciso ter cuidado e haver moral, para que a Umbanda progrida e seja sempre uma Umbanda da humilde, amor e caridade. Essa é a nossa bandeira. Meus irmãos: sêde

curados muitos, que estavam em sanatorios e que era de outras religiões. Ela vai balho com o Orixá Malé, de Ogum, que foi trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para curar os loucos ou obsidiados".

INCORPORAR ORIXA?

Zélio de Morais na sua entrevista a Ronaldo Antonio Linares tira a máscara de muitos chefes-de-terreiro que dizem ter Orixás incorporados.

— Orixá não se incorpora. São espiritos que trabalham na sua irradiação, na sua força. Não são os Orixás que se incorporam, mas os seus enviados. Na Umbanda não existe feitura de cabeça, nem coroação. Eu não acredito nisso. O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca mandou "fazer a cabeça" de ninguém. Isso não existe. Nem isso, nem coroação."

Existe em São Paulo uma Federação de Umbanda, dirigida por falso umbandista, que obriga os chefes de terreiro a "fazerem o santo" e reune os médiuns do terreiro para lhes tirar o dinheiro para que o pai-de-santo dê "obrigação para o santo". Iso não existe na Umbanda. Estão corrompendo a Umbanda utilizando o ritual do Candomblé, que também não tem fundamento nenhum. Estão transformando os terreiros em rituais de Umbandomblé, e depois os chefes de terreiros não entendem nada de Umbanda, nem de Candomblé, conforme declarou o coordenador do Superior Orgão de Umbanda, sr. Demétrio Domingues, que está lutando para separar a Umbanda do Candomblé. Ele nos dizia:

— Umbanda não é Candomblé. Umbanda é Umbanda. Candomblé é Candomblé. Querer misturar as duas coisas, só traz confusões, pois, o chefe do terreiro passa a não entender nem de Umbanda, nem de Candomblé."

A verdade é que estão corrompendo a Umbanda, obrigando santo, dar obrigações para o santo, tirando dinheiro dos filhos-de-santo.



O Caboclo das Sete Encruzilhadas o fundador da Umbanda no Brasil

A MENSAGEM DE ZELIO

A última mensagem de Zélio de Moraes, é de 1973 e foi transmitida através de Ronaldo Antonio Linares, pela Rádio Cacique de São Caetano do Sul. Era assim:

— Umbandistas de São Paulo. A vocês todos eu desejo muita paz e felicidade. Há muita gente em São Paulo que me conhece, pois por aí passei muitas vezes, curando

Zélio de Morais quando foi entrevistado por Lilia Ribeiro ao jornal [illegible] anos antes de sua morte física

doentes com rezas e prèces. Com a fé que tenho muita gente ficou curada. Por isso, a esses irmãos de São Paulo, aos umbandistas que praticam a Umbanda sem pensar na vil moeda, no dinheiro, o meu abraço fraternal. O dinheiro estraga os homens e as mulheres. A vocês umbandistas sinceros, eu desejo muitas felicidades. Que Jesus irradie às vossas casas e o vossos corações. Que Jesus permita que as falanges do bem, que assistem a Umbanda de humildade, amor e caridade pura, a Umbanda criada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, que é uma corrente poderosa, possa levar a cada lar uma centelha de luz, retirando de vossas casas os espiritos que estejam nas trevas, para que todos os enfermos sejam curados. Desejo a vocês paulistas, paz, saude e felicidade. Salve a nossa Umbanda de humildade, amor e caridade."

Dois anos depois, em 1975, Zélio Morais falecia em Neves, próximo de São Gonçalo, no Estado do Rio. Durante toda vida lutou por uma Umbanda pura, não corrompida pelo dinheiro, com médiuns "dando de graça o que de graça estavam recebendo de Deus."

MENSAGEM DE 7 ENCRUZILHADAS

A jornalista Lilia Ribeiro, do jornal "GIRA DE UMBANDA", gravou a seguinte mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas, fundador da Umbanda no Brasil, incorporado no médium Zélio de Morais, em 1972:

"A Umbanda tem progredido e vai progredir muito, ainda. E preciso haver sinceridade, amor de irmão para irmão, para que a vil moeda não venha a destruir o médium, que será mais tarde expulso, como Jesus expulsou os vendilhões do templo. E preciso estar sempre de prevenção contra os obsessores, que podem atingir o médium. E preciso ter cuidado e haver moral, para que a Umbanda progrida e seja sempre uma Umbanda da humildade, amor e caridade. Essa é a nossa bandeira. Meus irmãos: sêde humildes, trazei amor no coração para que pela vossa mediunidade possa baixar um espirito superior; sempre afinados com as virtudes que Jesus pregou na Terra, para que venha buscar socorro em nossas casas de caridade, em todo o Brasil... Tenho uma coisa a vos pedir: se Jesus veio ao planeta Terra na humilde manjedoura, não foi por acaso, não. Foi o Pai que assim o determinou. Que o nascimento de Jesus, o espirito que viria traçar à humanidade o caminha de obter paz, saúde e felicidade, a humildade em que êle baixou neste planeta, a estrela que iluminou aquele estábulo, sirva para vós, iluminando vossos espiritos, retirando os escuros de maldade por pensamento, por ações; que Deus perdoe tudo o que tiverdes feito ou as maldades que podeis haver pensado, para que a paz possa reinar em vossos corações e nos vossos lares. Eu, meus irmãos, como o menor espirito que baixou à Terra, mas amigo de todos numa concentração perfeita dos espiritos que me rodeiam neste momento, peço que êles sintam a necessidade de cada um de vós e que, ao sairdes dêste templo de caridade, encontreis os caminhos abertos, vossos enfermos curados e a saúde para sempre em vossa matéria. Com o meu voto de paz, saúde e felicidade, com humildade, amor e caridade, sou e serei sempre o humilde CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS".

O Jornal “Notícias Populares” (acima), de São Paulo, publicou uma matéria em 15 de junho de 1977 onde o tema abordado era feitura de santo e de cabeça na Umbanda. Nessa matéria, Zélio de Moraes apresenta uma mensagem aos umbandistas de São Paulo:

A INDÚSTRIA DE “FAZER SANTO” É UMA VIGARICE

O fundador da Umbanda, o Caboclo das Sete Encruzilhadas (que foi padre em vidas anteriores), ao se incorporar no médium fluminense Zélio de Moraes, ditou as normas de como deviam funcionar os Terreiros de Umbanda, praticando a caridade gratuita; sem tocar tambores (atabaques) nem palmas no acompanhamento dos cânticos; fazer desobsessão (descargas) transportando os Espíritos maus para os médiuns de incorporação, doutrinando-os e afastando-os, aliviando os doentes, curando-os da falsa loucura.

Zélio de Moraes, que faleceu aos 83 anos, em 1975, ao ser entrevistado por Ronaldo Antônio Linares, presidente da Federação Umbandista do Grande ABC, na Rua Visconde de Inhaúna, 1.174, Vila Gerty, em São Caetano do Sul, diz:

“Não havia Umbanda antes de 1908. Havia a chamada macumba, que era feita pelo Candomblé, por causa das oferendas aos santos. A Umbanda não é macumba, não é Candomblé. Na Umbanda não se usa isso. Nós não batemos tambor (atabaque). Quem bate é macumba. Nossa Umbanda não tem tambor e nem palmas, nem roupa de seda.

Aqui, em meu Terreiro, se usa roupa simples de algodão e sapato de corda (conhecida como: “alpercata ou alpargata”) *ou descalço. Não tem seda e nem luxo. Tenho ouvido que muitos umbandistas aqui na Guanabara estão “fazendo santo”. Médium fazer santo? Eu não creio nisso. Trazemos isso do berço; Ninguém bota santo na cabeça dos outros. Em nossas sessões, temos a preocupação de curar os loucos (descarregos/desobsessões). Já foram curados muitos, que estavam em sanatórios e que eram de outras religiões. Eu trabalho com o Orixá Mallet, de Ogum, que foi trazido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas para curar os loucos e obsedados”.*

INCORPORAR ORIXÁ?

Zélio de Moraes, na sua entrevista a Ronaldo Antônio Linares, tira a máscara de muitos chefes de Terreiro que dizem ter Orixás incorporados.

“Orixá não se incorpora. São Espíritos que trabalham na sua irradiação, não na sua força. Não são os Orixás que se incorporam, mas são os seus enviados. Na Umbanda não existe feitura de cabeça nem coroação. Eu não acredito nisso. O Caboclo das Sete Encruzilhadas nunca mandou “fazer cabeça” de ninguém. Isso não existe. Nem isso, nem coroação”.

Existe em São Paulo uma Federação de Umbanda, dirigida por falso umbandista, que obriga os chefes de Terreiro a “fazerem o santo” e reúne os médiuns do Terreiro para lhes tirar o dinheiro para que o pai de santo dê “obrigações para o santo”. Isso não existe na Umbanda. Estão corrompendo a Umbanda utilizando o ritual do Candomblé, que também não tem fundamento nenhum. Estão transformando os Terreiros em rituais de Umbandomblé, e depois os chefes de Terreiro não entendem nada de Umbanda nem de Candomblé, conforme declarou o Senhor Demétrio Domingues, que está lutando para separar a Umbanda do Candomblé.

Ele nos dizia: Umbanda não é Candomblé. Umbanda é Umbanda. Candomblé é Candomblé. Querer misturar as duas coisas só traz confusões, pois o chefe do Terreiro passa a não entender nem de Umbanda nem de Candomblé.

A verdade é que estão corrompendo a Umbanda, obrigando santo, dar obrigações para o santo, tirando o dinheiro dos filhos de santo”.

A ÚLTIMA MENSAGEM DE ZÉLIO

A última mensagem de Zélio de Moraes é de 1973 e foi transmitida através de Ronaldo Linares pela Rádio Cacique de São Caetano. Era assim:

“Umbandistas de São Paulo. A vocês todos eu desejo muita paz e felicidade. Há muita gente em São Paulo que me conhece, pois por aí passei muitas vezes, curando doentes com rezas e preces. Com a fé que tenho muita

gente ficou curada. Por isso, a esses irmãos de São Paulo, aos umbandistas que praticam a Umbanda sem pensar na vil moeda, no dinheiro, o meu abraço fraternal. O dinheiro estraga os homens e as mulheres. A vocês umbandistas sinceros, eu desejo muitas felicidades. Que Jesus irradie as vossas casas e os vossos corações.

Que Jesus permita que as falanges do bem, que assistem a Umbanda de humildade, amor e caridade pura, a Umbanda criada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, que é uma corrente poderosa, possa levar a cada lar uma centelha de luz, retirando de vossas casas os Espíritos que estejam nas trevas, para que todos os enfermos sejam curados. Desejo a vocês, paulistas, paz, saúde e felicidade. Salve a nossa Umbanda de humildade, amor e caridade.

Dois anos depois, em 1975, Zélio de Moraes falecia em Neves, próximo de São Gonçalo, no Estado do Rio. Durante toda vida lutou por uma Umbanda pura, não corrompida pelo dinheiro, com médiuns "dando de graça o que de graça estavam recebendo de Deus".

MENSAGEM DE SETE ENCRUZILHADAS

A jornalista Lilia Ribeiro, do jornal "GIRA DE UMBANDA", gravou a seguinte mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas, fundador da Umbanda no Brasil, incorporado no médium Zélio de Moraes, em 1972.

"A Umbanda tem progredido e vai progredir. É preciso haver sinceridade, honestidade e eu previno sempre aos companheiros de muitos anos: a vil moeda vai prejudicar a Umbanda; médiuns que irão se vender e que serão, mais tarde, expulsos, como Jesus expulsou os vendilhões do templo.

O perigo do médium homem é a consulente mulher; do médium mulher é o consulente homem. É preciso estar sempre de prevenção, porque os próprios obsessores que procuram atacarem as nossas casas fazem com que toque alguma coisa no coração da mulher que fala ao pai de Terreiro, como no coração do homem que fala à mãe de Terreiro. É preciso haver muita moral para que a Umbanda progrida, seja forte e coesa.

Umbanda é humildade, amor e caridade – esta é a nossa bandeira. Neste momento, meus irmãos, que rodeiam diversos Espíritos que trabalham na Umbanda do Brasil: Caboclos de Oxossi, de Ogum, de Xangô. Eu, porém, sou da falange de Oxossi, meu pai, e não vim por acaso, trouxe uma ordem, uma missão.

Meus irmãos sejam humildes, tenham amor no coração, amor de irmão para irmão, porque vossas mediunidades ficarão mais puras, servindo aos Espíritos superiores que venham a baixar entre vós.

É preciso que os aparelhos estejam sempre limpos, os instrumentos afinados com as virtudes que Jesus pregou aqui na Terra, para que tenhamos boas comunicações e proteção para aqueles que vêm em busca de socorro nas casas de Umbanda.

Meus irmãos: meu aparelho já está velho, com 80 anos a fazer, mas começou antes dos 18. Posso dizer que o ajudei a casar, para que não estivesse a dar cabeçadas, para que fosse um médium aproveitável e que, pela sua mediunidade, eu pudesse implantar a nossa Umbanda. A maior parte dos que trabalham na Umbanda, se não passaram por esta Tenda, passaram pelas que saíram desta Casa.

Tenho uma coisa a vos pedir: se Jesus veio ao planeta Terra na humildade de uma manjedoura, não foi por acaso. Assim, o Pai determinou. Podia ter procurado a casa de um potentado da época, mas foi escolher aquela que havia de ser sua mãe, este Espírito que viria traçar à humanidade os passos para obter paz, saúde e felicidade.

Que o nascimento de Jesus, a humildade que Ele baixou a Terra, sirva de exemplos, iluminando os vossos Espíritos, tirando os escuros de maldade por pensamento ou práticas. Que Deus perdoe as maldades que possam ter sido pensadas, para que a paz possa reinar em vossos corações e nos vossos lares.

Fechai os olhos para a casa do vizinho; fechai a boca para não murmurar contra quem quer que seja; não julgueis para não serdes julgados; acreditai em Deus e a paz entrará em vosso lar. É dos Evangelhos.

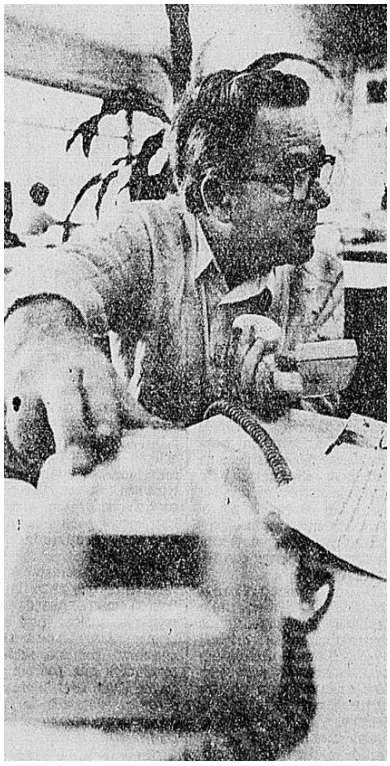
Eu, meus irmãos, como o menor Espírito que baixou a Terra, mas amigo de todos, numa concentração perfeita dos companheiros que me rodeiam neste momento, peço que eles sintam a necessidade de cada um de vós e que, ao sairdes deste Templo de caridade, encontreis os caminhos abertos, vossos enfermos melhorados e curados, e a saúde para sempre em vossa matéria.

Com um voto de paz, saúde e felicidade, com humildade, amor e caridade, sou e sempre serei o humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas".

CARIDADE NÃO É MERCADORIA PARA SER VENDIDA – UMBANDA PURA E DECENTE ESTÁ SENDO TRAÍDA POR VIGARISTA

JORNAL NOTÍCIAS POPULARES – 12/06/1977 – reportagem de Moacyr Jorge

Nota do autor: Moacyr Jorge foi um destemido jornalista, adepto radical e defensor da Linha Branca de Umbanda e Demanda preconizada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, desde 1966.



Moacyr Jorge, o repórter que se tornou um cruzado em favor do purismo da umbanda: "O objetivo principal de quem abre um terreiro hoje em dia é explorar a credulidade pública e as superstições"

Zélio de Moraes, fundador da Umbanda em 15 de novembro de 1908 e fundador dos primeiros Terreiros de Umbanda no Rio de Janeiro, concedeu uma entrevista à jornalista Lilia Ribeiro, que estava acompanhada de Lucy e Creusa, em 1972, a revista "Gira de Umbanda" (redação na Rua do Ouvidor, 63, sala 913, Rio de Janeiro), que era dirigida pelo Deputado Átila Nunes, da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, líder umbandista eleito por milhares de votos pelos umbandistas cariocas.

A entrevista de Zélio de Moraes prova que a Umbanda foi deturpada e está sendo levada ao descrédito popular pela infiltração de vigaristas e malandros que comercializam o sofrimento humano, passando a cobrar consultas e a enganar doentes aflitos e desesperados com despachos em encruzilhadas (a maior vigarice do mundo).

Vamos destacar trechos da entrevista concedida por Zélio de Moraes que comprovam a deturpação da Umbanda em nossos dias: *"Os meus Guias nunca mandaram sacrificar animais, nunca permitiram que se cobrasse um centavo pelos trabalhos efetuados. No Espiritismo, não se pode pensar em ganhar dinheiro. Deve-se pensar em Deus e no preparo da vida futura. O Caboclo das Sete Encruzilhadas que incorporou em 15 de novembro de 1908, não permitia atabaques, nem palmas para marcar o ritmo dos cânticos, nem objetos de adorno, como capacetes e cocares etc.".* Aí está à prova: Os vigaristas e malandros da Umbanda cobram consultas e dão listas para despachos. Infernizam os vizinhos com atabaques e enganam doentes com problemas espirituais.

Com 82 anos de idade, este homem é considerado por um pequeno grupo de umbandistas "o fundador da Umbanda". Cabelos grisalhos, fisionomia serena e simples, Zélio de Moraes, através do seu Guia Espiritual, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, só sabe praticar o amor e a humildade.

- Na minha família, todos são da marinha: almirantes, comandantes, um capitão-de-mar-e-guerra... Só eu que não sou nada..." - comentava sorrindo Zélio de Moraes, aos amigos que o visitavam, nessa manhã ensolarada.

E a repórter, antes mesmo de se apresentar, retrucou: - Almirantes ilustres, capitães-de-mar-e-guerra há muitos; o médium do Caboclo das Sete Encruzilhadas, porém, é um só.

Levantando-se, Zélio de Moraes – magrinho, de estatura mediana, cabelos grisalhos, fisionomia serena e de uma simplicidade sem igual – acolheu-me, como se fôssemos velhos conhecidos. Nesse ambiente cordial, sentindo-me completamente à vontade, possuída de estranho bem-estar, esquecendo, quase, a minha função jornalística, iniciei uma palestra, que se prolongaria por várias horas, deixando-me uma impressão inesquecível.

Perguntei-lhe como ocorrera a eclosão de sua mediunidade e de que forma se manifestara, pela primeira vez, o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

- Eu estava paralítico, desenganado pelos médicos. Certo dia, para surpresa de minha família, sentei-me na cama e disse que no dia seguinte estaria curado. Isso a foi a 14 de novembro de 1908.

Eu tinha 16 anos. No dia 15, amanheci bom. Meus pais eram católicos, mas, diante dessa cura inexplicável, resolveram levar-me à Federação Espírita de Niterói, cujo presidente era o Sr. José de Souza. Foi ele mesmo quem me chamou para que ocupasse um lugar à mesa de trabalhos, à sua direita. Senti-me deslocado, constrangido, em meio àqueles senhores. E causei logo um pequeno tumulto. Sem saber por que em dado momento, eu disse: "Falta uma flor nesta mesa; vou buscá-la". E, apesar da advertência de que não me poderia afastar, levantei-me, fui ao jardim e voltei com uma flor que coloquei no centro da mesa.

Serenado o ambiente e iniciado os trabalhos, verifiquei que os Espíritos que se apresentavam aos videntes como índios e pretos, eram convidados a se afastar. Foi então que, impelido por uma força estranha, levantei-me outra vez e perguntei por que não se podiam manifestar esses Espíritos que, embora de aspecto humilde, eram trabalhadores. Estabeleceu-se um debate e um dos videntes, tomando a palavra, indagou: - "O irmão é um padre jesuíta. Por que fala dessa maneira e qual é o seu nome? Respondi sem querer: - "Amanhã estarei em casa deste aparelho, simbolizando a humildade e a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas". Minha família ficou apavorada.

No dia seguinte, verdadeira romaria formou-se na Rua Floriano Peixoto, onde eu morava, no número 30. Parentes, desconhecidos, os tios, que eram sacerdotes católicos e quase todos os membros da Federação Espírita, naturalmente em busca de uma comprovação. O Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestou-se, dando-nos a primeira Sessão de Umbanda na forma em que, daí para frente, realizaria os seus trabalhos. Como primeira prova de sua presença, através do passe, curou um paralítico, entregando a conclusão da cura ao Preto Velho, Pai Antônio, que nesse mesmo dia se apresentou. Estava criada a primeira Tenda de Umbanda, com o nome de Nossa Senhora da Piedade, porque assim como a imagem de Maria ampara em seus braços o Filho, seria o amparo de todos os que a ela recorressem.

O Caboclo determinou que as sessões seriam diárias; das 20 às 22 horas e o atendimento gratuito, obedecendo ao lema: "Daí de graça o que de graça recebestes.

O uniforme totalmente branco e sapato tênis. Desse dia em diante, já ao amanhecer havia gente à porta, em busca de passes, cura e conselhos.

Médiuns que não tinham a oportunidade de trabalhar espiritualmente por só receberem entidades que se apresentavam como Caboclos e Pretos-Velhos, passaram a cooperar nos trabalhos. Outros, considerados portadores de doenças mentais desconhecidas revelaram-se médiuns excepcionais, de incorporação e de transporte.

Citando nomes e datas, com precisão extraordinária, Zélio de Moraes relata o que foram os primeiros anos de sua atividade mediúnica.

Dez anos depois, o Caboclo das Sete Encruzilhadas anunciou a segunda fase de sua missão: a fundação de sete Templos de Umbanda e, nas reuniões doutrinárias que realizava às quintas-feiras, foi destacando os médiuns que assumiriam a direção das novas Tendas: a primeira, com o nome de Nossa Senhora da Conceição e, sucessivamente, Nossa Senhora da Guia, São Pedro, Santa Bárbara, São Jorge, Oxalá e São Jerônimo.

- Na época - prossegue Zélio – *imperava a feitiçaria; trabalhava-se muito para o mal, através de objetos materiais, aves e animais sacrificados, tudo a preços elevadíssimos. Para combater esses trabalhos de magia negativa, o Caboclo trouxe outra entidade, o Orixá Mallet, que destruía esses malefícios e curava obsedados.*

Ainda hoje isso existe: há quem trabalhe para fazer ou desfazer ou desmanchar feitiçarias, só para ganhar dinheiro.

Mas eu digo: não há ninguém que possa contar que eu cobrei um tostão pelas curas que se realizavam em nossa casa; milhares de obsedados, encaminhados inclusive pelos médicos dos sanatórios de doentes mentais... E quando apresentavam ao Caboclo a relação desses enfermos, ele indicava os que poderiam ser curados espiritualmente; os outros dependiam de tratamentos material...

Perguntei então a Zélio, a sua opinião sobre o sacrifício de animais que alguns médiuns fazem na intenção dos Orixás. Zélio absteve-se de opinar, limitou-se a dizer:

- Os meus Guias nunca mandaram sacrificar animais, nem permitiriam que se cobrasse um centavo pelos trabalhos efetuados.

No Espiritismo não pode pensar em ganhar dinheiro; deve-se pensar em Deus e no preparo da vida futura. O Caboclo das Sete Encruzilhadas não adotava atabaques nem palmas para marcar o ritmo dos cânticos e nem objetos de adorno, como capacetes, cocares, etc.

Quanto ao número de guias (colares) **a ser usado pelo médium, Zélio opina:**

- A guia deve ser feita de acordo com os protetores que se manifestam. Para o Preto-Velho deve-se usar a guia de Preto-Velho; para o Caboclo, a guia correspondente ao Caboclo. É o bastante. Não há necessidade de carregar cinco ou dez guias no pescoço...

Considera o Exu um Espírito trabalhador como os outros:

- O trabalho com os Exus requer muito cuidado. É fácil ao mau médium dar manifestação como Exu e ser, na realidade, um Espírito atrasado, como acontece, também, na incorporação de Criança.

Considero o Exu um Espírito que foi despertado das trevas e, progredindo na escala evolutiva, trabalha em benefício dos necessitados. O Caboclo das Sete Encruzilhadas ensinava o que Exu é, como na polícia, o soldado. O chefe de polícia não prende o malfeitor; o delegado também não prende. Quem prende é o soldado que executa as ordens dos chefes.

E o Exu é um Espírito que se prontifica a fazer o bem, por que cada passo que dá em benefício de alguém é mais uma luz que adquire. Atrair o Espírito atrasado que estiver obsedando e afastá-lo, é um dos seus trabalhos. E é assim que vai evoluindo. Torna-se, portanto, um auxiliar do Orixá.

Relembrando fatos passados em mais de meio século de atividade espiritualista, Zélio refere-se a centenas de Tendas de Umbanda fundadas na Guanabara, em São Paulo, Estado do Rio, Minas, Espírito Santo, Rio Grande do Sul. A Federação de Umbanda do Brasil, hoje União Espiritista de Umbanda do Brasil, foi criada por determinação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, a 26 de agosto de 1939.

Da Tenda Nossa Senhora da Piedade saiam constantemente médiuns de capacidade comprovada, com a missão de dirigirem novos templos umbandistas; entre eles, José Meirelles, na época deputado federal; José Álvares Pessoa, que deixou uma lembrança indelével de sua extraordinária cultura espiritualista; Martinho Mendes Ferreira, atual presidente da Congregação Espírita Umbandista do Brasil; Carlos Monte de Almeida um dos diretores de culto da T.U.L.E.F. (Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade); João Severino Ramos, trabalhando ainda hoje, ativamente, inclusive na Assessoria de culto do Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda.

Outros, fugindo às rígidas determinações de humildade e caridade do Caboclo das Sete Encruzilhadas, desvirtuaram normas do culto. Mas a Umbanda, preconizada através da mediunidade de Zélio de Moraes, difundiu-se extraordinariamente e hoje podemos encontrar suas características em Tendas modestas e nos grandes Templos, como o Caminheiros da Verdade e a Tenda Mirim, nos quais a orientação de João Carneiro de Almeida e Benjamin Figueiredo mantém elevado nível de espiritualidade, no Primado de Umbanda, uma das mais perfeitas entidades associativas da nossa Religião.

Durante mais de cinquenta anos, o Caboclo das Sete Encruzilhadas dirigiu a Tenda Nossa Senhora da Piedade; após esse tempo, passou a direção à filha mais velha do médium, dona Zélia, aparelho do Caboclo Sete Flechas.

Entretanto, Pai Antônio continua trabalhando, na Cabana que tem o seu nome, localizada num sítio maravilhoso, em Cachoeiras de Macacú. O Caboclo manifesta-se ainda em datas especiais, como foi, por exemplo, o 63º aniversário daquela Tenda. (nota do autor: entrevista feita em 1972)

Da gravação feita durante a celebração festiva, reproduzimos para os leitores, o trecho final da mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas:

A Umbanda tem progredido e vai progredir muito ainda. É preciso haver sinceridade, amor de irmão para irmão, para que a vil moeda não venha a destruir o médium, que será mais tarde expulso, como Jesus expulsou os vendilhões do templo. É preciso estar sempre de prevenção contra os obsessores, que podem atingir o médium.

É preciso ter cuidado e haver moral, para que a Umbanda progrida e seja sempre uma Umbanda de humildade, amor e caridade. Essa é a nossa bandeira. Meus irmãos: sede humildes, trazei amor no coração para que pela vossa mediunidade possa baixar um Espírito superior; sempre afinados com a virtude que Jesus pregou na Terra, para que venha buscar socorro em vossas casas de caridade, todo o Brasil... Tenho uma coisa a vos pedir: Se Jesus veio ao planeta Terra na humilde manjedoura, não foi por acaso, não. Foi o Pai que assim o determinou. Que o nascimento de Jesus, o Espírito que viria traçar à humanidade o caminho de obter a paz, saúde e felicidade, a humildade em que ele baixou neste planeta, a estrela que iluminou aquele estábulo, sirva para vós, iluminando vossos Espíritos, retirando os escuros da maldade por pensamento, por ações; que Deus perdoe tudo o que tiverdes feito ou as maldades que podeis haver pensado, para que a paz possa reinar em vossos corações e nos vossos lares.

Eu, meus irmãos, como o menor Espírito que baixou à Terra, mas amigo de todos, numa concentração perfeita dos Espíritos que me rodeiam neste momento, peço que eles sintam a necessidade de cada um de vós e que, ao sairdes deste Templo de caridade, encontreis os caminhos abertos, vossos enfermos curados e a saúde para sempre em vossa matéria.

Com o meu voto de paz, saúde e felicidade, com humildade, amor e caridade, sou e serei sempre o humilde Caboclo das Sete Encruzilhadas.

**********//**********

A seguir, apresentaremos o Regimento Interno da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, formulado com a participação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, para termos uma noção de como se processava todo o desenrolar dos trabalhos espirituais e materiais em época de Zélio de Moraes. Junto com o regimento estarão algumas considerações pertinentes de um irmão de fé, Cláudio Zeus, que faz o estudo de alguns trechos, com comentários interessantes:

REGIMENTO INTERNO DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Nota do autor: Para melhores realces, as apreciações e comentários de Cláudio Zeus dentro do contexto, estarão em itálico, dentro de uma tabela.

A Diretoria da Tenda, usando das atribuições estatutárias, por ordem e segundo orientação do nosso "Chefe Espiritual" - O Caboclo das Sete Encruzilhadas - resolveu aprovar o presente Regimento Interno, a fim de estabelecer a necessária ordem interna e para atender aos seus associados, trabalhadores e frequentadores, na maior harmonia e o mais completo aproveitamento dos trabalhos espirituais.

CAPÍTULO I

DAS SESSÕES EM GERAL

Art. 1° - As sessões da Tenda, que deverão começar às 20 horas e terminar às 22 horas, com a tolerância de 15 minutos no máximo, sobre a hora de encerrar, dividem-se:

Primeiro aparte: Observemos que havia tempo determinado para a realização de Sessões. A mim foi explicado, quando de meu início, que esse tempo visava cautela para com os próprios médiuns, evitando desgastes desnecessários e muitas vezes nocivos, tanto à saúde física quanto mediúnica dos mesmos, incluindo-se aí o possível animismo imperante a partir do momento em que, por estarem cansados, médiuns costumam perder os contatos positivos com seus protetores, principalmente os de fase consciente.

a) Sessões de caridade:

b) Sessões de desenvolvimento mediúnico e de consultas exclusivamente para "trabalhadores do Terreiro";

c) Sessões especiais;

Segundo aparte: Havia orientação para que se fizessem sessões exclusivas para médiuns e trabalhadores do Terreiro, fossem elas de atendimento ou de desenvolvimento. Interessante porque você já deve ter lido sobre isso em alguns de meus textos.

Parágrafo único - Essas sessões terão lugar:

a) DE CARIDADE (Sessões públicas).

Às segundas-feiras - Trabalho de "Caboclo";

Às terças-feiras - Trabalhos de "Pretos Velhos" e "Caboclos";

Às sextas-feiras - Trabalhos de "Pretos Velhos".

Terceiro aparte: Reparou que não havia determinação para Sessões de Exu em relação à caridade? Perceba que entidades de trabalho para a Umbanda eram Caboclos e Pretos-Velhos apenas. Essa informação se torna interessante na medida em que muitos afirmam que Exu era Linha de Trabalho de Umbanda até para o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Onde estão eles então, na Tenda Nossa Senhora da Piedade?

Para as consultas nesses dias, serão distribuídas aos assistentes, por ordem cronológica de chegada à Tenda à partir das 18 horas, cartões numerados com o nome do "Guia "que os deverá atender.

b) DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO E CONSULTAS AOS "GUIAS "EXCLUSIVAMENTE PARA TRABALHADORES DO TERREIRO (Sessões privativas)

1) Só poderão tomar parte nessas sessões médiuns e cambonos matriculados, não sendo permitidos assistentes nem consultas por parte dos acompanhantes;
2) Para frequentá-las, torna-se necessário que o Guia Chefe do Terreiro, após verificar a necessidade de desenvolvimento mediúnico, encaminhe a pessoa interessada, privativamente, a "Orixá Mallet" para que este autorize ou não a respectiva matrícula;

3) Essas sessões são divididas em duas partes:

1ª – Das 20 às 21 horas - Trabalho de desenvolvimento mediúnico;

2ª – Das 21 às 22 horas - Consultas aos "Guias", exclusivamente para os trabalhadores os quais poderão falar a mais de um "Guia", conforme as possibilidades do momento.

Quarto aparte: Nota-se claramente nessas disposições a importância que era dada, tanto a médiuns quanto aos demais trabalhadores do Terreiro. Isto é muito importante se ter em mente, já que esses são na realidade, os sustentáculos para os trabalhos que possam vir a ser realizados – médiuns e trabalhadores (ogãs e demais) mal orientados ou com problemas particulares e psicológicos acabam atrapalhando mais que ajudando.

c) ESPECIAIS:

Entende-se por sessões especiais:

1 – Sessões do "Chefe" (Sessões públicas) na primeira Quinta-feira de cada mês. Sessões em que a presença do Chefe Espiritual era garantida.

2 – Sessões de "descarga" de "Orixá Mallet" (Sessões privativas). Na Quarta-Feira, véspera da Sessão do "Chefe", são privativas dos trabalhadores da Tenda não se permitindo assistentes nem consultas. Sessões que visavam tirar dos médiuns quaisquer cargas acumuladas durante os trabalhos em dias de Sessões públicas e mesmo na vida diária.

No grupo onde iniciei, elas se chamavam Sessões de Expurgo.

3 - Sessões de "demanda" (Sessões privativas) Em dia e hora designados pelo "Guia" que estiver encarregado de executar e dirigir os trabalhos. Só poderão ser realizadas, com autorização especial do "Chefe", a qual será transmitida por "Pai Antônio", e nela só poderão tomar parte os trabalhadores e pessoas que foram devidamente escaladas ou autorizadas pelo referido "Guia".

Percebe-se ainda aqui a preocupação de só se realizar sessões deste tipo com a presença de médiuns preparados, médiuns estes apontados como potencialmente preparados e não com a presença de todos os outros, já que isso poderia (como já expliquei em outros textos) trazer até mesmo riscos à saúde mediúnica destes.

4 - Sessões destinadas exclusivamente ao estudo da doutrina, desenvolvimento de outras mediunidades e aperfeiçoamento de cambonos, etc. Às quintas-feiras, com exceção da 1ª de cada mês. Só poderão ser frequentadas por médiuns desenvolvidos e auxiliares, cambonos ou pessoas designadas pelo "Chefe", não sendo permitidos assistentes nem consultas por parte dos acompanhantes.

Perceba-se que o Caboclo das Sete Encruzilhadas se preocupava também com o desenvolvimento de outras mediunidades e não somente a de incorporação e, além disso, preocupava-se também com o estudo da Doutrina. Mas que Doutrina seria essa? Vamos ver mais à frente.

5 - Sessões Festivas (Sessões públicas):

Em 20 de Janeiro - de Oxossi (São Sebastião).

Em 23 de Abril - de Ogum (São Jorge).

Em 13 de Maio - de Pretos Velhos (Pretos Cativos).

Em 13 de Junho - de Santo António e Pai António.

Em 15 de Setembro - de aniversário da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Em 27 de Setembro - de Cosme e Damião (Falange de crianças).

Em 30 de Setembro - de Xangô (São Jerônimo).

Em 16 de novembro - de aniversário do Chefe.

Em 04 de Dezembro - de Ynhaçã (Santa Bárbara).

Em 08 de Dezembro - de Yemanjá (Nossa Senhora da Conceição).

São sessões públicas comemorativas de datas solenes da Tenda e funcionam com horário especial, que será estabelecido na ocasião pelo Chefe. Nelas poderão participar médiuns e cambonos de outros Terreiros, desde que a Tenda a que pertençam tenha sido devidamente convidada.

Muito interessante: Alguém consegue ver nessa relação de Sessões Festivas alguma que fosse para Exu? Acho que não! E mais uma coisinha: Perceba-se também que se formos considerar "Orixás" o que o Caboclo das Sete Encruzilhadas considerava, com nomes africanos, veremos somente aqui, nessa relação de festas: Oxossi, Ogum, Xangô, Inhaçã e Yemanjá. As Sete Linhas de Trabalho seriam "fechadas" com Crianças (Cosme e Damião) e Pretos Velhos.

DA DIREÇÃO DAS SESSÕES

Art. 2° - As sessões serão dirigidas por um médium ou cambono designado pelo "Chefe", o qual será auxiliado pelo cambonos Chefe.

Parágrafo único - São atribuições do dirigente:

a) Abrir e encerar as sessões;

b) Organizar a mesa nas sessões de caridade, designando os médiuns auxiliares para compô-la e substituindo-os nas ocasiões que julgar necessário;

c) Cumprir e fazer cumprir por parte de todos, indistintamente, os dispositivos previstos nesse Regimento e ordens em vigor:

d) Resolver todos os casos omissos que chegarem ao seu conhecimento, quer no plano material, quer no espiritual, devendo, conforme o caso , dar ciência da solução adotada, na primeira oportunidade, ao Presidente da Tenda ou ao "Chefe" – Caboclo das Sete Encruzilhadas;

e) Tomar todas as medidas que julgar necessárias para o bom andamento da sessão e que não estejam previstas nesse Regimento, ouvido, na ocasião, o Guia Chefe do Terreiro.

DA REALIZAÇÃO DAS SESSÕES

Art. 3° - As sessões terão início às 20h00min com o defumador, o qual deverá terminar no máximo às 20h20min, até quando será permitida a entrada de assistentes e trabalhadores.

Isso é muito importante de se anotar porque essa medida visava fazer com que todos os presentes tivessem passado pela defumação. Acho que não preciso dizer o porquê.

§ 1° - As exceções do presente artigo, no qual diz respeito a entrada após às 20h20min, serão da alçada exclusiva do dirigente da sessão, ouvido o Guia Chefe do Terreiro;

Observar também: existiam exceções.

§ 2° - Nas sessões de caridade, a porta será aberta entre 21h10min e 21h20min, para saída das pessoas já atendidas e ingresso dos retardatários.

Ingresso de retardatários somente depois da gira firmada e não a qualquer momento com riscos e quebra de corrente.

Art. 4° - A abertura dos trabalhos, que será feita com uma preleção doutrinária conversando, principalmente, sobre assuntos atinentes à Linha de Umbanda, seguida de prece, terá a duração máxima de 15 minutos.

§ 1° - As consultas e passes só poderão ter início depois de baixar o Guia Chefe do Terreiro;

§ 2° - Nos dias de desenvolvimento mediúnico, serão feitas explicações apropriadas sobre pontos cantados e riscados, durante 20 minutos aproximadamente, sendo prestados, na ocasião, todos os esclarecimentos que a esse respeito forem solicitados.

Observe-se mais uma vez que a preocupação com a boa orientação dos médiuns em desenvolvimento era marca registrada do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Acredito piamente que ele entendia muito bem que médiuns, tanto podem ser muito bons para o Terreiro, quando conscientes de suas responsabilidades e bem-preparados, como podem ser exatamente os pontos fracos por onde o Baixo Astral pode ir tomando conta.

Art. 5° - As sessões de caridade terminarão, obrigatoriamente, por uma descarga espiritual feita pelo Guia Chefe do Terreiro.

No meu entender e também como aprendi, isso é fator primordial. Médium que volta pra casa carregando nas costas as energias negativas de outros ou do ambiente, com certeza vai se desgastando aos poucos e quando chegar a perceber...

Parágrafo único: Iniciada essa descarga, cessarão, imediatamente, as consultas aos Guias no ponto em que estiverem não sendo permitido, sob qualquer pretexto, e a quem quer que seja, se dirigir aos mesmos ou aos demais participantes do Terreiro.

A fim de que não haja perturbação do trabalho por quebra de corrente. Quebra de Corrente. Isso é tão importante quanto à própria respiração dentro de um Terreiro.

CAPÍTULO II

DOS TRABALHADORES DO TERREIRO

MÉDIUNS EM GERAL

Art. 6° - Médiuns desenvolvidos:

São os médiuns cruzados que tem autorização de “Orixá Mallet”, para dar passes e consultas, bem como auxiliar os trabalhos de desenvolvimento mediúnico, e outros quaisquer que se realizarem na Tenda, de acordo com esse Regimento.

Distintivo: FAIXA VERMELHA na cintura.

Art. 7° - Médiuns em desenvolvimento:

a) Auxiliares: São os médiuns de desenvolvimento mediúnico adiantado, já classificados por “Orixá Mallet”. São obrigados a comparecer às sessões de quarta-feira, não podendo, contudo, frequentar o Terreiro em outro qualquer dia, a não ser na qualidade de assistente.

Mais um dispositivo importantíssimo: Sempre que posso, procuro informar sobre a importância de não ter médiuns iniciantes em giras de trabalho, nem como cambonos, já que, por ingenuidade e falta de preparo,

costumam ser os mais vulneráveis a atuações de energias e entidades do Baixo Astral. Existem exceções? Existem, é claro!

Mas a Regra é esta até por lógica, e se os médiuns iniciantes forem poupados, pelo menos no início de suas práticas, de estarem entrando em contato com energias e entidades que não conhecem, com certeza só terão a ganhar.

Aí, uma vez me disseram assim: "Que nada, é melhor mesmo que vão encarando "as barras pesadas" de começo e aprendendo, com isso, a levarem tombo e se levantarem".

Um bom conselho, talvez... Mas será que aplicam essa "técnica" também no aprendizado sobre a vida a seus próprios filhos carnais? Será que os deixam, sem medos ou críticas, enfrentarem a vida sem conselhos, ensinamentos e até mesmo reprimendas? E será que se agirem assim não vão acabar se arrependendo como tantos que vemos por aí sabendo depois, pela mídia, que seus "pobres e queridos filhos" estão diretamente envolvidos no comércio de drogas proibidas? Sei não!

O pior é que em caso de médiuns iniciantes, além de poderem se prejudicar, poderão prejudicar a todo o grupo mediúnico, na medida em que, fatalmente, serão eles os principais alvos do Baixo Astral com consequentes quebra de correntes e até mesmo necessidade de atendimento imediato e particular.

Vamos pensar um pouquinho mais sobre isso?

Art. 8° - Os médiuns em geral, devem dar máxima passividade possível às entidades que se aproximarem, para que essas possam trabalhar com plenitude de irradiação e de força.

Acredito que isso seja norma em qualquer Terreiro, até hoje.

CAMBONO EM GERAL

Art. 9° - Aos cambonos cruzados - secretários dos Guias - compete:

§ 1° - Ao cambono Chefe:

a) Cumprir e fazer cumprir no Terreiro, pelos médiuns, cambonos e assistentes, todas as origens vigorantes, velando pela boa e perfeita normalidade e regularidade dos serviços a seu cargo;

b) Fiscalizar o preparo e execução do defumador no início de cada sessão;

c) Superintender todos os serviços atribuídos aos demais cambonos, controlando a distribuição de todo material que se fizer necessário à realização dos trabalhos;

d) Controlar e disciplinar a chamada dos consulentes;

e) Esforçar-se para manter os trabalhadores e assistentes, em constante concentração espiritual, não permitindo que cruzem braços e pernas, que conversem e que procurem ter curiosidade sobre o que se passa no Terreiro, além de tudo mais que possa perturbar ou quebrar a corrente fluídica durante as sessões;

f) Levar ao conhecimento do dirigente da sessão, qualquer irregularidade que notar, antes, durante e após os trabalhos;

g) Finalmente acatar e fazer cumprir as resoluções que eventualmente possam ser emanadas do dirigente da sessão ou Guia Chefe do Terreiro.

Em relação ao item "E", percebemos a importância que era dada à participação da assistência que, embora alguns não levem em conta, é importantíssima na formação da egrégora do Terreiro. Uma Assistência dispersiva, não concentrada, conversando entre si, também pode provocar maior carga de trabalho para os médiuns com não muito boas consequências ao longo do tempo.

§ 2°- O Cambono Chefe deverá ser substituído em seus impedimentos por um dos cambonos substitutos;

§ 3°- Ao Cambono Tronqueira: Além das atribuições dos cambonos substitutos e auxiliares, fica especialmente encarregado de:
a) Fazer parte, obrigatoriamente, da mesa nas sessões de caridade, auxiliando os trabalhos de descarga e de doutrinação que se fizerem necessários aos espíritos sofredores que nela baixarem.

§ 4°- Ao cambono subchefe: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

a) Zelar pelo asseio e correção do uniforme dos trabalhadores do sexo feminino;

b) Fiscalizar o vestiário das senhoras;

c) Exercer controle da passagem que dá acesso à toalete durante os trabalhos.

§ 5°- As funções desse cambono, que está subordinado diretamente ao cambono chefe, serão privativas do sexo feminino e só poderão ser exercidas, em caso de substituição eventual, por pessoa do mesmo sexo, designada pelo “Chefe”, para esse fim.

§ 6°- Ao cambono substituto: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

a) Substituir os cambonos chefe e tronqueira em seus impedimentos eventuais;

b) Secundar e auxiliar o cambono chefe em todas as suas atribuições;

c) Executar as ordens de serviço relativa à subdivisão de trabalhos e atividades que cada um deve superintender durante as sessões.

§ 7° - Ao cambono auxiliar: Além das atribuições ainda não previstas:

a) Acatar e fazer cumprir as ordens recebidas do cambono chefe;

b) Receber das mãos do cambono chefe todo material que se fizer necessário ao Guia que assistir, salvo se o mesmo possuir material próprio, caso em que levará apenas ao conhecimento do cambono chefe a natureza do material a ser empregado;

c) Dar plena e geral assistência ao Guia com o qual estiver trabalhando, não podendo dele se afastar sem sua permissão;

d) Abster-se de ouvir as consultas, somente intercedendo nas mesmas em caso de ser chamado pelo Guia e apenas para atender ao assunto que por ele lhe for atribuído;

É terminantemente vedado:

1° - Revelar ou comentar a natureza das consultas e bem assim procurar tirar qualquer proveito dos assuntos tratados nas mesmas;

2° - Tomar ou procurar tomar conhecimento das consultas dadas por outros Guias, seja por curiosidade, seja por qualquer outro motivo.

§ 8° Ao cambono zelador: Além das atribuições dos cambonos auxiliares, especialmente:

Zelar pelo “Jacotá” (altar), trazendo-o sempre limpo.

Zelar pelo asseio e higiene de todas as dependências da Tenda:

Providenciar para que todos os objetos e utensílio à ela pertencentes estejam sempre limpos, arrumados em ordem e em seus devidos lugares;

§ 9° - Esse lugar será exercido por pessoa do sexo feminino diretamente subordinada à direção da Tenda;

Distintivo dos cambonos cruzados: Faixa verde na cintura.

O que está acima nem é preciso comentar. São determinações de âmbito puramente material.

CAPÍTULO III DAS DISPOSIÇÕES COMUNS AOS TRABALHADORES DA TENDA

Art. 10 - Os trabalhadores da Tenda (médiuns e cambonos), indistintamente, são obrigados:
a) Médiuns desenvolvidos e cambonos: Matricular-se compulsoriamente, pelo menos uma vez por semana, em dia que escolher de comum acordo com a Direção da Tenda;

b) Comparecer às sessões em que estiverem matriculados ou escalados, só podendo faltar por motivo justificado;

c) Avisar, com a devida antecedência, a impossibilidade de seu comparecimento à sessão, justificando a falta;

d) Manter a concentração no Terreiro, curimbando em voz alta os pontos que forem sendo puxados;

e) Fazer, nos dias de sessão a que se obrigarem, uso de banho de descarga, cuja espécie será indicada pelo Guia que receber (caso dos médiuns desenvolvidos), ou pelo que der assistência (caso dos cambonos), ou ainda pelo Guia Chefe do Terreiro, quando este terminar, sendo que, para os médiuns em desenvolvimento (sessão de Quarta-Feira), esse banho será feito com 5 folhas de mangueira.

f) Fazer uso do uniforme adotado (conservando-o limpo) e seus distintivos, não podendo permanecer no Terreiro em condições diferentes;

g) Procurar conhecer os pontos riscados e cantados (curimbas), bem como os seus significados, e, quando ignorá-los, pedir esclarecimento ao Guia Chefe do Terreiro ou ao dirigente dos trabalhos.

Alt. 11° - Os trabalhadores que sem motivo justificado faltarem a quatro sessões consecutivas, nas quais estejam matriculados, ou para as quais tenham sido escalados, ficarão privados de trabalhar na Tenda, condicionalmente:

a) Os médiuns: Enquanto “Orixá Mallet” não autorizar a sua volta ao Terreiro;

b) Os cambonos: Até que suas faltas sejam justificadas pela Direção da Tenda;

Parágrafo Único: Os trabalhadores suspensos, só poderão frequentam as sessões em caráter de assistente, sendo vedado mudarem roupa de trabalho com o intuito de permanecer no Terreiro.

Art. 12° - Os médiuns desenvolvidos e cambonos poderão tomar parte nos trabalhos de qualquer sessão na Tenda, ainda que nela não estejam matriculados, desde que para isso tenham o assentimento do Guia Chefe do Terreiro.

Art. 13° - Os antigos trabalhadores da Tenda, afastados transitoriamente por motivos independentes de sua vontade, poderão frequentar e tomar parte em qualquer trabalho que se realize na Tenda, salvo o caso de proibição expressa do Guia Chefe do Terreiro após o início da sessão.

Art. 14° - Fica terminantemente proibido aos trabalhadores:

a) Afastar-se do Terreiro durante as sessões sob qualquer pretexto ou motivo, sem a devida autorização do dirigente dos trabalhos;

b) Trabalhar, sob pretexto algum, fora do recinto da Tenda (em suas casas ou em outro qualquer Terreiro), salvo o caso de autorização especial dada pelo “Chefe”;

c) Fazer comentários de qualquer natureza, dentro ou fora do Terreiro, pessoais ou telefônicos, com referência aos assuntos que tenham sido tratados nas sessões, ou sobre outros quaisquer que digam respeito à vida privada de cada um.

O Artigo 14, em seus itens “b” e “c”, eram e ainda são considerados muito importantes porque, trabalhar em casa, sem a proteção da egrégora do Terreiro, é uma forma de se arriscar e trabalhar em outro Terreiro seria o mesmo que estar jogando em um Clube e ir treinar em outro - é claro que se pode antever certos problemas daí advindos.

Proibição quanto a fazer comentários de qualquer natureza etc. e tal, era e sempre será norma a ser cumprida por qualquer médium, do Terreiro que for.

Art. 15 ° - A secretária manterá os livros que forem necessários ao registro de matrículas dos trabalhadores e controle de seu comparecimento às sessões.

CAPÍTULO IV
DOS ASSISTENTES

Art. 16° - A entrada na Tenda só é vedada:

a) às pessoas alcoolizadas ou embriagadas:

b) às pessoas portadoras de armas ou animais;

c) às pessoas manifestamente mal-intencionadas ou a desordeiros conhecidos.

Sem querer mexer com ninguém, mas, fazendo uma observação em vista de certas permissividades hoje existentes, será que alguém diria que a não permissão de entrada, nesses casos, seria falta de caridade?

§ 1° - São deveres dos assistentes:

a) Munir-se, logo após à sua chegada, do cartão numerado para a respectiva consulta;

b) Procurar acomodação na parte reservada a assistência, onde deverá se conservar até a hora de sair, com o respeito e dignidade devidos a um Templo Religioso;

c) Acatar as ordens gerais da Tenda e as que lhes forem transmitidas pelos cambonos;

d) Manter-se em elevação, se souber, o curimba (ponto cantado que estiver sendo puxado), para possibilitar uma perfeita e harmônica corrente fluídica, desde o início do defumador até o encerramento da sessão;

e) Atender prontamente, sob pena de perder a vez, ao chamado do cambono para a consulta.

§ 2° - É vedado terminantemente aos assistentes, consultarem a mais de um Guia na mesma sessão.

Ops! Já existia isso naquela época. Já existiam os "corre giras" e os "corre guias".

§ 3° - O assistente que tiver necessidade de qualquer natureza deverá dirigir-se ao cambono mais próximo, de preferência de seu sexo e expor o que deseja, para que este providencie como se fizer necessário.

§ 4° - Na ocasião da abertura da porta às 21:10 horas para saída das pessoas atendidas e retardatários, deverá ser observado o mais completo silêncio.

Respeito aos médiuns, entidades e à egrégora que deve ser mantida sem desvios de pensamento ou comportamento.

CAPÍTULO V

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 17 - Por princípio doutrinário e em se tratando de reuniões de caridade puramente cristã, as pessoas que vierem à Tenda, devem se abster de pensamentos e propósitos que contrariem as virtudes exemplificadas por Jesus.

Assim sendo, as consultas não poderão versar sobre assuntos que fujam aos princípios capitulados nas Dez Mandamentos, constantes do Evangelho.

§ 1° - São deveres de todos os frequentadores:

Procurar conhecer o Espiritismo Cristão pela leitura de obras doutrinárias tais como:

O Evangelho, segundo o Espiritismo;

O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns;

Esse Capítulo é importantíssimo para que se deixem, de vez, de dizer coisas como: "Umbanda tem que largar o cristianismo e voltar às raízes africanas", ou então, "Umbanda é um Culto Afro", ou mesmo que "Umbanda com orações e leitura de livros espíritas é Kardecumbanda", comentários esses muito observados na Internet por conta de pessoas que, claramente, não conhecem em que princípios a Umbanda do Brasil se formou..

Lendo o acima exposto e observando certos posicionamentos, percebemo-los totalmente inadequados em relação a todos os que agem por esta cartilha, seguindo o que já determinava o Caboclo das Sete Encruzilhadas há quase 100 anos atrás.

Será que são eles os "errados", se é que existem erros de ritualística nesse sentido?

O caso é que a Umbanda é fundamentalmente cristã e, de acordo com outros princípios e ritualísticas que cada Terreiro achou por bem adotar, pode ter seus rituais mais africanizados, mais puxados para as práticas chamadas de orientais, esotéricas, ocultista etc. Mas o "miolo", o fundamento maior é o de ter os ensinamentos do Cristo como base para todas as outras aplicações. E que ensinamentos do Cristo são esses: Amor ao próximo – Caridade (ajuda ao próximo), sem o que, não pode ser Umbanda.

§ 2° - Durante as sessões ou trabalhos de Terreiro é expressamente proibido:

a) Palestrar ou tratar assuntos estranhos à doutrina;

b) Fazer comentários maldosos sobre os irmãos da Tenda;

c) Proferir palavras de gírias ou de interpretações duvidosas, obscenas ou provocadoras de risos;

d) Fazer gestos ofensivos à moral ou aos bons costumes;

e) Lançar suspeitas, provocar ódios, difamar ou fazer comentários desabonadores sobre a vida privada de qualquer pessoa;

f) Desrespeitar ou incitar ao desrespeito, os artigos, parágrafos e alíneas do presente Regimento e ordens em vigor na Tenda;

g) Ingressar ou permanecer no recinto onde estão instaladas a Tesouraria e a Secretária da Tenda, com exceção dos componentes da Diretoria e pessoas encarregadas de serviços especiais.

CAPÍTULO VI

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 18 - A Tenda tem como "Chefe Espiritual" o Caboclo das Sete Encruzilhadas, também chamado simplesmente - o "Chefe" - criador de Umbanda no Brasil no ano de 1908.

"Orixá Malllet" é o trabalhador da Linha de "Ogum" (São Jorge), Chefe de Falange, encarregado dos trabalhos de demanda.

"Pai Antônio" é a entidade que serve de intérprete a "Orixá Mallet" e que comumente transmite as ordens do "Chefe".

"Guias e Chefes de Terreiro" são as entidades designadas pelo "Chefe" para dirigir e se responsabilizar pela parte espiritual das sessões.

Art. 19 - O presente Regimento entrará em vigor na data em que for ratificado pelo "Chefe", em sessão especial, para isso convocada.

Toda pessoa que se tornar associada da Tenda o faz espontaneamente, para cooperar na sua manutenção e progresso, motivo pelo qual deverá cumprir a risca, todos os seus deveres e principalmente manter em dia o pagamento de sua mensalidade.

COMENTÁRIOS FINAIS: Ao descobrir esse documento colocado em pdf para que se baixe em http://ebooks.brasilpodcast.net/ebook.php?id=762 pude perceber o quanto ele nos mostra, independente de outros textos que já "rolam" na Internet, do que seria e como funcionaria a Umbanda segundo a concepção do Caboclo das Sete Encruzilhadas e Zélio Fernandino de Moraes já que um Regimento Interno é documento escrito ou ditado diretamente pelas pessoas (encarnado e/ou desencarnado, no caso) envolvidas na questão e não apenas fruto de possíveis interpretações de terceiros (sem querer tirar o valor dos mesmos).

E o que pudemos observar de importante nesse documento?

***1-** Que não havia, na Umbanda original, trabalhos com as falanges de Exu e nem se firmava tronqueira para eles. Qualquer depoimento em contrário poderá ser tomado como duvidoso em vista deste documento.*

***2-** Que as Sessões (hoje Giras ou Engiras) eram determinadas para as Falanges de Trabalho (Caboclos e/ou Pretos Velhos) e não para as Linhas de Trabalho ou "Orixás" para os que entendem melhor assim (Ex.: Xangô hoje, Oxossi dia tal, Ogum mais adiante...). Isso é importante porque em um mesmo dia de Sessão poderiam estar presentes, tanto Caboclos(as) de Xangô, quanto de Ogum, quanto de Oxossi, e até Pretos Velhos, como podemos observar em relação às Sessões de Terças-Feiras, tudo de acordo com as necessidades:*

***3-** Que O Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou realmente Linhas de Trabalho e não de Orixás, utilizando-se de alguns nomes africanos, todos devidamente ancorados as Linhas de Santos Católicos, talvez apenas Linhas de Trabalho em que os Caboclos e Pretos-Velhos (e suas contrapartes femininas) poderiam trabalhar.*

Perceba como ele trata a entidade que se autointitula Orixá Malê: "Orixá Mallet" é o trabalhador da Linha de "Ogum" (São Jorge). Percebeu? Um trabalhador. E mesmo se autointitulando Orixá Mallet, não uma divindade da Linha de Ogum ou, como costuma-se falar também, "um Capangueiro do Orixá Ogum".

Existe uma sutil diferença em se colocar as entidades como da Linha de Ogum (São Jorge) e não como Falangeiro de Ogum (Orixá), ainda que se lhes dê o mesmo nome (Ogum, no caso). No entanto, essa sutil diferença já nos mostra que a Umbanda de Caboclo das Sete Encruzilhadas não era Umbanda de Orixás (divindades) e sim de Linhas de Trabalhos através das quais apresentavam-se entidades espirituais – Caboclos – Pretos-Velhos e mais raramente Crianças.

***4-** Que o Caboclo das Sete Encruzilhadas determinou Sete Linhas de Trabalho sendo elas, pelo que se pode observar nas festas anuais: Yemanjá, Oxossi, Ogum, Xangô, Inhaçã, e segundo alguns, Oxalá e Exu que, no entanto, não são citadas, nem nos dias de trabalho e nem nas festas comemorativas. Encontramos sim, bem citadas, as Linhas de Pretos-Velhos (Almas) e Crianças – as demais eram comemorativas dos Guias Chefes, da Umbanda em si e da Tenda Nossa Senhora da Piedade.*

Por que ele determinou Sete? Está aí uma outra boa pergunta que deveriam ter feito a ele.

***5-** Que não vemos aqui a inserção de Oxum, Nanã, Obaluaê, Omulú, Oxalá, Oiá, Obá ou qualquer outro considerado Orixá nas Nações afro. Se a Umbanda Original fosse de Orixás, seria pelo menos razoável que, já em seu início, considerasse os 16 escolhidos pelo Candomblé dentre tantos outros africanos, não acha?*

***6-** Vemos, por um outro lado, que Santo Antônio, também Santo Católico mas não considerado Linha de Trabalho então, também era festejado em seu dia, já por influência de Pai Antônio – ambos eram festejados em 13 de junho.*

***7-** Que a Doutrina básica da Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas baseava-se em livros Kardecistas e num outro que talvez fosse o único escrito na ocasião: O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda – do senhor Leal de Souza que veio a ser médium da Tenda Nossa Senhora da Piedade recebendo, posteriormente, a incumbência de abrir a Tenda de Nossa Senhora da Conceição (veja bem: não é de Yemanjá ou Oxum).*

Aliás, sobre o senhor Leal de Souza, consta na história que ele divulgava ter sido o Caboclo Curugussú aquele que preparara o terreno para que o CDSE viesse, após, anunciar a Umbanda Branca.

Dizia-nos ele numa entrevista publicada no Jornal de Umbanda de outubro de 1952, com o título de "Umbanda – Uma Religião Típica do Brasil: "A Linha Branca de Umbanda é realmente a religião nacional do Brasil, pois que, através dos seus ritos, os espíritos dos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem a sua descendência. O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curugussú, que trabalhou até o advento do Caboclo

das Sete Encruzilhadas que a organizou, isto é, que foi incumbido pelos Guias Superiores, que regem o nosso ciclo psíquico de realizar na Terra a concepção do espaço" ...

Infelizmente o médium Leal de Souza, que inclusive ensaiou uma codificação das Linhas de Umbanda (que cito abaixo) não deixou claro quem teria sido o médium do Caboclo Curugussú e nem onde ele teria se manifestado. Segundo ainda Leal de Souza, em 1925, seriam as Linhas de Umbanda como se seguem: Oxalá (Nosso Senhor do Bonfim), Ogum (São Jorge), Euxossi/Oxossi (São Sebastião), Shangô/Xangô (São Jerônimo), Nhan-Shan /Yansã (Santa Bárbara), Yemanjá (Nossa Senhora da Conceição) e Almas – utilizei a grafia como a encontrei e a que agora vemos.

Perceba que mesmo aqui não há menção a Exus na Umbanda e, para conhecimento de todos, essas linhas de trabalho foram ratificadas no 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo e Umbanda realizado em 1941, no Rio de Janeiro. O que isso quer dizer? Que para que fosse realmente reconhecido como Umbanda, todo e qualquer grupamento deveria seguir estas determinações, assumindo estas Linhas de Trabalho. Quer dizer também que, na ocasião, todos os que se autorrotularam Umbanda e não seguiam estas determinações, já estavam se valendo de um nome ritualístico do qual não deveriam lançar mão. E também nos posiciona melhor sobre os porquês de hoje em dia existirem tantas diversidades. O fato é este: O Congresso não teve a força que deveria ter ou, por outro lado, suas determinações não foram reconhecidas por uma grande parte que queria "fazer Umbanda" ... mesmo não fazendo.

Mas como não introduzirmos Oxum? E Exu? Vai ficar fora da Umbanda? Como diz o popular: "Tudo o que se repete de forma contumaz acaba virando verdade" e, como desde o início à Umbanda foram adicionadas Linhas outras e também outras formas de trabalho, desde que os Princípios Basilares da Umbanda sejam respeitados, cada grupamento espiritual tende a aceitar e adotar mais essas ou aquelas Linhas, esse ou aquele ritual, essa ou aquela liturgia ou mesmo técnica de trabalho como é hoje a Apometria que, mais rudemente, já era executada em diversos Centros de Umbanda, mormente os que eram (e ainda são) chamados de "Mesa Branca". O que não vale mesmo é um grupamento querer "puxar a brasa pra sua sardinha" e dizer que Umbanda tem que voltar às raízes afro que nunca teve, ou que tem que deixar o Cristianismo (observe que não é Catolicismo) de lado, como se este não fosse um de seus pilares. Que outras Linhas agregadas não podem ser aceitas na Umbanda. Dentro de padrões, pelo menos racionais, podem sim, dependendo do Chefe Espiritual da Casa de Umbanda (o que manda mesmo) que obrigatoriamente tem que ser ou um Caboclo ou um Preto-Velho, esses sim, marcas registradas da Umbanda.

O que não pode é essas Linhas Agregadas tomarem conta da Banda e saírem, por exemplo, em louvação à Mãe Lua, à Mãe Terra etc., ou criando giras e rituais somente seus a ponto de mudarem totalmente os objetivos maiores das Sessões ou Giras de Umbanda, ou fazerem como Chefe Espiritual do Terreiro: baianos, mineiros, exus, ciganos etc. e tal. Todos podem ser entidades de grande valor nos trabalhos, desde que a eles tenham sido ensinados os objetivos e formas de trabalho da Umbanda, mas, como são agregados auxiliares, não tem ordem de comando para dirigirem verdadeiros Terreiros de Umbanda, a não ser sob vigilância de um Verdadeiro Caboclo ou Preto Velho.

E como sei que alguns, ao lerem, vão logo querer defender as Falanges de Ciganos, deixo bem claro que não há ataque algum a qualquer tipo de falange neste texto e sim constatação de fatos. Vou adiantando aqui que, embora venham sendo aceitos em alguns Terreiros (não todos) e não há muito tempo, como querem fazer crer outros mais, essas falanges têm suas formas de ver e agir, bem assim como princípios religiosos e de louvação, bastante distintos do que sempre foi preconizado para a Umbanda e, até onde sei, há até mesmo indicações para que seus altares sejam diferenciados do altar mor dos Terreiros – o Congá. E pra reforçar ainda mais, vemos em muitos Terreiros Giras especialmente organizadas para o dia dos Ciganos e Ciganas, numa clara demonstração (só não percebe quem não quer) de que a ritualística deles tem que ser especial – sem Caboclos ou Pretos Velhos por perto – e, preferencialmente, com louvação a Santa Sara e não a Orixás ou Santos, embora já se veja, por parte de mais alguns, uma tentativa de adaptação dessas crenças para justificarem ciganos como povo de Umbanda.

Tenho nada contra quem faz assim e o que vou dizer não lhes tira o valor quando chegam para trabalhar pela Caridade verdadeiramente. Cada um chama e trabalha com as entidades que achar melhor e até muito positivamente, eu creio. Mas que são entidades fora do contexto de Umbanda, lá isso são.

Saudações fraternas a todos.

Faltava-nos ainda saber, com mais detalhes, como se processavam as sessões e os rituais na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. As mesmas podem ser observadas no – REGIMENTO INTERNO DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE, acima. Iremos aqui, sucintamente enumerá-los a fim de nos inteirarmos superficialmente como eram efetuados.

SESSÕES E RITUAIS DA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Sessão de Caridade:



Caracteriza-se por ser Sessão de Caridade, àquela destinada ao atendimento fraterno aos assistidos efetuadas por Pretos-Velhos e/ou Caboclos.

Sessão de Mesa:



No centro da Tenda é disposta uma “Mesa de Trabalho” de madeira com cadeiras ao redor. Às cabeceiras sentam-se os médiuns responsáveis pelos trabalhos que ali irão ocorrer. Nas outras cadeiras à volta de mesa sentarão os médiuns que efetuarão o trabalho requerido (desobsessão (descarrego), firmezas, etc.).

Enquanto se procede os trabalhos na mesa, o restante dos médiuns manifestados juntamente com os cambonos realizam os trabalhos de caridade em atendimentos fraternos. A Mesa de Trabalho em si é um objeto indispensável nas Sessões de Umbanda, uma vez que serve de apoio e contato para os trabalhos de um modo geral. É em volta da Mesa de Trabalho que os médiuns se reúnem para sessões específicas.

É a partir dela que é realizado um estudo, rezas, preleções, reuniões, evangelização, consultas ou desenvolvimento mediúnico. É através dela que os médiuns realizam seus trabalhos de desobsessão. Enfim, pode-se utilizar a Mesa de Trabalho para diversos fins.

Sessão de Descarga:

Esta Sessão é exclusivamente restrita aos médiuns da Tenda. Caracteriza-se como principal tarefa, a de efetuar descarregos dos membros e da Tenda em si. Durante esta Sessão, os Caboclos incorporam em seus médiuns, dando-lhes firmeza, logo após "sobem" e permitem, se for o caso, sob a regência do Guia Chefe, a incorporação de Exus nos médiuns previamente escolhidos para efetuarem à limpezas mais específicas. Esse descarrego é realizado uma vez por mês ou quando determinado pela necessidade.

Sessão de Doutrina:

É a Sessão doutrinária e de desenvolvimento mediúnico realizada pelo Guia Chefe. Em época, era realizada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, onde dava seu parecer sobre os assuntos ritualísticos da Tenda e acerca das demais por ele fundadas, bem como também instruir seus Dirigentes.

Sessão Extraordinária:

Esta sessão se caracteriza pela realização de batizados e casamentos, ou reuniões gerais com outras Tendas para formalizar festividades e outros.

Sessões festivas e especiais da Linha Branca:

As sessões festivas na Linha Branca de Umbanda e Demanda, são comemorações e homenagens às Linhas, menos da sétima: a Linha de Santo.

- O dia 20 de janeiro ligado a Oxossi e São Sebastião/Caboclos;
- O dia 23 de abril ligado a Ogum e São Jorge;
- O dia 13 de maio ligado aos Pretos-velhos (Almas dos Pretos Cativos);
- O dia 13 de junho ligado a Santo Antônio e ao Pai Antônio;
- O dia 15 de setembro em homenagem à Nossa Senhora da Piedade;
- O dia 27 de setembro ligado aos Ibejis e São Cosme e São Damião/Linha das Crianças;
- O dia 30 de setembro ligado a Xangô e São Jerônimo;
- O dia 16 de novembro na lembrança do aniversário do Caboclo das Sete Encruzilhadas;
- O dia 4 de dezembro ligado a Yansã e Santa Bárbara;
- O dia 8 de dezembro ligado a Yemanjá e Oxum e Nossa Senhora da Conceição.

Para não confundirmos as festas religiosas com festas profanas regadas a comes e bebes, vamos relembrar as palavras de Pai Antônio: ***"Festa é fazer a caridade"***.

As festas na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade eram realizadas em comunhão religiosa, e, posteriormente, os trabalhos caritativos em atendimentos fraternos ocorriam normalmente.

O ritual das fitas ou ritual da garrafa de Mallet:



Este ritual fora trazido pelo Orixá Mallet através de Pai Antônio não conseguindo precisar a data com certeza.

Antes de qualquer coisa devemos entender que o Ritual das Fitas precede o Amaci por questões fluídicas, mas que são rituais intimamente ligados.

Na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade realizam-se três dias seguidos de trabalhos para somente concluir o Amaci. No primeiro dia, geralmente uma sexta-feira, realiza-se, a Sessão de Descarga que têm por objetivo eliminar fluidos danosos; no segundo dia realiza-se o Ritual das Fitas de Mallet e caridade; e no terceiro dia consecutivo, o Amaci. O Ritual das Fitas consiste em reforçar as ligações fluídicas dos médiuns com as Sete Linhas, para que no dia seguinte o Amaci fixe estes fluidos na coroa dos médiuns. São organizadas as fitas (branca, verde, vermelha, amarela, azul clara e roxa) representativas das Sete Linhas. Prepara-se uma garrafa de cerveja branca.

A sessão tem seu início, como de costume, onde a Mesa de Umbanda é formada, e o Guia Chefe manifestado, abre os trabalhos. Após, os Caboclos e/ou Pretos-Velhos incorporam em seus médiuns para lhes dar firmeza; após isto estes Guias desincorporam, e começa o ritual. O Cambono Chefe auxiliado pelos outros cambonos organizam as fitas e as amarram na ponta da garrafa. Então o Cambono Chefe ergue a garrafa até certa altura, e são feitas algumas filas de médiuns; na ponta de cada fila, encabeçando-a está um Babá da Tenda que segurará uma das fitas. O Guia Chefe do Terreiro então solicita os pontos cantados de cada uma das Linhas, e todas as filas começam a trançar as fitas na garrafa. Depois de trançada, a garrafa é guardada para ser despachada no dia seguinte após o Amaci. O Ritual das Fitas termina, e a Mesa de Umbanda é levantada. A importância deste ritual está em fortalecer as ligações fluídicas entre as Linhas e a coroa dos membros da Tenda.

SESSÃO DO AMACI



Nota do autor: A palavra Amaci é a forma aportuguesada do termo Yorubá – "Amã tìsi" –, que quer dizer: *Amã: "partícula que indica hábito, costume"*, usada com o verbo – Tìsí: *"empurrar para dentro"*. Portanto, Amaci quer dizer: "o hábito de empurrar para dentro", numa alusão a "empurrar" a força vital das ervas para dentro da cabeça, nos centros de força etéricos.

Não posso dizer ao certo em que momento da história da TENSP este ritual surgiu, mas sabe-se muito bem a sua finalidade e sua importância desde que foi trazido pelo espírito de Pai Antônio sob ordens de Orixá Mallet.

No Candomblé, existe um ritual homônimo que utiliza a lavagem de cabeça com ervas, porém bem distinto deste praticado na Umbanda e que descreverei de maneira simples e objetiva...

O seu objetivo é basicamente, com a lavagem de cabeça, limpar o campo energético do médium para a melhor aproximação de energias dos Espíritos mais elevados da Umbanda. Para os consulentes, é uma boa oportunidade para limpar o campo energético do corpo e trazer fluidos melhores; estes podem participar desde que vestidos com roupa branca e em preceito, o que nos leva a concluir que este ritual tem por objetivo maior anular e neutralizar fluidos danosos de quem assim desejar, agindo de maneira mais indireta na mediunidade dos indivíduos.

A Sessão de Amaci só é feita depois do Ritual de Fitas de Orixá Mallet, pois é energeticamente dependente deste...

O Rito

A lavagem da cabeça dos médiuns é feita sobre uma cama de folhas de mangueira, elas têm a função de descarga, de atrair energias negativas do campo energético do corpo.

As folhas são colhidas por médiuns homens escolhidos pela entidade dirigente da sessão já na sessão de Fitas; neste grupo deve estar presente pelo menos um "cambono" (membro responsável pela organização material da Tenda, bem como a manutenção da ordem e da disciplina durante as sessões) para supervisionar os médiuns na manutenção da concentração, enquanto as mulheres preparam e limpam a Tenda com água e sal grosso.

Durante todo o processo de colheita das folhas até a montagem da cama é entoado o ponto específico para o ritual: *"Mangueira, mangueira; Mangueira de Umbanda; Folha por folha Umbanda; Lá no mato tem Umbanda; Vamos cruzar; Para salvar; Filhos de Umbanda com seu patuá"*

Depois de colhidas, as folhas são levadas para a Tenda onde são selecionadas, ou seja, são utilizadas somente as folhas inteiras e sem manchas e com elas é montada a cama no meio do salão. São riscados os pontos das seis Linhas de Umbanda em frente ao congá por seis babás da casa (escolhidos pela entidade dirigente dos trabalhos), seguidos dos pontos riscados de Exu correspondem a cada uma das seis linhas.





Feito isso, o Guia chefe recebe todos os médiuns e pessoas que desejam participar do ritual, que são orientados a mentalizar pedidos de bons agouros e boa ventura desde a colheita de sua folha até o momento em que o Guia dirigente dos trabalhos irá recebê-la para picá-la em pequenos pedaços (folhas estas de qualquer espécie, com exceção de folhas com espinhos, comigo-ninguém-pode e folha de mangueira). Estas folhas são picadas junto à uma bacia de ágata de cor branca num banho que é composto por todas as bebidas usadas na casa, dentre elas as bebidas correspondentes às sete linhas.

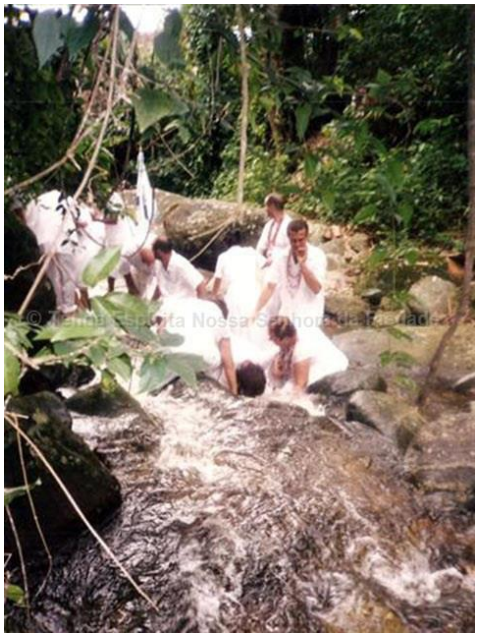




Em ordem de tempo de casa, os membros da Tenda vão deitando-se na cama de folhas para a lavagem da cabeça pelo Guia chefe que de acordo com a necessidade, vai pedindo o ponto cantado específico de cada Linha ou entidade, que geralmente se manifestam assim que o médium se levanta.



As folhas são descarregadas em um rio e as pessoas que participaram do rito, por questões fluídicas, devem permanecer por pelo menos 03 dias com o banho na cabeça, ou então podem lavá-las em uma cachoeira com o Guia chefe da casa.





Terminada a lavagem, é feita a queima da pólvora que cobre os pontos riscados de ligação e dos comandantes das respectivas falanges de Exu pelos mesmos Babás escolhidos anteriormente pela cabeceira da Mesa de Umbanda (pontos riscados das seis Linhas), que depois de acesos são limpos com aguardente e água, após isso são levantados todos os pontos da Mesa de Umbanda fazendo a limpeza com as suas respectivas bebidas dispostas nos pontos durante toda a sessão, é feita a prece de encerramento e o Hino de Umbanda encerrando assim as atividades da casa depois de 03 dias seguidos de sessão.

(Pedro Kritski)

A MESA DE UMBANDA



A Mesa de Umbanda se constitui por uma série de pontos que são riscados à frente do altar seguindo uma ordem hierárquica. Em primeiro o ponto do Guia-Chefe da Tenda, aos lados os Subchefes, abaixo destes, vêm os pontos riscados das seis Linhas Brancas. Somente os Babás podem riscar a Mesa de Umbanda. Vale ressaltar que, a Mesa de Umbanda é riscada antes do início da Sessão pelo Guia-Chefe da Tenda. Os pontos da mesa possuem um modo próprio de serem firmados.



Ziméia de Moraes (filha de Zélio) e Lygia Cunha (neta de Zélio) firmando a Mesa de Umbanda

O QUE É A LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA

Vamos expor algumas noções sobre a Linha Branca de Umbanda e Demanda preconizada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, expostos por Leal de Souza, primeiramente em reportagens no Diário de Notícias com o título *"A Magia e as Sete Linhas de Umbanda"*, e posteriormente agregadas e disponibilizadas em um livro: *"O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda"* (1933), ensinamentos esses, seguidos pela Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, até hoje. Disponibilizaremos algumas dessas importantes reportagens, entre as quais, algumas não estão inseridas no livro citado; algumas estarão inseridas em outros assuntos deste livro. Todas as reportagens originais de Leal de Souza estarão disponibilizadas juntamente deste livro, em nosso site, sob o título "Reportagens Históricas".

Nesses escritos vamos entender o que é a Linha Brande Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, suas características, rituais e finalidades. Observaremos que a Linha Branca de Umbanda é uma modalidade de Espiritismo, com peculiaridades ritualísticas e doutrinárias, acatando e apregoando a Doutrina Espírita, mas, sem ser kardecismo, que é outra modalidade de espiritismo. Aliás, em Doutrina Espírita não há nada que condene as práticas da Linha Branca de Umbanda; pelo contrário, prova-as elucidando-as.



DIARIO DE NOTICIAS

Terça-feira, 7 de Fevereiro de 1933

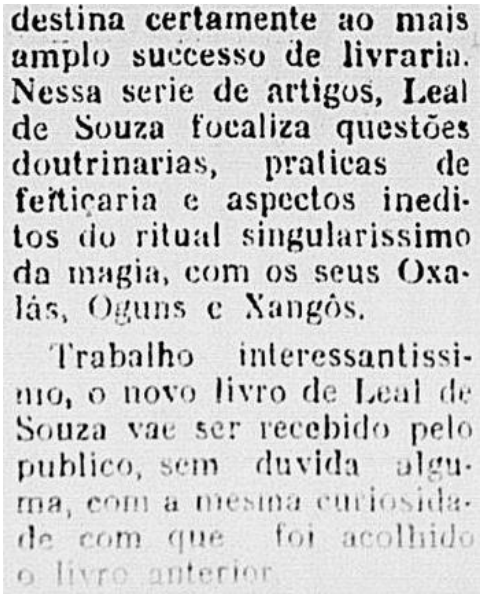
Apparecem em volume os artigos que Leal de Souza escreveu para o "Diario de Noticias"

Leal de Souza

Leal de Souza é uma das figuras mais brilhantes do jornalismo carioca. Autor de varios livros, de diversos generos literarios, — versos, estudos, chronicas, — Leal de Souza dedicou-se, ultimamente, a estudos sobre a doutrina espirita, fazendo experiencias de caracter scientifico e observando como se pratica a feitiçaria, a magia branca e negra.

O seu livro intitulado "No mundo dos espiritos" constituiu um exito invulgar, pelas sensacionaes revelações nelle contidas. E, recentemente, pelas columnas do DIARIO DE NOTICIAS escreveu Leal de Souza uma serie de interessantes artigos sobre o assumpto, subordinados ao titulo "O Espiritismo, a Magia e as sete linhas de Umbanda".

Esses artigos, que despertaram o mais accentuado interesse, tanto nos circulos espiritas como nos meios leigos, apparecem, agora, reunidos em volume que se

 destina certamente ao mais amplo successo de livraria. Nessa serie de artigos, Leal de Souza focaliza questões doutrinarias, praticas de feitiçaria e aspectos ineditos do ritual singularissimo da magia, com os seus Oxalás, Oguns e Xangôs. Trabalho interessantissimo, o novo livro de Leal de Souza vae ser recebido pelo publico, sem duvida alguma, com a mesma curiosidade com que foi acolhido o livro anterior.	O livro anterior a que se refere à reportagem, é o “No Mundo dos Espíritos”, uma coletânea de tudo o que foi escrito por Leal de Souza nas reportagens intituladas: “Inquérito A Noite”, pelo jornal “A Noite”.

AS SUBDIVISÕES DO ESPIRITISMO

O espiritismo no Rio de Janeiro, como em toda parte, varia em modalidades, dividindo-se em ramificações.

Possuímos, nesta capital, centros ligados pela orientação e pelos ritos à tradição dos velhos tempos egípcios.

Temos as diversidades das lojas teosóficas, a que faço, com simpatia, estas referências receosas, pelo dever de constatar-lhes a existência, pois muitos teosofistas não gostam de ser confundidos com os espíritas.

Contam-se, também, institutos moldados com adaptações locais sobre antigos modelos indianos.

O espiritismo científico, com o rigor integral de suas pesquisas, é o menos cultivado na antiga capital do Brasil, certamente pelos pendores religiosos de nosso povo.

O kardecismo, que reputa os seus aderentes os únicos praticantes da doutrina, como a pregava Allan Kardec, igualmente varia, onímodo, em seus processos e práticas. Há centros representativos da intransigente pureza do espiritualismo sem liga, e os há revestidos de altiva nobreza intelectual, a par dos humílimos, constituídos dos chamados pobres de espírito.

A LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA

A organização das Linhas no espaço corresponde a determinadas zonas na Terra, por largos ciclos no tempo.

Atendem-se, ao constituí-las, as variações de cultura moral e intelectual, aproveitando-se as entidades mais afins com as populações dessas paragens. Por isso, o Espiritismo de Linha se reveste, nos diversos países, de aspectos e característicos regionais.

Nas Falanges da Linha Branca de Umbanda e Demanda já se identificaram índios de quase todas as tribos brasileiras, sendo que numerosos foram europeus em encarnações anteriores; pretos da África e da Bahia, portugueses, espanhóis, muitos ilhéus malaios, muitíssimos hindus.

Pode-se, no Terreiro de Umbanda, estudando-se as manifestações de Caboclos e Pretos, estabelecer as diferenças raciais, distinguir as tendências das mentalidades desses dois ramos da árvore humana, surpreender os costumes de seus povos e comparar as duas psicologias.

O Caboclo autêntico, vindo da mata, através de um aprendizado no espaço, para a Tenda, tem o entusiasmo intolerante do cristão novo; é intransigente como um frade, atirando a face os nossos defeitos e até com as nossas atitudes se mete. Ouvindo queixas dos que sofrem as agruras da vida, responde zangado que o Espiritismo não é para ajudar ninguém na vida material, e atribui os nossos sofrimentos a erros e faltas que

teremos de pagar. Mas, em dois ou três anos de contato com as misérias amargas de nossa existência, suaviza a sua intransigência e acaba ajudando materialmente os irmãos encarnados, porque se condói de sua penúria e deseja vê-los contentes e felizes.
O Preto, que gemeu no eito sob o bacalhau do feitor, esse não pode ver lágrima que não chore, e quase sempre sai a desbravar os caminhos dos necessitados, antes que lhe peçam. O negro da África difere um pouco do da Bahia; aquele, na sua bondade, auxilia a quem pode, porém, às vezes, se irrita com os jactanciosos e com os ingratos, mas o da Bahia, em casos semelhantes, enche-se de piedade, pensando nas dificuldades que os maus sentimentos vão levantar na estrada de quem os cultiva.

A Linha Branca de Umbanda e Demanda tem o seu fundamento no exemplo de Jesus, expulsando a vergalho os vendilhões do templo. Às vezes, é necessário recorrer à energia para reprimir o sacrilégio, consistente na violação das leis de Deus em prejuízo das criaturas humanas.

O homem prejudica o seu semelhante por inconsciência, ignorância ou maldade. Nos dois primeiros casos, a Lei de Umbanda, manda esclarecer a quem está em erro, até convencê-los de sua falta, impedindo-o, desde logo, de continuar a sua ação maléfica. No segundo caso, reprime singelamente o perverso.

Pra exemplificar: a polícia, com frequência, sitia e fecha Centros Espíritas, ou que como tais se apresentam e prende os seus componentes. Quando o Centro, como tantas vezes tem acontecido, é da Linha Branca, o seu Guia considera: *"A autoridade cometeu uma injustiça, sem a intenção de cometê-la. O seu desejo era cumprir o dever, defendendo a sociedade. Confundiu a nossa Linha com a outra, tratando-nos como malfeitores sociais".* Devemos procurar esclarecer os poderes públicos, para evitar confusões semelhantes.

Se a Casa atingida pela perseguição policial pertencia à Magia Negra, o que raríssimas vezes acontece, as entidades espirituais reagem e castigam até com brutalidade os repressores de sua atividade. Há muitos ex-delegados que conhecem a causa de desgraças que os feriram na situação social na paz dos lares.

O objetivo da Linha Branca de Umbanda e Demanda é a prática da Caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, desmanchando os trabalhos de Magia Negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos.

Os sofrimentos que nos afligem são uma prova, ou provação, ou provém dos nossos próprios erros, ou da maldade dos outros. Em caso de prova, temos de suportá-la até o limite extremo, e os filhos de Umbanda procuram atenuá-las, ensinando-nos a resignação, mostrando-nos a bondade de Deus, que nos permite o resgate de nossas culpas sem puni-las com penalidades eternas, descrevendo-nos os quadros de nossa felicidade futura.

Se as nossas dores e dificuldades significam consequências de nossas faltas, os Protetores de Umbanda nos aconselham a repará-las, conduzindo-nos com amor e paciência, ao arrependimento. Na terceira hipótese, reprimem energicamente os malvados que nos perseguem do espaço para cevar ódios da Terra. Nas angústias de nossa vida material, afastam de nosso ambiente, purificando-o os fluidos da inveja, da cobiça, da antipatia e da inimizade.

O tratamento da obsessão, as curas das doenças de natureza espiritual, constitui os trabalhos de caridade; os outros, os de demanda; porém, os dois são absolutamente gratuitos. Se algum médium se esquece de seus deveres e recebe dinheiro, ou coisa correspondente, pela caridade feita, pelo seu Protetor, este se retira, abandonando-o à entidades que em geral o reduzem a miséria.

A hierarquia, na Linha Branca, é positiva, mantendo-se com severidade.

Todos os seus dirigentes espirituais proclamam e reconhece a autoridade de Ismael, Guia do Espiritismo no Brasil.

A incorporação é sempre um fenômeno complexo, que se processa mediante acidente psicológico, físico e espiritual, e tem na Linha Branca de Umbanda a expressão máxima de sua transcendência. Vulgarmente, basta que o Espírito se assenhoreie dos órgãos cerebrais, vocais, e manuais, ou de todos os chamados nobres, para fazer a comunicação verbal ou escrita, e dar passes. Na Linha Branca, precisa apropriar-se de todo o organismo do médium, porque nesse corpo vai viver materialmente algumas horas, movendo-se, utilizando-se de objetos, às vezes suportando pesos. A incorporação na Linha Branca é quase uma reencarnação, no dizer de um Espírito.

Dir-se-á que todos os socorros prestados pela Linha Branca poderiam sê-lo, sem os seus trabalhos, pelos altos Guias, pelos Espíritos superiores.

Os Espíritos de luz que baixam à Terra, e se conservam em nossa atmosfera orientam Falanges ou desempenha outras missões, e não contrariam, nem poderiam contrariar, desígnios em que se enquadram as funções de todos os servos da fé, grandes ou pequeninos, se em algumas situações lhes é permitido exercer a sua ação

instantânea em favor de quem soube merecê-la, na maioria das circunstâncias deixam o indivíduo, pelas faltas do passado ou pelas culpas do presente, submeter-se ao que lhe parece uma degradação.
Estamos numa época amargurada de arrogante orgulho intelectual e insolente vaidade mundanaria, e, para abater a paropsia desses orgulhosos, os episódios de suas existências se encadeiam de modo a arrastá-los a implorar e a receber a misericórdia de Deus, por intermédio dos Espíritos mais atrasados, ou que como tais se apresentam.

OS ATRIBUTOS E PECULIARIDADES DA LINHA BRANCA

Os chamados atributos da Linha Branca de Umbanda e Demanda, em seu uso vulgar, causam viva impressão de extravagância ridícula as pessoas de hábitos sociais aprimorados, convencendo-as do atraso dos Espíritos incumbidos de usá-los. Mas essas práticas assentam em fundamentos razoáveis. Procuremos esclarecê-las, dizendo, do pouco que sabemos, o que nos for permitido divulgar. Antes, porém, é conveniente estabelecer e afirmar que as imagens muitas vezes existentes nos recintos das Sessões da Linha Branca, não representam um contingente obrigatório do culto, pois são, apenas, permitidas, ou, antes, significam uma concessão dos Guias, tornando-se, com frequência, necessárias para atender aos hábitos e predileções de muitíssimas pessoas e de muitíssimos Espíritos.

Quando se coloca uma imagem num recinto de trabalho, celebra-se o seu cruzamento, cerimônia pela qual se estabelece a sua ligação fluídica com as entidades espirituais responsáveis pelas reuniões.

Renova-se essa ligação automaticamente sempre que há Sessão, durante a qual a imagem se transforma em centro de grandes e belos quadros fluídicos.

Encaremos, agora, o assunto principal deste escrito.

- **Linguagem:** A Linha Branca de Umbanda e Demanda tem um idioma próprio, para regular os seus trabalhos, designar os seus atributos e cerimônias, e evitar a divulgação de conhecimentos suscetíveis de uso contrário aos seus objetivos caridosos. Em suas manifestações, conversando entre si, os Espíritos, para não serem entendidos pelos assistentes, empregam o linguajar de cabindas africanas, de tribos brasileiras, das regiões onde encarnaram pela última vez. No trato com as pessoas, excetuados os grandes Guias, usam da nossa língua comum, deturpando-a a maneira dos Pretos ou dos Caboclos. Esses trabalhadores do espaço desejam que os julguem atrasados, a fim de que os indivíduos que se reputam superiores e são obrigados a recorrer à humildade de Espíritos inferiores percebam e compreendam a sua própria inferioridade.

- **Roupa:** Usam-se, em certos trabalhos, roupas brancas, para evitar o amortecimento e arritmia das vibrações, pelas diversidades de coloração. Pode-se acrescentar que os filhos de Umbanda aconselham o uso habitual dos tecidos claros, pelas mesmíssimas razões expressas no apelo dirigido, há anos pelo clube médico desta capital, quando pediu a população carioca o abandono dos padrões escuros.

- **Calçados:** Em certas ocasiões, trabalha-se com os pés descalços, quando não é possível mudar o calçado na Tenda, pois os sapatos com que andamos nas ruas pisam e afundam principalmente nas esquinas em fluidos pesados que se agitam como gazes a flor do solo, e que dificultam as incorporações ou se espalham pelo recinto da reunião, causando perturbações.

- **Atitudes:** Não se permite cruzar as pernas e os braços durante as sessões, porque, como vimos na Magia Negra, essas atitudes quebram ou ameaçam violentamente a cadeia de concentração, impedem a evolução do fluido com que cada assistente deve contribuir para o trabalho coletivo; determinam, com essa retenção, perturbações físicas e até fisiológicas e impossibilitam a incorporação, quando se trata de um médium. Ao descer de certas Falanges, como em alguns atos de descarga, sacode-se o corpo em cadência de embalo, na primeira hipótese, para facilitar a incorporação, e na segunda para auxiliar o desprendimento de fluidos que não nos pertençam.

- **Guia:** É um colar de contas da cor simbólica de uma ou mais linhas. Fica, mediante o cruzamento, em ligação fluídica com as Entidades Espirituais das Linhas que representa. Desvia, neutraliza ou enfraquece os fluidos menos apreciáveis. Periodicamente, é lavado, nas sessões, para limpar-se da gordura do corpo humano, bem como dos fluidos que se aderiram, e de novo cruzada.

- **Banho de Descarga:** Cozimento de ervas para limpar o fluido pesado que adere ao corpo, como um suor invisível. O banho de mar, em alguns casos, produz o mesmo resultado.

- **Cachaça:** Pelas suas propriedades, é uma espécie de desinfetante para certos fluidos; estimula outros, os bons; atrai, pelas vibrações aromáticas, determinadas entidades, e outros bebem-na quando incorporados, em virtude de reminiscência da vida material.

- **Fumo:** Atua pelas vibrações do fogo, e do aroma. A fumaça neutraliza os fluidos magnéticos adversos. É frequentemente ver-se uma pessoa curada de uma dor de cabeça ou aliviada do incomodo momentâneo de uma chaga, por uma fumarada.

- **Defumador:** Atua pelas vibrações do fogo, e do aroma, pela fumaça e pelo movimento. Atrai as entidades benéficas e afasta as indesejáveis, exercendo uma influência pacificadora sobre o organismo.

- **Ponto Cantado:** É um hino muitas vezes incoerente, porque os Espíritos que nos ensinam, o compõem de modo a alcançar certos efeitos no plano material sem revelar aspectos do plano espiritual. Tem, pois, duplo sentido. Atua pelas vibrações, opera movimentos fluídicos e, harmonizando os fluidos, auxilia a incorporação. Chama algumas entidades e afasta outras.

- **Ponto Riscado:** É um desenho emblemático ou simbólico. Atrai, com a concentração que determina para ser traçado, as entidades ou falanges a que se refere. Tem sempre uma significação e exprime, às vezes, muitas coisas, em poucos traços.

- **Ponteiro:** É um punhal pequeno, de preferência com cruzeta na manda, ou empunhadura. Serve para calcular o grau de eficiência dos trabalhos, pois as forças fluídicas contrárias, quando não foram quebradas, o impedem de cravar-se ou o derrubam, depois de firmado. Tem ainda a influência do aço, no tocante ao magnetismo e a eletricidade.

- **Pólvora:** Produz, pelo deslocamento do ar, os grandes abalos fluídicos.

- **Pemba:** Bloco de giz. Usa-se para desenhar os pontos. Esses recursos e meios não são usados arbitrariamente em qualquer ocasião, nem são necessários nas sessões comuns. A pólvora, por exemplo, só deve ser empregada em trabalhos externos, realizados fora da cidade, ao ar livre. Nos últimos anos, os Guias não têm permitido que os Centros ou Tendas guardem ou possuam em suas sedes pemba, punhais, ou pólvora, concorrendo, com as suas instruções, para que sejam obedecidas as ordens das autoridades públicas.

AS SETE LINHAS BRANCAS

A Linha Branca de Umbanda e Demanda, compreende Sete Linhas: a primeira de Oxalá; a segunda de Ogum; a terceira, de Euxoce (Oxossi); a quarta, de Xangô; a quinta de Nha-San (Yansã); a sexta de Amanjar (Yemanjá); a sétima é a Linha de Santo, também chamada de Linha das Almas.

Essas designações significam, na língua de Umbanda – a primeira, Jesus, em sua invocação de Nosso Senhor do Bonfim; a segunda, São Jorge; a terceira, São Sebastião; a quarta, São Jerônimo; a quinta, Santa Bárbara; e a sexta, a Virgem Maria, em sua invocação de Nossa Senhora da Conceição. A Linha de Santo é transversal, e mantém a sua unidade através das outras.

Cada Linha tem o seu ponto emblemático e a sua cor simbólica. A de Oxalá, a cor branca; a de Ogum a encarnada; a de Euxoce (Oxossi), verde; a de Xangô, roxa; a de Nha-San (Yansã), amarela; a de Amanjar (Yemanjá), azul.

Oxalá é a linha dos trabalhadores humílimos; tem a devoção dos Espíritos de Pretos de todas as regiões, qualquer que seja a Linha de sua atividade, e é nas suas Falanges, com Cosme e Damião, que em geral aparecem as entidades que se apresentam como Crianças.

A Linha de Ogum, que se caracteriza pela energia fluídica de seus componentes, Caboclos e Pretos da África, em sua maioria, contém em seus quadros as Falanges guerreiras de demanda.

A Linha de Euxoce (Oxóssi), também de notável potência fluídica, com entidades, frequentemente dotadas de brilhante saber, é, por excelência, a dos indígenas brasileiros.

A Linha de Xangô pratica a caridade sob um critério de implacável justiça: – quem não merece, não tem; quem faz, paga.

A Linha de Nhan-San (Yansã) consta de desencarnados que na existência térrea eram devotados de Santa Bárbara.

A Linha de Amanjár (Yemanjá) é constituída dos trabalhadores do mar, Espíritos das tribos litorâneas, de marujos, de pessoas que perecem afogadas no oceano.

A Linha de Santo é forma de pais de mesa, isto é, de médium de “cabeça cruzada”, assim chamados porque se submeteram a uma cerimônia pela qual assumiram o compromisso vitalício de emprestar o seu corpo, sempre que seja preciso, para o trabalho de um Espírito determinado, e contraíram “obrigações”, equivalentes a deveres rigorosos e realmente invioláveis, pois acarretam, quando esquecidos, penalidades aspérrimas e inevitáveis.

Os trabalhadores espirituais da Linha de Santo, Caboclos ou Negros, são egressos da Linha Negra, e tem duas missões essenciais na Branca – preparam, em geral, os despachos propiciatórios ao Povo da Encruzilhada, e procuram alcançar amigavelmente de seus antigos companheiros, a suspensão de hostilidades, contra os filhos e protegidos da Linha Branca. Por isso, nos trabalhos em que aparecem elementos da Linha de Santo, disseminados pelas outras seis, estes ostentam, com as demais cores simbólicas, a preta, de Exu.

Na Falange geral de cada linha figuram Falanges especiais, como na de Euxoce (Oxossi), a de Urubatan, e na de Ogum, a de Tranca-Rua, que são comparáveis as brigadas dentro das divisões de um exército.

Todas as Falanges tem característicos próprios para que se reconheçam os seus trabalhadores quando incorporados. Não se confunde um Caboclo da Falange de Urubatan, com outro de Araribóia, ou de qualquer Legião.

As Falanges dos nossos indígenas, com os seus agregados, formam o “Povo das Matas”; a dos Marujos e Espíritos da Linha de Amanjar (Yemanjá), o “Povo do Mar”; os Pretos Africanos, o “Povo da Costa”; os Baianos e mais negros do Brasil, o “Povo da Bahia”.

As diversas Falanges e Linhas agem em harmonia, combinando os seus recursos para a eficácia da ação coletiva. Exemplo: ... Muita vez, uma questiúncula mínima produz uma grande desgraça...

Uma mulatinha que era médium da Magia Negra, empregando-se em casa de gente opulenta, foi repreendida com severidade por ter reincidido na falta de abandonar o serviço para ir a esquina conversar com o namorado. Queixou-se ao dirigente do seu antro de magia, exagerando, sem dúvida, os agravos, ou supostos agravos recebidos, e arranjou, contra os seus patrões um “despacho” de efeitos sinistros.

Em poucos meses, marido e mulher estavam desentendidos, um, com os negócios em descalabro, a outra, atacada de moléstia asquerosa da pele, que ninguém definia, nem curava. Vencidos pelo sofrimento e sem esperança, o casal, aconselhado pela experiência de um amigo, foi a um Centro da Linha Branca de Umbanda, onde, como sempre acontece, o Guia, em meia hora, esclareceu-o sobre a origem de seus males, dizendo quem e onde fez o “despacho”, o que e por que mandou fazê-lo.

E, por causa desse rápido namoro de esquina, uma família gemeu na miséria, e a Linha Branca de Umbanda fez, no espaço, um de seus maiores esforços.

Propiciou-se as entidades causadoras de tantos danos, com um” despacho” igual ao que as lançou ao malefício, e, como o presente não surtisse resultado, por não ter sido aceito, os trabalhadores espirituais da Linha de Santo agiram, junto aos seus antigos companheiros de Encruzilhada, para alcançar o abandono pacífico dos perseguidos, mas foram informados que não se perdoava o agra a médiuns da Linha Negra.

Elementos da Falange de Euxoce (Oxossi) teceram as redes de captura, e os secundou, com o ímpeto costumeiro, a Falange guerreira de Ogum, mas a resistência adversa, oposta por blocos fortíssimos, de Espíritos adestrados nas lutas fluídicas, obrigou a Linha Branca a recursos extremos, trabalhando fora da cidade à margem de um rio. Com a pólvora sacudiu-se o ar, produzindo-se formidáveis deslocamentos de fluidos; apelou-se, depois, para os meios magnéticos, e, por fim, as descargas elétricas fagulharam na limpidez puríssima da tarde.

Os trabalhadores de Amanjar (Yemanjá), com a água volatizada do oceano, auxiliados pelos de Nha-San (Yansã), lavaram os resíduos dos maléficos desfeito e, enquanto os servos de Xangô encaminhavam os rebeldes submetidos, o casal se restaurava na saúde e na fortuna.

A LINHA DE SANTO

A missão da Linha de Santo, tão desprezada quanto ridicularizada até nos meios cultos do Espiritismo, é verdadeiramente apostolar.

Os Espíritos que a constituem, mantendo-se em contato com a banda negra, de onde provieram não só resolvem pacificamente as demandas, como convertem, com hábil esforço, os trabalhadores trevosos.

Esse esforço se desenvolve com tenacidade numa gradação ascendente.

Primeiro, os conversores lisonjeiam os Espíritos adestrados nos maléficos, gabam-lhes as qualidades, exaltam-lhe a potência fluídica, louvam a mestria de seus trabalhos contra o próximo, e assim lhes conquistam a confiança e a estima.

Na segunda fase do apostolado, começam a mostrar aos malfeitores o êxito de alcançar a Linha Branca com a excelência de seus predicados.

Aproveitando para o bem um atributo nocivo, como a vaidade, os obreiros da Linha de Santo passam a pedir aos acolhidos para a conversão, pequenos favores consistentes em atos de auxílio e benefício a esta ou àquela pessoa, e, realizado esse obsequio, levam-nos a gozar, como uma emoção nova, a alegria serena e agradecida do beneficiário.

Convidam-nos, mais tarde, para assistir os trabalhos da Linha Branca, mostrando-lhes o prazer com que o efetuam em cordialidade harmoniosa, sem sobressaltos, os operários ou guerreiros do espaço, em comunhão com homens igualmente satisfeitos, laborando com a consciência e paz.

Fazem-nos, depois, participar desse labor, dando-lhes, na obra comum, uma tarefa à altura de suas possibilidades, para que se estimulem e entusiasmem com o seu resultado.

E quando mais o Espírito transviado intensifica o seu convívio com os da Linha de Santo, tanto mais se relaciona com os trabalhadores do amor e da paz, e, para não se colocar em esfera inferior àquela em que os vê, começa a imitar-lhes os exemplos, elevando-se até abandonar de todo a atividade maléfica.

Depois que esse abandono se consumou, o converso não é incluído imediatamente na Linha, mas fica como seu auxiliar, uma espécie de adido, trabalhando sem classificação. Geralmente, nessa fase, exalta-o o desejo de se incorporar efetivamente às Falanges braças e a seu trabalho de fé se reveste daquele ardor com que se manifestam, pela ação ou pelo verbo, os crentes novos.

Permitida, afinal, a sua inclusão na Linha de Santo, ou em alguma outra, o antigo serventuário do mal vai resgatar as suas faltas, corrigindo as alheias.

OS PROTETORES DA LINHA BRANCA DE UMBANDA

Os protetores da Linha Branca de Umbanda e Demanda, invariavelmente são, ou dizem que são, Caboclos ou Pretos.

Entre os Caboclos, numerosos foram europeus em encarnações anteriores, e a sua reencarnação no seio dos silvícolas, não representa um retrocesso, mas o início, pela identificação com o ambiente, da missão que, como Espíritos, depois de aprendizado no espaço, teriam de desempenhar na Terra. Outros pertenceram, na última existência terrena, a povos brancos ou Ocidente, ou amarelos, da Ásia, e nunca passaram pelas nossas tribos.

Os restantes, porém, com o círculo de sua evolução, reduzidos, até o presente, à zona psíquica do Brasil, têm encarnado e reencarnado, com alternativas, em nossas cidades ou matas, estando, quase todos, no espaço, há mais de meio século. O mesmo, quanto a Negros.

Esses Protetores se graduam numa escala que ascende dos mais atrasados, porém cheios de bondade, aos radiantes Espíritos superiores.

O Protetor, na Linha Branca é sempre humilde e, com a sua língua atravessada, ou incorreta, causa uma impressão penosa de ignorância, mas frequentemente, pelos deveres de sua missão, surpreende os seus consulentes, revelando conhecimentos muito elevados. Exemplo:

Uma ocasião, numa pequena reunião de cinco pessoas, um Protetor Caboclo descarregava os maus fluidos de uma senhora, enquanto também incorporado, um Preto-Velho, Pai Antônio, fumava um cachimbo, observando a descarga.

- *Cuidado, Caboclo* avisou o Preto. *O coração dessa filha não está batendo de acordo com o pulso.*

- Como é que Pai Antônio viu isso? Deixe verificar, pediu um médico presente à sessão.

Depois da verificação, confirmou o aviso do Preto, que o surpreendeu de novo, emitindo um termo técnico da medicina, e explicando que o fenômeno não provinha, como acreditava o clínico, de suas causas fisiológicas, porém de ação fluídica, tanto que terminada a descarga, se restabelecia a circulação normal no organismo da dama. E assim aconteceu.

O doutor, então, quis conversar sobre a sua ciência com o Espírito humilde do Preto, e, antes de meia hora, confessava, com um sorriso, e sem despeito, que o Negro abordara assuntos que ele ainda não tivera oportunidade de versar, e estranhava:

- Pai Antônio não pode ser o Espírito de um preto da África e não se compreende que baixe para fumar cachimbo e falar língua inferior ao cassanje (dialeto crioulo do português falado nessa região; por ext. português mal falado e escrito.)

- *Eu sou preto, meu filho.*

- Não, Pai Antônio. O senhor sabe mais medicina do que eu.

Por que fala desse modo? Há de ser por alguma razão.

O Preto-Velho explicou:

- *Eu não baixo em roda de doutores. Doutor, aqui só há um, que és tu, e nem sempre vens cá. Depois, meu filho, se eu começo a falar língua de branco, posso ficar tão pretensioso como tu, que dizes saber menos medicina de que eu;* disse, numa linguagem, arrevesada, que traduzimos.

Os Protetores da Linha Branca em geral se especializam, no espaço, em estudos ou trabalhos de sua predileção na Terra e baixam aos Centros e incorporam para um objetivo definido. Acontece, porém, que muitas vezes são induzidos a erros pelos consulentes, com a cumplicidade dos presidentes de sessões. Uma pessoa os interroga sobre assunto de que não tem conhecimento pleno.

- *Não entendo disso, meu filho.* Na Sessão imediata, e nas outras, o curioso ou necessitado, insiste no seu pedido interrogativo, até que o trabalhador do espaço, receoso de inspirar a desconfiança com a confissão de sua ignorância, embarafusta pela seara alheia, e comete erros, logo remediados pelo Chefe do Terreiro, que é um Espírito conhecedor de todos os trabalhos e recurso da Linha.

Salvo em caso de necessidade absoluta, os Protetores da Linha Branca de Umbanda incorporam sempre nos mesmos médiuns.

As razões são simples e transparentes: habituaram-se a mover aqueles corpos, conhecem todos os recursos daqueles cérebros, e, pela constância dos serviços, mantêm os seus fluidos harmonizados com os dos aparelhos, o que lhes facilita a incorporação, aliás, sempre complexa e, em geral, custosa: – quanto mais elevado é o Espírito tanto mais difícil a sua incorporação.

OS ORIXÁS

Cada uma das Sete Linhas que constituem a Linha Branca de Umbanda e Demanda tem vinte e um Orixás.

O Orixá é uma entidade de hierarquia superior e representa, em missões especiais, de prazo variável, o alto Chefe de sua Linha. É, pelos seus encargos, comparável a um general, ora incumbido da inspeção das Falanges, ora encarregado de auxiliar a atividade de Centros necessitados de amparo, e, nesta hipótese fica subordinado ao Guia geral do agrupamento a que pertencem tais Centros.

Os Orixás não baixam sempre, sendo poucos os núcleos espíritas que os conhecem. São Espíritos dotados de faculdades e poderes que seriam terríficos, se não fossem usados exclusivamente em benefício do homem. Em oito anos de trabalhos e pesquisas, só tive ocasião de ver dois Orixás, um de Euxoce (Oxossi), o outro de Ogum, o Orixá Mallet.

E o Orixá Mallet, de Ogum, baixou e permanece em nosso ambiente, em missão junto às Tendas criadas e dirigidas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Trouxe, do espaço, dois auxiliares, que haviam sido malaios na última encarnação, e dispõe, dentre os elementos do Caboclo das Sete Encruzilhadas, de todas as Falanges de Demanda, de cinco falanges selecionadas do Povo da Costa, semelhantes as tropas de choque dos exércitos de Terra, além de arqueiros de Euxoce (Oxossi), inclusive núcleos da Falange fulgurante de Ubirajara.

Entende esse “Capitão de Demanda” que as pessoas de responsabilidade nos serviços da Linha, necessitam, a quando e quando, de provas singulares, que lhes revigore a fé, e reacenda a confiança nos Guias, e muitas vezes lhes dá, no decorrer dos trabalhos de sua direção.

Na vez primeira em que o vi, a sua grande bondade, para estimular a minha humilde boa vontade, produziu uma daquelas esplendidas demonstrações. Estávamos cerca de 20 pessoas numa sala completamente fechada.

Ele, sob a curiosidade fiscalizadora de nossos olhos, traçou alguns pontos no chão, passou em seguida a mão sobre eles, como se apanhasse alguma coisa; alçou a sinistra e, abrindo-a, largou no ar três lindas borboletas amarelas, e, espalmando a destra na minha, passou-me a terceira.

- *Hoje, quando, chegares a casa, e amanhã, no trabalho, serás recebido por uma dessas borboletas.*

E, realmente, tarde da noite, quando regressei ao lar e acendi a luz, uma borboleta amarela pousou no meu ombro, e na manhã seguinte, ao chegar ao trabalho, surpreenderam-se os meus companheiros vendo que outra borboleta, também amarela, como se descesse do teto, pousava-me na cabeça.

Tive ocasião de assistir à outra de suas demonstrações, fora desta capital, a margem do Rio Macacú.

Leváramos dois pombos brancos, que eu tinha a certeza de não serem amestrados, porque foram adquiridos por mim. Colocou-os o Orixá, como se os prendesse, sobre um ponto traçado na areia, onde eles quedaram quietos, e começou a operar com fluidos elétricos, para fazer chover. Em meio à tarefa disse:

- *Os pombos não resistem a este trabalho. Vamos passá-los para a outra margem do rio.*

Pegou-os, encostou-os as fontes do médium, e alçando-os depois, soltou-os. Os dois pássaros, num vôo alvacento, transpuseram a caudal, e fecharam as asas na mesma árvore, ficando lado a lado, no mesmo galho.

Passada a chuva que provocara, disse:

- *Vamos buscar os pombos.*

Chegamos à orla do rio. O Orixá, com as mãos levantadas, bateu palmas, e os dois pombos recruzando as águas, voltaram ao ponto traçado na areia.

Príncipe reinante, na última encarnação, numa ilha formosa do Oriente, o delegado de Ogum é magnânimo, porém, rigoroso, e não diverte curiosos: – ensina e defende.

Exigem os seus trabalhos, tantas vezes, revestidos de transcendente beleza, a quietude plana dos campos, a oxigenada altura das montanhas, o retiro exalante das flores ou a largueza ondulosa do mar.

OS GUIAS SUPERIORES DA LINHA BRANCA

Os Centros Espíritas são instituições da Terra com reflexo no espaço, ou criação do espaço com reflexo na Terra.

Um grupo de pessoas resolve fundar um Centro Espírita, localiza-o e começa a reunir-se em Sessões. Os Guias do espaço mandam-lhes, para auxiliá-las e dirigi-las, Entidades Espirituais de inteligência e saber superiores ao agrupamento, porém, afins com os seus componentes.

Esses enviados dominam em geral o novo Centro, mas não o desviam dos objetivos humanos determinantes de sua fundação.

Os Guias do espaço resolvem instituir na Terra, para a realização de seus desígnios, Tendas que sejam correspondentes a núcleos do outro plano, e incumbem de sua fundação os Espíritos que reúnem e selecionam os seus auxiliares humanos e os dirigem de conformidade com as finalidades espirituais.

Tanto os grupos de origem terrena, como os originários do espaço, ficam, em linhas paralelas, submetidos à direção de Guias superiores, que se encarregam de ordená-los em quadros divididos entre eles.

Esses Guias são chamados Espíritos de luz, que já não se incluem, pela sua condição, na atmosfera de nosso Planeta, porém, deslocados para a Terra em missão tanto mais penosa, quanto mais elevada é a natureza espiritual do missionário.

Desses missionários, alguns jamais têm a necessidade de recorrer a um médium e exercem a sua autoridade através de Espíritos que também muitas vezes não incorporam e transmitem ordens e instruções às entidades em contato direto com os Centros e grupos humanos.

Há, porém, Espíritos de luz, que pelas exigências de sua missão, baixam aos recintos de nossas reuniões, incorporam-se nos médiuns e dirigem efetiva, e até materialmente, os nossos trabalhos.

Frequentemente, no primeiro caso, há Centros que não sabem que estão sob a jurisdição de determinado Guia e que chegam a ignorar a sua permanência em nosso ambiente, sem que se lhes possa fazer, por isso, qualquer censura, pois os seus Guias imediatos não julgaram necessário ou conveniente fazer essa revelação.

As criações originárias do espaço se caracterizam pela sistematizada solidez de sua organização, pelos métodos e concatenações de seus trabalhos, e pelo inflexível rigor de sua disciplina.

Dessas criações a que melhor conheço é a fundada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

A CURA DA OBSESSÃO

Cura-se a obsessão, nos centros kardecistas, branda e lentamente, mediante a doutrinação do obsessor, e, como este frequentemente tem numerosos companheiros, o doutrinador tem de multiplicar os seus esforços.

O obsessor, quando se atirou a prática do mal, usou do livre arbítrio concedido por Deus a todas as criaturas, e o kardecista, no seu rigorismo doutrinário, procura demonstrar-lhe o erro, encaminhando-o para a felicidade. E, nesse elevado empenho, discute, ensina, pede, até convencê-lo.

O obsessor sempre resiste e cede demoradamente. Por isso e para restaurar as forças físicas do obsedado, o kardecista, paralelamente à doutrinação, faz um tratamento de passes. Assim, cura o paciente e ao mesmo tempo regenera o agente do malefício.

Na Linha Branca de Umbanda, o processo é mais rápido. O kardecista é um mestre; o filho de Umbanda é um delegado judiciário. Entende que pode usar do seu livre arbítrio para impedir a prática do mal.

O Espírito, o protetor, é, na Linha Branca de Umbanda, quem se incumbe da cura. Inicialmente, verifica o estado fisiológico do enfermo, para regular o tratamento, dando-lhe maior ou menor intensidade. Em seguida, aconselha os banhos de descarga, para limpeza dos fluidos mais pesados, e o defumador para afastar elementos de atividade menos apreciável. Investiga, depois, a causa da obsessão e se a encontra na magia, realiza imediatamente o trabalho propiciatório de anulação, e igual ao que determinou a moléstia.

Frequentemente, basta esse trabalho para libertar o obsedado, que fica, por alguns dias, em estado de prostração.

Se a causa da doença (permitam-me o vocábulo) era antiga e o doente não se refez logo, e nos casos que não são ligados a magia, o protetor afasta o obsessor, manda doutriná-lo, e se o rebelde não se submete é levado para regiões, ou estações do espaço, de onde não pode continuar a sua atuação maléfica.

Não raro, quando o obsedado não assiste à sessão em seu benefício, o protetor, atraindo-o durante o sono, por um processo magnético, traz o seu Espírito à reunião, e incita-o a reagir contra os estranhos que desejam dominá-lo, mostra-lhe que não está louco e que deve provar, com a sua conduta, a sua integridade mental.

À medida que os obsessores são afastados, para que o organismo do paciente não se ressinta da falta dos fluidos que lhe são retirados, fazem-se lhe passes, e, finda a sua incumbência, com a restituição daquele a si mesmo, pede-lhe o protetor que procure qualquer médico da Terra ou do espaço, para seguir um tratamento reconstituinte, se a obsessão o depauperou.

AS FESTAS DA LINHA BRANCA

Para mostrar, na esfera da realidade terrena, uma organização da Linha Branca de Umbanda e Demanda, citei a que melhor conheço, porém essa citação de modo algum representa a primazia, quer sob o aspecto de prioridade, quer sob o de superioridade.

Outras, sem dúvida, existem em nosso meio, fundadas e dirigidas pelos grandes missionários do espaço, e entre os numerosos Centros que funcionam isoladamente, muitos são ótimos, preenchendo, de modo completo, as finalidades da Linha.

O próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, assiste, fora de sua organização, outras Tendas, e costuma auxiliar com suas Falanges os trabalhadores de boa vontade que o invocam e chamam em suas reuniões, e creio que os demais Protetores não deixam de atender aos apelos de corações honestamente devotados ao serviço do próximo, em nome de Deus.

Numa instituição da disciplina peculiar à Linha Branca de Umbanda e Demanda, é natural que a transgressão consciente às suas leis não fique impune. Em geral, os culposos são abandonados pelos Guias, e sem esse amparo a que estavam habituados, tropeçam, a cada passo, em dificuldades e caem sob o domínio de entidades que os infelicitam.

Para os casos especiais, em que os erros, pela função de quem os comete, causam danos a outros e prejudicam o conceito da Tenda e da Linha, há penalidades ásperas, de efeitos imediatos.

Na Linha Branca de Umbanda e Demanda, também há alegrias, que se expressam em festividades. Seis dessas festas têm o caráter de obrigação ritualística, – são as dos padroeiros e Chefes das Linhas, variando, porém, o modo de realizá-las.

Algumas vezes, são simples sessões comemorativas, com alocuções e preces; outras, comportam a participação de Espíritos que incorporam para produzir orações referentes ao dia, ou para transmitir mensagens de estímulo, de Entidades Superiores.

Frequentemente, a festa é realizada pelos Espíritos incorporados, e, neste caso, assume características especiais, segundo a Linha que se festeja.

A essas festas, comparecem, além dos médiuns, convidados, e outras pessoas, e esse agrupamento de gente que nem sempre passou pela Sessão de Caridade, ou pela de descarga, obriga às medidas extraordinárias, para conservar um ambiente harmônico.

Assim, sem que o percebam os assistentes, enquanto a alegria religiosa os empolga, os seus Guias e demais Protetores, estão efetuando trabalhos que revestem, não raro, de intensidade excepcional.

No dia de Cosme e Damião, baixam festivamente às Tendas Espíritos infantis e com os quais é necessário, além de carinho fraternal, certa vigilância, porque eles, apossando-se dos médiuns, procedem como crianças e, como estas, são indiscretos, comentando sem respeito às conveniências sociais, qualquer pensamento menos nobre ou mais atrevido, que surpreendam em algum cérebro.

No fim das grandes demandas, isto é, quando se remata vitoriosamente um esforço maior em benefício do próximo, também se realiza, sem caráter obrigatório, uma festa em que se confundem na mesma satisfação, aos Espíritos e os homens. No encerramento do retiro anual, a sua última cerimônia é festiva, mas é íntima, abrangendo apenas os que, pelos seus encargos, são seus participantes forçados. É rigorosamente ritualística, e de uma grande beleza.

O KARDECISMO E A LINHA BRANCA DE UMBANDA

A Linha Branca de Umbanda e Demanda está perfeitamente enquadrada na doutrina de Allan Kardec e nos livros do grande codificador, nada se encontra susceptível de condená-la.

Cotejemos com os seus escritos os princípios da Linha Branca de Umbanda, por nós expostos no “Diário de Notícias”, edição de 27 de novembro de 1932.

A organização da Linha no espaço corresponde à determinada zona da Terra, atendendo-se, ao constituí-la, as variações de cultura e moral intelectual, com aproveitamento das Entidades Espirituais mais afins com as populações dessas paragens.

Allan Kardec, a página 219 do “Livro dos Espíritos” escreve:

“519. As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, tem Espíritos protetores especiais”. “Tem, pela razão de que esses agregados são individualmente coletivos que, caminhando para um objetivo comum, precisam de uma direção superior.”

"520. Os Espíritos protetores das coletividades são de natureza mais elevada do que os que se ligam aos indivíduos?" "Tudo é relativo ao grau de adiantamento, que se trate de coletividades, que de indivíduos.

E quanto às afinidades na mesma página:

"Os Espíritos preferem estar no meio dos que se lhes assemelham, acham-se aí mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. Por virtude de suas tendências, é que o homem atrai os Espíritos, e isso quer esteja só, quer faça parte da sociedade, uma cidade, ou um povo. Portanto, as sociedades, as cidades e os povos são, de acordo com as paixões e o caráter neles predominantes, assistidos por Espíritos mais ou menos elevados".

Os protetores da Linha Branca de Umbanda se apresentam com o nome de Caboclos e Pretos, porém, frequentemente, não foram nem Caboclos nem Pretos. Allan Kardec, a página 215 do "Livro dos Espíritos", ensina: *"Fazei questão de nomes: eles* (os protetores) *tomam um, que vos inspire confiança".*

Mas como poderemos, sem o perigo de sermos mistificadores, confiar em Entidades que se apresentam com os nomes supostos? Allan Kardec, a página 449 do "Livro dos Espíritos", esclarece:
"Julgai, pois, dos Espíritos, pela natureza de seus ensinos. Não olvideis que entre eles há os que ainda não se despojaram das ideias que levaram da vida terrena. Sabei distingui-los pela linguagem de que usam. Julgai-os pelo conjunto do que vos dizem; vede se há encadeamento lógico em suas ideias; se nestas nada revela ignorância, orgulho ou malevolência; em suma, se suas palavras trazem todo o cunho de sabedoria que a verdadeira superioridade manifesta. Se o vosso mundo fosse inacessível ao erro, seria perfeito, e longe disso se acha ele".

Ora, esses Espíritos de Caboclos ou Pretos, e os que como tais se apresentam, pela tradição de nossa raça, e pelas afinidades de nosso povo, são humildes e bons, e pregam, invariavelmente, sem solução de continuidade, a doutrina resumida nos dez mandamentos e ampliada por Jesus.

Entre os Protetores da Linha Branca, alguns não são Espíritos superiores, e os há também atrasados, porém, bons, quando o grau de cultura dos protegidos não exige a assistência de entidades de grande elevação, conforme o conceito de Allan Kardec, a página 216 do "Livro dos Espíritos":

"Todo homem tem um Espírito que por ele vela, mas as missões são relativas ao fim que visam, não dais a uma criança, que está aprendendo a ler, um professor de filosofia", e em trecho já transcrito explica: "que tudo é relativo ao grau de adiantamento, quer se trate de coletividades, quer de indivíduos".

Esses trabalhadores, porém, na Linha Branca, estão sob a direção de Guias de maior elevação, de acordo com o dizer de Allan Kardec a página 318 do "Livro dos Espíritos", sobre os Espíritos familiares, que "são bons, porém, muitas vezes pouco adiantados e até levianos. Ocupam-se de boa mente com as particularidades da vida íntima e só atuam com ordem ou permissão dos Espíritos protetores".

O objetivo da Linha Branca é a prática da caridade e Allan Kardec, no "Evangelho Segundo o Espiritismo", proclama repetidamente que *"fora da caridade não há salvação"*.

A Linha Branca, pela ação dos Espíritos que a constituem, prepara um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos. Será isso contrário aos preceitos de Allan Kardec? Não, pois vemos, nos períodos acima transcritos que os Espíritos familiares, com ordem ou permissão dos Espíritos protetores, tratam até de particularidades da vida íntima. No mesmo livro, a página 221-22, lê-se:

"525. Exercem os Espíritos alguma influência nos acontecimentos da vida? - Certamente, pois que te aconselham."

"- Exercem essa influência, por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, tem ação direta sobre o cumprimento da coisa? - Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza".

Na página 214 do "Livro dos Espíritos" consta:

"A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira que não vos tolha o livre arbítrio" e a página 222 o mestre elucida:

Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim, é que oculta nos parece a intervenção que tem nas coisas deste mundo, e muito natural o que se executa com o concurso deles.

Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resultar o que tenham em vista, eles obram de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre arbítrio".

Assim, os Caboclos e Pretos da Linha Branca de Umbanda, quando intervém nos atos da vida material, em benefício desta ou daquela pessoa, agem conforme os princípios de Allan Kardec.

Na Linha Branca, o castigo dos médiuns e adeptos que erram conscientemente, é o abandono em que os deixam os Protetores, expondo-os ao domínio de Espíritos maus.

A página 213 do "Livro dos Espíritos" Allan Kardec leciona:

"496. O Espírito, que abandona o seu protegido, que deixa de lhe fazer bem, pode fazer-lhe mal? - Os bons Espíritos nunca fazem mal. Deixam que o façam aqueles que lhe tomam o lugar. Costumais então lançar a contar da sorte as desgraças que vos acabrunham, quando só as sofreis por culpa vossa".
E adiante, na mesma página:

"498. Será por não poder lutar contra Espíritos malévolos que um Espírito protetor deixa que seu protegido se transvie na vida? - Não é porque não possa, mas porque não quer".

A divergência única entre Allan Kardec e a Linha Branca de Umbanda é mais aparente do que real. Allan Kardec não acreditava na magia, e a Linha Branca acredita que a desfaz.

Mas a magia tem dois processos: o que se baseia na ação fluídica dos Espíritos, e esta não é contestada, mas até demonstrada por Allan Kardec. O outro se fundamenta na volatilização da propriedade de certos corpos, e o glorioso mestre, ao que parece, não teve oportunidade, ou tempo, de estudar esse assunto.

Nas últimas páginas 356-357 de suas "Obras Póstumas", os que as coligiram observam, sob a assinatura de P. G. Laymarie:

"No congresso espírita e espiritualista de 1890, declararam os delegados que, de 1869 para cá, estudos seguidos tinham revelado coisas novas e que, segundo o ensino tração por Allan Kardec, alguns dos princípios do Espiritismo, sobre os quais o mestre tinha baseado o seu ensino, deviam ser postos em relação com o progresso da ciência em geral realizados nos 20 anos".

Depois dessa observação transcorreram 42 anos e muitas das conclusões do mestre tem de ser retificadas, mas a sua insignificante discordância com a Linha Branca de Umbanda desaparece, apagada por estas palavras transcritas do "Livro dos Espíritos", páginas 449-450:

"Que importam algumas dissidências, divergências mais de forma do que de fundo? Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda a parte e vos hão de unir num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem".

E o amor de Deus e a prática do bem são a divisa da Linha Branca de Umbanda.

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA E A LINHA BRANCA DE UMBANDA

A Federação Espírita Brasileira é a instituição mais importante, e sem dúvida, a de mais autoridade, do Espiritismo no Brasil. Acusam-na, às vezes, de retardatária e intransigente, porém, a lentidão de seu passo garante a segurança de sua marcha, e nunca a sua intransigência desceu da esfera ideal dos princípios para as diatribes contra os indivíduos ou os ataques às associações.

As atitudes da Federação onde fulguram e ainda brilham tantas poderosas inteligências, são sempre discretamente ponderadas, ornando-se, não raro, de sedutora elegância moral, manifesta em atos de gentileza social.

Tive ocasião de apreciá-las, conhecendo-lhes os fundamentos, em circunstâncias diversas, de grande delicadeza, quando o médium Mozart, depois de uma excursão miraculosa pelo Estado do Rio e Minas Gerais, começou a perder a simpatia das massas, veio para esta capital e anunciou que receberia e trataria enfermos na sede da Federação. Esqueceu-se, porém, de consultar previamente os diretores dela, e a velha instituição, na consciência de sua responsabilidade, não correu a imprensa, com escândalo, a desmentir o médium esquecidiço.

Ao contrário, ouvidos os seus Guias, entrou em preparativos para receber o famoso intermediário e seus consulentes. Em meio a esse labor preparatório, aliás, sem espalhafato, e apenas visível. Conversando com um de seus dirigentes, o ilustre Manuel Quintão, perguntei-lhe quando se iniciariam as consultas de Mozart.

- Ele não virá a Federação, disse-me, mostrando-me, em reserva, a comunicação dos Guias da Casa.

O nosso irmão afamado por tantos fulgentes benefícios mediúnicos ao próximo, segundo o comunicado, não estava, no momento, em condições favoráveis à ação de seus protetores, e não deveria, portanto, correr os riscos de um fracasso, na mais importante Casa Espírita do país. Mas não seria necessário molestá-lo com uma recusa hostil, pois os Guias, sem escandalizar a cidade, evitariam, de modo normal, a sua anunciada passagem pela Federação.

- E para que esses preparativos? Perguntei.

- O comunicado dos Guias é secreto, e os preparativos são indispensáveis, porque, se não os fizéssemos, pareceria que abandonávamos um médium que se aproxima da Federação na hora em que está sendo atacado.

E assim foi. Mozart não compareceu à Federação, nem ela o atirou as feras.

Outra ocasião, a polícia pediu o parecer da Federação sobre alguns Centros ditos Espíritas, porém, menos apreciáveis. A Federação, longe de fulminá-los com uma bordoada, recusou o cetro papalino que a autoridade lhe oferecia, e respondeu que não os conhecia, e, portanto, não podia julgá-los, nem se atribuía esta função.

Conversando sobre esse caso, com o mesmo Sr. Manuel Quintão, diante do eminente Sr. Guilhon Ribeiro, que o aplaudia, ouvi dele está explicação:

- Esse julgamento é da alçada de Deus. A Federação julga, não denuncia, nem acusa.

Perguntei-lhes qual era o papel da Federação:

- Evangelizar, doutrinar impessoalmente.

E acrescentou:

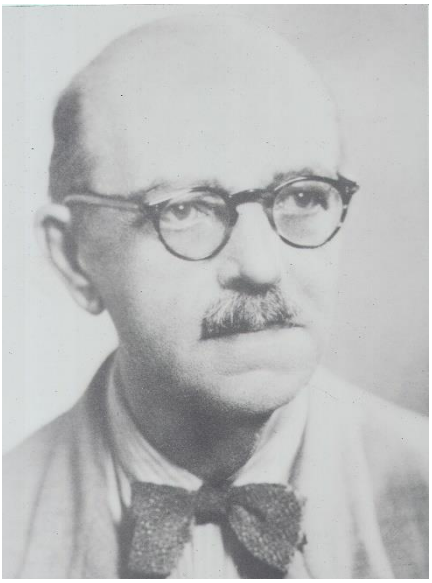
- Evitamos, porém, que as nossas palavras possam atingir alguém, ferindo-o em nome da Federação, porque a Federação não persegue nem derruba ninguém, e quando pode, estende a mão para que se levantem os que caíram.

Esse é, parece-me, o critério da Federação, adversa ao escândalo que Jesus condenou. Tanto quanto posso julgar através de relações com as altas personalidades que têm orientado as diversas fases de sua administração, o venerável instituto observa com benevolência todos os Centros em Caridade, e não contrapõe palavras e obras.

Em face da Linha Branca de Umbanda, com esse ponto de vista, a sua atitude de neutralidade simpática não a incluindo em seus quadros federativos pelo receio de que os seus processos possam gerar confusões difíceis de desfazer.

Ao invés de anatematizar os Caboclos com os exorcismos de fúrias escandalosas, os homens da Federação preferiram estudar, a sério, essas manifestações, e segundo admirável estudo publicado no “Reformador”, concluíram que esses Caboclos que baixam em nossas Tendas, são Espíritos de europeus, alguns antigos conquistadores de nossas terras, outros seduzidos pela fama dela, que atraídos, para o nosso ciclo psíquico, reencarnaram nas nossas selvas.

Nota do autor:



Manuel Justiniano de Freitas Quintão, melhor conhecido apenas como Manuel Quintão (Valença, 28 de maio de 1874 — Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1955), foi um jornalista, escritor e médium espírita brasileiro. Foi presidente da Federação Espírita Brasileira em 1915, 1918, 1919 e 1929.

"... Em relação aos termos cuja genealogia estamos acompanhando, pode-se notar que, nas décadas de 20 e 30, os espíritas da FEB cultivavam opiniões bem particulares, pois preservaram em termos mais formais do que substantivos a oposição entre "falso" e "verdadeiro" espiritismo. Ou seja, ao contrário de jornalistas e policiais, não associavam o "falso" ou "baixo" espiritismo a um conjunto necessariamente articulado de rituais, crenças, personagens. Isso possibilitava, por exemplo, posições ambíguas e flexíveis quanto à manifestação de Espíritos de "Negros" e "Caboclos", não diretamente condenadas.

Já a propósito daqueles que tinham suas práticas reprovadas, havia uma permanente disposição para acolher quaisquer "ovelhas desgarradas", submetendo-as aos influxos de uma saudável e corretiva propaganda: "Doutrinar em larga escala, vulgarizar, exemplificar sobretudo, individual e coletivamente, é o que nos cabe fazer" (Reformador, 1 nov. 1919). Os diretores e porta-vozes da FEB, pela imprensa e pelo Reformador, insistiriam, portanto, na ilegitimidade ou na inconveniência da repressão ao "baixo espiritismo". Diante disso, fica ainda mais interessante perceber como a instituição terá um papel significativo na dinâmica de combate oficial às práticas do "baixo espiritismo". (O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos - Emerson Giumbelli)

Para entendermos um pouco melhor, a direção da Federação Espírita Brasileira, devido às perseguições sofridas por parte do governo, procurou expor os cultos que estavam incursos da lei vigente. Daí, formulou um texto oficial, dirimindo a Linha Branca de Umbanda de ser baixo ou falso espiritismo. Temos que dar valor à luta que os espíritas em época travaram, para demonstrar uma doutrina coesa e legalizar as práticas espíritas. Cremos que dá para imaginar a recém Umbanda em tudo isso. Portanto, não é o Espiritismo que é contra a Umbanda, mas somente a ignorância de alguns prosélitos kardecistas. Vamos a um texto elucidativo:

<u>O PERÍODO REPUBLICANO</u>

Com a Proclamação da República do Brasil (15 de novembro de 1889), a 22 de dezembro a FEB congratula-se com o Governo Provisório pelo advento do novo regime. Entretanto, estando o país ainda sem uma Constituição, o Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, promulgou o Código Penal da República. Este diploma, de inspiração positivista, associava a prática do Espiritismo a rituais de magia e curandeirismo, conforme expresso em seu Artigo 157, que rezava:

"*É crime praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100$000 a 500$000.*"

Os espíritas protestaram junto a Campos Sales, então Ministro da Justiça, sem sucesso. O relator do Código, João Batista Pinheiro, limitou-se a afirmar que o texto referia-se à prática do chamado "baixo Espiritismo". Em 22 de dezembro de 1890, Bezerra de Menezes, enquanto presidente do "Centro da União Espírita do Brasil", oficiou ao Presidente da República, Marechal Deodoro da Fonseca, acerca do novo Código Penal.

Preocupado com possíveis focos de resistência ao regime, o Governo autorizou a polícia a invadir reuniões e residências à procura de opositores. Como consequência, em 1891, na cidade do Rio de Janeiro, vários espíritas chegaram a ser detidos. Perseguidos e proibidos de se reunirem, os poucos Centros Espíritas então existentes viram-se na contingência de fecharem as suas portas, a fim de que não incorressem nas penas da Lei. A própria FEB foi obrigada a suspender a publicação de sua revista, o "Reformador" neste momento. Será nesse contexto, entretanto, que Bezerra de Menezes funda o Grupo Espírita Regeneração (18 de fevereiro de 1891), a "Casa dos Benefícios".

Em 1893, no auge da segunda Revolta da Armada, o Governo endureceu ainda mais o regime. Os espíritas apresentaram um novo protesto ao Congresso Nacional contra o Código Penal, uma vez mais em vão, de vez que a comissão revisora do Código não atendeu às reivindicações formuladas por aqueles. Vitimado por dificuldades externas e internas, o Reformador deixou de circular no último trimestre daquele ano. O "Grupo Espírita Fraternidade", após ter alterado os seus estatutos passando a denominar-se "Sociedade Psicológica Fraternidade", Revolta da Armada, extinguiu-se, e, no Natal desse mesmo ano, Bezerra de Menezes encerrou a série "Estudos Filosóficos" que vinha publicando no O Paiz.

No ano seguinte (1894), com o abrandamento da situação política, Augusto Elias, em conjunto com Fernandes Figueira e Alfredo Pereira, inicia uma campanha financeira para subsidiar os projetos da FEB. O Reformador voltou a circular...

... Remontam ainda à primeira década do século XX as primeiras grandes dissidências no movimento espírita, a primeira em Niterói, com o estabelecimento da Umbanda, segundo a tradição por iniciativa do Caboclo das Sete Encruzilhadas (1908), e a segunda, em Santos (1910), que se intitulou "Espiritismo Racional e Científico Cristão", sistematizada por Luís de Matos e Luís Alves Tomás.

DO ESTADO NOVO AO PACTO ÁUREO

Desde a década de 1920 registravam-se choques entre o espiritismo e a psiquiatria. Henrique Roxo (1877-1969), em seu "Manual de Psiquiatria" (1921) dedica um capítulo inteiro ao espiritismo, reproduzindo o discurso médico e católico da época, ainda marcado pelo escravismo, que remetia a crença, no país, a resquícios do fetichismo africano, observando: "*Vê-se muito frequentemente o que se observa no cinema, nessas danças de negros, com seus movimentos extravagantes, suas contorções e seus gestos.*"

Os profissionais formados na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro consideravam o espiritismo como uma patologia contagiosa, capaz de incapacitar grandes contingentes humanos para o trabalho. Devia, por essa razão ser reprimida pelas autoridades e erradicada por meio de campanhas de saúde pública: *O combate ao espiritismo deve ser igualado ao que se faz à sífilis, ao alcoolismo, aos entorpecentes (ópio, cocaína, etc.), à tuberculose, à lepra, às verminoses, enfim a todos os males que contribuem para o aniquilamento das energias vitais, físicas e psíquicas do nosso povo, da nossa raça em formação.*

O doutorando, apelava à Liga Brasileira de Higiene Mental e à Igreja Católica para sensibilizarem a opinião pública e os poderes constituídos, propondo mesmo uma "Semana Antiespirita" à semelhança da então existente "Semana Antialcoólica", para mobilizar a sociedade contra esse mal.

Antônio Xavier de Oliveira, na obra "Espiritismo e Loucura" (1931), afirmou que dos casos por ele estudados no "Pavilhão de Assistência a Psicopatas", 1.723 pessoas enlouqueceram *"só exclusivamente pelo espiritismo"*. E acerca de "O Livro dos Médiuns":

É a cocaína dos debilitados nervosos que se dão à prática do espiritismo. E com um agravante a mais: é barato, está no alcance de todos, e por isso mesmo, leva mais gente, muito mais aos hospícios, do que a "poeira do diabo", a "coca maravilhosa" ... É o tóxico com que se envenenam, todos os dias, os débeis mentais, futuros hóspedes dos asilos de insanos. Leem-no, assimilam-no, incluem a essência diabólica de que é composto, caldeiam os conhecimentos nele adquiridos nas sessões espíritas.

Nesse mesmo ano (1931) Murilo de Campos e Leonídio Ribeiro publicam o livro anti-espiritismo "O Espiritismo no Brasil", buscando relacionar o Espiritismo com a Medicina, e onde se lê: *"A prática do espiritismo é um problema de polícia, é crime contra o código penal"...*

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_espiritismo_no_Brasil)

CABOCLOS E NEGROS

A Federação Espírita Brasileira, insuspeita, no caso, por ser kardecista, e as sessenta e cinco sociedades espíritas federadas, todas, como kardecistas, igualmente insuspeitas, no Conselho Federativo reunido nesta capital, em Outubro de 1926, aprovaram e adotaram, sobre as manifestações de Espíritos de Caboclos e Negros, um parecer que pode servir de esclarecimento à conduta de quem não pertença a Linha Branca de Umbanda.

O parecer, que está inserto às páginas 205-206, da Resenha dos trabalhos daquele Conselho, foi provocado por uma consulta da Tenda Espírita de Caridade, desta capital, e foi aceito, além desse Centro, e mais a Federação, pelas seguintes instituições espíritas:

Alagoas:

- Grupo Dr. Manoel Antônio da Cruz – Maceió;
- Centro Espírita Alagoano "Mello Maia" – Maceió.

Bahia:

- União Espírita Baiana.

Ceará:

- Centro Dr. Dias da Cruz – Iguatú.

Distrito Federal:

- Trabalhadores da Última Hora;
- Cultivadores da Fé e da Verdade;
- Centro Espírita Beneficente Francisco de Assis;
- Centro Espírita União dos Filhos Pródigos;
- Centro Espírita Antônio de Pádua;
- Tenda Espírita de Caridade;
- União Espírita Rio Pedrense – Oswaldo Cruz;
- Centro Espírita Vicente de Paulo;
- União Espírita Luz e Caridade – Quintino Bocaiúva;
- Centro Espírita de Jacarepaguá;
- Centro Espírita Francisco de Assis – Méier;
- Centro Espírita Discípulos de Jesus – Campo Grande;
- Cruzada Espírita Suburbana – Engenheiro Leal;
- Centro Espírita Maria Magdalena – Ramos;
- Centro Espírita Maria Magdalena – Praia Formosa;
- Centro Espírita Fraternidade – Marechal Hermes.

Espírito Santo:

- Federação Espírita do Espírito Santo;
- Centro Espírita Henrique José de Mello – Vitória;
- Centro Espírita Maria Santíssima – Vitória;
- Grupo Espírita Amor e Caridade – Vitória;
- Grupo Espírita Paz, Luz e Humildade – Vitória;
- Centro Espírita João Casemiro dos Santos – Vitória;
- Centro Espírita Jesus, Espírito Santo e Caridade – Afonso Cláudio;
- Agremiação Espírita Bezerra de Menezes, Amor e Caridade – Afonso Cláudio.

Maranhão:

- Centro Espírita Maranhense São Luiz;
- Centro Espírita Coroatense Antônio Vieira – Coroatá.

Mato Grosso:

- Grupo Espírita Vicente de Paulo – Ladário.

Minas Gerais:

- Grupo Espírita Vinte e Cinco de Dezembro – Caxumbú;
- Grupo Espírita Paz e Caridade – Montes Claros;
- Casa Espírita – Juiz de Fora;
- Centro Espírita Dias da Cruz – Juiz de Fora;
- Centro Espírita Paz, Luz e Amor – Cataguases;
- Centro Espírita Cristão – Cambuquira.

Para:

- União Espírita Paranaense.

Pernambuco:

- Federação Espírita Pernambucana;

- Centro Espírita João Baptista – Limoeiro.

Rio de Janeiro:

- Centro Espírita de Valença;
- Federação Espírita do Rio de Janeiro;
- Centro Espírita Friburguense;
- Grêmio Espírita Bittencourte Sampaio – Petrópolis;
- Sociedade Espírita Humildade e Caridade – Andrade Araújo;
- Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade – Nova Iguaçu;
- Centro Espírita Bittencourt Sampaio – Barra Mansa.

Rio Grande do Norte:

- Federação Espírita Riograndense do Norte.

Rio Grande do Sul:

- Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul.

São Paulo:

- Centro Amor e Luz – Guaratinguetá;
- Igreja Espírita de Piracicaba;
- Centro Caridade e Amor – Pindamonhangaba;
- Amor e Caridade – Bauru;
- Centro Espírita de São Paulo – Capital;
- Sinceridade e Fé – Albuquerque Lins;
- Luz, Caridade e Amor – Igarapava;
- Centro Celso Garcia – Capital;
- Paula Ortiz – Jacareí;
- Paz Consoladora – Casa Branca;
- A Nova Luz – Campinas;
- Amor e Caridade – Itirapina;
- Maria Nazareth – Capital;
- União Espírita de Dois Córregos.

Santa Catarina:

- Centro Caridade de Jesus – São Francisco.

O parecer é, na íntegra, o seguinte:

PARECER – Os Espíritos não têm entre si linguagem articulada; a linguagem deles é ideológica, por assim dizer, como projeção do pensamento, Mas, se admitimos, e isto é do caráter dos próprios ensinos doutrinários, que os Espíritos se manifestam com as características de sua individualidade terrena, frequentemente ou mais comumente a da última encarnação – não há estranhar que o façam no idioma que aqui falaram.

Espiritualmente falando, não deve haver uma linguagem de africano, ou de bugre, como não há Espíritos pretos, nem caboclos, nem japoneses ou slavos. O que há são Espíritos que se manifestam desta ou daquela forma, nesta ou naquela linguagem, de acordo com as circunstâncias de tempo e meio, tendo em vista tais ou quais objetivos e, possivelmente, aproveitando afinidades mediúnicas.

O que é condenável não é a linguagem nem a credencial com que se apresentam Espíritos quaisquer, e sim a improcedência ou banalidade – quando não nocividade – de tais ou quais manifestações. Sem ofensa aos princípios doutrinários, pode admitir-se que os Espíritos adaptem as suas manifestações de modo a melhor impressionarem os seus interlocutores. Assim como um homem ilustrado, entre rústicos, tem de baixar o nível da sua expressão e mesmo das suas idéias, para melhor ser compreendido e atendido, assim pode e deve fazer um Espírito, logicamente.

O essencial é que a fala visando fins elevados, porque, neste caso, há eu tolerar os meios pelos fins.

Não devemos perder de vista que a tarefa dos desencarnados é complexa e adstrita a particularidades que nos escapam. Se tudo tem uma razão de ser, se nada pode furtar-se ao crivo da Lei, não podemos, em tese e de modo absoluto, condenar coisa alguma.

Em regra, ao falar de manifestações tais, a primeira idéia que ocorre, é a de fetiches e batuques. Ora, isso não entra no quadro doutrinário, porque é necromancia, superstição, bruxaria (em sentido genérico), baixo espiritismo, porque feito com Espíritos, mas não Doutrina Espírita. Porém, a verdade é que sabemos de Grupos onde se manifestam Pretos e Caboclos que – sem embargo da forma pitoresca ou bizarra, suscitam a fé, produzem curas espirituais e psíquicas, concorrem, finalmente, para o levantamento do nível moral coletivo, que é o escopo primacial da Doutrina, assim, pois, se o critério evangélico é o seguro estalão pelo qual devemos guiar-nos, só é passível de suspeição a árvore que não produz bons frutos, porque é pelo fruto que se conhece a árvore.

A Federação, em tese não infirma as manifestações de “Caboclos” nem de “Pretos”, conquanto não as adote como norma mais eficiente de trabalho, achando que do mesmo modo devem proceder as Sociedades adesas, uma vez que, como acima fica dito, tais práticas são, não há negar, Espiritismo, porém, não são Doutrina Espírita. Acata, entretanto, todos os bons frutos, como tais reconhecidos.

Rio de Janeiro, 06 de Outubro de 1926 – José Juvêncio do Sacramento – Codro Palissy – Pedro de Camargo – Epiphanio Bezerra – Manuel Quintão.

Humilde filho de Umbanda, aceito esse parecer, acrescentando-lhe, porém, esta elucidação: - Se a Doutrina Espírita admite, explica e legitima essas manifestações, é porque as enquadra em seus princípios, e, consequentemente, não se pode condená-las nem as inquinar em seu nome.

A LINHA BRANCA, O CATOLICISMO E AS OUTRAS RELIGIÕES

Ensina Allan Kardec, à página 434 do “Livro dos Espíritos”, que a religião se funda na revelação e nos milagres, e acrescenta, na página 440 da mesma obra: - *“O Espiritismo é forte, porque assenta nas próprias bases da religião”.* Sendo assim, a religião de origem divina, não podemos esperar que as derrubem os nossos ataques, nem devemos considerá-la merecedora de nossas zombarias.

Os filhos de Umbanda respeitam e veneram todas as religiões e, sobretudo, a Igreja Católica pelas suas afinidades com o nosso povo e ainda pelas entidades que a amparam no espaço.
Obra terrestre originaria do espaço, a Igreja Católica está cheia da sabedoria dos iluminados, e a Linha Branca de Umbanda pede, com frequência, a sua tradição, e aos seus altares, elementos que lhe facilitem a missão de amar a Deus, servindo ao próximo, e nisso não se afasta de Allan Kardec, pois a página 442 do “Livro dos Espíritos” lê-se:

“O espiritismo não é obra de um homem. Ninguém pode inculcar-se como seu criador, pois, tão antigo é ele quanto à criação. Encontramo-lo por toda a parte, e em todas as religiões, principalmente na religião católica, e ai com mais autoridade do que em todas as outras, porquanto nela se nos depara o princípio de tudo quanto há nele: os Espíritos em todos os graus de elevação, suas relações, ocultas e ostensivas com os homens, os Anjos guardiões, reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, todos os gêneros de suas manifestações, as aparições, e até as aparições tangíveis. Quanto aos demônios, esses não são senão os Espíritos maus, salvo a crença de que eles foram destinados a passar perpetuamente no mal”.

Estamos convencidos de que se os espíritas estudassem com mais profundeza e com ânimo desprevenido à liturgia da Igreja, haveriam de perceber-lhe um sentido oculto, compreendendo que na majestade sonora das naves se conjugam todas as artes para favorecer o êxtase e desprender a alma, elevando-a a Deus.

Sou dos que acreditam que o catolicismo, como todas as igrejas, vai entrar num período luminoso de reflorescimento, revigorado e rejuvenescido por surpreendentes reformas para as quais vão cooperar, com o antagonismo de suas diretrizes, as correntes materialistas de nosso tempo e a evidência multiplicada dos fenômenos espíritas.

Um espírita eminente, o Dr. Canuto de Abreu, que é, além de médico e advogado, um verdadeiro teólogo, entende que o espiritismo trouxe para a Igreja Católica um dogma novo – o da reencarnação, e para todas as religiões necessárias a evolução humana, um princípio correspondente a esse.

Procurando penetrar o futuro, acreditamos que o espiritismo triunfará na Igreja, sem destruí-la. Assim como invoca o consenso unânime dos povos para demonstrar a existência de Deus, a Igreja invocará a universalidade das manifestações espíritas para aceitar o espiritismo, e talvez época surja em que os templos tenham escolas

e corpos médiuns. Longe de prejudicar o espiritismo, isso lhe aumentará a força, o prestígio e a eficácia, colocando sob a orientação dos espíritos as corporações sacerdotais.

Voltando, porém ao presente, acrescentemos que a Linha Branca de Umbanda, que conta, entre os seus Guias, tantos antigos padres, não procura intervir na vida da Igreja para atacar o seu clero, limitando-se a observar que há clérigos ruins, como há péssimos presidentes de Sessões Espíritas, e que nem aqueles, nem estes, com seus erros e falhas, atingem a Igreja e o Espiritismo.

Ante a Igreja, qualquer que ela seja, católica, ou protestante, como diante do sacerdote, quer pastor, quer padre, é de simpatia e respeito a atitude do filho de Umbanda e o conselho que aqui poderíamos deixar aos crentes daqueles templos se resume em poucas palavras:

- Segue rigorosamente os preceitos de tua religião, e Deus estará contigo.

A DOUTRINAÇÃO DO PRETO-VELHO

Um cavalheiro de brilhante posição, trajando boas roupas, e gostando orgulhosamente de estadear importância, surpreendido por uma ameaça de revés, na esperança de aparar o golpe, iminente da desventura, foi a uma Sociedade Espírita solicitar apoio e socorro aos protetores espirituais.

Levaram-no a um médium em que se manifestava, sobrado ao peso centenário da idade, um Preto de origem africana, ou que como tal se apresentava,

Ouviu-lhe o Protetor a história e a exposição queixosa de seus receios e dúvidas, e um remate ardente de súplica.

Estendeu-lhe o Protetor a mão, pedindo:

- Beija a mão ao Preto-Velho.

E depois do ósculo:

- Senta-se aí, no chão, ao pé do Preto-Velho.

E vendo-o, com a sua elegância no soalho:

- Tu não tens vergonha de beijar a mão do Preto-Velho:
- Não.

O Espírito incorporado pediu um cachimbo e, baforando uma fumaça, continuou:

- O filho não conhece um italiano que às vezes passa lá pelo teu escritório? Um já meio velho, a roupa muito usada, as botas sem salto. Parece que ele te conhece.

- Sim, sei quem é.

- Ele já teve dinheiro, não é?

- Sim, já teve posição. Foi homem de fortuna.

- E teve negócio contigo, não?

- Tivemos negócios; altos negócios.

O Protetor soprou uma fumaça:

- Esses dias ele falou contigo, parece que não gostaste.

- Não me lembro.

- Filho, tu não enganas o velho. Olha, depois, ele quis falar contigo, tu não paraste na rua.

- Pode ser.

- Velho compreende, meu filho. Na tua posição não ficam bem, não é?

- Sim, não fica, meu pai.

- É verdade, filho. O que vale é dinheiro. O italiano perdeu o dinheiro, não importa que seja um bom homem, que tivesse te ajudado, não vale mais nada.

Constrangia-se, mudo, o consulente, e o velho prosseguia.

- O teu negócio está ruim, filho. Nessa marcha, acabas como o italiano, Ah! Filho, qualquer dia, ninguém para mais na rua para falar contigo.

- O meu pai me ajude.

- Mas filho; eu estou abaixo do italiano. Ele é branco, eu sou preto; ele ainda tem roupa de cidade; eu ando com roupa de negro cativo.

- O meu pai é um Espírito.

- Ele também. A diferença é que ele tem um corpo, e eu não.

- Porém o senhor pode ajudar-me.

- E tu podes ajudá-lo, ao coitado do italiano. Pois tu queres que te ajudem e não queres ajudar os outros?

- Eu podendo, ajudarei.

Escachimbando, em sua meia língua, o Protetor continuava:

- Vamos ver, vamos ver.

E com um sorriso:

- Olha lá filho. Cuidado com os pretos. Preto-velho tem um irmão carnado, um preto-velho que anda ai pela cidade. É o seu retrato. É o preto-velho sem tirar nem por.
Ele é médium, e não sabe. Às vezes, eu tomo o corpo dele e ando ai pela cidade. Qualquer dia passa por mim. Eu te chamo. Quero ver se beijas a mão do Preto-Velho, no meio da rua.

Acanhado, mas resoluto, o elegante prometeu:
- Beijo, meu pai.

Rindo alto, o protetor considerou:

- A necessidade é negra. És capaz de beijar a mão de tosos os pretos da cidade, mas no meio da rua, filho. Não te escondas nalgum corredor.

E diante do embaraço do orgulhoso:

- Não te amofines. O Preto-Velho não se encontrará contigo antes que se endireite o teu negócio. Depois, não faz mal que o encontres e não pares na rua. Não precisarás mais dele.

A INSTITUIÇÃO DE UMBANDA

Nos artigos sobre a Linha Branca de Umbanda e Demanda, explicamos a sua organização no espaço, de acordo com as necessidades de determinadas zonas terráqueas, por largo ciclo de tempo, com o concurso de elementos espirituais afins com os habitantes dessas regiões; o seu fundamento evangélico, inspirando-se no exemplo de Jesus, ao expulsar os vendilhões do templo; e o seu objetivo – a prática da Caridade, libertando de obsessões, curando as moléstias de origem ou ligação espiritual, anulando os trabalhos da Magia Negra, e preparando um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos.

Mostramos, em seguida, o rigor de sua hierarquia, as causas dos usos de seus atributos, e as dos apetrechos semelhantes aos empregados pelas Linhas adversas; a natureza, a necessidade e o efeito dos despachos; a

sua constituição em Sete Linhas e a formação das Falanges que as integram e tornam eficientes; a ação isolada de cada Espírito, a ação da Falange, a de cada Linha, e o esforço combinado de todas.

Estudamos os Protetores de suas Tendas, ou Centros, a razão pela qual tantas entidades superiores se apresentam como Caboclos broncos ou Negros ignorantes; a diversidade de origem deles, em referência as suas últimas encarnações na Terra, a sua bondade humilde e o seu alto saber disfarçado em mediocridade.

Constatamos, em cada Linha, a inspeção constante de vinte e um Orixás, Espíritos dotados de faculdades e poderes extraordinários, e vimos a grandeza luminosa de seus Guias supremos, tratando, com certa amplitude, desses iluminados com que temos estado em contato.

Observamos, ainda, uma instituição da Linha Branca de Umbanda e Demanda, com a sua organização terrena correspondendo a do espaço, com os seus serviços do plano material articulando-se no plano espiritual, regendo-se, em cima e em baixo, por um sistema que a coloca ao nível de qualquer religião regular.

E dentro dessa harmonia, com as responsabilidades e as funções, sob inquebrável disciplina hierárquica, definidas, quer para os Espíritos, quer para os homens, verificamos ações que se comparam aos velhos milagres consagrados pela auréola, no altar.

Não conhecemos, no Espiritismo, nada que se compare, como organização, às Tendas de Maria (nota do autor: aqui, Lal de Souza faz uma alusão a Mãe Maria Santíssima) do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e basta citá-las para mostrar que a Linha Branca de Umbanda e Demanda é uma grande e legítima instituição religiosa.

O FUTURO DA LINHA BRANCA DE UMBANDA

A evolução da Linha Branca de Umbanda e Demanda depende e acompanhará a evolução das populações situadas na zona terráquea de sua ação e influência.

Tanto mais decline a magia em suas operações danosas à criatura humana, quanto mais se simplificarão os processos da Linha Branca, obriga a exercê-los de conformidade com as circunstâncias decorrentes da atuação de forcas espirituais e camadas fluídicas maleficamente empregadas.

Destinada, também, a quebrar o orgulho mental e mundano de nosso tempo, à medida que o progresso moral dos homens se acentue, a Linha Branca acompanhando-o modificará o caráter, ou a natureza de suas manifestações, adaptando meios novos de servir a Deus, esclarecendo e amparando o próximo.

Dia virá, certamente ainda distante no tempo, em que não haverá necessidade de recorrer aos meios materiais para alcançar efeitos espirituais, em que o aparecimento de Caboclos e Pretos-Velhos nos Terreiros das Tendas apenas ocorrerá esporadicamente, para não deixar perecer a lembrança destas épocas de duro materialismo e pesado orgulho utilitarista, que tão árdua e penosa tornam a missão dos Espíritos incumbidos da assistência aos homens, como trabalhadores da Linha Branca de Umbanda.

A Linha, então, terá aprimorado a sua organização atual e, dentro dos quadros do Espiritismo, será uma instituição de grande fulgor, regrada pela sistematização severa que a de agora esboça, articulando, cada vez mais, o seu plano terreno no alto plano do espaço, de que é reflexo.

Nessa idade, os falquejadores (Quem desbasta, em geral com machado, facão) do grande tronco, como os chama o Caboclo das Sete Encruzilhadas, os humildes presidentes e trabalhadores de Tendas, hoje incompreendidos e injuriados, abençoarão, no espaço, libertos da matéria, os sofrimentos e as calúnias que afrontaram na Terra, no cumprimento de uma tarefa muitas vezes superior aos seus méritos e energia.

Quando, porém, raiará o esplendor dessa aurora? Esperemo-lo, confiantes. Por mais que tarde, há de vir e, para quem se coloca na sua ação espiritual no mundo material, sob o ponto de vista espírita, a lentidão das coisas não gera o desânimo, porque o tempo não tem limite e o Espírito é imperecível.

Presentemente, as forças maléficas que a Linha Branca tem de enfrentar, na defesa da humanidade, tomam um desenvolvimento assombroso, sob o impulso da exasperação dos piores sentimentos humanos, irritados até a revolta pelas amarguras econômicas oriundas dos erros e crimes do egoísmo de indivíduos e povos, acumulando-se ininterruptamente através de numerosas gerações.

Os institutos mais inferiores, por tanto tempo reprimidos por sentimentos assentes em preconceitos fundamentados em princípios religiosos, derribadas essas convenções pelos abalos sociais dos últimos

decênios, irrompem com a fúria das torrentes represadas, ameaçando o mundo de uma subversão moral completa.

A Linha Branca de Umbanda e Demanda é um dos elementos de reação e defesa com que o Espiritismo, ao lado das religiões espiritualistas, tem de dominar essa avalanche tumultuaria e arrasadora, competindo-lhe, a Linha Branca na região terreal de sua influência, a parte mais penosa da Demanda, pois tem de se agir com a flor, que embalsama, e com a espada, que afugenta, entre as hostilidades e as desconfianças de alguns de seus aliados no amor a Deus e na prática do bem.

Esse terrível surto do mal tem de ser quebrantado, e a Linha Branca, que hoje se encapela em ondas espumantes de oceano em tempestade, será, na bonança, o azul lago placidamente refletindo as luzes do céu.

E, pois, que estas linhas serão publicadas na manhã que nos recorda o sorriso de Jesus infante, na manjedoura de Belém, seja permitido ao humilde filho de Umbanda enviar saudações e votos de paz no seio de Cristo, aos crentes e sacerdotes de todos os templos, com uma súplica fervorosa pelo bem estar daqueles que se privam do conforto da fé, e desconhecem Deus.

**********//**********

Reafirmamos mais uma vez. A importância de se ler o livro de Leal de Souza – “O Espiritismo, A Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, o primeiro livro editado sobre a Umbanda no Brasil, onde está disposto a Umbanda primeva do Caboclo das Sete Encruzilhadas, disponibilizado em nosso site juntamente com este livro, no ícone – “Livros Históricos”. Também poderão optar por comprá-lo na “Editora Conhecimento”.

**********//**********

Vamos agora a uma entrevista muito interessante efetuada pelo irmão Cláudio Zeus com a neta de Zélio de Moraes, que nos esclarece muito sobre a condução dos trabalhos realizados pelo Senhor Caboclo das Sete encruzilhadas:

DOIS RELATOS DE TRABALHOS ESPIRITUAIS DA LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA DO CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

DEFLAGRAÇÃO ESPONTÂNEA DE PÓLVORA

O interior do Estado do Rio de Janeiro, em sítio tranquilo e quase deserto, pois conta poucos habitantes, uma pequena seção de grandes Tendas realizava trabalhos vulgares, de doutrinação de Espíritos surpreendidos na prática do mal.

O Chefe do Terreiro, isto é, o Guia Espiritual, havia desincorporado, deixando a reunião ao menos aparentemente, sob a direção e responsabilidade exclusivas do presidente humano, e tudo corria serenamente, sem incômodos, apesar de uma outra tentativa de reação dos rebeldes que estavam sendo doutrinados.

Num repente, abalando com a surpresa, o organismo de seu médium desprevenido, o Guia incorporou, pedindo: *Vamos levar esses infelizes para o espaço. Temos trabalho sério.*

Uma a uma, a ligeiro toque na fronte dos respectivos médiuns, as entidades em erro deixaram os aparelhos, encaminhando-se, conduzidas pelos protetores, a centros especiais da regeneração no plano espiritual.

O Guia Preveniu: *Estão queimando as nossas Tendas.* E emendou: *Ainda estão em preparativos. Mais cinco minutos e tocam fogo. Vamos defender-nos, já e já.*

Para compreensão do público, é necessário dizer que as Tendas da Linha Branca de Umbanda, na prática da caridade, são constantemente forçadas a desfazer trabalhos de magia negra e a quebrar arremetidas de entidades espirituais empenhadas em servir ódios e paixões terrenas.

Com isso, irritam esses Espíritos e enchem de cólera as criaturas que com eles trabalham, pois não só lhe ferem o orgulho, sempre insolente nestes desventurados, como os prejudicam materialmente, visto com têm eles a infelicidade de mercadejar com a habilidade sinistra dos malfeitores do espaço.

Tais indivíduos, com o auxílio de tais Espíritos, fazem trabalhos formidáveis com o intuito de fechar essa ou aquela Tenda da Linha Branca que os prejudicou, e a Tenda alvejado, logo prevenida pelos seus Guias, reage com rapidez, à altura da agressão, elevando os recursos da defesa. Tratam-se, desse modo, verdadeiras grandes batalhas.

Assim, os adversários da Linha Branca recorrem, com frequência, à pólvora, para perturbá-las, atingindo os médiuns com espessas camadas de fluidos rudes e bruscamente deslocadas, e produzindo outros efeitos.

O Guia da pequena reunião ordenara, como vimos, à defesa imediata, e dizia: *"O nosso Chefe é bom demais para esse Planeta. O Sete Encruzilhadas não quer que faça mal nem aos inimigos que nos perseguem. Temos, pois, de limitar-nos à defesa, deixando, apenas, que os perversos sejam atingidos pelo reflexo de sua maldade. E basta isso para castigá-los.*

Mandou traçar, prolongando à soleira da porta, uma linha emblemática de pólvora.

Concentração; pediu. *Coração limpo e pensamento firme em Deus, nosso Pai. O nosso fogo vai ser aceso com o de lá.*

Silenciosos, as frontes inclinadas, os assistentes tinham o aspecto grave de pessoas absorvidas por uma ideia, ou presas à engrenagem de um raciocínio, na solução de algum problema.

E na vibração desse silêncio, sem que se lhe chegasse lume, como se se incendiasse espontaneamente, a linha emblemática de pólvora explodiu num rápido clarão, enchendo a sala de fumaça.

(Leal de Souza – Diário de Notícias – 2ª seção – Rio de Janeiro, Quinta-Feira, 29 de Dezembro de 1932)

AÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE UM SAPO

Tenda de Nossa Senhora da Piedade. Sala de oito metros de comprimento sobre três de largura. Os trabalhos, com a assistência de quinze pessoas, correm serenos com a regularidade harmoniosa de sempre, sob a direção espiritual do Orixá Mallet, da Falange de Ogum, incorporado em seu médium.

Em cavalheiro estabelecido em rua do centro, na Capital Federal, porém, morador no subúrbio, em Engenho de Dentro, recorrera àquele Espírito, queixando-se, ao mesmo tempo, de males do corpo e desorientação nos negócios e atribuindo a causas espirituais esses infortúnios.
O trabalhador, isto é, o Chefe superior das Falanges de Demanda das Tendas de Maria (nota do autor: alusão a Mãe Maria Santíssima), estabeleceu, com precisão rigorosa, as causas espirituais desses malefícios, confirmando as suspeitas da vítima deles: *Trata-se de um caso de magia negra.*

Continuando a investigar, determinou quem a encomendara, a razão desse recurso às forças ocultas, o preço ajustado e pago para desfechar o golpe, o individuo com que se fez o negócio macabro, as entidades do espaço que o realizaram, o local onde foi executado.

Era necessário neutralizá-lo, desfazendo-o, e esse trabalho não comportava demora ou atraso. E o Orixá começou imediatamente a realizá-lo, sem ferir as atenções, pois todos os presentes estavam mais ou menos habituados a esse gênero defensivo de práticas de caridade.

A Sessão durava uma hora. Súbito o Orixá declarou: *É preciso um sapo.*

Não era possível, àquela hora, naquela sala, arranjar um sapo. Visse se podia fazer o trabalho com outro meio, pediram as pessoas de responsabilidade na Tenda.

É indispensável um sapo! Repetiu o delegado de São Jorge.

Algo irritado, um dos auxiliares humanos exclamou: *Mas. Orixá, onde é que vamos arranjar um sapo a esta hora?*

Outro acrescentou: *O Orixá devia ter pedido antes de começar o trabalho.*

Também o Sr. R... vem a última hora fazer a consulta, e quer logo fazer o trabalho! Admoestou outro.

Severo, erguendo-se, o Orixá circungirou o olhar pelos circunstantes, e impondo-lhes silêncio, mandou-os que se alinhassem em duas filas, da porta da rua, à janela fechada do fundo. Pediu um copo de vidro, e colocou-o no chão, entre as duas fileiras, no extremo interior, e sentando-se no soalho, solicitou e acendeu um charuto.

Abram a porta. Escancarem-na, ordenou.

Aberta a porta, explicou: *Vamos esperar o sapo. Ninguém sai do lugar, ninguém fala. Concentração.*

Concentrar no sapo, Orixá?

Num gesto violento de negação contrariada, sacudiu a cabeça, e, depois, alçando a mão, indicou o alto.

Deus.

E completou: *Eu chamo o sapo...*

Quedaram-se, todos, num silêncio cheio de vibrações mentais, olhos postos no chão, alguns, outros as pálpebras caídas, muitos mirando, fora, as ramagens das árvores em oscilação sob o sussurro leve da brisa, enquanto, o olhar no copo, o busto do médium apoiado nas mãos espalmadas no soalho, o charuto à boca, o Orixá baforava, envolvendo-se em fumaça.

Transcorreram dez, quinze, quase vinte minutos, e de dentro da noite, como se brotasse da terra, um sapo, aos saltos, chegou à porta, e, transpondo-lhe a soleira, entrou na sala, e, coaxando e pulando, passou entre as duas filas de pessoas, até chegar ao extremo do aposento, para, no salto final, meter-se no copo.

O Orixá, sem espanto, sem espalhafato, disse àquele em cuja defesa trabalhava:

Pegue esse copo, e na primeira encruzilhada devolva esse sapo a quem lh´o mandou. E acabou-se o mal. Tudo vai melhorar; a saúde e os negócios.

E assim foi, de fato. Para o cavalheiro em questão, tudo melhorou: da saúde aos negócios.

(Leal de Souza – Diário de Notícias – 2ª seção – Rio de Janeiro, Quinta-Feira, 28 de Dezembro de 1932)

ENTREVISTA COM DONA LYGIA CUNHA, NETA DE ZÉLIO DE MORAES E RESPONSÁVEL PELA CONDUÇÃO DAS SESSÕES NA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE

No final do ano de 2007, descobri, por pura sorte, o perfil de um rapaz chamado Marcelo, que vinha a ser filho de Dona Lygia, neto de dona Zilméia e bisneto de nosso já conhecido Zélio Fernandino de Morais, a quem coube, ainda que alguns rejeitem, a criação de uma nova religião, através da entidade que se apresentou como Caboclo das Sete Encruzilhadas, nos idos de 1908, como já é do conhecimento de todos... ou leram esta parte da história da Umbanda em outros lugares.

De início confesso que fiquei meio tímido para contatá-lo, tanto que levei alguns dias pensando se deveria ou não, como seria recebido, se teria alguma resposta, embora achasse que deveria fazê-lo pois, “viajando” por Comunidades como Orkut, MSN e outras, pude perceber que ainda são muitas as dúvidas que existem, não só sobre a figura de Zélio, do Caboclo e principalmente do culto religioso que este batizou de Umbanda. Além disto, ainda havia encontrado, nessas viagens, as informações mais disparatadas sobre certos rituais que alguns afirmavam, até com “certa certeza” (?), que existiam nas práticas das Tendas fundadas por Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, a quem passarei a chamar de “Chefe”, como carinhosamente até hoje ele é tratado pela família e por aqueles que com eles se alinham. Pois bem.

Tomei coragem e entrei com contato com o Marcelo que me respondeu até além de minha expectativa, fornecendo-me endereços e telefones que, é obvio, não serão aqui divulgados, de forma que eu pudesse me contatar com sua mãe, dona Lygia Cunha, o que fiz.

E quando o fiz pela primeira vez, por telefone, ela deve se lembrar que cheguei a me espantar por ficar sabendo que a família residira por muitos anos em um prédio bem defronte ao que eu moro (local em que ela estava neste momento e se preparava para a última Sessão do ano que ocorreria dois dias após), e por coisas que a vida não explica, eu nunca soubera.

Conversamos por um bom tempo. Minha proposta de preparar este questionário que se segue foi muito bem aceita e cheguei a combinar de estar presente nessa próxima sessão, o que infelizmente, por motivos

particulares, não me foi possível, ficando eu de enviar-lhe as perguntas por e-mail para que sobre elas refletisse e escolhesse sobre o que gostaria de escrever, acrescentar, modificar ou não, e tivesse tempo suficiente para até mesmo, em caso de necessidade, buscar subsídios junto a sua mãe, dona Zilméia, sobre assuntos de que talvez não tivesse conhecimento; coisas que teriam acontecido quando ainda muito jovem e não tinha assumido seu cargo atual dentro da Tenda.

Com todas as suas ocupações de mãe, avó, dona de casa, da Tenda etc., etc., dona Lygia, pacientemente nos forneceu respostas às principais perguntas que, de acordo com minhas "viagens" antes citadas, me pareciam necessárias para melhores informações, já que como vemos, muitos têm os acontecimentos de 15 e 16 de novembro de 1908 como marco inicial da Umbanda, mas mesmo entre esses, uma grande parte não sabe como foi ou é a Umbanda preconizada pelo Chefe.

As perguntas e respostas que se seguem foram as que de mais importância via eu no momento, e as estou colocando da mesma maneira que foram e vieram, ou seja, sem interpretações pessoais minhas.

Questionário:

Pergunta: Há pouco tempo em que uma revista de Umbanda saiu uma reportagem na qual dona Zilméia teria dito que matavam um porco para Ogum uma vez por ano e que isso era feito desde os tempos do senhor Zélio. Por tudo que já conhecia da Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, sempre soube que sacrifícios de animais eram proibidos pelo Caboclo. Como se explica então essa "imolação de um porco para Ogum", se nem seria este o animal adequado, de acordo com os rituais afros?

Obs.: Esse comentário deu origem a diversos debates em que os africanistas afirmavam que o Caboclo das Sete Encruzilhadas também fazia sacrifícios.

Resposta: *O ritual para elaboração da comida de Ogum foi trazido por Orixá Mallet (uma das entidades que atuavam junto ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, também de meu avô) que seria obrigatoriamente um sarapatel. O sarapatel era feito com os miúdos de um porco castrado, por isso usava-se o animal com esta característica. Ele era morto por uma pessoa de fora do Terreiro, fora da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, habilitado e contratado para tal. A carne era usada como alimento para qualquer refeição. Isto seria sacrifício? Hoje não mais existe esta contratação e a comida é feita, como para todos os Orixás, compra-se os ingredientes nos mercados. E quanto a sua dúvida, não ser o porco adequado nos rituais afro, nada sei; nós estamos falando da Umbanda do Caboclo. Não fazemos sacrifícios; qualquer dúvida é só visitar-nos.*



Pergunta: Sobre Exus: Como eram e são agora compreendidos os Exus na visão da Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas? Já trabalham com eles? O que os fez mudar, se assim procedem? Pergunto isso porque há um texto na Internet em que o próprio Zélio explicava como o Chefe e ele viam os Exus e o porquê de não trabalharem com eles.

Resposta: *Os Exus eram e são compreendidos da mesma forma, desde a fundação da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade; não houve qualquer mudança. Não há sessões de Exus. Continuam sendo, como dizia o Caboclo, os soldados, os trabalhadores do nosso Terreiro; são chamados somente quando necessário, normalmente nas descargas ou em outros trabalhos de defesa contra a magia.*



Pergunta: Iniciei em um Centro Espírita que, embora kardecista em sua raiz, tinha sessões de Umbanda de Mesa Branca e que dizia seguirem a Umbanda preconizada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Nesse Centro não havia velas, atabaques ou Congá. Era assim na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade? O que mudou desde então para vocês que estão mais próximos da Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Resposta: *A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade sempre trabalhou com velas, pembas, ponteiros, fumo, defumadores; temos Congá, que nada mais é que um altar com imagens de Santos; nunca usamos atabaques. Trabalha-se também com pontos firmados que são usados nas sessões e os pontos cantados, sem qualquer acompanhamento instrumental. Só voz. Para o nosso entender nada mudou na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.*
Se houve mudanças em Tendas criadas por meu avô, isto não é de nossa alçada. Nós continuamos fieis aos ensinamentos e preceitos do Chefe (como também chamamos o Caboclo das Sete Encruzilhadas) e esta será sempre a nossa luta.



Pergunta: Como é feita a iniciação de médiuns da Tenda? Quando eles são considerados prontos?

Resposta: *Existe na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade as chamadas Sessões de Desenvolvimento sob a responsabilidade de um Babá da casa, ajudado por outros médiuns antigos. As sessões dividem-se em duas partes; uma teórica e outra prática, na qual a incorporação dos médiuns em desenvolvimento é trabalhada. Após*

algum tempo participando desses trabalhos são considerados semiprontos pela indicação do Guia Chefe. Após esta indicação, deverão ser burilados nas Sessões de Caridade, muitas vezes trabalhando como médiuns de atração, até receberem ordem para trabalharem na Casa, dando passes. Não há tempo marcado e cada um tem o seu tempo para desempenhar tal tarefa.

Pergunta: Tendo a Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas tomado como ponto de partida os ensinamentos kardecistas, eu perguntaria em que momento as oferendas e/ou obrigações com comidas ou de outro qualquer tipo começaram a fazer parte dos rituais?

Resposta: *Apesar da primeira manifestação pública do Caboclo das Sete Encruzilhadas ter se dado na Sede da Federação Espírita de Niterói, as práticas da Umbanda não partiram de ensinamentos kardecistas, até porque os kardecistas de então, rejeitavam as manifestações de Pretos-Velhos e Caboclos por considerarem "Espíritos pouco evoluídos". Aliás, o próprio Caboclo foi convidado a deixar o recinto na ocasião de sua incorporação. Não quero dizer com isto que rejeitemos os ensinamentos de Kardec. Os usamos para entender as questões relacionadas aos processos de evolução espiritual, reencarnação etc., e temos profundo respeito pelas práticas dos kardecistas. Nossas práticas partiram dos ensinamentos que foram trazidos pelo próprio Chefe, por Pai Antônio e posteriormente por Orixá Mallet (entidades recebidas por meu avô). E quanto a sua pergunta sobre oferendas etc., foi a partir da chegada do Orixá Mallet (segundo informações da minha mãe).*

Pergunta: Orixá Mallet – Vocês devem ter tido bastante contato com essa entidade. Poderiam me responder se era uma entidade ligada ao africanismo? Seria ele um desses que se acostumou a chamar de "capangueiro de Orixá"? Ou apenas uma entidade da linha de Ogum Malê? Ele era um Espírito (que tivesse vivido antes na Terra) ou um elemental/Orixá como compreendem os ritos de candomblé?

Resposta: *Eu infelizmente não tive muito contato com Orixá Mallet, pois era muito jovem e não frequentava assiduamente as suas sessões, os seus trabalhos. Orixá Mallet não era ligado ao africanismo, nem "capangueiro de Orixá", como você questiona.*

Ele era malaio e se apresentou com este nome; foi o Guia que veio para resolver "as demandas" do Centro e da própria Umbanda em seu nascedouro. Falava pouco e sua comunicação se dava predominantemente por gestos, era bastante rápido e exigente nas suas ações e nos trabalhos que realizava. Como se apresentava como malaio e pelas descrições de sua aparência, acredito que tenha tido uma existência terrena como o Chefe e Pai Antônio.



Pergunta: O que vocês teriam a dizer dessas falanges que estão aparecendo na Umbanda como: Ciganos, Malandros, Boiadeiros, Lixeiros, Mendigos, Caipiras...?

Resposta: *Sobre as falanges que você pergunta: Ciganos, malandros e boiadeiros, temos conhecimento. Lixeiros, mendigos e caipiras... nunca ouvi falar, nada sei sobre elas. Na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade não trabalhamos com nenhuma delas, embora eventualmente alguma entidade possa se manifestar com trejeitos típicos de malandros e também com movimentos de um boiadeiro.*



Pergunta: Qual a opinião de vocês quanto ao uso de paramentos, vestimentas que caracterizam certas entidades (Boiadeiros, Exus, Caboclos), como cocares, chapéus de couro, chicotes, laços e outros dentro dos rituais de Umbanda?

Resposta: *Esta Umbanda com paramentos não conheço, não usamos e particularmente não vejo necessidade de roupas, adereços ou qualquer tipo de fantasias.*



Pergunta: Qual a opinião atual de vocês sobre as vestimentas que devem usar os médiuns para trabalhos dentro da Umbanda? O que mudou desde o Caboclo das Sete Encruzilhadas para cá?

Resposta: *A nossa Umbanda continuará a usar um uniforme simples, como é desde a sua fundação. Para as mulheres um vestido branco c/ comprimento normal complementado com um calção por baixo até o joelho e, os homens calça comprida branca e camisa branca. Por praticidade esta camisa vem sendo substituída por um jaleco branco simples. Trabalhamos descalço. Os médiuns usam uma fita vermelha na cintura e os cambonos uma fita verde.*



Pergunta: O Ponto riscado do Caboclo das Sete Encruzilhadas é uma encruzilhada encimado por um coração transpassado por uma flecha? Mais algum detalhe?

Resposta: *O ponto riscado do Caboclo é um coração transpassado por uma flecha somente.*



Pergunta: Qual a opinião de vocês sobre essa volta do Caboclo das Sete Encruzilhadas anunciada pela médium Adriana Berlinsky que escreveu recentemente dois livros aos quais ainda não tive acesso, que teriam sido psicografados pelo Chefe?

Resposta: *O Caboclo continua tendo o seu Centro, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, com excelentes médiuns incluindo a filha carnal de Zélio de Moraes, sem qualquer mudança nas suas diretrizes e práticas desde a sua criação. Assim sendo me causa certo estranhamento que ele possa ter escolhido um médium sem nenhum contato com esta casa para se manifestar. Além disso, segundo informações recebidas através de outras entidades que com ele trabalhavam na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o Chefe, após cumprir sua missão junto a Zélio de Moraes, já estaria em esferas ainda mais elevadas do astral superior, não mais realizando trabalhos em nosso plano.*



Pergunta: Após o falecimento de Zélio, já tiveram alguma notícia dele, do Caboclo das Sete Encruzilhadas ou de Pai Antônio, ou de qualquer outra entidade que com ele trabalhasse?

Resposta: *Sim, o meu avô já esteve conosco, a sua última mensagem foi em novembro de 2007 na abertura da Sessão do Amaci. O Caboclo aparece para nós, em momentos muito especiais em nosso Terreiro e os médiuns videntes percebem sua presença manifestada na forma de um clarão de luz azul. Os seus recados são trazidos através de Caboclos e/ou Pretos em algumas ocasiões. Pai Antônio já incorporou algumas vezes com minha mãe, também em nossas sessões, trazendo muita alegria e uma imensa saudade.*



Pergunta: Há pouco tempo tive a oportunidade de ler em uma certa comunidade do Orkut que talvez lhes interessasse (aos membros dessa comunidade) comprar a casa onde morou o Sr. Zélio, em Neves, para que ali fosse criado uma espécie de marco do início da Umbanda, mas que alguém que teria ido ao local teria se deparado com uma pessoa que, embora da família, seria evangélica e nada interessada em Umbanda ou qualquer coisa parecida. Vocês têm conhecimento desses fatos (da possível compra e da pessoa que lá reside)?

Resposta: *Freqüenta hoje o Terreiro da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade uma das pessoas da comitiva que esteve em visita a casa. Existia sim esta idéia, mas não sei como surgiu. A pessoa que os recebeu é católica (sic) e não evangélica e é bisneta da tia Zilka (única irmã de meu avô). São os atuais moradores da casa, seus pais e irmãos. O meu avô nunca foi favorável a qualquer culto a sua personalidade ou a valorização de algo material ligado a Umbanda, como um imóvel, por mais importante que seja para a nossa história. Assim sendo nos arrepia a idéia de um "Museu da Umbanda" ou coisa parecida, com fotos, objetos de meu avô ou algo similar.*

Uma "casa de Umbanda" só tem sentido para nós se for para a prática da caridade e para isto, como diria o Chefe, basta a copa de uma árvore.



Pergunta: A que fatos ou interpretações vocês atribuem essa diferenciação tão grande de Umbandas hoje existentes e a essas afirmações de que: "Já existia Umbanda antes do Caboclo das Sete Encruzilhadas e que ele não teria criado a Umbanda e sim anunciado ou mesmo, como afirmam outros, socializado?".
Resposta: *Em relação às diferenças acredito no lema "cada cabeça uma sentença". A Umbanda não é dogmática porque o Chefe assim o quis. Não foi criada uma doutrina, talvez para permitir que aquele que seja dotado de mediunidade e afeito aos seus ideais possa se tornar um trabalhador de suas causas. A coisa mais importante é que paute suas práticas na humildade, no amor e na caridade. Nós na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade procuramos manter as práticas como nos foram ensinadas pelas entidades recebidas por meu avô. Para cada uma delas existe uma razão, uma justificativa nem sempre muito clara. Procuramos ser um esteio do que foi preconizado por estas entidades, entretanto sem termos a pretensão de sermos melhores que quaisquer outros. Quanto a existência da Umbanda antes do Caboclo, só podemos falar por aquilo que está na nossa história e o que nos foi ensinado: A Umbanda é uma religião brasileira que incorpora elementos de todos os povos constituintes de nossa nação, especialmente do índio, do negro e do branco europeu, nascida por ordem do astral superior, através do Caboclo das Sete Encruzilhadas voltada principalmente para a prática da caridade. Seu nascimento se deu em São Gonçalo – RJ em 15 de novembro de 1908 no bairro de Neves.*



Pergunta: Que tipo de mensagem vocês gostariam de deixar para os Umbandistas de todas as vertentes atuais?

Resposta: *Importante é que tenham pureza em seus corações. A fé é a maior alavanca. A Umbanda para nós sempre será baseada na simplicidade, no amor, na caridade e principalmente na humildade. Nunca se afastem*

desses ensinamentos. Façam sempre suas orações pedindo orientação aos mestres espirituais. Salve Oxalá e que Ele os abençoe.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:

1) Todo este texto, após montado, foi remetido para Dona Lygia para que tivesse sua aprovação e recebesse qualquer emenda que bem achasse necessária.

2) As fotos que acompanham a matéria (algumas das muitas que foram enviadas à família) foram feitas em 26/04/2008, durante a Sessão em homenagem a Ogum e com permissão de Dona Lygia por quem fui muito bem recebido.

3) Que se observem, através das fotos, o tipo de indumentária utilizada pelos médiuns, bem como a ausência de atabaques no recinto do Terreiro, o que desmentem peremptoriamente muitos dos comentários expostos em mídias.

4) Como fiquei sabendo lá mesmo, em breve a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade terá seu Site na Internet e, assim que ficarmos sabendo o endereço, ele será aqui exibido.

Que Oxalá nos abençoe e ilumine a todos, são também meus sinceros votos!

(Cláudio Zeus – Maio de 2008)

REPORTAGEM DA REVISTA ESOTERA, DE FEVEREIRO DE 2006, COM IMPORTANTES INFORMAÇÕES DE ZILMÉIA DE MORAESSOBRE OS TRABALHOS NA TENDA ESPÍRITA NOSSA SENHORA DA PIEDADE


Esotera
o 08 - n° 98
Fevereiro / 2006
publicação
po Esotera
maior jornal religioso de distribuição dirigida do Rio de Janeiro

CONVERSANDO COM MÃE ZILMÉIA

No dia 18 de janeiro, atravessei a Baía da Guanabara, indo para Icaraí, a um dos mais belos encontros que já tive em minha vida. Tratava-se de passar uma tarde maravilhosa, conversando com uma doce mulher, chamada Zilméa de Morais, a filha do nosso querido médium Zélio de Morais.

Já o caminho por sí, foi uma maravilha, atravessando as águas de Iemanjá, para passar pela praia de Icaraí, recebendo a brisa do mar naquela tarde quente de verão carioca.

Chegamos ao apartamento onde mora a nossa mãe Zilméa. Lá encontramos, além da própria, também a Simone Fritz, a Antonia, a Suely, a Estella, e o Álvaro, todos médiuns que colaboram há nos com a T.E.N.S. da Piedade, que muito ajudaram a fazer uma tarde por demais agradável e descontraída. Começamos a conversar com Mãe Zilméa não em formato de entrevista, mas num papo informal, quando nos foi dito que quando pequena ela era a mais curiosa, sempre acompanhado o pai o nosso Zélio Fernandino de Morais nos trabalhos assistenciais e espirituais. Disse-nos ela que o avô (pai de Zélio) ficava estranho, porque nunca tinha visto incorporação ou manifestação, e quando isso ocorria, ele não gostava, mas com o tempo e a repetição, acabou aceitando. Disse que Zélio ainda era uma criança, e nunca veio a ter nada na vida, porque ter se dedicado desde cedo integralmente à mediunidade. Disse-nos também que Zélio casou-se aos 18 anos, porque o "Chefe" (como chama o Caboclo das Sete Encruzilhadas) achava que o Zélio precisava casar para ter responsabilidade, porque havia muitas festas na família e naquela idade, ele poderia fugir às suas obrigações. Mãe Zilméa deu como exemplo, um tio de Zélio chamado Epaminondas, médico, que trocou uma casa por um cavalo (isso está na história dos Morais), para ir a um baile. Vovó Aninha não queria deixar ele ir, e como a vovó Aninha tinha muito dinheiro e várias casas, ele fez isso.

Mãe Zilméa - Eu nasci em 1914, quando acabou a guerra. São 91 anos

Esotera - Mãe Zilméa, é verdade o que se fala de seu pai estar doente e ir à Federação Espírita, quando lá falou que faltava uma rosa na mesa, saindo para buscá-la?

Mãe Zilméa - É verdade, o presidente era o José de Souza. Papai já estava sob a influência do Caboclo das Sete Encruzilhadas e foi buscar a rosa no jardim da Federação. Um dos médiuns da mesa viu o Caboclo como um Frei cheio de luz. Era o Frei Malagrita. E falando de vidência, papai tinha uma vidência tão impressionante, que eu às vezes tinha medo. A vidência de papai eu duvido que alguém tenha igual. Papai chegava para você e dizia quem estava ao lado e tudo o mais. Eu vejo alguma coisa, mas às vezes com medo. Vejo chegar e estar ao lado, mas nunca com a vidência de papai.

Esotera- Isso é um dom que a poucos é dado, realmente.

Mãe Zilméa - A mediunidade, na verdade, atrapalhou a vida material de papai. Ele foi um predestinado. Meu irmão Zelio fez o curso de Farmácia e papai montou uma farmácia para ele. Este irmão já é falecido.

Esotera - Pelo que vejo, na sua família não havia muita simpatia pela Umbanda, não é verdade?

Mãe Zilméa - Sim, não eram "carolas" pela Umbanda.

Esotera - As familias católicas encaram a Umbanda como "seita do mal". Sendo assim, quando a senhora sentiu que devia dar continuidade ao trabalho de seu pai?

Mãe Zilméa - Eu já era médium, sem ter nunca feito o que chamam de "desenvolvimento". Podemos dizer que eu vivia dentro da Umbanda.

Esotera - A senhora acha que haja necessidade desse desenvolvimento mediúnico?

Mãe Zilméa - Às vezes, há, porque o Guia não chega, por rejeição da pessoa, da família ou de obsessores.

Esotera - Como era o atendimento de Zélio de Morais?

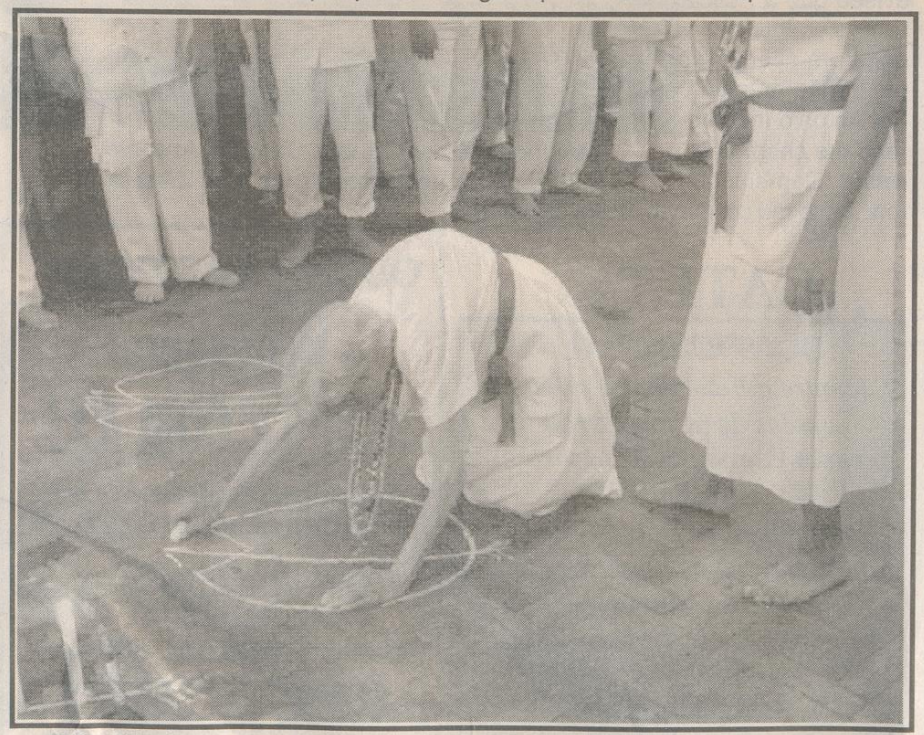
Mãe Zilméa - Era em casa, e eu, curio-



Mãe Zilméa e Simone Fritz, nossa amiga e médium da T. E. N.Senhora da Piedade

e o delegado queria saber se era maluco ou se era espírito. Se era espírito, ele levava lá prá casa. Mamãe foi uma abnegada também, não é? Tivemos uma vez 3 pessoas obsedadas lá em casa. Comida e tudo o mais era por nossa conta. Éramos eu e minha irmã, aí, eu já estava namorando, e ajudávamos nos cuidados. Tinha um que queria tomar banho toda hora, outro que não queria hora nenhuma, e nós, e minha

ca veio a ter nada na vida, porque ter se gava para você e dizia quem estava ao



Mãe Zilméa, apesar da idade avançada, riscando o ponto no chão.

Mãe Zilméa - Era em casa, e eu, curiosa, estava sempre atrás dele. Papai socorria a todos, podendo ser uma, duas ou três horas da manhã. A polícia chamava, porque havia lá um desesperado mar banho toda hora, outro que não queria hora nenhuma, e nós, e minha mãe, alí, cuidando...

Esotera - E o que diziam os parentes?

Mãe Zilméa - Todos achavam que o



Foto tirada na T.E. N.S. da Piedade, em Boca do Mato, vendo-se médiuns da casa reunidos, com destaque para dna. Zilméa.

CONVERSANDO..... (Continuação)



Mãe Zilméia nos mostrando o Gongá de seu apartamento em Niterói.



Nosso editor Ivan Barbosa orgulhoso ao lado de Mãe Zilméia em sua residência.

papai não era bom da cabeça.

Esotera - Mãe Zilméa, voltando ao assunto "desenvolvimento", ele é para evitar que o médium dê incorporação a espíritos atrasados ou malfazejos?

Mãe Zilméa - Também, mas é preciso ver que tem espíritos "grudados", às vezes em pessoas e que precisam "baixar" para receber luz, necessitando ser doutrinados e convencidos de que não podem acompanhar aquela pessoa, para então dar direito ao Guia chegar. Isso é muito normal.

Esotera - Então, essa entidade que obsedia, pode impedir a um Guia de incorporar, fechando assim a "porta" para a entrada da entidade benéfica?

Mãe Zilméa - Sim, e fica claro que não é um simples "vá embora" que vai fazer o espírito atrasado sair da obsessão. Temos que conversar, doutrinar, mostrando a verdade. Muitos nem sabem que desencarnaram, e outros buscam vingança. É preciso um bom doutrinador, com força moral e a força da casa. Lá em casa, a 1a. quinta feira do mês era sagrada. Os médiuns ficavam quietinhos, formados, e o "Chefe" explanava. Eram coisas maravilhosas que ele dizia. Tudo que atravessamos hoje foi dito por ele naquela época.

Simone Fritz - Mãe, e aquelas pessoas que já chegam "prontas", precisam de desenvolvimento?

Mãe Zilméa - O desenvolvimento é a pessoa aprender a lidar com sua mediunidade, como até mesmo papai teve que fazer. Na nossa casa, médium que chega de outra Tenda não começa trabalhando. Temos que ver se ele está incorporado ou não, ou se está mal incorporado, ou ainda, que tipo de espírito está utilizando a sua mediunidade

Esotera - Na verdade, com seu pai a senhora frequentou uma Faculdade e não uma Escola.

Mãe Zilméa - Sim, é verdade, e não lamento nada o que fiz. Foi um tempo duro. Quando meu marido se aposentou, eu acabava de almoçar, ia lá dentro, mudava de roupa, e ele me perguntava: -"minha filha, onde você vai?" - Eu respondia: - " vou ao mercado e não demoro". Isso porque ele achava que eu estava cansada de trabalhar de 2a. a 6a. e sábado às vezes tinha sessão. Minha filha um dia desses falou: - "mamãe acaba de almoçar e vai para o Rio de Janeiro". Acontece que quem limpava a Tenda era eu, porque não tínhamos dinheiro para pagar a alguém para limpar. Nesse tempo, a Tenda era na rua Borja Castro, em frente ao Mercado do Peixe. Tinha obsedado que se agarrava ao meu pescoço, e o Sr. José de Moura, de família muito conhecida aqui em Niterói ficava apavorado.

Esotera - E a senhora sempre fazendo a caridade com a preta Tiana e Brancaluz.

Mãe Zilméa - Fomos muito perseguidos pela Polícia, que perseguia também as cartomantes, mas nós tínhamos o amigo Leal de Souza, que nos defendia muito. Um dia, alguém nos avisou que a Policia estava chegando. A porta era aberta, era um portão grande. Pai Antonio incorpo-



E Pai Antonio continuou a dar passes nos necessitados. Olhe, Ivan, o homem entrou, deu dois passos e caiu. Eu fiquei apavorada e perguntei: -" e agora, Pai Antonio?" - Ele me respondeu calmamente: -" deixa, Carneirinho, que daqui a pouco ele levanta e vem falar com Preto Velho". O homem era o Delegado Paula Pinto. Nunca esqueci o nome desse homem, que era Delegado em Neves. Ele era cheio de corpo, gordão, e como um saco caiu no chão. Depois de algum tempo, levantou e foi falar com Pai Antonio, e acabou amigo de Papai. Ali foi mostrada a força da Casa e dos Mentores Espirituais.

Esotera - Mãe Zilméa, a Casa na Boca do Mato tem quanto tempo?

Mãe Zilméa - Foi fundada em 1941. **A Cabana do Pai Antonio.**

Esotera - Mãe Zilméa, arranjaram um carimbo de que "Umbanda é Caridade" e com isso, grande número de casas acaba fechando as portas, não podendo continuar a fazer a Caridade. Eu acho que Umbanda é Caridade Espiritual e



Nosso editor Ivan Barbosa orgulhoso ao lado de Mãe Zilméia em sua residência.

que desencarnaram, e outros buscam vingança. É preciso um bom doutrinador, com força moral e a força da casa. Lá em casa, a 1a. quinta feira do mês era sagrada. Os médiuns ficavam quietinhos, formados, e o "Chefe" explanava. Eram coisas maravilhosas que ele dizia. Tudo que atravessamos hoje foi dito por ele naquela época.

Simone Fritz - Mãe, e aquelas pessoas que já chegam "prontas", precisam de desenvolvimento?

Mãe Zilméa - O desenvolvimento é a pessoa aprender a lidar com sua mediunidade, como até mesmo papai teve que fazer. Na nossa casa, médium que chega de outra Tenda não começa trabalhando. Temos que ver se ele está incorporado ou não, ou se está mal incorporado, ou ainda, que tipo de espírito está utilizando a sua mediunidade. Nesse ponto sou exigente. Tive escola com papai, não é?

Moura, de família muito conhecida aqui em Niterói ficava apavorado.

Esotera - E a senhora sempre fazendo a caridade com a preta Tiana e Brancaluz.

Mãe Zilméa - Fomos muito perseguidos pela Polícia, que perseguia também as cartomantes, mas nós tinhamos o amigo Leal de Souza, que nos defendia muito.

Um dia, alguém nos avisou que a Policia estava chegando. A porta era aberta, era um portão grande. Pai Antonio incorporado me chamou e disse: "Carneirinho" (era como me chamava), deixa ele entrar

e com isso, grande número de casas acaba fechando as portas, não podendo continuar a fazer a Caridade. Eu acho que Umbanda é Caridade Espiritual e



Médiuns: Estela, Suely, Simone, Antonia e Álvaro, no apartamento de Mãe Zilméia

TIJUCA

OUÇA E PARTICIPE

CONVERSANDO ..... (final)

não caridade material. Hoje os custos são enormes. Não é como antes, que se atendia em casa, em um cômodo ou no quintal. Torna-se necessário hoje o pagamento de aluguel do Centro, água, luz, telefone, impostos, material de limpeza, conservação, cadeiras ou bancos para o povo a ser atendido, etc., e a entidade não "desce" com o talão de cheques na mão. Em todos os lugares existe a contribuição dos frequentadores para que a Associação possa continuar a exercer suas funções. Por que só na Umbanda é criticada qualquer contribuição?

Mãe Zilméa - Ivan, você tem toda razão. Não se deve cobrar trabalhos espirituais, mas veja por exemplo o caso das guias. Compramos o material no Saara, pagando com nosso pouco dinheiro, trabalhamos na confecção, e quem recebe a guia de proteção não paga. Não falamos em fazer comércio, mas pagar os custos. Até na Igreja Católica os padres fazem correr a "sacolinha" para fazer face às despesas. Porque a Umbanda não pode receber ajuda dos que lá vão em busca de socorro? Não esqueça que aqueles que colaboram hoje, estão permitindo que outros sejam atendidos amanhã. Não falo em cobrar "trabalhos espirituais", mas que seja feita uma colaboração espontânea pelos frequentadores, para que a Casa possa manter-se fazendo a Caridade.

Esotera - Mãe Zilméa eu acho que deveria criar-se o hábito de pedir colaboração voluntária aos frequentadores. Não é uma cobrança, mas um óbulo para ajudar. Não é recebendo uma vela ou charutos que a casa vai manter-se. Volto a dizer que todos quando vão a um bar ou restaurante, depois de servidos sempre deixam, por menor que seja, uma gorgeta para o garçom. Então por que não deixar uma gorgeta após o banquete espiritual que lhe foi servido? Ao fazer isso, não estará tornando o médium ou o comandante do Centro um homem rico, mas estará permitindo que a Casa ofereça condições de atender outros necessitados que virão após. Com a bandeira de que Umbanda é Caridade, vemos cada vez mais, Centros fechando as portas por falta de condições para a manutenção. Acho que já está na hora da Umbanda encarar a realidade de frente.

Mãe Zilméa - Ivan, eu concordo plenamente. As despesas são muito grandes, tornando-se na maioria das vezes, insuportáveis. É preciso pensar de forma mais realista.

Esotera - Mãe Zilméa, temos acompanhado uma série de eventos nas praias. O que acha disso?

Mãe Zilméa - Sinceramente, fazer fila na praia para falar com Zé Pelintra ? Botar barco para agradecer, tudo bem, mas serviços religiosos, não acho muito adequado. Eu quando vou à praia, vou bem cedo, agradeço, acendo minha vela, boto meu barco, mas de uma forma concentrada, religiosa... nada de folguedos, música, risadas...

Esotera - Mãe Zilméa, se eu estiver errado, me corrija por favor, mas eu penso que para se agradecer ou cultuar uma entidade em qualquer religião, existe um local apropriado, onde é possibilitada a concentração que permite a aproximação desta entidade solicitada. No caso da Umbanda, no Centro, no

Mãe Zilméa - Verdade. É necessário uma concentração e em festa não se consegue isso. Eu todos os dias, religiosamente acendo uma vela para o Caboclo das Sete Encruzilhadas, e agradeço tudo o que recebi, pedindo ajuda a todos que necessitam. E isso faço longe de todos, só eu, o Chefe e minha devoção. Acendo minha vela na pia, que é o melhor lugar, mais limpo e seguro.

Esotera - Foi ótimo a senhora falar sobre isso. Existe uma corrente bastante grande de espíritas que dizem que as velas devem ser acesas em local alto, acima da cabeça. O que a senhora me diz?

Mãe Zilméa - Digo que isso não existe. Nunca ouvi qualquer determinação do "Chefe" a respeito. Muito pelo contrário, ele sempre falou que vela deve ser acesa em local seguro. Você acende uma vela em cima da estante alta, lá para as tantas, a cera derrete e a vela cai, botando fogo na madeira e na casa. A culpa foi do "santo"? Se você acender na pia, caso aconteça um acidente, nada de mal acontecerá. O que vale é a devoção, o pensamento, a emanação espiritual, e não o local onde a vela está. Você pode acender vela até mesmo no chão, se isto te oferecer segurança e você poder dormir em paz, sem medo do que possa acontecer.

Mãe Zilméa - Falando em fogo, lembrei-me do incêndio quando ocupávamos um espaço na rua Borja Castro. Eu estava sossegada, quando ouvi os gritos me chamando. Era "seu" José Quaresma, Eu pensei..." o que aconteceu?" Ele estava gritando dizendo que a casa estava pegando fogo. Eu saí correndo, fui ao altar, bati a cabeça e peguei o prilonge para comer lá. vindo até mesmo de São Paulo. A casa estava cheia, eu pedi licença para falar ao telefone. Nem notei que estava vestida de branco como médium de Umbanda, agarrada a uma imagem de São Benedito. Devia estar um quadro bastante engraçado. Nós tínhamos um oficial, que era o vice-presidente da Tenda, e que providenciou os bombeiros. O incendio foi grande, tanto que os bombeiros levaram dois dias fazendo o "rescaldo". Felizmente, todos saíram bem. Depois vimos que o fogo foi provocado por um genro do "seu" Quaresma, através de uma vela no local errado.

Lembrei-me agora de outro caso, desta vez, de vidência. Um dia, eu corri atrás de um espírito até a porta da cozinha, quando apelei para Pai Antonio. Eu nem vi onde ele sumiu. Vidência não é muito bom, porque você pode ver coisas que não deseja. Vidência tem sua utilidade e seu momento, como no caso de ver quem está obsidiando o consulente e se o médium está mistificando.

Ivan, você me fala de batidas (tambores). O "Chefe" (Caboclo das Sete Encruzilhadas) não adotava tambores, e enquanto eu viver, também não os usarei. Por vezes, ainda permito palmas, para acompanhar os cânticos, mas nem sempre.

Esotera - Minha Mãe Zilméa, agora, quero beijá-la, e agradecer aos nossos amigos do plano superior por tê-la conhecido, e recebido da senhora esta linda guia que me acompanhará junto à guia de Xangô, por onde eu andar. Que bom a senhora existir, com esta doçura e carinho que só pertence aos abençoados por Deus. O jornal Esotera subiu

nheiro, trabalhamos na confecção, e quem recebe a guia de proteção não paga. Não falamos em fazer comércio, mas pagar os custos. Até na Igreja Católica os padres fazem correr a "sacolinha" para fazer face às despesas. Porque a Umbanda não pode receber ajuda dos que lá vão em busca de socorro? Não esqueça que aqueles que colaboram hoje, estão permitindo que outros sejam atendidos amanhã. Não falo em cobrar "trabalhos espirituais", mas que seja feita uma colaboração espontânea pelos frequentadores, para que a Casa possa manter-se fazendo a Caridade.

Esotera - Mãe Zilméa eu acho que deveria criar-se o hábito de pedir colaboração voluntária aos frequentadores. Não é uma cobrança, mas um óbulo para ajudar. Não é recebendo uma vela ou charutos que a casa vai manter-se. Poderão dizer que existem os sócios, mas digo que 90% dos que buscam ajuda não são sócios, e tão logo recebem o que foram buscar, não mais voltam.

suportáveis. É preciso pensar de forma mais realista.

Esotera - Mãe Zilméa, temos acompanhado uma série de eventos nas praias. O que acha disso?

Mãe Zilméa - Sinceramente, fazer fila na praia para falar com Zé Pelintra ? Botar barco para agradecer, tudo bem, mas serviços religiosos, não acho muito adequado. Eu quando vou à praia, vou bem cedo, agradeço, acendo minha vela, boto meu barco, mas de uma forma concentrada, religiosa... nada de folguedos, música, risadas...

Esotera - Mãe Zilméa, se eu estiver errado, me corrija por favor, mas eu penso que para se agradecer ou cultuar uma entidade em qualquer religião, existe um local apropriado, onde é possibilitada a concentração que permite a aproximação desta entidade solicitada. No caso da Umbanda, no Centro, no caso do Catolicismo, a Igreja, e assim por diante, mas nunca em meio a fogos de artifício, bebidas, danças e correrias. Isso está mais para folclore.

acesa em local seguro. Você acende uma vela em cima da estante alta, lá para as tantas, a cera derrete e a vela cai, botando fogo na madeira e na casa. A culpa foi do "santo"? Se você acender na pia, caso aconteça um acidente, nada de mal acontecerá. O que vale é a devoção, o pensamento, a emanação espiritual, e não o local onde a vela está. Você pode acender vela até mesmo no chão, se isto te oferecer segurança e você poder dormir em paz, sem medo do que possa acontecer.

Mãe Zilméa - Falando em fogo, lembreime do incêndio quando ocupávamos um espaço na rua Borja Castro. Eu estava sossegada, quando ouvi os gritos me chamando. Era "seu" José Quaresma, Eu pensei..." o que aconteceu?" Ele estava gritando dizendo que a casa estava pegando fogo. Eu saí correndo, fui ao altar, bati a cabeça e peguei o primeiro santo que estava à frente, que era São Benedito. Me "atraquei" com ele e saí correndo pela rua. Fui no "Cabaça Grande, que era um restaurante famoso pelas suas peixadas, vindo gente de

vi onde ele sumiu. Vidência não é muito bom, porque você pode ver coisas que não deseja. Vidência tem sua utilidade e seu momento, como no caso de ver quem está obsidiando o consulente e se o médium está mistificando.

Ivan, você me fala de batidas (tambores). O "Chefe" (Caboclo das Sete Encruzilhadas) não adotava tambores, e enquanto eu viver, também não os usarei. Por vezes, ainda permito palmas, para acompanhar os cânticos, mas nem sempre.

Esotera - Minha Mãe Zilméa, agora, quero beijá-la, e agradecer aos nossos amigos do plano superior por tê-la conhecido, e recebido da senhora esta linda guia que me acompanhará junto à guia de Xangô, por onde eu andar. Que bom a senhora existir, com esta doçura e carinho que só pertence aos abençoados por Deus. O jornal Esotera subiu hoje à mais alta das montanhas e de lá gritou ao mundo espiritual..." **Eu amo a Mãe Zilméia".**

Ivan Barbosa

RAMOS



ILÊ DE OYÁ

Míriam de Oyá

Consultas com Entidades

3as. feiras a partir das 17:00hs

Marcar consultas com Dna. Edna

Telefone: (21) 2596 - 2748

Ouça às seg. feiras, das 16 às 17:00hs

Míriam de Oyá - FM-90.9

VIGÁRIO GERAL - RJ

INZO IA NZAMBI

"MBANZA IA NSUMBU"

CANDOMBLÉ E UMBANDA

MAM'ETU KUMBELANDE

ATENDEMOS COM

JOGOS DE BÚZIOS

CONSULTAS COM HORA MARCADA

Telefones para marcar hora:

3452-8148 e 3351-0664

CEIÇA DA HUMANIDADE

Taróloga e Terapeuta Holística

JOGOS E CURSOS

Tarot - Baralho Cigano - Numerologia

Cristais - Magia das Velas - Reiki

Ainda:

Previsões / Descoberta do Karma

Linha da vida pelo Tarot / Perfume

Banho de Atração

(21) 2752-7580 e 9626-9244

ceicadahumanidadeeanjos@bol.com.br

INHAÚMA

ILÊ DA OXUM

Trabalha com jogos de búzios e Cartas, fazendo a Magia do Amor e Trabalhos em Geral

Mãe Graça da Oxum

Marcar pelos tels:

(21) 3315-2106 ou 9326-2027

Rua Guarabú, 350

Próx. Rua Alves de Miranda